

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

Janaisa Martins Viscardi

Repetições hesitativas em fala afásica e não-afásica

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof. Edwiges M. Morato

CAMPINAS, 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

V821r

Viscardi, Janaisa M., 1980-
Repetições hesitativas em fala afásica e não-afásica /
Janaisa Martins Viscardi. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Edwiges Maria Morato.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Repetição (Linguística). 2. Hesitação (Linguística). 3.
Interação. 4. Prosódia (Linguística). 5. Afasia. I. Morato,
Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Hesitational repetitions in aphasic and nonaphasic speech.

Palavras-chave em inglês:

Repetition (Linguistics)

Hesitation (Linguistics)

Interaction

Prosody (Linguistics)

Aphasia

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Eleonora Albano

Ester Scarpa

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos

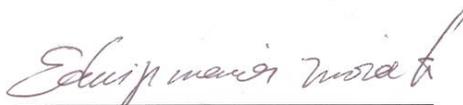
Regina Célia Fernandes Cruz

Data da defesa: 13-01-2012.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato



Eleonora Cavalcante Albano



Ester Mirian Scarpa



Margareth de Souza Freitas Thomopoulos



Regina Celia Fernandes Cruz



Larissa Cristina Berti

Ingedore Grunfeld Villaça Koch

Rosa Attie Figueira

IEL/UNICAMP
2012

a José Bernardo Viscardi (in memoriam)

Agradecimentos

Escrever uma tese é uma atividade permeada de alegrias e descobertas, dissabores e cansaço, persistência e entusiasmo, exaustão e solidão. É uma atividade que se faz só, mas acompanhado - seja pelo orientador, que aprecia o trabalho e discute sua relevância; seja pelos amigos que, nas mais variadas circunstâncias, sequer notam o quanto participam dessa jornada; seja pelos familiares, que tentam compreender o porquê de tanto estudo.

Há, portanto, que ter cuidado ao redigir o agradecimento da tese. Em meu caso particular, foram diversas as pessoas que, de diferentes localidades no Brasil e do mundo, compartilharam a dor e a delícia da escrita de minha tese de doutoramento. O leitor terá então de ter paciência e, se assim o preferir, pule as próximas páginas. A mim, todavia, não me resta outra alternativa. Não poderia deixar passar em branco a oportunidade de agradecer, formalmente, àqueles com quem contei ao longo dos últimos anos de minha vida, ora no Brasil, ora na Alemanha. Dessa divisão de localidades, depreende-se o que se verá a seguir: um agradecimento em português, um agradecimento em alemão.

- à Capes e ao DAAD, pelas bolsas de estudo concedidas. Ao DAAD, pela concessão da bolsa de estudos de alemão.
- à professora Edwiges Morato, por ter aceitado essa “ovelha desgarrada” de volta. Por suas leituras críticas de meu trabalho, pela paciência com que tratou comigo de questões as mais diversas. E por estar ao meu lado, mesmo na separação de um oceano, em todos os momentos em que sua presença se fazia tão importante.
- à professora Eleonora Albano, pelas críticas construtivas e o cuidado no acompanhamento ao longo de minha trajetória acadêmica.

- aos professores Lourenço Chacon e Maria Francisca de Paula Soares, pelos comentários produtivos em razão de minha banca de qualificação de área.
- à professora Ester Scarpa, pelas ponderações em minha banca de qualificação, e pelo carinho com que ofereceu sua atenção em diferentes momentos de meu percurso pelo IEL.
- às professoras Margareth Freitas Thomopoulos e Regina Célia Fernandes Cruz, membros da banca de defesa, pela leitura atenciosa de meu trabalho.
- ao Eduardo, por ter refletido comigo calma e cuidadosamente sobre meu retorno à vida acadêmica. E por participar ativamente de todas as etapas deste processo - e de tantos outros. E por compartilhar de minha vida. E por cuidar de nós. E por entender, e amar.
- à Izabel e à Janaina, por zelarem por mim e cuidarem de mim. E por deixarem ser cuidadas por mim também. Pela união dessas três mulheres que, juntas, aprenderam a viver sem José.
- a Joana e Vicente, por fazerem de sua casa minha casa, de sua família minha família. Pela união que há entre nós, que fez de minha vida na Bahia mais doce e segura.
- ao Gui e ao Gian, por me receberem em sua casa enquanto eu ainda escrevia meu projeto de doutorado. E, mais tarde, quando lá de novo me hospedei para cursar as disciplinas do curso.
- ao Gui, em particular, por fazer do riso nossa conexão constante. E por nossa amizade de longa data, que acabou por tornar possível fazer de sua família um pouco também minha família.

- ao Deco, por conhecer - e dialogar com - o melhor e o pior de mim.
- à Marília Gabriela, por suas palavras cuidadosas, as trocas constantes, o sorriso tranquilo e divertido, os passeios suaves, o olhar atento e carinhoso.
- à Marília Misailidis, que me ofereceu seu sorriso nos momentos em que a longa distância mostrava sua força.
- à Julia Scamparini, por nossos diálogos e trocas, pelo percurso inspirador.
- à Fernanda Miranda da Cruz, que está lá, sempre, de alguma maneira, presente.
- a Osvaldo Vidal, por toda la paciencia, por las conversaciones y los vinos. Aunque algunas de ellas controvertidas, nuestras conversaciones me han hecho una persona mejor. Vivir en Freiburg era más divertido y reconfortante contigo.
- à Elisa Tavares, por oferecer desde o princípio sua amizade e atenção tão sinceras. Portugal e Brasil nunca estiveram tão próximos!
- ao Jaquesom Silva, à Janete Domenica, à Érica Vieira, à Ananda King, à Gabi Schumm, à Michele Marcelino, ao Edson Crusca Junior, ao Tiago Venturieri Barra e à Bruna Pantalena, por compartilharem comigo de suas vidas e por torcerem por mim, mesmo na distância e no tempo de ausência.
- ao Rafa e a Tathi, por fazerem de minha vida em Freiburg mais leve e divertida. À Tathi, em especial, por ouvir e compartilhar comigo as experiências no início curioso de minha vida em uma cultura estrangeira.

- à Vilma Carvalho, pelas variadas vezes em que nos sentamos ao redor da mesa de sua casa, para falar da vida e viver a vida. Ao Mauro, pelo carinho e atenção com que sempre me tratou e pelas conversas divertidas. Aos dois, pela família deliciosa que têm.
- à Ju, à Lelê, ao Fafá, à Tacita e à Bárbara, obrigada por me receberem, sempre, cuidadosamente e carinhosamente. Meus dias de UNICAMP foram, assim, mais felizes e aconchegantes.
- ao Régis, ao Tobias e ao Fabrício, pelos muitos cafés de trocas de experiências na chegada entusiasmada naquele Wohnheim de Mannheim, onde os estudos de alemão tiveram início com a mesma intensidade com que se construíram nossos laços. À Priscila, à Lara e à Fernanda, por participarem também dessa relação, de forma carinhosa.
- ao Ricardo e ao Luis, por rirem comigo e de mim nas mais variadas situações, em uma Bahia ao mesmo tempo estrangeira e próxima.
- ao grupo de teatro *Quasilusos*, da Universidade de Freiburg, com o qual pude enlouquecer duas horas por semana, sem reservas, durante minha estada em Freiburg.
- a Maria Salgado, do DAAD, por todo o suporte durante o período de dois anos e meio em que estive na Alemanha.
- por fim, agradeço aos funcionários da biblioteca e da secretaria de pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, em especial à Bete, à Madá, ao Claudinho e à Rose, pela disposição e humor com que trataram dos mais variados assuntos burocráticos.

Danksagung

Am Anfang war es einfach nur schwierig. Ich konnte die Sprache nicht richtig und deshalb verstand ich meine Kollegen nicht. Ich lachte einfach, wenn sie lachten, und so versuchte ich, mit ihnen in Kontakt zu kommen. Christian Schwarz und Carolin Schwarz, Bruder und Schwester, waren mir dabei besonders wichtig. Mit beiden redete ich viel, mit beiden versuchte ich, die deutsche Sprache zu verstehen und damit auch die deutsche Kultur zu verstehen. Dabei wurde mir besonders Carolin, je länger ich sie kannte, immer wichtiger. Und als Christian Schwarz mich dann noch Göz Kaufmann vorstellte, entdeckte ich ein Stück Brasilien in Deutschland.

Dann war da noch Ina Hörmeyer, die Kollegin, mit der ich die Landeskunde entdeckte und mit der ich auch lernte, Tee zu trinken. Genau so, wie man es an der Nordsee macht. Und Jana, die mich verstand und sich immer wieder rührend um mich kümmerte. Später kam auch noch Christoph Hare Svenstrup, "der Däne", mit dem ich das Büro teilte. Wir sangen zusammen, lachten, arbeiteten und jammerten zusammen.

Und plötzlich verstand ich die Sprache und meine Kolleginnen. Meine *small talks* wurden immer länger, und ich konnte sogar Witze, deutsche Witze verstehen. Mein Leben wurde schöner; ich fühlte mich wohl in Deutschland. *Ein bisschen Spaß muss sein!*

Für das Wohlfühlen und den Spaß und für alles andere möchte ich mich bei meinen KollegInnen bedanken, die sich in verschiedenen Phasen meines Lebens in Deutschland um mich kümmerten und mich unterstützten: bei Pia Bergmann, Jana Brenning, Sandra Hansen, Björn-Michael Harms, Ina Hörmeyer, Göz Kaufmann, Christine Mertzluft, Daniela Picco, *bella, grazie mille!*, Martin Pfeiffer, Carolin Schwarz, Christian Schwarz, Philipp Stoeckle, Tobias Streck und bei Christoph Hare Svenstrup.

Last but not least möchte ich mich ganz herzlich bei Prof. Dr. Peter Auer bedanken, der mich während meiner Zeit in Deutschland wissenschaftlich betreute.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central analisar os parâmetros prosódicos que permeiam a atividade da repetição hesitativa na produção de frases nominais e preposicionais, em contexto de fala afásica e não-afásica. Entre os aspectos de maior relevância para as análises realizadas neste trabalho, estão 1) a relação entre os movimentos de retração e projeção, como descritos em Auer (2009), no decorrer da produção da repetição hesitativa; 2) a relação entre os elementos prosódicos produzidos ao longo da repetição hesitativa, a saber, a frequência fundamental, a duração e a intensidade e, por fim, 3) a co-ocorrência entre os aspectos prosódicos e os movimentos de retração e projeção durante a produção da repetição hesitativa.

Nesta pesquisa, os dados analisados foram extraídos do *corpus Aphasiacervus*, um acervo que reúne dados linguístico-interacionais registrados audiovisualmente dos encontros semanais ocorridos no Centro de Convivência de Afásicos, na UNICAMP.

O interesse pelo estudo comparativo dos casos de repetição hesitativa se configura pela presença de especificidades linguísticas na produção das repetições hesitativas na fala afásica e não-afásica. Da comparação entre casos afásicos e não-afásicos, foi possível identificar as semelhanças e diferenças na realização dessas repetições.

Entre as semelhanças, destacam-se 1) o alongamento vocálico associado ao movimento de curva entoacional descendente na caracterização da repetição hesitativa, 2) a presença dos mesmos movimentos de retração simples e múltipla em ambos os grupos e 3) uma maior similaridade das características prosódicas dos dois grupos nos casos de retração múltipla. Entre as diferenças mais importantes, destacam-se 1) a distribuição da ocorrência das retrações simples e múltiplas - afásicos produzem um número significativamente maior de retrações múltiplas -, 2) pausas significativamente mais longas nas sequências de retração simples em fala afásica, além de maior ocorrência da sequência M (P) R1 P na fala afásica; 3) a extensão das características hesitativas da produção ao

longo de toda a estrutura M R1 Rx na fala afásica, enquanto na fala não-afásica essas características se encerram na penúltima repetição.

A escolha pelos parâmetros apontados anteriormente se deu com o intuito de compreender os processos envolvidos na ocorrência dessas formas de repetição, o que poderá levar a uma melhor compreensão dos mecanismos empregados pelos sujeitos afásicos para se manterem atuantes na interação, além de permitir identificar a maior ou menor relevância de determinados recursos linguísticos em ambientes específicos de produção, como no caso das repetições hesitativas.

Palavras-chave: repetição, hesitação, interação, prosódia, retração, projeção, afasia.

ABSTRACT

This thesis analyzes the prosodic parameters that underlie the activity of hesitational repetitions in the production of nominal and prepositional phrases by aphasic and nonaphasic speakers. The most relevant aspects of the analysis are 1) the relationship between the movements of retraction and projection, as described in Auer (2009a), during the production of hesitational repetitions, 2) the relationship between the prosodic parameters, namely, fundamental frequency, duration and intensity, and finally, 3) the co-occurrence between the prosodic parameters and the movements of retraction and projection during the production of hesitational repetitions.

Among the similarities between the two groups analyzed are a) vowel lengthening associated with the downward intonation curve in the characterization of the hesitational repetitions, 2) the occurrence of the same retraction movements in both aphasics and nonaphasics and 3) a greater similarity of prosodic features in the two groups in cases of multiple retraction.

Among the most important differences are 1) the distribution of single and multiple retractions - aphasics produce a significantly greater number of multiple retractions - and 2) the extent of the features of hesitation throughout the structure M R1 Rx in aphasic speech. This study promotes a better understanding of the use of prosodic features by aphasic subjects in order to keep their participation in the interaction, besides assigning the relevance of certain linguistic parameters in specific production environments, as in the case of hesitational repetitions.

Keywords: repetition, hesitation, interaction, prosody, aphasia.

Sumário

Introdução

1

Capítulo 1

11

Repetição e Hesitação: dois fenômenos, uma discussão

11

1.1 Investigações sobre a repetição 11

1.2 Investigações sobre a hesitação 33

1.3 Investigações sobre repetição e hesitação na fala patológica: o caso da afasia 39

1.4 Investigações sobre pistas de contextualização 47

1.4.1 Os estudos da prosódia como pista de contextualização 51

1.5 Os movimentos de retração e projeção 56

Capítulo 2

61

Metodologia

61

2.1 Introdução 61

2.2 Onde tudo começou: o Centro de Convivência de Afásicos 61

2.3 O acervo Aphasiacervus 63

2.4 O corpus da Tese 65

2.4.1 Critério de seleção dos sujeitos 65

2.4.2 Breve descrição dos sujeitos da pesquisa 67

2.4.2.1 O sujeito afásico JM 67

2.4.2.2 O sujeito afásico SI 68

2.4.2.3 O sujeito afásico NS 69

2.4.2.4 Os sujeitos não-afásicos 70

2.4.3 O tratamento dos dados para análise 71

2.5 A transcrição 72

Capítulo 3

75

As retrações simples em frases nominais e preposicionais

75

3.1 Introdução 75

3.2 Os parâmetros da análise 76

3.3 As repetições simples 76

3.3.1 As repetições simples em sujeitos não-afásicos 77

3.3.1.1 Em casos de NPs 77

3.3.1.2 Em casos de PPs 88

3.3.1.3 Um breve panorama das repetições simples em sujeitos não-afásicos. 97

3.3.2 As repetições simples em sujeitos afásicos 98

3.3.2.1 Em NPs 98

3.3.2.2 Em PPs 110

3.3.2.3 Um breve panorama das repetições simples em sujeitos afásicos 117

3.3.3 Um panorama comparativo das características prosódicas das repetições simples 118

Capítulo 4

125

As retrações múltiplas em frases nominais e preposicionais

125

4.1 Introdução 125

4.2 As repetições múltiplas 125

4.3 As repetições múltiplas em sujeitos não-afásicos 126

4.3.1 Em NPs 126

4.3.2 Em PPs 138

4.3.3 Os padrões de produção de retração múltipla na fala não-afásica 150

4.4 As repetições múltiplas em sujeitos afásicos 152

4.4.1 Em NPs 152

4.4.2 Em PPs 165

4.4.3 Os padrões de produção de retrações múltiplas na fala afásica 178

4.5 Um panorama das características prosódicas das repetições múltiplas 179

Capítulo 5

185

Considerações Finais

185

Referências

195

Anexo 1

209

Introdução

Costuma-se postular que o marco inicial da Linguística se coloca a partir dos escritos de Ferdinand de Saussure. Esse marco representa um recorte para uma série de questões centrais dos estudos da linguagem. Entre os dilemas da Linguística inaugurada por Saussure, está a dicotomia entre língua e fala que, reconhecidamente, acabou por determinar o enfoque da Linguística de boa parte do século XX: uma linguística estruturalista, que distingue língua e fala, ou seja, separa a competência da produção linguística. Tal perspectiva ganhará novos moldes em Chomsky, que distingue competência e desempenho (Chomsky, 1965). Sabe-se que os autores se diferenciam, pertencem a períodos distintos, mas a analogia entre os pares língua e fala e competência e desempenho é frequentemente evocada, tendo, muitas vezes, como ponto de partida, uma crítica: tanto no estruturalismo de Saussure quanto no gerativismo de Chomsky, a fala é a manifestação irregular e fragmentada do sistema chamado 'língua'. E será somente com a tomada do foco sobre o sujeito e sua produção que diferentes teorias linguísticas tratarão da fala e, portanto, possivelmente de uma de suas características mais marcantes: as chamadas descontinuidades ou disfluências.

O estudo das chamadas descontinuidades da fala ganha força no momento em que a literatura linguística deixa de se ocupar com uma teorização fortemente mentalista - voltada aos estudos da língua e sua estrutura - e passa a abordar os aspectos concernentes à fala, ao reconhecer a relevância de sua recorrência para os estudos da cognição humana. Não mais parece suficiente pensar a língua separada da fala, uma competência que é modelo para um determinado desempenho.

À Linguística vai interessar, entre outros tópicos, como a fala se modula nos mais variados contextos, como o sujeito se adapta a esses variados contextos e como eles podem influenciar na compreensão. Ao se considerar, por exemplo, a definição de Koch (1997), para quem a produção textual é uma atividade verbal e interacional, criativa e consciente,

“que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos”, compreender o emprego das mais variadas estratégias dos falantes é parte fundamental do entendimento da organização e processamento da atividade verbal.

Para tanto, é necessário compreender o conjunto de conhecimentos atrelados à concretização de uma determinada atividade verbal. Ao participar de uma conversa, os falantes põem em funcionamento conhecimentos de ordem linguística, enciclopédica e interacional (KOCH, 1997): é preciso organizar um determinado material linguístico a partir das características dos participantes, da situação, dos propósitos da conversa, do tópico, etc. E ainda que o objetivo final seja um texto *claro, fluente*, a preparação desse texto está indiscutivelmente atrelada à produção de descontinuidades.

Neste momento da Linguística, em que aquilo que é efetivamente produzido pelos falantes passa a ter seu valor, as descontinuidades de fala passam a ser estudadas e são entendidas como uma peça importante no quebra cabeça que é a construção do sentido, seja na linguagem dita normal, seja na linguagem dita patológica.

A análise das ocorrências de descontinuidades na fala afásica é motivada, em partes, pela mesma razão que levou um grande conjunto de autores a estudar o tema das descontinuidades na fala não patológica: elas são um traço característico da oralidade (JUBRAN, 2006) e são usadas, muitas vezes, como evidência para o planejamento da fala (CLARK & WASOW, 1998). Adicionalmente aos interesses da literatura que lida com dados de fala não patológica (SCHEGLOFF, JEFFERSON & SACKS, 1977; MARCUSCHI 1986, 1996, 2006; CLARK & WASOW, 1998) chama atenção que descontinuidades apareçam tanto na fala patológica quanto na fala dita não patológica.

Reconhecer a presença dos mesmos fenômenos de fala em sujeitos ditos ‘normais’ e cérebro-lesados implica repensar um elemento dominante nos estudos da fala patológica: a relação entre o normal e o patológico. Ainda que essa discussão extrapole os objetivos da presente Tese, parece-me apropriado destacar alguns de seus aspectos, que poderão ser

aprofundados na leitura dos trabalhos de Françoze (1987), Porter (1993), Canguilhem (1995) e Morato (2009).

Da ideia positivista de que as doenças são sintomas, surge a dicotomia entre o normal e o patológico, deslocada da possibilidade de se reconhecer a continuidade entre o normal e o patológico e fortemente relacionada à ideia de que os fenômenos patológicos são “variações para mais ou para menos dos fenômenos fisiológicos correspondentes”. (CANGUILHEM, op.cit., p. 53)¹.

Se observarmos, no entanto, que fenômenos ocorridos em razão da condição afásica, em diferentes sujeitos, são heterogêneos (MORATO, 2009; LIND, 2005), e até mesmo, paradoxais, não deveríamos considerar que sintomas sejam ligados uns aos outros de forma *ad hoc* (GANDOLFO, 2006), criando quadros clínicos igualmente heterogêneos e paradoxais, pouco explicativos das condições dos sujeitos afásicos e da relação que estabelecem com seu estado patológico. Os sintomas que compõem um quadro clínico devem, antes, assim como sugere Canguilhem (op.cit.), ser entendidos não só como resultantes diretos de um quadro patológico, mas sim como a reação do sujeito à supressão de uma condição anterior - a saber, sua atuação com a linguagem - que permitia ao sujeito se constituir no mundo e participar das diferentes relações sociais que o integram à sociedade, através da e pela linguagem (MORATO, 2009).

Enquanto as definições e terminologias sobre as afasias sugerem a incapacidade, a incompetência linguística dos indivíduos diante de sua nova condição, a observação das condições reais de produção e compreensão linguística desses sujeitos sugere que a competência para falar e usar a linguagem não é mera capacidade mental, idealizada, mas se constrói através de práticas interativas, sociocognitivas (MORATO et al, 2008). Se tal incompetência fosse de fato atestada, não seria possível observar o que se verá nesta Tese e

¹ Para um apanhado histórico das visões que permearam o discurso científico sobre as afasias, vide Morato (2009, 2010b).

em diferentes trabalhos que vêm sendo desenvolvidos dentro² e fora³ do Brasil, que descrevem um esforço conjunto na construção da significação, uma permanente competência pragmático-discursiva no uso da linguagem pelos sujeitos afásicos.

As ações e reflexões dos sujeitos afásicos sobre a língua não são *impedidas*⁴ por sua nova condição, o que altera desde já a relação entre normal e patológico, da mesma forma que as observações de Freud (1891) sobre a ocorrência de lapsos de língua em sujeitos ditos normais alteraram a percepção acerca daquilo que é produzido em linguagem não patológica. Aquilo que é tido como patologia, como sinal de incompetência linguística do afásico, na verdade, pode ser inúmeras vezes reconhecido como o enfrentamento dos sujeitos às suas condições, através de práticas epilinguísticas e metalinguísticas (MORATO, 2010b).

Dentre os diferentes fenômenos que são apontados como indicadores de déficit afásico estão as repetições, os alongamentos, as pausas, as hesitações. Estes elementos são, nos estudos de Afasiologia, usados como parâmetros de avaliação da fluência na fala dos sujeitos afásicos, sendo a capacidade de repetição de palavras produzidas por um interlocutor, por exemplo, um dos pontos aplicados nos testes de avaliação da fala afásica (veja, por exemplo, ROHRER et al, 2008; MOSES, SHEARD & NICKELS, 2007; DELL, MARTIN & SCHWARTZ, 2007; MICELI, CAPASSO & CARAMAZZA, 2004; ARBUTHNOTT, 1996; GOODGLASS & CAPLAN, 1972). Sendo considerados sintomas na fala afásica, a função epilinguística que esses elementos exercem - na fala de sujeitos afásicos e não afásicos - estaria aqui negada, e o sujeito é visto como debilitado, incapaz de empreender um diálogo. Nos estudos de orientação sociocognitiva, interacional e conversacional, esses mesmos elementos são vistos justamente com a maior atenção por

² Para um panorama dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no Brasil a respeito da competência pragmática de sujeitos afásicos, vide Morato (2010b).

³ Para conhecer também alguns dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos em diferentes países, consulte, entre outros, os trabalhos de Ahlsén (2002, 2004, 2006), Auer & Rönfeldt (2004), Bauer (2008), Goodwin (2000, 2003, 2004), Helasvuo, Klippi & Laakso (2001), Helasvuo, Laakso & Sorjonen (2004), Klippi (2006) e Lind (2005).

⁴ As condições de produção variam não só com o tipo de afasia, como também com o tipo de enfrentamento a que está exposto o sujeito.

demonstrarem as estratégias empreendidas pelos sujeitos nas atividades interativas das quais participam.

Com respeito às teorizações linguísticas sobre o termo ‘fluência’, Fillmore (1979) foi um dos importantes autores a refletir sobre o tema. Para ele, haveria quatro critérios que poderiam estar relacionados à percepção de fluência: a capacidade de 1) falar alongadamente com poucas pausas, preenchendo o tempo com o maior número possível de palavras; 2) falar através de sentenças semanticamente densas e coerentes; 3) usar a língua em diferentes contextos e condições; e, finalmente, 4) ser imaginativo e criativo na língua.

Na definição de Fillmore (op.cit.), observa-se já a preocupação em destacar que, para a fala parecer fluente, ela deve conter poucas pausas. Sabe-se, porém, que a própria percepção de pausa é relativa, dado que pausas preenchidas e não-preenchidas são percebidas diferentemente pelos interlocutores, para citar um exemplo dos aspectos que são discutidos sobre o tema.

Mesmo diante de uma possível definição para fluência, seu uso é geralmente empregado de forma irrestrita, seja em estudos orientados para a descrição de patologias de fala, incluindo aqui não só a afasia, como também o caso de Alzheimer⁵, seja em outros ambientes de estudo da produção linguística, como por exemplo, na aquisição de língua estrangeira (CHAMBERS, 1997; BROWN, 2003).

Em sua dissertação de Mestrado, Cruz (2004) descreve como a fluência verbal é avaliada em baterias de testes de diagnóstico de Alzheimer. De acordo com a autora, a fluência é medida de acordo com dois parâmetros: o fonêmico e o categorial. Mede-se quantos vocábulos o paciente é capaz de produzir ao longo de um minuto e daí são extraídas as caracterizações de fluência verbal. Através dessa metodologia, a fala de sujeitos sem nenhuma patologia de fala conhecida poderia ser identificada como menos fluente, dadas as diferentes condições de produção que levam a diferentes manifestações da língua. Além disso, ser capaz de nomear o maior número, por exemplo, de animais que têm seus nomes iniciados pela letra *i* não parece ser condição suficiente (e necessária) para

⁵ Para ter maiores informações sobre o tema, veja Morato (2008) e Cruz (2008, 2004).

determinar se um sujeito fala de forma fluente ou não. Nesse sentido, como sugere Cruz (2004), um teste de nomeação, por exemplo, mais se assemelha a um teste de memória do que ao estatuto real da fala cotidiana.

Em texto que aborda a questão do sujeito fluente, Scarpa (1995) revela a dificuldade em lidar com a definição de fluência, dado que é fugidia e, inúmeras vezes, tratada pela negativa, ou seja, através de afirmar aquilo que a fala fluente não é: não apresenta pausas, não apresenta repetições, não apresenta alongamentos, como a própria definição de Fillmore (1979) sugere. Todavia, nessa definição a fala é, mais uma vez, idealizada. Ainda que o emprego do termo fluência possa parecer claro a médicos e fonoaudiólogos, os parâmetros que levam os falantes a perceber determinada fala como fluente não são tão claros quanto se sugere.

Em trabalho posterior, Scarpa (2006) apresenta o que chama de uma teorização mais positiva sobre o termo fluência, contrastada com a visão negativa discutida por ela. Para a autora (SCARPA, op.cit.: 174), a fluência, como descrita em boa parte dos estudos de fala, deve ser entendida como uma “abstração metodológica”, assim como o sujeito dito fluente é também abstrato. Para defender essa ideia, a autora (SCARPA, op.cit.: 174) afirma que “A linguagem em uso é faltosa e incompleta - os discursos transitam por outros discursos e quem faz a fluência é o outro. O outro recompõe as disfluências e imperfeições da fala - ou convive com elas.”.

Ao procurar deslocar o conceito de fluência da relação entre o perfeito e o imperfeito na produção e na compreensão, Scarpa (op.cit.) critica a separação entre produção e compreensão e afirma que as disfluências trazem à tona a língua em funcionamento, o que será observado neste trabalho.

Uma visão da linguagem que leve em conta a relação entre discursos como interpretantes evita, creio, que se faça uma divisão pouco econômica e pouco esclarecedora entre dois níveis distintos de processamento: um para a produção e outro para a recepção e que evite cindir a atividade linguística entre a “perfeição do

conhecimento” e a “imperfeição da produção”.(Scarpa, 2006, p. 174)

No estudo de Gandolfo (2006) o termo *fluência* aparece também nas entrevistas realizadas pela autora com terapeutas de fala. Ao discutir a validade da classificação vigente das afasias, a autora entrevista terapeutas com o intuito de contestar o uso efetivo dessas classificações por parte dos profissionais que, teoricamente, fazem uso desse material. Ao serem questionados sobre a classificação geral das afasias, os terapeutas afirmam que ela é usada apenas como um guia na separação dos pacientes em diferentes grupos (como também sugerido em MARCOLINO, 2010), mas que as afasias podem ser tão únicas que o uso pleno da classificação não se realiza. Ao serem questionados sobre o que avaliam na fala dos sujeitos, alguns dos entrevistados fizeram uso do termo *fluência*, apontando também aspectos como a repetição. Ora, aqui se constata uma vez mais como o conceito de fluência está presente, não só em nosso dia-a-dia, em falas como “ah, fulano fala bem”, “ciclano é fluente em duas línguas”, como também no discurso científico, introduzido pela tradição estruturalista que classifica as afasias em dois grandes grupos - as afasias fluentes e as não fluentes.

Tal idealização sobre o funcionamento da língua é contrastada com os diferentes estudos da área da Análise da Conversação (SCHEGLOFF, JEFFERSON & SACKS, 1977; JEFFERSON, 1974, 1991; MARCUSCHI, 1986, 1997, 2006) e da Linguística Interacional (como em SELTING & COUPER-KUHLEN, 1996, 2001; COUPER-KUHLEN, 1983, 1996, 1998, 2001; COUPER-KUHLEN & SELTING, 2000; AUER, 1984, 1986, 1992, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b), em que pausas, diferenças entoacionais e repetições (marcadores na caracterização de fala não fluente) são observados na fala dita normal e são requisitos fundamentais na construção do texto falado.

Tendo como preâmbulo as ideias sucintamente apresentadas nas linhas anteriores, apresento o tema deste trabalho. Entre os vários elementos considerados descontinuidades de fala é focalizado, neste estudo, um tipo recorrente de repetição, frequentemente caracterizada pela hesitação, chamada *repetição hesitativa*.

Os dois primeiros exemplos apresentados a seguir⁶ ilustram o que vem a ser os casos abordados nesta Tese de Doutorado. Ambos foram extraídos de Fávero et al (2006), de estudo em que os autores se dedicam a classificar o fenômeno da correção na fala.

(01) (RJ DID 328:191-92) (FÁVERO et al, op.cit., p.265)

Inf. - ... aquelas comidas assim muito típicas lá da ... da Bahia ...
e são ... eu achei gostosas

Neste primeiro exemplo, ao tratar das comidas típicas da Bahia, o interlocutor se vê hesitante na produção da frase preposicional (doravante PP) *da Bahia*, o que se revela pela repetição da cabeça do PP, a preposição *da*, e a pausa que separa as duas produções da preposição. Será a combinação da repetição (que pode ser simples ou múltipla, como se verá no próximo capítulo) com as características prosódicas de sua ocorrência que dará a marca de hesitação ao texto falado.

aqueelas comidas assim muito típicas lá da ...
da Bahia

No segundo exemplo, é na produção de uma frase nominal (doravante NP) que o falante se mostra hesitante, incorrendo em uma repetição múltipla da cabeça do NP, a saber, o determinante.

(02) (SP D2 310: 1290-92) (FÁVERO et al, op.cit., p.257)

L1 - ... não tem ainda assim muita:: ... éh uma ... um objetivo a
atingir sabe?

Neste caso, diferentemente do que se viu no primeiro exemplo, a posição do determinante será preenchida diferentemente: em primeiro lugar, por *muita*, que será

⁶ Os exemplos expostos nesta Introdução usam os critérios de transcrição dos trabalhos dos quais foram retirados. O padrão de transcrição a ser empregado na análise dos dados desta Tese será apresentado no capítulo 3.

abandonado em favor de *uma*. Até este momento, o gênero se mantém o mesmo. Será apenas na terceira produção da cabeça do NP que o gênero será trocado (de *uma* para *um*), mantendo a escolha anterior pelo artigo indeterminado.

não tem assim muita:... éh
uma...
um objetivo

Nos dois exemplos apresentados anteriormente, os sujeitos estão produzindo um PP e um NP, respectivamente, quando interrompem o curso de sua fala - até então sem repetição dessa mesma ordem - para dar conta do nome que compõe o NP e o PP. Essa é uma atividade recorrente, não apenas na fala considerada ‘normal’, como também na fala dita patológica.

De acordo com Jubran (2006) a hesitação é um dos fenômenos intrínsecos da oralidade, uma atividade de processamento *online*. Koch (1997: 91) afirma que a hesitação é “(...) constitutiva do próprio processo de construção do texto falado, ligada à possibilidade mesma de sua emissão, já que nele, como já mostramos, planejamento e verbalização são necessariamente simultâneos, pondo-se a nu, a cada momento, o processo de sua construção”. Já a repetição é tida como atividade de formulação, “uma estratégia básica de estruturação do discurso” (KOCH, op.cit.: 123), mais especificamente, um processo de reformulação, já que sempre se reporta a algo já dito anteriormente.

Na interseção daquilo que é comum aos dois fenômenos está o interesse central da Tese: na organização das repetições hesitativas a partir de suas características prosódicas e sua relação com os movimentos de retração e projeção⁷ das unidades estudadas.

Assim, o capítulo 1 apresenta as definições de hesitação e repetição, fazendo uma discussão de seu papel não só na linguagem dita normal como também na linguagem dita patológica. O capítulo discute ainda elementos teóricos que tornam coesa as análises empreendidas nos capítulos posteriores. Entre os elementos abordados, estão a definição

⁷ Apresentados no capítulo 1.

proposta por Auer para os termos projeção e retração, assim como a reflexão sobre o entendimento das diferentes estratégias linguísticas como possíveis *pistas de contextualização* da fala. São delineados, assim, aspectos teóricos e metodológicos fundamentais do trabalho, como a preocupação com uma análise de dados de fala espontânea.

O capítulo 2 apresenta a metodologia empregada na elaboração desta Tese, desde a escolha dos sujeitos, até a montagem do *corpus* e a notação de transcrição utilizada.

Os capítulos de análise estão divididos em dois. No início do capítulo 3 são introduzidas as unidades de análise, a saber, as retrações simples, de um lado, e múltiplas, do outro, e as características prosódicas a serem estudadas, a duração, a curva entoacional e a intensidade. Em seguida, tem início a análise propriamente dita dos casos de retração simples, em NPs e PPs, na fala afásica e não-afásica. Ao final, é feito um apanhado geral dos achados do capítulo. No capítulo 4 é proposta a análise dos casos de retrações múltiplas, em NPs e PPs, na fala afásica e não-afásica. Ao final do capítulo, assim como no capítulo 3, é feito um apanhado geral dos achados do capítulo.

No capítulo 5 são reunidas e sumarizadas as reflexões levantadas ao longo do desenvolvimento dos capítulos de análise, com vistas a apontar as contribuições do trabalho para os estudos da linguagem, em geral, e para os estudos da linguagem afásica, em particular.

Capítulo 1

Repetição e Hesitação: dois fenômenos, uma discussão

Para discutir e delimitar as reflexões sobre o tema da repetição e da hesitação, diferentes estudos que tratam de ambos os temas serão apresentados ao longo deste capítulo. As principais teorias serão destacadas e o enfoque da presente Tese será delimitado ao longo do texto.

1.1 Investigações sobre a repetição

Como já sugerido na Introdução, o estudo das discontinuidades de fala recebe atenção da literatura linguística quando o sujeito e sua fala entram para o escopo das pesquisas em Linguística. Não mais relegados ao plano das excrescências, estudar aspectos concernentes à fala pareceu relevante por uma série de razões, dentre as quais podemos destacar sua importância como estratégia de formulação textual, contribuindo não só para a organização da interação, como também para seu planejamento e a manutenção de sua coerência.

No Brasil, o estudo dos diferentes elementos constituintes da fala ganha fôlego com a formação e o desenvolvimento do projeto NURC - Norma Urbana Culta - dividido em diferentes unidades, referentes às diferentes capitais que foram incluídas no projeto: Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. A escolha não foi aleatória, e tinha como base a ideia de que não se poderia descrever a língua culta do Brasil descrevendo apenas o linguajar de sua capital ou do Rio de Janeiro.

As bastante conhecidas *Gramáticas do Português Falado* foram resultado de anos de pesquisa desenvolvida com base no material disponibilizado pelo projeto. E é neste rico conjunto de trabalhos que se encontra o material pioneiro de análise de dados de fala do Português Brasileiro. Assim, falar sobre a repetição (e também sobre a hesitação, como veremos a seguir) é também falar sobre o conjunto de ideias que se foi desenvolvendo no âmbito do projeto NURC, e que está disponível ao leitor nas *Gramáticas*.

Luiz Antonio Marcuschi foi o autor que pioneiramente se debruçou sobre o tema da repetição em Português Brasileiro (MARCUSCHI, 1996, 2006). Para ele, longe de ser apenas uma característica superficial da inconstância da oralidade, a repetição revela dinamicidade na organização da atividade verbal e na monitoração da coerência textual. Outras atividades de reformulação, como a paráfrase e a correção, foram (são) também estudadas, por diferentes autores, como Koch et alli (1992), Hilgert (1993, 1996, 2006), e Fávero, Andrade & Aquino (1996; 2006). O tema, longe de se ver esgotado, é continuamente retomado por uma série de pesquisadores (BARBOSA, 2003; KOCH & SOUZA E SILVA, 1996; KOCH, 1997; HEBLING, 2009).

No contexto das afasias, a repetição, assim como a hesitação, são também fenômenos recorrentes que atuam na delimitação de segmentos tópicos e nas atividades de estruturação textual e interacional do tópico conversacional, bem como na dinâmica e no monitoramento de tomadas e trocas de turno, como assinalam estudos de Caio Mira (tese de doutorado em andamento). Tendo também por base um *corpus* composto de situações conversacionais entre afásicos não afásicos, Tagliaferre (2008) identificou semelhanças nas duas populações com respeito às funções textuais e discursivas da repetição.

O primeiro trabalho sobre repetição apresentado por Marcuschi data de 1992, quando de sua prova de titularidade. A publicação sobre o tema acontece em 1996, em um dos números da *Gramática do Português Falado*. Em versão revisada, o texto foi republicado em 2006, em conjunto intitulado *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. É sobre esta versão do texto que nos debruçaremos agora.

O autor afirma que a repetição pode realizar um variado conjunto de funções, assumindo papel fundamental nos processos de textualização na língua falada. Para Marcuschi (2006), a repetição não seria um descontinuador; ao contrário, ela seria uma estratégia de composição do texto e da condução do tópico.

De acordo com o autor, as repetições dividem-se de acordo com:

1. sua produção, ou seja, se são auto ou hetero-repetições,
2. sua distribuição na cadeia textual, ou seja, se ocorrem dentro do mesmo turno que sua matriz (repetições adjacentes) ou se ocorrem em turnos distintos (repetições não adjacentes) e,
3. o segmento linguístico a ser repetido, ou seja, fonemas, morfemas, itens lexicais, construções suboracionais ou orações.

A divisão proposta por Marcuschi (op.cit.) leva em conta as diferentes formas de ocorrência da repetição e a função que cada uma dessas ocorrências pode desempenhar na atividade de produção da linguagem. Assim, as repetições são muitas vezes caracterizadas através de seus pares, por desempenharem funções distintas na conversa. Assim, auto e hetero-repetições desempenhariam funções diferentes, tendo em vista, por exemplo, os papéis sociais dos sujeitos participantes da interação. As auto-repetições teriam alto valor argumentativo além de função facilitadora da compreensão. Já as hetero-repetições teriam alto teor colaborativo entre os interlocutores. Ainda, enquanto uma auto-repetição dentro do mesmo turno poderia funcionar como um regulador da fala ou reparo, uma hetero-repetição indicaria dúvida quanto à produção do interlocutor e um pedido de confirmação dessa produção. Essas e outras análises das funções das repetições somente são possíveis haja vista seu contexto de ocorrência.

Na definição de Marcuschi (op.cit., p. 221) para o fenômeno, “... repetição é a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito do mesmo evento comunicativo.”.

Para explicar os termos que compõem a definição, Marcuschi (2006, p.221) define como *idêntica* a repetição “(...) em que o segmento repetido é realizado sem variação em sua relação com a primeira entrada; seria a repetição exata”. Por *semelhante* Marcuschi (op.cit., p.221) entende “(...) a produção de um segmento com variação, seja no item lexical ou na estrutura (ou parte dela), incluindo-se aí a variação prosódica”.

O autor admite com isso que há a possibilidade de haver segmentos repetidos idênticos, o que parece questionável em termos fonético-fonológicos, haja vista a dificuldade em imitar a fala reproduzindo-a exatamente como feito previamente. No entanto, cabe ressaltar que, ainda que Marcuschi sugira a ideia de repetições idênticas, ele não deixa de destacar que, embora a repetição seja definida como a produção do mesmo segmento linguístico duas ou mais vezes, isto não implica dizer que a repetição seja um ato tautológico.

Estudos realizados dentro do campo da Linguística Interacional destacam, por exemplo, como a modulação da fala em casos de imitação altera o conteúdo repetido, ainda que os itens lexicais produzidos sejam os mesmos (COUPER-KUHLEN, 1996), a ponto de questionarmos se uma repetição exata, principalmente em termos fonético-fonológicos, é possível.

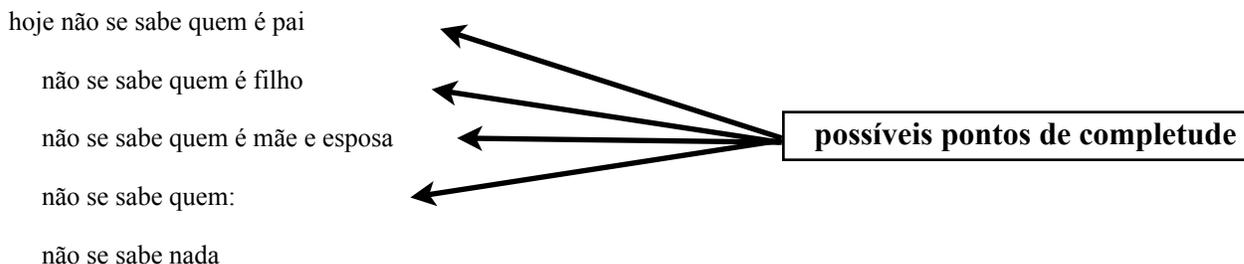
Em uma análise quantitativa dos casos de repetição registradas em duas horas de partes de seis diálogos de dois informantes, Marcuschi (op.cit.) afirma que a auto-repetição representa 80% das ocorrências, havendo um leve predomínio das repetições lexicais, em favor de um equilíbrio entre as demais formas de repetição.

Quanto aos aspectos funcionais da repetição, Marcuschi (op.cit.) afirma que ela atua em vários pontos da produção textual-discursiva, a saber, no plano da coesividade, da compreensão, da continuidade tópica, da argumentatividade e da interatividade. Atuando nos mais variados planos, a repetição exerce portanto papel fundamental no processamento da fala. Ela auxilia na coesão sequencial, através da formação de listas - por exemplo - que podem ser identificadas como *paralelismos sintáticos*. Nesses casos, uma estrutura nuclear é mantida, podendo haver variação lexical e morfológica:

(3) D2 REC 266: 1094-98 (MARCUSCHI, 2006, p. 234)

L2 - éh::: agora
hoje não se sabe quem é pai
não se sabe quem é filho
não se sabe quem é mãe e esposa
não se sabe quem: não se sabe nada

No caso específico do trecho indicado em (3), possíveis pontos de completude são retomados. A repetição da mesma estrutura, em pontos em que pareciam concluídos, sugere a ênfase no ato de *não saber* destacado por L2.



Para o autor, tais estruturas constituiriam uma forma econômica de comentar e sustentar um determinado tópico: um padrão sintático é fixado, e o novo é acrescentado com base na reiteração da estrutura matriz.

Casos como o apontado em (3) foram também abordados por Auer & Pfänder (2008), ao compararem as estruturas (e os contextos de aparição) de paralelismo sintático⁸ empregadas em francês e em alemão. Em estudo que analisa entrevistas abertas, os autores concluem que, apesar de casos de paralelismos sintáticos em dupla ocorrerem tanto em Francês quanto em Alemão, sua ocorrência pós-remática tem conotações diferentes nas duas línguas. De acordo com os autores:

⁸ Ao que Auer (2009a) chamará retração (vide capítulo 2).

(...) enquanto retrações múltiplas geralmente se relacionam a problemas de tomada de turno em alemão, em francês elas integram materiais semântica ou sintaticamente heterogêneos em um todo coerente. Em francês, retrações múltiplas produzem turnos retoricamente bem formados por um ou mais falantes.⁹

As repetições servem também a função de intensificadores e facilitadores da compreensão; elas permitem a transformação do rema em tema, assim como introduzem, reintroduzem ou delimitam um tópico; reafirmam, contrastam e contestam argumentos; monitoram a tomada de turno e ratificam o papel do ouvinte. São então inúmeras as possibilidades de uso da repetição na fala, tornando-se impossível não reconhecer seu *status* integrador e, ao mesmo tempo, modificador da fala.

Dado o conjunto de características e funções da repetição, Marcuschi (2006, p. 254) conclui que ela é “um fenômeno resultante das condições de produção local ou *on-line*, estabelece-se como uma estratégia de processamento regular e sistemática, situável entre as estratégias básicas de formulação da fala.”. No que tange à sua funcionalidade, o autor destaca seu papel valioso seja para o processamento da informação seja para a manutenção da funcionalidade comunicativa¹⁰.

Diferentes autores, dentre eles Andrade (1998) e Fiorin (2009), perscrutaram diferentes aspectos relacionados à classificação inicial das repetições proposta por Marcuschi (1996, 2006), tendo como premissa sua função de fio condutor do discurso. No entanto, nenhum dos trabalhos analisa detalhadamente sua relação com o contexto sintático, prosódico e interacional em que são produzidos.

No caso de Andrade (*op.cit.*), o foco do trabalho está na discussão de repetições oracionais, ocorridas depois de uma digressão. Neste caso, estamos falando de estruturas oracionais sendo repetidas, e a repetição exerceria a função de retomada do tópico. A

⁹ “ (...) while multiple retractions often relate to turn-taking problems in German, they integrate semantically and/or syntactically heterogeneous materials into a formally coherent whole in French. Multiple retractions in French thus serve to produce rhetorically well-formed turns by one or more speaker(s).”

¹⁰ Ressalto que não passa pelos objetivos deste trabalho confirmar a existência da classificação sugerida pelo autor, visto que o enfoque está na observação de casos específicos de repetição, como já sugerido anteriormente, e não de todas as suas formas de ocorrência.

repetição de toda uma estrutura sintática se realizará com o intuito de retomada, de restabelecimento do tópico discursivo. É exatamente esta a defesa da autora (Andrade, 1998, p.181): de que digressão e repetição devem ser compreendidas não como descontinuadores, mas como “(...) uma atividade de composição textual, visando a condução do tópico discursivo”. Para Andrade (op.cit., p.203),

Por intermédio da R [repetição], instaura-se a coesão superficial e as sequências são encadeadas de modo mais adequado, favorecendo a compreensão. A textualidade se estabelece de modo mais dinâmico, já que permite um envolvimento interpessoal mais estreito. Pode-se dizer, portanto, que a R contribui para a sintaxe e organização discursiva, na medida em que auxilia na progressão textual no nível linear (coesão), ou seja, nas topicalizações, ênfases ou manutenção dos referentes e no nível hierárquico (coerência), fazendo emergir uma forma de relevância (marginal, motivacional, metaconversacional).

O estudo de Fiorin (2009, p.558), com base na análise de excertos extraídos do banco de dados do Projeto NURC do Rio Grande do Sul, conclui que as repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais “(...) são estratégias cruciais para o processamento informacional e a preservação da funcionalidade comunicativa. A repetição, resultante de uma relação *hic et nunc* na formulação da fala, contribui expressivamente para coerência e coesão textual.”.

Dentre os reconhecidos estudos sobre repetição na literatura internacional, destacam-se os trabalhos de Tannen (1987, 2007). Apontando desde o papel da repetição na poesia até os estudos de paralelismo em Jakobson, Tannen (2007) sustenta que a repetição é um fenômeno que está no coração da linguagem, o que gera questões centrais sobre a natureza da linguagem e o grau em que a língua é produzida livremente ou é produto de repetição do que foi previamente produzido.

A autora destaca o papel da repetição tanto na produção como na compreensão. Associado ao papel da repetição nesses dois ambientes, a autora apresenta ainda o papel da repetição naquilo que ela chama de conexão, assim como na interação e na coerência

enquanto envolvimento interpessoal. Parece, no entanto, que se está tratando aqui de elementos que não se encaixam na mesma categoria, ou no mesmo nível de análise. Enquanto produção e compreensão são as formas de ocorrência da linguagem, por assim dizer, a interação corresponde a uma atividade que se desenvolve a partir da produção e compreensão da linguagem, estando a coerência envolvida neste processo.

À parte essas considerações, as afirmações da autora sobre o papel da repetição são bastante significativas. Segundo ela, a repetição permite ao falante, no caso da produção,

1. falar de forma mais eficiente, facilitando a produção da linguagem e tornando-a mais fluente;
2. criar um paradigma e acrescentar nele novos blocos de informação, ao invés de ter de formular uma estrutura completamente nova (como no caso dos paralelismos, mostrados anteriormente);
3. produzir fala fluente enquanto formula o que dirá a seguir.

É interessante observar como a autora incorpora o fenômeno da repetição à noção de fluência na fala, ao afirmar que, através dela, torna-se possível falar de forma mais eficiente. A afirmação de que a repetição auxilia o sujeito a produzir fala fluente contraria a própria definição tradicional de fluência (FILLMORE, 1979), idealizada em uma fala sem pausas e repetições.

Os três aspectos apontados anteriormente estão intrinsecamente relacionados, dado que será a partir da criação dos paradigmas sugeridos em 2. que novas informações serão veiculadas com base em ‘velhas’ estruturas, como no caso do dado exemplificado em (3) ou em casos de estruturas que foram projetadas previamente pelo falante ao se deparar com uma dificuldade de nomeação.

A argumentação a ser apresentada ao longo desta Tese se desenvolve a partir da ideia de que, se, em contextos ditos normais, os interlocutores se beneficiam mutuamente dos espaços gerados pela (auto) repetição, dado que ela assume diferentes funções na

interação, assim também o será no caso de interlocutores com dificuldades de linguagem, como os afásicos.

No que remete ao aspecto da *conexão*, a autora afirma que a repetição não só exerce função referencial e coesiva, como também evidencia a atitude do falante: nos termos da autora, a auto-repetição tem também caráter de apreciação. No exemplo apresentado por Tannen (2007), uma mulher descreve um homem com quem ela trabalhava.

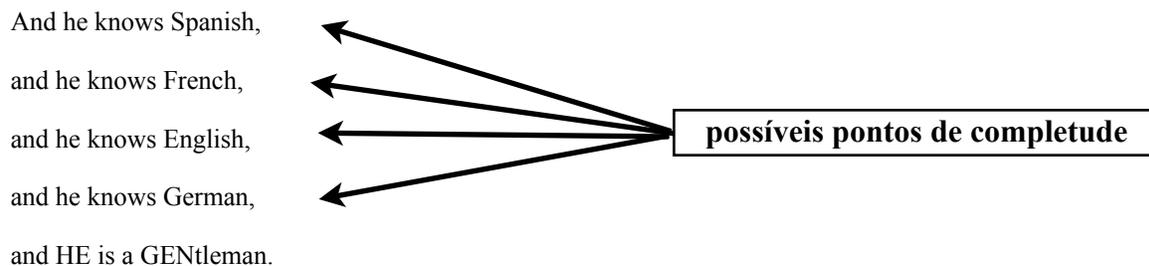
(04) (TANNEN, op.cit., p. 58)

And he knows Spanish,
and he knows French,
and he knows English,
and he knows German,
and HE is a GENTleman.¹¹

Para Tannen (op.cit.), o estabelecimento de um padrão de construção permitiu que a falante produzisse conteúdos novos, enquanto ela acrescentava o nome de diferentes línguas. Na construção da lista, em 4 (de forma bastante semelhante ao caso (3), visto anteriormente), a autora enfatiza não só a função de coesão, como também o papel da construção de *frames* no ritmo da produção. A lista criada pelo falante em (4) indicaria a própria avaliação do falante de que o conhecimento do sujeito a quem se reporta é mesmo amplo. Assim, para a autora (Tannen, op.cit., p. 60), “(...) o efeito avaliativo/apreciativo da lista é comunicar que o falante acha o tamanho da lista impressionante - e assim também o deveria achar o ouvinte.”¹². O caráter avaliativo/apreciativo da lista, acrescento, é criado pelo ritmo particular do padrão apresentado, já cristalizado para determinadas línguas, como o inglês e, também, o português.

¹¹ E ele fala espanhol,/ e ele fala francês,/ e ele fala inglês,/ e ele fala alemão,/ e ele é um *gentleman*.

¹² “ (...) the evaluative effect of the list is to communicate that the speaker finds the length of the list impressive – and so should the listener.”



Tannen (2007) afirma ainda que as diferentes formas de repetição atuam no nível interacional da conversa, conectando os participantes uns aos outros e ao discurso, unindo-os na conversação e em suas relações uns com os outros. A repetição atua na tomada e manutenção de turno, na manutenção de um canal de resposta para o interlocutor, na prática do humor e da brincadeira, em mostrar interesse por uma piada ou uma fala, na persuasão, etc.

Por conta desse grande número de atividades de engajamento em que atua a repetição, Tannen (op.cit.) aponta que, além de facilitar a compreensão, a produção, a conexão e a interação, a repetição também auxilia na criação do engajamento interpessoal. A autora (op.cit., p. 62) afirma também que a repetição é responsável por criar um universo de familiaridade no discurso, “fazendo-o soar bem”:

Mas como o envolvimento interpessoal é linguisticamente atingido? Em termos do aspecto musical da linguagem, repetir uma palavra, uma frase ou uma unidade sintática mais longa - com exatidão ou variação - leva a um padrão rítmico que cria a ideia de conjunto.¹³

Além de listar os papéis da repetição em diferentes contextos, detalhando aspectos que já vimos apontados em Marcuschi (2006), a autora discute ainda a visão negativa frequentemente relegada à repetição, o que também se observa em casos de repetição na fala patológica. Tannen (op.cit.) mostra como é paradoxal essa relação negativa, haja vista

¹³ “But how, linguistically, is interpersonal involvement accomplished? In terms of the musical aspect of language, repeating a word, phrase, or longer syntactic unit – exactly or with variation – results in a rhythmic pattern that creates ensemble.”

que as repetições são valorizadas e seriamente analisadas em textos poéticos. Se na literatura a repetição tem *status* positivo, por que relegar a ela segundo plano na análise da fala? Para a autora, a repetição é difusa, funcional e, inúmeras vezes, automaticamente produzida na fala espontânea.

Do ponto de vista de sua classificação, Tannen (2007) divide a repetição em auto-repetições e hetero-repetições, assim como Marcuschi (2006). Uma escala temporal é definida para descrever a repetição, dado se ela ocorreu imediatamente ou se é “atrasada”: as expressões formulaicas seriam, por exemplo, uma parte da língua que é repetida por diversos falantes através do tempo. Tannen (op.cit.) afirma, no entanto, que nem sempre a determinação de uma expressão como formulaica é clara, assim como determinar se um trecho do discurso é uma repetição acaba passando, em alguns momentos, por uma decisão arbitrária - o que poderia ser diminuído se o fenômeno da repetição fosse pensado com base em uma classificação em um *continuum*, como sugerida por Hilgert (2006).

A partir dessas ponderações, Tannen (op.cit.) escolhe um conjunto de dados para análise, haja vista a variedade de funções e formas adquiridas pela repetição. Da comparação de seus estudos com estudos de outras culturas, ela conclui que diferentes culturas podem fazer uso diferenciado da repetição. Para a autora (Tannen, op.cit., p. 86): “Padrões culturais não prescrevem a forma que o discurso dos falantes tomará mas proveem uma gama de estratégias as quais os indivíduos escolhem e que são usadas habitualmente para expressar seus estilos individuais.”¹⁴

O enfoque principal de Tannen (op.cit.) são as repetições de estruturas sintáticas oracionais, sejam elas idênticas ou modificadas, em conversas casuais. Analisando um conjunto de dados extraídos de conversas entre diferentes informantes - dentre eles, inclusive a própria autora - Tannen (op.cit.) concluirá que repetições podem ser relativamente automáticas e que tal automaticidade contribui para sua função na produção, na compreensão, na interação e na conexão. A automaticidade não carrega, então, um valor

¹⁴ “Cultural patterns do not prescribe the form that a speaker’s discourse will take but provide a range from which individuals choose strategies that they habitually use in expressing their individual styles.”

negativo, de descontrole na produção. Para a autora (TANNEN, 2007, p.101), a repetição funciona como uma estratégia de construção do sentido, sendo considerada “uma fonte ilimitada de criatividade individual e envolvimento interpessoal.”¹⁵.

Diferentemente dos trabalhos de Deborah Tannen, que têm enfoque no fenômeno da repetição, um dos interesses de Herbert Clark são as disfluências da fala em geral e parte de seus estudos se dedica a tratar de casos de repetição na fala.

Em seus artigos, Clark e seus colegas descrevem, em diversos trabalhos, diferentes elementos considerados disfluências da fala, apontando sua recorrência e padronização na fala cotidiana. Em Clark & Wasow (1998), o foco do estudo são as auto-repetições, em língua inglesa, que acontecem no início de um constituinte maior, como em “Eu hum eu não me surpreenderia com isso”¹⁶.

Como sugerido pelo autor e já apontado aqui, repetições e pausas inesperadas são tidas como disfluências da fala. Quando um falante não é capaz de produzir uma oração de uma só vez, a fala é suspensa, uma pausa - preenchida ou não - é introduzida, até que o falante formule o que gostaria de dizer e siga adiante. Mas nesse processo de “seguir adiante” é possível que o falante repita a última palavra produzida antes da pausa, ou mesmo parte dela. É possível também que toda a estrutura seja reformulada. Para Clark & Wasow (op.cit.), essas ocorrências podem ser divididas em quatro etapas: um compromisso inicial com o constituinte em repetição, a suspensão da fala, um “hiato” (que pode ser preenchido por um som preenchedor) e o recomeço da produção a partir do constituinte.

O estudo de Clark & Wasow (op.cit.) é relevante não só por descrever aquilo que parece óbvio - ou seja, os passos envolvidos no processo de repetição e retomada da fala -, ao mesmo tempo que descreve as atividades dos falantes diante desses passos, como também por fazê-lo a partir de um extenso conjunto de dados de fala espontânea. O princípio básico da análise está no comprometimento do falante ao iniciar um novo “projeto

¹⁵ “(...) a limitless resource for individual creativity and interpersonal involvement.”.

¹⁶ “I uh I wouldn’t be surprised of that”.

de fala”. Ao iniciar a produção, o sujeito está comprometido não só a dar continuidade a ela, como também a finalizá-la.

Clark & Wasow (1998) discutem um conjunto de estágios referentes à ocorrência das repetições, dentre os quais, destacamos a hipótese da complexidade. De acordo com os dados analisados por esses autores, o falante está mais propenso a suspender sua fala quando o constituinte a ser produzido é mais complexo. Como exemplo, os autores dão os casos de NPs: os sujeitos do estudo estavam mais propensos a repetir o artigo inicial quando o NP era complexo¹⁷.

Com respeito à hipótese da complexidade, os autores concluem que “(...) repetições de uma palavra aumentam, pois, com o peso gramatical da hierarquia dos constituintes iniciados por aquela palavra.”¹⁸. Para eles, a hipótese da complexidade:

(...) faz cair por terra teorias em que a complexidade é categórica ao invés de hierárquica (Ford, 1982; Holmes, 1988). Essas teorias não dão conta do crescimento de repetições tanto com baixo quanto com alto grau de complexidade, ou ainda do crescimento das repetições em negativas. A hipótese também faz cair por terra a hipótese de complexidade fonológica local como a única fonte de repetições. Tal proposta não dá conta do aumento de repetições de alta complexidade.¹⁹

Ainda sobre a hipótese da complexidade, os autores afirmam que, para um falante suspender sua fala, é preciso estimar sua complexidade, ou seja, o seu peso gramatical. Dada a impossibilidade lógica de contagem de segmentos, palavras ou nós sintáticos, os

¹⁷ “Speakers were more likely to repeat an initial the or a of an NP when the NP was complex (e.g., “the, the time we were there at the warehouse”) than when it was simple (“the, the diesel”).” (Clark & Wasow (1998), p. 235)

¹⁸ “Repeats of a word increase, therefore, with the grammatical weight of the *hierarchy* of constituents initiated by that word.” (Clark & Wasow (1998), p. 236)

¹⁹ “(...) rules out theories in which complexity is categorical and not hierarchical (Ford, 1982; Holmes, 1988). Such theories cannot account for the increase in repeats with both short- and long-range complexity, or for the increase in negative clauses. It also rules out local phonological complexity (Ferreira, 1991; Wheeldon & Lahiri, 1997) as the sole source of repeats. Such a proposal cannot account for the increase in repeats with long-range complexity.” (p. 236)

autores sugerem que o falante deve estar então estimando quanta informação um constituinte é capaz de expressar:

Para os falantes produzirem os constituintes na ordem do aumento da complexidade, eles precisam ser capazes de estimar a complexidade relativa dos constituintes que eles ainda não formularam. Para fazer isso, eles precisam ser capazes de estimar a quantidade de informação conceitual a ser expressada.²⁰

Aliada à hipótese da complexidade está a hipótese da continuidade, em que o sujeito repete um elemento em casos como “Eu hum eu não me surpreenderia com isso” para restaurar a continuidade da produção do constituinte que havia sido iniciada. As evidências, segundo os autores, para essa hipótese seriam três: em primeiro lugar, os falantes estão mais propensos a atrasos na produção antes do início de um constituinte; os falantes também estão mais propensos a adicionar uma pausa ou som preenchedor antes do recomeço do constituinte, do que logo depois de iniciado; por último, há mais predisposição à repetição de uma palavra quanto mais desordenada for a ação que segue a pausa.

Para os autores, a hipótese da continuidade está em desacordo com uma terceira hipótese, a da ativação. De acordo com esta, os falantes repetem uma palavra porque ela seria a palavra mais ativada no momento em que o falante resume a fala. A ativação decairia, portanto, em longos hiatos; assim, quanto mais longo o hiato, menor a frequência com que os falantes repetiriam. Os dados dos autores apresentam justamente o contrário.

Os autores ressaltam, contudo, que a continuidade não é restabelecida unicamente através da repetição. O alongamento de sílabas e os sons preenchedores desempenhariam o mesmo papel. Tal afirmação é de suma importância para o desenvolvimento da presente pesquisa, haja vista o uso constante desses recursos pelos sujeitos aqui analisados, afásicos

²⁰ “For speakers to produce constituents in order of increasing complexity, they must be able to estimate the relative complexity of constituents they haven’t yet formulated. To do that, they must be able to estimate the amount of conceptual information to be expressed.” (p. 236)

e não-afásicos. Sobre as diferentes técnicas de continuidade, Clark & Wasow (1998, p.237) afirmam ainda:

Quando os falantes acrescentam *uh* ou *um* à sua fala, eles criam a ilusão de maior continuidade. Um *delay* que contém um som preenchedor é subjetivamente mais curto que o mesmo *delay* em silêncio (Brennan & Williams, 1995). E quando os falantes alongam palavras no meio da fala, também cria-se uma ilusão de continuidade. Troque o alongamento por uma pausa de igual tamanho e o resultado se mostrará mais quebrado. O princípio da continuidade parece estar por trás de muitos aspectos da fala espontânea.²¹

A última hipótese a ser levantada no estudo de Clark & Wasow (op.cit.) se refere ao aspecto do comprometimento. Os falantes se comprometem a produzir um ou mais constituintes e produzir sentido através deles. A questão seria quando os falantes se comprometem a fazê-lo. A hipótese é de que quando os sujeitos se comprometem, eles já esperam pela suspensão de sua fala em algum momento de sua produção. Uma evidência está ligada aos casos de repetições próximas, denominação para os casos de escolha entre o artigo *a* ou *an* no inglês, por exemplo. De acordo com os autores, a escolha por *a* seria mais frequente, o que indicaria não o comprometimento com uma palavra - *a* ou *an* - mas sim a um tipo de constituinte, ou seja, um NP indefinido que requer, portanto, um artigo indefinido.

Como conclusão do artigo, os autores afirmam que, ainda que a repetição de uma palavra seja frequentemente entendida como um erro, ela não o é. Ao contrário, repetir é

²¹ “When speakers add *uh* or *um* to their utterances, they create the illusion of greater continuity. A delay containing a filler is subjectively shorter than the same delay with dead silence (Brennan & Williams, 1995). And when speakers elongate words midutterance, they also create an illusion of continuity. Replace the elongation by a pause equal to the added time, and the result sounds more disrupted. The continuity principle appears to lie behind many features of spontaneous speech.”

“(…) uma solução estruturada para um par de problemas comuns: como falar de forma continuada e ainda, suave”²².

Outro estudo (CLARK & FOX TREE, 2002) descreve as realizações fonéticas na produção do artigo definido, em inglês, *the*, divididas em duas formas, uma em que a vogal é reduzida, e outra em que a vogal não se reduz. Da observância de suas ocorrências em um grande *corpus* em língua inglesa, os autores concluem que o artigo produzido com vogal não reduzida aparece na grande maioria dos casos em que há suspensão da fala (mais precisamente em 81% deles). Somente em 7% dos casos em que o artigo fora produzido com vogal reduzida houve suspensão. A descoberta de que os falantes escolhem entre uma ou outra forma da língua tendo em vista a projeção que fazem de sua própria produção mostra o quanto estão atentos a ela. Além disso, como também apontado pelos autores, através dessa escolha os falantes podem assinalar que uma suspensão de fala está próxima.

Os trabalhos de Shriberg (1994, 1995) se aproximam dos trabalhos de Clark no que tange ao interesse específico de compreender repetições características do discurso chamado disfluyente. Essas repetições são chamadas pela autora de *repetições disfluentes*. Para Shriberg (1995), dentre as variadas funções da repetição estão aquelas que servem como preenchedoras, no caso em que o falante hesita, e há aquelas que servem para “conectar uma brecha quando a fala recomeça depois de uma pausa”²³. Em ambos os casos, as repetições poderiam ter a seguinte forma:

(05) (SHRIBERG, op.cit.)

in the the Senate

R1 R2 Continuation

²² “(…) a tidy solution to a pair of common problems: how to speak in a timely fashion and yet how to speak smoothly. Repeating a word deserves our respect as an efficient and effective way of dealing with these problems.” (p. 238)

²³ “(…) bridge a gap when speech resumes after a break”

Seus estudos se voltam para a análise fonética de dados de fala espontânea; no caso específico do estudo de 1995, a autora perscruta as ocorrências de auto-repetição como exemplificado em (5), com base em uma primeira classificação de Heike (1981), em casos que apresentam ou não pausa antes da segunda repetição (ou R2). Casos em que a R2 é seguida de uma pausa foram chamados de repetições prospectivas, enquanto casos em que a R2 é precedida por uma pausa foram chamados de repetições retrospectivas. A pergunta principal da autora está em se há outras características (além das pausas não preenchidas) que diferenciam os dois tipos de repetição já sugeridos por Heike (op.cit.). Entre as perguntas secundárias do estudo está a diferença na duração de R1 e de R2: R1 seria alongada ou R2 seria encurtada?

As propriedades estudadas por Shriberg (1995) são a duração e a frequência fundamental. Para avaliar a duração de R1 e R2, a autora comparou a duração desses segmentos com segmentos não repetidos e concluiu que R1 é alongado e R2 tem características semelhantes a dos segmentos produzidos no ritmo corrente dos falantes. Os resultados apontam para uma maioria de casos de repetições em que não há pausa entre R2 e o nome produzido na sequência. Além disso, a análise de F0 e da duração das repetições é consistente com a classificação realizada com base nas pausas, ou seja, de que há repetições que ora funcionam como prolongadoras ora como conectoras.

Entre os autores que já estudaram as questões prosódicas relacionadas à repetição está Couper-Kuhlen (1996). Em ensaio que relaciona a repetição verbal e a manipulação de *pitch* na construção de imitações e discurso direto, Couper-Kuhlen (op.cit.) sugere a importância dessas ocorrências na construção do sentido nas narrativas orais. A autora afirma que somente através da manipulação de F0 pelo falante se constata que a repetição é uma imitação da fala de outro sujeito. De acordo com a autora (COUPER-KUHLEN, op.cit., p. 401), os falantes “(...) utilizam esse tipo de repetição prosódica junto com um alto

grau de repetição verbal para imitar e, ao mesmo tempo, comentar criticamente outro falante.”²⁴.

Em sendo compreendida como uma atividade de reformulação textual, a repetição é inúmeras vezes colocada lado a lado com a paráfrase e a correção (ou reparo). Segundo Hilgert (1989, 1993, 2006), os fenômenos de reformulação poderiam ser alocados em um *continuum* que vai da infirmação, passando pela retificação, pela paráfrase, pela quase-repetição, chegando, por fim, à repetição.

Para Hilgert (1989), as atividades de reformulação são procedimentos usados para a resolução de problemas. Este trabalho está de acordo, porém, com Koch & Souza e Silva (2006) que, ao analisarem diferentes casos de paráfrase, concluem que as mesmas não são produzidas com o intuito exclusivo de corrigir algum problema. Para as autoras, as atividades de reformulação muitas vezes desempenham função argumentativa, retórica e até mesmo didática no desenrolar do texto. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, entende-se aqui que as repetições podem exercer a função de reparo e, em boa parte dos trabalhos que o analisam, ela é tida unicamente como uma de suas realizações. Compreende-se, porém, que a repetição exerce funções que não se afiliam unicamente ao reparo, como já sugerido pelos diversos trabalhos apresentados anteriormente. Por isso, no presente trabalho optamos pelo uso do termo repetição - ao invés de reparo - para destacar que nem toda repetição é reparo, e em favor da abrangência de sua classificação e função.

Discussões sobre a definição de reparo são feitas de forma alongada dentro do campo da Análise da Conversação (por exemplo, SACKS et al, 1974; SCHEGLOFF, JEFFERSON & SACKS, 1977; SCHEGLOFF, 1979; GOODWIN, 2003). Como já assinalou Hebling (2009), tais trabalhos abriram espaço para uma produtiva discussão sobre a realidade da correção e do reparo em dados conversacionais envolvendo sujeitos afásicos (LUBINSKI, 1980; FERGUSON, 1991, 1994; GOODWIN, 2003; PERKINS, 2003;

²⁴ “(...) use this kind of prosodic repetition together with a high degree of verbal repetition to imitate, and at the same time critically comment on, another speaker.”

LAAKSO, 2003; OELSCHLAEGER e DAMICO, 2003; WILKINSON, 2007; GONZALEZ, 2004).

Dando sequência à apresentação de trabalhos que, ao discutirem o reparo, acabam tocando no tema da repetição, nas próximas linhas são descritos trabalhos que, tendo avaliado o reparo em Português Brasileiro a partir de uma perspectiva conversacional, acabam por também discutir o papel da repetição na fala espontânea. Um desses trabalhos é o que foi desenvolvido por Barbosa (2003), a partir dos preceitos da Análise da Conversação de origem americana (SCHEGLOFF, JEFFERSON & SACKS, 1977; SCHEGLOFF, 1979). Na Tese de Doutorado que discute o reparo em conversas telefônicas em Português Brasileiro, a autora apresenta uma revisão dos trabalhos desenvolvidos no interior do projeto *Gramática do Português Falado*, em especial o estudo de Marcuschi (1996), por dar enfoque ao fenômeno da repetição. A autora inclui a repetição entre as possíveis formas de reparo e analisa dados de fala semi-espontânea produzidos a partir de ligações para um Call Center.

A autora aponta o papel da especificidade do contexto na recorrência das diferentes formas de procedimento no reparo. O contexto é tido como forma impactante tanto no processo interativo quanto na produção de sentidos. Cabe ressaltar, porém, o caráter bastante diferenciado desse estudo: a autora está lidando com dados de atendimento, que apresentaram um formato distinto em comparação com o formato da correção em uma conversa cotidiana. Dentro dessa perspectiva, a autora (BARBOSA, 2003, p.189), que distingue retificações das infirmações, tratando as primeiras como correções e as segundas como correções parafrásticas, ou paráfrases saneadoras, afirma que:

(...) um procedimento de reparo exhibe um traço da interação em Call Center que distancia as trocas ali efetuadas daquelas que reconhecemos como "conversa". Nessas interações, tem-se um falante, o atendente, destituído de sua subjetividade, que executa ações não sendo ele próprio. A fala scriptada do atendente, seus procedimentos de (re)formulação, nesses episódios, revelam o caráter de representação que caracteriza sua participação no evento.

A atuação rigorosamente cerceada pelo script assume traços de um monólogo, de uma fala às vezes pouco sensível à presença do outro e à sua participação e, contraditoriamente, comprometida com a construção de uma imagem da competência e eficiência do atendimento.

Dado esse novo cenário que se configura em seus dados, a autora (BARBOSA, 2003, p. 189) distingue então aquilo que se entende por *conversa* e a “(...) a forma de fala-em-interação que se manifesta nesses cenários.”. Ao listar as diferentes formas e funções do reparo na fala e trazer também as formas próprias produzidas em *Call Center* para a discussão, a autora (BARBOSA, op.cit., p. 190) aponta que

Reparos são operados em situações que envolvem o ajustamento da compreensão, mas são também operações bastante eficientes em situações de averiguação e certificação da informação e também incidentes em situações de questionamento de sua credibilidade. Operações de reparo podem, ainda, estar associadas a situações de não-colaboração, contrariando a compreensão do fenômeno como sendo uma ação essencialmente focada no ajustamento da intersubjetividade e da interatividade.

Barbosa (op.cit.) finaliza seu texto afirmando que o estudo das formas de reparo em situação de atendimento de *Call Center* foram importantes não só para reconhecer as distintas possibilidades de uso das formas de reparo, como também permitiu, de forma mais latente, compreender o contexto institucional em foco em sua pesquisa.

Em texto que discute o reparo em terceira posição em português brasileiro, Loder, Gonzalez & Garcez (2002, p.120) apontam que o estudo do reparo é levado a cabo não somente para explicitar como o sistema funciona em português brasileiro - e mostrar então as semelhanças e diferenças com outras línguas - mas especialmente para demonstrar que o reparo está presente na fala cotidiana e é empregado “(...) como um recurso do qual os integrantes lançam mão para resolver um mal-entendido, ou seja, detectar e resolver ameaças à intersubjetividade que é requerida para as suas ações conjuntas.”

Dentre os vários trabalhos em língua inglesa que tentam dar conta do reparo, interessa-nos especificamente o estudo de Curl (2002), em que a autora realiza uma análise fonética detalhada de sua ocorrência em turnos de fala. Em sua tese de doutoramento, a autora investiga a interrelação entre a estrutura fonética e a organização da fala na interação. O estudo examina a repetição lexical em reparos iniciados pelo interlocutor e, a partir de uma análise fonética detalhada, a autora conclui que as diferenças sistemáticas encontradas na realização fonética das repetições estudadas co-ocorrem não só com diferenças nas propriedades dos turnos de fala como também com a relevância sequencial da produção original.

Ao perscrutar a repetição sob o ponto de vista da Fonética, a autora observa uma diferença sistemática nas ocorrências em que 1) a repetição expande a frequência fundamental, a duração e a amplitude ou mesmo modifica características articulatórias frente ao original, e 2) a repetição mantém ou reduz o intervalo desses recursos frente ao original. Para a autora (CURL, 2004), o olhar detalhado sobre as características fonéticas da produção levam à conclusão de que esses padrões “(...) são usados sistematicamente para mostrar se um reparador trata a fonte de problema como encaixada à fala anterior ou desconectada dela.”²⁵. A dissertação de Curl confirma a importância de uma análise fonética detalhada para uma melhor compreensão da fala em interação.

Nos casos abordados anteriormente, seja com enfoque no reparo, seja com enfoque na repetição, é comum a afirmação de que tais atividades são constitutivas, integrantes da linguagem, sendo fundamentais para a própria manutenção da interação. A repetição é um tema bastante amplo, discutido por autores desde a Linguística Textual até a Linguística Interacional e a Análise da Conversação. Os autores apresentados até o momento discutem diferentes formas de repetição, com enfoque em repetições de diferentes unidades da língua. Esses trabalhos levam a uma reflexão importante sobre o complexo conjunto de repetições passíveis de distintas funções na língua.

²⁵ “(...) are used systematically to display whether the repairer is treating the trouble source as fitted to prior talk or as disjunct from it.”

Os estudos de Marcuschi, Tannen e Clark se dedicam de forma integral ao papel da repetição na fala. O que nos afilia a esses autores, para além do interesse pela repetição, é a premissa básica da metodologia de trabalho, que se constitui de análises realizadas com base na produção efetiva da linguagem, ou seja, em atividades interativas de produção verbal.

Dos trabalhos citados até o presente momento, conclui-se que a repetição deve ser compreendida como um fenômeno amplo e, como tal, suas diferenças devem ser reconhecidas e diferentemente estudadas. A divisão básica entre auto e hetero-repetições já postula essa primeira diferença, que determinará outras: enquanto as hetero-repetições podem indicar, por exemplo, um problema de compreensão da fala do interlocutor, a concordância com o que vem sendo dito ou a abertura e o fechamento de uma conversa, as auto-repetições podem auxiliar no planejamento da fala, na manutenção do turno, além de poder facilitar a compreensão da própria fala pelo interlocutor, enfatizar determinada situação ou determinar a construção de *frames*. Assim, as repetições podem ser empregadas como um recurso retórico, intensificando a qualidade daquilo sobre o qual se fala, por exemplo; como um recurso coesivo, ao conectar diferentes partes de uma conversa; além de poder causar diferentes efeitos em uma dada interação, seja ele de ênfase, de continuidade, de iteração, de frequência (KOCH, 1997).

A amplitude do fenômeno se apresenta também por sua ocorrência não só na fala adulta, como também na fala infantil. O estudo da repetição na fala infantil é tido como a fonte mais rica de análise deste fenômeno. A repetição seria, na e direcionada à criança, uma maneira de criar categorias, além de ser uma maneira de criar sentidos a novas formas a partir de estruturas já conhecidas.

Para Barboza (2008), a repetição na fala infantil tem como finalidade garantir a progressão temática, a interação e a coesão dos enunciados, estruturando assim o discurso infantil. Para a autora, desde as primeiras etapas da aquisição, a repetição será fundamental não só para a aquisição da linguagem, como também para a socialização da criança. O que nos interessa no trabalho dessa autora é o uso da repetição como “apoio para preencher

pausas”. Assim como nos adultos - de fala patológica ou não - as crianças utilizam a repetição como um apoio, uma marca de *hesitação* na produção *online*.

Ramos (2008) é mais uma autora que avalia casos de repetição na fala infantil. Em seu trabalho, as repetições avaliadas são também entendidas como formas de hesitação, em conjunto com marcadores lexicais - *uhm* e *ahm* - e pausas e alongamentos. Não se deve relacionar a repetição, porém, unicamente à hesitação. O fenômeno, como já ressaltado anteriormente, é bastante rico, e suas funções também diferenciadas, como já atestado por diferentes autores aqui apresentados.

1.2 Investigações sobre a hesitação

Não foi por acaso que se deu a inserção da hesitação na descrição aqui apresentada. Na interseção da definição desses dois fenômenos está o interesse deste trabalho, visto que repetição e hesitação são dois fenômenos inúmeras vezes descritos conjuntamente, dentro e fora dos estudos de Linguística. Um exemplo dessa afiliação está na descrição do termo de acordo com o *Dictionary of Linguistics and Phonetics*, de David Crystal (1997):

(...) o sentido geral do termo é usado em Linguística, especialmente em Psicolinguística, onde o fenômeno é subclassificado em tipos e o significado de ‘fenômenos de hesitação’ em termos de processamento da linguagem é discutido. Tipos de hesitação incluem silêncio, pausas preenchidas (como em Inglês *er*, e em Japonês *ano*), sílabas alongadas (como *we-e-ll*, em Inglês), repetições(*the-the-the-thing*), e assim por diante. De modo algum a distribuição desses traços é aleatória na fala, o que levantou a hipótese de que eles ocorrem em pontos onde o falante planeja novas elocuições. Com base na extensão com que as hesitações coincidem com fronteiras entre constituintes gramaticais, semânticos, etc, surgiu a hipótese de que possa haver mais de um

nível de planejamento (ou seja, sintático, semântico, interacional) na produção da fala.²⁶

Na definição proposta pelo autor, destacam-se os aspectos que são, para este trabalho, centrais na discussão do fenômeno e na compreensão de seu surgimento em contextos considerados próprios da fala afásica, a saber, o fato de que a hesitação se expressa a partir de repetições (e também pausas e alongamentos), constantemente empregados na fala patológica e que determinam, muitas vezes, a definição da produção afásica. Além disso, o autor destaca o ponto de ocorrência das hesitações, o que aqui também será destacado, haja vista a relação entre os aspectos prosódicos e os movimentos de retração e projeção na produção da hesitação nos sujeitos analisados nesta Tese.

Para apontar como o fenômeno tem sido estudado na literatura, escolhemos dar início à discussão através da descrição do trabalho de Marcuschi, que exerce, como já dito, grande influência sobre os estudos dos fenômenos de fala em língua portuguesa: o autor também é o precursor dos estudos de hesitação no Brasil. Para Marcuschi (1999, p. 160), “Produzida tanto no nível suprasegmental (pela prosódia) como no nível segmental (com elementos formais da língua), a hesitação é a presença de atividades discursivas na materialidade linguística, evidenciada numa transcrição fiel da fala”. De acordo com o autor:

analisar a língua é analisar também usos, adota-se aqui a posição de que a *hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante*. Embora não se possa defender que a hesitação tenha funções tais como outros aspectos da oralidade, pode-se dizer que

²⁶ “(...) the general sense of this term is used in LINGUISTICS, and especially in PSYCHOLINGUISTICS, where the phenomenon is subclassified into types, and the significance of ‘hesitation phenomena’ in terms of LANGUAGE-processing is discussed. Types of hesitation include silence, FILLED PAUSES (e.g. er, Japanese ano), elongated syllables (e.g. we-e-ll), repetitions (e.g. the-the-thing), and so on. The DISTRIBUTION of these features is by no means random in speech, and it has been hypothesized that they occur at points where the speaker is planning new UTTERANCES. Based on the extent to which hesitations coincide with boundaries between GRAMMATICAL, SEMANTIC, etc. CONSTITUENTS, the possibility has emerged that there may be more than one level of planning (e.g. syntactic, semantic, interactional) in SPEECH PRODUCTION.

ela desempenha papéis importantes na fala: papéis formais, cognitivos e interacionais. É uma atividade textual-discursiva que atua no plano do processamento e não no da formulação textual (MARCUSCHI, 2006:48).

A hesitação interrompe o texto que se está a produzir, mas a interrupção não gera uma disfluência, no sentido de falta de coesão com o texto que segue e que passou. Para Marcuschi (1999, p. 190), a hesitação está, ao contrário, incorporada ao texto:

(...) será possível distinguir entre a linearização material do texto e a continuidade discursiva? Suponhamos que sim. Neste caso, a hesitação seria um aspecto descontinuador da materialidade textual, mas não do discurso, ou seja, da produção de sentidos como tal.

De acordo com Marcuschi (2006), as hesitações se manifestam através de recursos prosódicos, como os alongamentos vocálicos e as pausas; através de expressões chamadas de hesitativas, como *ah, éh, ahn, hum*; da ocorrência de fragmentos lexicais, i.é, palavras iniciadas e não concluídas; ou mesmo através dos chamados marcadores conversacionais acumulados, como *sei lá, quer dizer, sabe*. As hesitações se manifestariam majoritariamente em itens funcionais, ou seja, em artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação, mas também em itens lexicais, ou seja, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, através dos fenômenos prosódicos supracitados e/ou de trechos fragmentados do discurso, como palavras que são iniciadas, mas não são concluídas. O autor acentua, no entanto, que tais elementos não constituem uma tipologia das hesitações, ao invés disso, “são apenas as diversas marcas empíricas de sua manifestação.” (Marcuschi, 1999, p.164).

Dentre as características básicas da hesitação, o autor destaca que:

1. nem todo alongamento vocálico é uma hesitação. O autor aponta que muitos casos de alongamentos são, na verdade, coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas (Marcuschi, 1999, p. 165)

2. nem toda pausa é hesitativa;
3. as hesitações são, em sua maioria, produzidas através de itens funcionais. Para o autor, este fato revela os “momentos críticos” da produção sintagmática.
4. alguns sons têm preferência na produção da hesitação. Marcuschi (1999, p.166) considera que:

Esses marcadores parecem representar sons de alta frequência no Português e certamente são especializados como hesitativos. Outras línguas também têm seus sons preferenciais e é comum identificarmos um alemão, um americano ou um francês por suas hesitações quando falam Português, mesmo que com grande perfeição.

O autor sustenta que o fenômeno é revelador na medida em que aponta as estratégias de resolução de problemas utilizadas pelos falantes ao longo do processamento da fala. Para o autor, essa característica da hesitação revela que ela é um fenômeno de processamento.

Essa é a questão apresentada por Nascimento & Chacon (2006). Em um estudo comparativo da conversa de um sujeito com doença de Parkinson e um sujeito sem queixas de problemas de fala, os autores (NASCIMENTO & CHACON, op.cit., p. 61) propõem “(...) levantar mais argumentos a favor da hipótese de que as hesitações não se reduziriam a marcas linguísticas, mas antes, se caracterizariam como um processo (marcado linguisticamente) de natureza enunciativo-discursiva.”.

Um problema importante quando se trata de processamento da linguagem e, mais imediatamente, do ato da produção, é a questão da intencionalidade. Nas palavras de Marcuschi (1999, p. 190),

(...) - qual grau de consciência do falante quando age com a linguagem? Será que no caso específico da hesitação pode-se falar em intenção? Tudo indica que não, pois isso conduziria a uma

intencionalidade permanente, o que, ao meu ver, é um caso insolúvel e sobretudo incontrolável.

Em conjunto com essa reflexão, Marcuschi (1999, p. 190) põe em questão o fenômeno do monitoramento da língua: “(...) será que os falantes se monitoram o tempo todo? Isto recoloca, sob uma nova roupagem, o problema anterior da consciência do uso da linguagem.”. Estão aqui em questão dois elementos, a intencionalidade da produção e seu monitoramento, que geram até hoje discussões dentro e fora do campo da Linguística.

Dos estudos de Jefferson (1974), Clark & Wasow (1998) e Fox Tree & Clark (1997), Clark & Fox Tree (2002), depreende-se, porém, que os falantes parecem ter, no mínimo, certo controle sobre aquilo que está sendo dito. No caso de Clark & Wasow (1998), quando os falantes estão pensando as respostas para perguntas factuais, *um* será produzido quando o *delay* que antecede a resposta for longo e *uh* é empregado quando o *delay* é curto.

Muitos dos estudos sobre hesitação estão ligados ao estudo da fala dita disfluente (vide, por exemplo, SHRIBERG (1994), CORLEY & STEWART (2008)). Há um grande interesse da literatura internacional por fenômenos de repetição de palavras funcionais como o artigo (JEFFERSON, 1974; FOX TREE & CLARK, 1997, CLARK & WASOW, 1998) ou ainda pelos marcadores hesitativos mais comuns em inglês, a saber, *uhm* e *um* (CORLEY & STEWART, 2008; CORLEY et al., 2007; ARNOLD et al., 2004; FOX TREE, 2001; BRENNAN & SCHOBBER, 2001).

Corley et al. (2007), Arnold et al. (2004) e Brennan & Schober (2001) têm foco na influência das hesitações para a compreensão da linguagem. Uma das características que aproxima os três estudos está na aplicação de testes de compreensão para analisar os efeitos da hesitação na compreensão de linguagem dos participantes.

Entre os achados interessantes em Brennan & Schober (op.cit.), embora os interlocutores pareçam preferir um discurso fluente (Brennan & Schober, op.cit.), a ocorrência das chamadas disfluências é prevista e acaba por compensar contratempos na fala. Para aquilo que é interessante aos propósitos desta Tese, se as chamadas disfluências

são de alguma maneira previstas na fala, pode-se concluir que elas também podem ser produtivas na fala afásica, e não exclusivamente na fala não-afásica.

Em todos os experimentos realizados pelos autores (BRENNAN & SCHOBER, 2001) em que os ouvintes deveriam reagir diante de diferentes afirmações, os participantes responderam mais rapidamente a palavras chaves depois de disfluências que tiveram intervalos de edição maiores, como em *Vá para o quadrado ro- uh amarelo*²⁷, do que nos casos em que as disfluências não aconteciam, como em *Vá para o quadrado amarelo*²⁸. De acordo com os autores, os resultados mostram que há informações nas disfluências que compensam qualquer interrupção no processamento.

De forma complementar às conclusões de Brennan & Schober (2001), Corley et al. (2007) afirmam que a hesitação afeta a forma através da qual os interlocutores processam a fala. Para os autores, essas mudanças têm consequências a longo prazo para a representação da mensagem; no estudo (CORLEY et al, op.cit. p.2), palavras seguidas de marcadores hesitativos “(...) estavam mais suscetíveis à lembrança”²⁹ pelos participantes do estudo, quando foram confrontados com um teste de memória surpresa que se seguiu à realização do teste.

Mesmo que os resultados desses estudos sejam promissores no que tange à relevância da hesitação no processamento da linguagem, o que não se deve perder de vista é a metodologia empregada na realização dos testes de compreensão: através da apresentação de pedidos produzidos “de forma natural” e/ou do monitoramento - através de *eye tracking* - da escolha de imagens sugeridas depois da ocorrência ou não de disfluências, as condições de produção da linguagem não representam situações naturais de interlocução, em que diferentes fatores atuam em conjunto, como o acompanhamento do tópico discursivo, a familiaridade com o tópico e o interlocutor, as expectativas diante da produção, as influências de diferentes formas de disfluência sobre a continuidade da

²⁷ Move to the pur- uh yellow square.

²⁸ Move to the yellow square,

²⁹ “(...) were more likely to be remembered”

produção dos turnos de fala. Esses elementos certamente exercem seu papel sob a compreensão da linguagem, mas, do ponto de vista metodológico, dificilmente podem ser controlados e discretizados em um experimento psicolinguístico, como os realizados pelos estudos descritos anteriormente. Ainda assim, Corley et al. (op.cit., p. 05) procuram encontrar “(...) uma situação que é um análogo próximo da compreensão cotidiana da linguagem”³⁰.

Por último, é preciso lembrar que, se repetição e reparo são fenômenos que caminham juntos nas descrições da literatura, hesitação e reparo formarão também um par: Marcuschi (1999) já apontava em seu texto para a linha tênue que separa a hesitação do reparo, em casos de fragmentos lexicais não concluídos. Para o autor, uma hesitação desse tipo operaria como o prenúncio de uma correção, mas não como a correção ela mesma. Se a hesitação tem esse caráter, ela funcionaria como projetora do reparo, desencadeando uma expectativa no interlocutor que acompanha a conversa. É essa característica das hesitações que nos chama atenção aqui: como os aspectos fonético-fonológicos computados à hesitação se articulam à repetição na construção do texto cotidiano? Como estes elementos aparecem, conjuntamente, na fala afásica e que função exercem? Como eles modificam a fala dos sujeitos - para facilitar ou dificultar seu desencadeamento - em sua produção cotidiana?

1.3 Investigações sobre repetição e hesitação na fala patológica: o caso da afasia

Enquanto os estudos da área da linguística socio-interacional afirmam que “(...) as conversas que constituem nossos universos sociais são preenchidas de repetições”³¹ (Gordon, 2009, p.7), enfatizando assim seu papel nos diálogos produzidos cotidianamente, nas pesquisas tradicionais de fala afásica as repetições aparecem como um dos principais critérios de avaliação de déficit linguístico, embora muitos estudos sobre as afasias

³⁰ “(...) a situation which is a close analogue to everyday language comprehension.

³¹ “(...) the conversations that make up our social worlds are filled with repetition.”

desenvolvidos sob um enfoque interacional apontem, descrevam e analisem sua recorrência na fala em interação.

Para Caplan (1987), por exemplo, os afásicos ou não repetem ou o fazem de forma alterada, a depender dos processos neuropsicológicos e neurolinguísticos afetados. Ao descrever as diferenças entre a afasia de Broca e de Wernicke, Caplan (1987) afirma que a repetição e a fala espontânea se encontram comprometidas em ambos os casos, ao mesmo tempo confirmando a repetição como um critério de avaliação da produção e colocando-a como um critério à parte do critério “fala espontânea”.

Todavia, receber esse *status* de primordialidade na avaliação da fala afásica não implica garantia de avaliação detalhada de sua relevância para a fala do sujeito afásico. Pelo contrário: por ser entendido como determinante na caracterização da produção patológica, a marginalização de sua função é característica marcante.

Em testes de avaliação da fala afásica, a repetição de palavras é um dos critérios pontuados, como sugerido acima. Leal & Martins (2005, p. 362) apresentam como procedem na aplicação da parte do teste referente à repetição, indicando inclusive a falta de complexidade - de acordo com os autores - na aplicação dessa tarefa:

Alguns doentes tendem a repetir compulsivamente tudo o que o examinador diz; por exemplo, quando se lhe pergunta ‘Como é que se chama?’, o doente responde repetindo a frase ou o seu final (‘se chama’) - a este fenômeno chama-se ecolália e é frequente verificar-se nas Afasias Transcorticais.

Como na citação anterior, em que a repetição do sujeito não é apresentada de forma contextualizada, na descrição das repetições, o contexto de produção da repetição é escassamente descrito, as sequências que acompanham e antecedem a repetição não são incluídas. O que se sabe, em boa parte das descrições de repetição e hesitação em fala afásica, é que são produzidas a partir de bateria de testes. Além disso, uma distinção importante para a caracterização da hesitação, entre auto e hetero-repetições, é tampouco levada em conta pelos trabalhos que lidam com hesitação. Essas características já indicam

que não há espaço para a interlocução e para a ampliação da atividade verbal na pesquisa clínica tradicional.

Contudo, ao lado de pesquisas que descrevem a repetição apenas negativamente, tem sido cada vez mais frequente encontrar trabalhos como os de Goodwin (2000, 2002), que dedicam parte de seus esforços à compreensão dos processos adaptativos de comunicação pelo qual passam sujeitos afásicos³².

A partir de dados extraídos de conversas familiares com seu próprio pai, afásico, Charles Goodwin, um dos expoentes da Análise da Conversação americana, descreve as atividades em que está envolvido seu pai e como ele se organiza para ser compreendido por seus interlocutores. Gestos e alterações prosódicas são descritos como os grandes trunfos na adaptação deste sujeito à sua nova condição. A repetição é utilizada ao longo de toda a produção, dado que um conjunto bastante reduzido de vocábulos é usado por ele em suas atividades comunicativas.

Do ponto de vista metodológico, poderia-se questionar a validade da análise desses dados familiares, dado o envolvimento dos sujeitos que participam da pesquisa e o conseqüente desejo de buscar sentido na fala de seu pai, o sujeito afásico. Porém, ao mesmo tempo que se pode analisar com ponderação as conclusões a que chega o autor sobre o caso em questão - dado o risco de uma “superinterpretação” -, as gravações ocorrem em ambiente natural, o que nos leva a outro patamar de análise de dados de afasia, em contraposição à metodologia corrente na análise da fala afásica, em que o sujeito é exposto a um conjunto de perguntas que devem ser respondidas, deflagrando aí, entre outros aspectos, a desigualdade de papéis a que estão expostos os sujeitos afásicos na avaliação de sua condição.

Seguindo a metodologia de coleta de dados em contexto familiar, Bauer (2008) analisa dados obtidos de diferentes famílias, que tinham à disposição uma câmera de vídeo

³² Exemplos de estudos voltados para a compreensão de diferentes fenômenos da fala afásica em contextos de interação podem ser vistos em Morato *et alli* (2005, 2008 (projetos fapesp 2 e 3), 2005, 2007 (projetos CNPq 1 e 2); Morato 2010a; Bassi, 2005, Tagliaferre (2008); Hebling (2009), Heeschen & Schegloff (1999), Lind (2005, 2007), Auer & Rönfeldt (2004), Klippi (2005), Lindsay & Wilkinson (1999).

e eram instruídos a gravar cenas cotidianas que seriam posteriormente entregues à pesquisadora. As famílias escolhidas não eram familiares da autora e ela não interferiu nas interações gravadas pelas famílias, tampouco na escolha das cenas a serem gravadas pelos familiares. O objetivo da autora é observar a participação dos familiares na produção do sentido em conversas cotidianas. Dentre os variados aspectos discutidos por Bauer (2008), está o papel das auto e hetero-repetições na fala dos sujeitos afásicos, dada sua ocorrência recorrente.

De acordo com a autora (BAUER, op.cit., p.87), assim como em sujeitos não afásicos, a repetição será utilizada em diferentes ambientes. Através da auto-repetição de trechos anteriores da fala, é possível reutilizar uma construção, dando novo uso (e sentido?) a ela:

O contexto imediato pode ser também utilizado como material para a construção do trecho seguinte. Isso acontece, por exemplo, quando interlocutores fazem uso de elementos ou construções de produção precedente através de repetição e a utilizam afiliada ao seu próprio turno. Nesses casos, a relação do trecho seguinte se estabelecerá não só através de projeção do trecho já produzido, como também o inverso.³³

A hetero-repetição será também utilizada pelos sujeitos afásicos estudados pela autora como um recurso de concordância com o tópico em desenvolvimento, no lugar de um *sim* ou um gesto afirmativo com a cabeça, por exemplo. Além disso, e o que é ainda mais importante para o caso do estudo com sujeitos afásicos, a autora afirma que a auto-repetição será empregada como uma técnica de desbloqueio, como já havia sido sugerido por Holland (1982). Bauer (op.cit.) afirma que a auto-repetição, assim como já sugerido para a fala não patológica, funciona também como uma estratégia para se ganhar tempo. A

³³ “Der unmittelbare Kontext kann auch als Material für die Konstruktion des nachfolgenden Beitrages genutzt werden. Dies geschieht z.B., wenn Gesprächspartner Elemente oder Konstruktionen aus der vorausgehenden Äußerung durch Wiederholung aufnehmen und ihnen im Anschluss eine eigene Wendung geben (vgl. Szczepek 2000b:21-25). In diesen Fällen wird die Beziehung des nachfolgenden Beitrages nicht nur durch die Projektionen des vorausgehenden Beitrages bestimmt, sondern auch umgekehrt.”

autora descreve que o sujeito produziria uma vez mais a frase até antes da palavra alvo, muitas vezes com o artigo declinado (no caso do alemão) já incluso.

Ao descrever as diferentes ocorrências linguísticas na fala dos sujeitos afásicos, a autora questiona em que sentido se pode dizer que os chamados ‘sintomas’ (como o agramatismo e as repetições lexicais) são mesmo uma expressão do dano cognitivo ou se seriam melhor explicados como formas linguístico-interativas adaptativas.

Essa ideia já havia sido inicialmente explorada por Butterworth (1979), em estudo sobre a relação entre a hesitação e a produção de parafasias e neologismos na afasia. Para o autor (BUTTERWORTH, op.cit., p.154), em momentos de hesitação, o uso dos circunlóquios, por exemplo, poderia se mostrar uma estratégia adaptativa importante para o sujeito afásico:

(...) é plausível explicar os circunlóquios característicos do jargonofásico em termos de uma adaptação estratégica à dificuldade de encontrar palavras. Se itens de baixa frequência estão relativamente indisponíveis, uma forma de compensar isso seria usar um item de alta frequência que se encaixa à especificação semântica, ou usar uma combinação de itens de alta frequência que deve se encaixar melhor que um único item.³⁴

Butterworth (op.cit., p. 141) reconhece também que há atividades inerentes ao processo de construção da fala e que, por isso, deve-se tomar cuidado ao discriminar fenômenos que seriam decorrentes de um quadro afásico de fenômenos que seriam decorrentes da produção dita *normal*:

Altos níveis de correção devem ser diferenciados de repetições em que o falante começa um constituinte gramatical e então dá início a ele uma vez mais repetindo todos os itens prévios. No caso de K.C.,

³⁴ “(...) it is plausible to explain the characteristic circumlocutions of the jargon aphasic in terms of a strategic adaptation to a word-finding difficulty. If low-frequency items are relatively unavailable, one way of compensating for this would be to use a high-frequency item which does not fit the semantic specification as completely, or to use a combination of high-frequency items which may fit better than a single item.”

foi preciso ter atenção para garantir que essas categorias não fossem confundidas com as características afásicas da fala dele.³⁵

Como resultados mais importantes de seu estudo, têm-se: 1) em casos de constituintes nominais, o número de neologismos que vêm acompanhados de pausas foi significativamente maior que os casos de nomes “reais”; 2) o *delay* médio antes da produção de parafasias foi consideravelmente menor do que no caso dos neologismos e os neologismos fonologicamente relacionados à palavra chave apresentaram um *delay* médio bastante menor que os neologismos relacionados a outros neologismos.

O estudo de Helasvuo et al. (2004) tem relação com os trabalhos que entendem que uma análise efetiva da fala dos sujeitos deve se dar a partir de dados de fala espontânea. Helasvuo et al. (op.cit.) analisam a busca por palavras em interações face-a-face entre sujeitos afásicos e não afásicos com o intuito de entender como as buscas se realizam na produção afásica em termos sintáticos e interacionais. Os dados foram extraídos de sessões de terapia de fala e em contexto familiar. Além de avaliar as construções sintáticas empregadas no processo de busca por palavras e os contextos em que aparecem, as autoras analisam ainda os gestos empreendidos pelos sujeitos no processo de construção do sentido.

As autoras constataam que a auto-repetição de partes de estruturas nominais, como o artigo em um NP, é usada como pista para indicar “em que pé” está a busca iniciada pelo sujeito afásico, projetando através dos modificadores não só a busca pelo nome, como também seu gênero e número. Helasvuo et al. (op.cit., p.31) concluem então que

(...) afásicos fluentes se adaptam ao seu comprometimento linguístico através do uso de certos tipos de construção sintáticas recorrentes quando explicitamente procuram palavras. Essas construções oferecem pistas aos interlocutores sobre o estado da busca em curso. A construção de busca projeta um item sintaticamente (por exemplo, se é um nome ou um verbo, e, se for

³⁵ “High level amendments (HLAs) are to be distinguished from ‘repeats’, where the speaker begins a grammatical constituent, and then begins it again repeating all the previous items. In the case of K.C., care had to be taken to ensure that these categories were not confused with the aphasic characteristics of his speech.”

um nome, qual seu caso e número). Ao variar o tipo de construção, o falante deve, por exemplo, definir o item em *frames* sintáticos e lexicais diferentes, oferecendo assim ao seu interlocutor informação sobre qual palavra parece estar sendo procurada.³⁶

O estudo de Helasvuo et al. (2004) vem acrescentar positivamente às ideias desenvolvidas no percurso da presente Tese, dado que as projeções previstas na produção de NPs em casos de hesitação serão aqui estudadas e seu valor como pista de contextualização será discutido. Nesse sentido, junta-se a esse trabalho o estudo de Lind (2007), em que se discute o papel de elementos linguísticos como pistas de contextualização em diferentes contextos na fala afásica.

A partir da análise de respostas curtas, do tipo “sim” e “não”, produzidas em contextos de interação, Lind (op.cit.) avalia as pistas prosódicas ocorridas nesse tipo de resposta, o que a levou à conclusão de que mudanças de *pitch* em respostas fechadas “sim” ou “não” indicavam pistas de contextualização: uma resposta curta, sem alongamentos vocálicos ou mudanças de *pitch* sugeria decisão do afásico quanto à resposta, enquanto respostas alongadas, com movimento de *pitch* e possíveis pausas mostravam indecisão do afásico.

Quanto à função da repetição na fala afásica, deve-se destacar um último apontamento sobre o trabalho de Bauer (2008). Ao analisar dados que contêm repetição, a autora afirma que o fenômeno pode ser entendido, a depender do contexto, como convite à tomada da fala e formulação daquilo que o sujeito afásico tentava dizer e não conseguia.

Resultados semelhantes obteve Tagliaferre (2008) em seu estudo sobre as formas e funções da repetição na fala afásica em Língua Portuguesa. Em sua dissertação de mestrado, a autora afirma que a auto-repetição está, em geral, associada a problemas de diferentes ordens, como a dificuldade de encontrar palavras, alterações sintáticas ou

³⁶ “(...) fluent aphasic speakers adapt to their linguistic impairment by using certain recurring syntactic construction types when explicitly searching for words. These constructions provide the recipients with cues as to the state of the ongoing search. The search construction makes a syntactic projection of the item sought (e.g., whether it is a noun or a verb, and if a noun, what case and number it should exhibit). By varying the construction type, the speaker may, for example, set the item in different lexical and syntactic frames, thus providing information for the recipient about what the word might be.”

problemas de ordem mnésica ou de acesso lexical. Por conta deste quadro, tem sido associada à afasia de Broca e à afasia de Wernicke.

Tagliaferre (2008) faz uso sistemático da classificação proposta por Marcuschi, que divide a repetição em aspectos formais, textuais e discursivos, como já descrito anteriormente. Na análise de dados de sujeitos afásicos e não afásicos, extraídos de dados linguístico-interacionais que constituem o *Aphasiacervus*³⁷, Tagliaferre (op.cit., p. 102) conclui que as funções da repetição vão além da estratégia comunicativa, “(...) que contribui, de forma decisiva, para o processamento do texto falado, operando como um recurso central no planejamento da construção textual, como fator de interação e de sócio-cognição”.

Importa-nos destacar uma conclusão primeira, e fundamental, do trabalho de Tagliaferre (op.cit.): a de que as repetições produzidas, em língua portuguesa, pelos sujeitos afásicos da pesquisa têm fins linguístico-discursivos próprios e relacionados às conversas a que estão afiliados. A comparação com dados de fala não-patológica, nos mesmos moldes em que foram gravados os dados de fala afásica, apontará com maior clareza as semelhanças e diferenças entre as ocorrências de ambos e poderá apontar os caminhos para uma melhor compreensão dos quadros afásicos, além de poder lançar luzes sob formas alternativas de intervenção terapêutica.

Dado que esta Tese de Doutorado tem como escopo analisar um conjunto específico - e recorrente - de repetições na fala afásica extraída de contextos de interação cotidiana, a saber, aquelas que ocorrem na produção de NPs e PPs, através da repetição de artigos e preposições que antecedem um nome, interessa não só avaliar se as repetições acontecem nos mesmos contextos e exercem as mesmas funções na fala afásica e não afásica, como também observar quais são as características fonético-fonológicas dessas ocorrências.

³⁷ O *Aphasiacervus*, a ser detalhado no capítulo 2, é um acervo que reúne dados linguístico-interacionais registrados audiovisualmente dos encontros semanais ocorridos no Centro de Convivência de Afásicos, na UNICAMP.

É nesse sentido que as hesitações vêm a acrescentar neste estudo. As pausas, os alongamentos e as possíveis alterações de fonação que acompanham essas formas de repetições motivam não só as mudanças estruturais em si mesmas, como também das funções que carregam as repetições e das pistas de contextualização que podem ser encontradas em diferentes sequências de fala. Aquilo que é chamado de hesitação, define-se, em inúmeros casos, a partir de correlatos fonético-fonológicos, ou seja, através das pausas e dos alongamentos. Esses elementos, combinados à repetição de um artigo ou de uma preposição, por exemplo, compreendem ação antecipatória, corretiva e organizadora da fala. Esse caráter antecipatório atribuído à hesitação constitui, junto da repetição, a projeção em diferentes níveis: no nível interacional e fonético-fonológico, pela hesitação, e no nível sintático, pela repetição.

1.4 Investigações sobre pistas de contextualização

Se diferentes elementos organizacionais - como, por exemplo, estruturas prosódicas e sintáticas - estão associados na construção de um ambiente específico de produção da linguagem, a saber, no caso da produção de repetições hesitativas em NPs e em PPs, ambas devem ser entendidas então como parte constitutiva do contexto em que essas atividades se desenrolam.

Dessa maneira, para falar sobre a combinação de diferentes aspectos prosódicos e gramaticais envolvidos na realização das atividades verbais, é preciso antes trazer à tona alguns conceitos importantes explorados inicialmente por Gumperz (1982) e retomados por Auer (1986), Auer & di Luzio (1992), Auer, Couper-Kuhlen & Müller (1999), Tannen (2007), entre outros. Trata-se dos conceitos de *contextualização* e de *pistas de contextualização*.

Como apontado por Couper-Kuhlen (2001), a idéia de contextualização é anterior a Gumperz (1982), tendo sido primeiramente levantada por Bateson (1972), mas somente explorada especificamente no âmbito da linguagem em interação a partir dos anos 1970,

por Cook Gumperz & Gumperz (1976). Em *Context in children's speech*, os autores apresentam o termo que, em *Discourse Strategies*, será aprofundado, junto com a noção de *pistas de contextualização*³⁸.

Um dos aspectos fundamentais do trabalho de Gumperz (1982, p. 130) é o reconhecimento da diversidade linguística como uma ferramenta comunicativa, no sentido de que “(...) interlocutores [os falantes] contam com seus conhecimentos e estereótipos sobre as variadas formas de falar para categorizar eventos, inferir intenções e derivar expectativas sobre o que está prestes a acontecer.”³⁹. Ou seja, os falantes e os ouvintes lidam com uma série de informações ao longo da interação, que são registradas e categorizadas a partir de suas experiências.

No trabalho de Gumperz (op.cit.), cada atividade deve ser avaliada de acordo com suas características próprias, visto que uma mesma frase poderá ser entendida de inúmeras formas, a depender de uma série de variáveis. Assim, para Gumperz (op.cit.), torna-se importante avaliar como as variáveis (neste caso, linguísticas), ou seja, as “variadas formas de falar”, contribuem para a interpretação daquilo que é dito em uma conversa pelos diferentes participantes. De acordo com o autor, ainda que a fala tenha uma ordem e seja estruturada, isso não implica dizer que essa estrutura seja estática. Ao contrário, está se falando de um processo que é dinâmico por natureza, podendo se modificar ao passo que os falantes interagem entre si.

Por se tratar de um processo dinâmico, que se altera ao longo do tempo, o contexto⁴⁰ é então flexível, alterável, remodelado. As construções empregadas, o desenvolvimento do tópico, a postura e os gestos, além da história social e cultural dos interlocutores são elementos determinantes para o contexto, através da canalização de possíveis inferências ou da saliência de determinados aspectos dentre os vários conhecimentos que são coordenados

³⁸ Em inglês, *contextualization cues*.

³⁹ “(...) conversationalists rely on their knowledge and their stereotypes about variant ways of speaking to categorize events, infer intent and derive expectations about what is likely to ensue.”

⁴⁰ Para uma discussão crítica sobre o conceito de contexto, vide Morato (2008, 2010c) e van Dijk (2006, 2008), bem como Hanks (2008).

durante a atividade de produção - e compreensão - da linguagem. É através da operacionalização dessas diferentes variáveis que os sujeitos são capazes de compreender e participar de uma determinada atividade. São essas diferentes variáveis, juntas, que determinam o contexto em que a mensagem será compreendida. Assim, a linguagem também contribui para a formação do contexto, a partir da operacionalização dessas variáveis.

De acordo com Gumperz (1982, p. 132), as pistas estão implícitas na fala e, geralmente, não são discutidas fora de seu contexto de aparição e sua utilização dependerá da capacidade de apreensão de seu significado por parte dos falantes. Quando um ou mais integrantes da conversa não reage a uma pista ou mesmo parece desconhecer sua função, mal-entendidos podem ocorrer. Nesses casos, o “erro” não seria reconhecido como linguístico, mas sim de imprudência no comportamento, em termos de atitude. O falante pode ser considerado pouco amigável, impertinente, rude.

Nesse caso, como resume Auer (1992, p. 4), a contextualização “consiste em todas as atividades dos participantes que tornam relevante, mantêm, revisam, cancelam... qualquer aspecto do contexto que, por sua vez, é responsável pela interpretação de uma sentença em seu *locus* particular de ocorrência”⁴¹.

Esses elementos, que são entendidos como as *pistas de contextualização* de uma dada atividade, estão voltados, no trabalho de Gumperz, aos aspectos prosódicos, à postura, ao olhar, ao conteúdo semântico da produção linguística. Para Gumperz (1982, p. 131), “qualquer recurso da forma linguística que contribui para a sinalização de pressupostos contextuais”⁴² é uma pista de contextualização.

Dado o grande interesse em se estudar o papel da prosódia e dos gestos como pistas de contextualização em trabalhos posteriores⁴³ a Gumperz (op.cit.), van Dijk (2008) faz

⁴¹ “(...) contextualization therefore comprises all activities by participants which make relevant, maintain, revise, cancel... any aspect of context which, in turn, is responsible for the interpretation of an utterance in its particular locus of occurrence.”

⁴² “(...) any feature of linguistic form that contributes to the signalling of contextual presuppositions.”

⁴³ Veja, por exemplo, Auer (1992), Auer & di Luzio (1992), Auer & Couper-Kuhlen (1994), Selting (1992), entre outros.

uma crítica à alta concentração de estudos que focam somente aspectos prosódicos e gestuais como pistas de contextualização. O autor reconhece a importância e saliência desses elementos, mas questiona se as pistas de contextualização se limitam ao que ele chama de “estruturas de superfície”, como a entoação. Para van Dijk (2008, p. 162),

Não há porque não interpretar palavras específicas, estruturas sintáticas e até mesmo tópicos ou movimentos retóricos como algum aspecto do contexto, como, por exemplo, quando médicos ou advogados usam jargões técnicos para exprimir profissionalismo ou exclusividade. Ou seja, todos os aspectos do discurso discutidos nessa seção devem ser categorizados como “pistas de contextualização”, como expressões que permitem inferências sobre propriedades específicas da situação social como representada pelo falante.⁴⁴

Parece bastante plausível a crítica de van Dijk (op.cit.), haja vista o conjunto de variáveis que estão em jogo na construção das diferentes formas de discurso e de textos. Entre as variáveis passíveis de serem empreendidas na demarcação de um contexto, o autor destaca a classe, a raça, o gênero; o emprego de estruturas sintáticas, a variação lexical, os marcadores discursivos e, ainda, a estrutura visual. Neste caso, o autor aponta a importância de se estudar o papel da estrutura visual na construção de textos escritos, ponto pouco abordado, de acordo com van Dijk (op.cit.). Embora critique o enfoque dos recentes estudos linguísticos nos aspectos prosódicos, nos gestos e no olhar, van Dijk (op.cit.) admite a originalidade desse conjunto de pesquisas por apontarem as propriedades da conversação que são sensíveis ao contexto, chamando a atenção para elementos que vinham sendo pouco estudados na literatura linguística.

Van Dijk (op.cit., p. 162) aproveita para enfatizar que as pistas de contextualização “não são apenas uma expressão das dimensões relevantes do contexto, mas também tornam

⁴⁴ “There is no reason why specific words, syntactic structures, or even topics or rhetorical moves might not also be interpreted as some aspect of the context, as, for instance, when doctors or lawyers use technical jargon to convey professional power or exclusivity. That is, all aspects of discourse dealt with in this section may be categorized as “contextualization cues,” as expressions that allow inferences about specific properties of the social situation as represented by the speaker.”

relevantes aspectos específicos da situação social, ponto também enfatizado por Goffman (1974) em sua teoria de *frames* e suas idéias sobre *footing*.⁴⁵

1.4.1 Os estudos da prosódia como pista de contextualização

Como explicitado anteriormente, entre os principais elementos empregados como pistas de contextualização que têm sido investigados dentro da literatura linguística estão a prosódia, o code-switching, os gestos e o olhar⁴⁶. De fundamental importância para este trabalho é o conjunto de estudos que, tendo como base a análise de dados de contexto natural de produção, avançam nas proposições de Gumperz (1982) ao ressaltar o papel dos elementos prosódicos como pistas de contextualização em diferentes contextos de produção da linguagem.

Já em meados dos anos 1980 os trabalhos de Elizabeth Couper-Kuhlen e Peter Auer destacavam a importância de um estudo detalhado da organização das diferentes estruturas linguísticas envolvidas na articulação da atividade verbal em contextos naturais de produção, seja em conversas em família, em interações ocorridas em programas de rádio, em ligações telefônicas.

Couper-Kuhlen (2001, p. 3), ao delinear os estudos que combinam a análise de recursos prosódicos à análise do discurso, avalia:

Nessa perspectiva [da prosódia como pista de contextualização], pistas de contextualização e, conseqüentemente, fenômenos prosódicos, não são vistos como acidentais ou aleatórios, tampouco como reflexos automáticos de estados afetivos e cognitivos. Eles são pensados como tendo sua própria sistematicidade, que só pode ser acessada em um modelo sensível ao contexto. É por isso que a perspectiva das pistas de contextualização evoca,

⁴⁵ “(...) are not just an expression of relevant dimensions of context, but also make specific aspects of the social situation relevant, a point also emphasized in Goffman’s frame theory and his ideas about “footing” (Goffman, 1974)”.

⁴⁶ Veja, por exemplo, os estudos de Auer (1986), Couper-Kuhlen (1983, 1996), Günthner (1997, 2002), Szczepek Reed (2001) e Selting (1992).

metodologicamente, uma investigação empírica situada de dados de fala ocorridos naturalmente. (...) Na verdade, a pesquisa em contextualização prosódica é *baseada* em interação verbal. (...) Em outras palavras, pistas de contextualização prosódicas ajudam os interagentes a fazer inferências, de um lado, sobre a tomada de turno e o piso conversacional e, de outro, sobre quais ações e atividades estão sendo levadas a cabo, como elas têm sido levadas a cabo e como isso pode colidir com a face dos participantes.⁴⁷

A afirmação de que os recursos prosódicos não são meros acidentes na fala e que devem ser entendidos como elementos determinantes na contextualização se alia à ideia de que esses mesmos recursos não expressam unicamente emoções dos falantes. Para além de poderem sugerir um determinado comportamento dos participantes de uma conversa, recursos prosódicos constroem a teia do contexto em combinação com outros recursos linguísticos, como a seleção lexical e de estruturas sintáticas.

Entre as referências bibliográficas que compilam as teorizações no campo, há duas publicações que parecem ser marcos fundamentais dos estudos da prosódia a partir da teoria da contextualização. Um deles é o livro *Language in Time - Rhythm and Tempo of Spoken Interaction*, escrito por Auer, Couper-Kuhlen e Müller, em 1999. O outro volume, bastante propositivo quanto à defesa de uma teoria prosódica sobre a interação, é o livro *Prosody in Conversation*, editado por Elizabeth Couper-Kuhlen e Margret Selting, em 1996.

Language in Time é um livro que destaca que o ritmo é não só um elemento intrínseco aos mais variados aspectos da condição humana, como também à linguagem. Para Auer, Couper-Kuhlen & Müller (1999, p. 3), os falantes usam também o ritmo para fazer a interação funcionar: “o uso de estruturas rítmicas por parte dos ‘interagentes’ é um

⁴⁷ “In this approach contextualization cues, and consequently prosodic phenomena, are not seen as accidental or aleatory, nor as automatic reflexes of cognitive and affective states. They are thought to have their own systematicity, but a systematicity which can only be accessed in a context-sensitive fashion. This is why, methodologically, the contextualization-cue approach advocates situated empirical investigation of naturally occurring spoken data. (...) In fact, prosodic contextualization research is *grounded* in verbal interaction. (...) In other words, prosodic contextualization cues help interactants make inferences about turn-taking and floor management, on the one hand, and about what actions or activities are being carried out, how they are being carried out, and how this might impinge upon participants' face, on the other.”

meio importante para fazer a interação funcionar⁴⁸. Através da análise de dados de conversas telefônicas e interações face-a-face em inglês, alemão e italiano, os autores defendem que “as modalidades temporais e rítmicas e o padrão que elas introduzem no discurso falado são uma realização (conquista) vocal contingente das partes envolvidas e uma qualidade essencial do discurso falado, que não podem ser excluídos como insignificantes⁴⁹”.

Com o objetivo de lançar luzes sobre o entendimento do papel do ritmo e do tempo, os autores defendem que tanto o ritmo quanto o tempo desempenham papel decisivo na tomada de turno, na organização de preferências na fala e na finalização de conversas. Mudanças rítmicas entre participantes em turnos adjacentes podem indicar, por exemplo, não-afiliação. O oposto disso pode ser observado quando um falante coordena sua fala a partir do ritmo de seu interlocutor, tornando-a ligada ao turno anterior. Observe o exemplo extraído de Couper-Kuhlen & Selting (1996):

(06)

```
1    DJ: what d'you
           /do in life    /
           /John?       /
-->  J:    /uh'well I'm   /
5     /off' sick at    /
           /present,    /
```

Neste exemplo, Couper-Kuhlen & Selting (op.cit.) mostram que, mesmo em casos que perguntas inesperadas são feitas em uma interação, o falante não necessariamente responderá ‘desrespeitando’ o ritmo que vem sendo utilizado por seu interlocutor, o que auxilia no entendimento da conversa como uma unidade coesa. Em (1), o DJ de uma

⁴⁸ “(...) interactants' use of rhythmic structures is an important means for making interaction work.”

⁴⁹ “(...) the temporal and rhythmic modalities and the patterning they introduce into spoken discourse are a contingent *vocal achievement* of the parties involved and an essential quality of spoken discourse which cannot be abstracted away from as a *quantite negligeeable*.”

estação de rádio inicia a conversa com um ouvinte que liga para a estação com a pergunta “o que você faz da vida”. A resposta dada pelo ouvinte, “ah, bem, eu estou doente no momento”, ainda que possa não ser a mais esperada, é produzida com coerência rítmica, de tal maneira que a sequência seja produzida como um todo coeso.

Com respeito a essa coerência, o trabalho de Walker (2004) defende que ela se realiza através de variados elementos da prosódia, dentre os quais ele destaca, o pitch, a intensidade, a taxa de articulação e as características articulatórias da fala.

O livro *Prosody in Conversation*, de onde o exemplo (6) deste capítulo foi extraído, é uma compilação de trabalhos que estudam a importância de aspectos prosódicos na configuração das interações em diferentes línguas. Nele, as organizadoras do volume buscam fundamentar, ao mesmo tempo, uma “perspectiva interacional para a prosódia” e uma “perspectiva prosódica para a interação”.

Parte do livro lida com a questão da tomada de turno, enquanto outra parte lida com a questão dos tipos de atividade. Entre os artigos que estudam a questão da tomada de turno, interessa-nos o trabalho de Peter Auer que, ao estudar casos de expansão na continuação de turnos, investiga o papel da sintaxe e da prosódia na indicação de fechamento de turnos. A expansão pode ser entendida como uma estrutura sintática que é produzida depois de um possível fechamento sintático.

Este estudo de Auer (1996) é instigante por apresentar tanto a prosódia quanto a sintaxe como pistas de contextualização na tomada de turno. No que compete à sua visão sobre sintaxe, o autor (op.cit., p.59) afirma que está “(...) menos interessado em estruturas sintáticas como *output* potencial de algum sistema gramatical abstrato, do que como eventos comunicativamente e cognitivamente reais no tempo.”⁵⁰. No caso da prosódia, o autor defende que a integração ou não-integração do item a ser expandido pode ser feita através 1) do pitch; 2) do tempo e da altura; 3) da pausa e, finalmente, 4) do ritmo.

⁵⁰ “(...) less interested here in syntactic structures as the potential output of some abstract grammatical system, than as communicatively and cognitively real events in time.”

A integração de um item expandido ao conjunto previamente produzido pode se dar, por exemplo, através da manutenção do padrão de *pitch* que vinha sendo realizado na última unidade entoacional. Pode ser feito também através de um contorno de *pitch* mais baixo. Já a “não-integração” de um item expandido com o contorno anterior é feita através de um salto do *pitch* entre a última sílaba não acentuada do contorno anterior e as primeiras sílabas do novo contorno.

Com relação ao tempo, se há uma mudança brusca para um tempo mais rápido, ela sinalizará o início de um novo contorno. No caso da altura, temos fenômeno semelhante ao caso do *pitch*: a relação com o contorno anterior será expressa quando a altura for baixa ou no mesmo nível do produzido no contorno anterior. A não-integração é expressa através de aumento abrupto na altura.

No caso da pausa, atenção especial deve ser dada tendo em vista que pausas também ocorrem dentro dos contornos entoacionais. De acordo com Auer (1996, p. 72), para que a pausa seja entendida como um recurso delimitador do contorno, é preciso que “não ocorram gestos articulatórios durante o silêncio”⁵¹.

É o que observa Szczepek (2001), em um estudo sobre a orientação prosódica de falantes a falas anteriores de seus interlocutores. Por *orientação prosódica*, a autora define a colaboração prosódica entre participantes de uma conversa. De acordo com Szczepek (op.cit.), os padrões de orientação prosódica encontrados em seu estudo manifestam a percepção do falante a incidentes conversacionais. Além disso, para a autora (op.cit., p.41), a orientação prosódica “cria uma ponte entre dois turnos que não poderia ser realizada apenas através de meios verbais.”⁵².

Dando sequência ao conjunto de ideias expressas nos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores da Linguística Interacional alemã, outra compilação foi editada no ano de 2004, considerando mais uma vez dados de diferentes línguas. O livro, intitulado *Sound Patterns in Interaction*, foi organizado por Elizabeth Couper-Kuhlen e Cecilia Ford.

⁵¹ “(...) no articulatory gestures occur during silence.”

⁵² “(...) create a bridge between two turns that could not be achieved by verbal means alone.”

Multifacetado, a obra inclui também a análise de um caso afásico, pelos autores Peter Auer e Barbara Rönfeldt.

Auer & Rönfeldt (2004) analisam uma característica corrente na fala de afásicos fluentes, conhecida como prolixidade. Como apontado pelos autores, nos estudos tradicionais sobre a fala afásica, a prolixidade é dada como sintoma do quadro afásico. O que eles tentam mostrar em seu artigo é que, ao contrário do que é sugerido pelos estudos tradicionais, a aferida prolixidade pode ser entendida como uma forma de o sujeito lidar com suas dificuldades em evocar palavras.

Mudanças de altura foram um fenômeno recorrente observado na fala do sujeito analisado por Auer & Rönfeldt (op.cit.), o que levou os autores a ponderar os ambientes de sua ocorrência e o porquê. Os padrões encontrados foram o *diminuendo* e o *forte*, que correspondem a, respectivamente, uma redução na altura ao final de uma frase entoacional e uma súbita subida na altura na frase entoacional seguinte. O ambiente de ocorrência desses padrões prosódicos foram orações incompletas, tanto semântica quanto sintaticamente. Curiosamente, não havia porém tomada de turno pelos interlocutores do sujeito afásico nesses casos de incompletude semântica e sintática. Para os autores (op.cit., p. 196),

O padrão de recomeço de *diminuendo* e *forte* minimiza a ameaça à face do falante tanto por ocultar o problema quanto por impedir o reparo iniciado por outro falante. Essa atitude mantém o afásico no controle da situação, às custas do ouvinte que experiencia a situação como a impossibilidade de indicar entendimento. Para o ouvinte, o formato significa que ele não terá a chance de tomar a palavra.

⁵³

1.5 Os movimentos de retração e projeção

⁵³ “The *diminuendo* & *forte* restart pattern thereby minimizes the face-threat to the speaker not only by concealing the problem item but also by precluding other-repair. It keeps the aphasic in control of the situation, but at the expense of the recipient who experiences the situation as one in which s/he has no chance of assuring understanding. For her, the format means that she cannot get a word in edgewise.”

Como já explicitado anteriormente, os diferentes elementos prosódicos têm sido amplamente reconhecidos como pistas de contextualização. Em contrapartida, diferentes movimentos sintáticos também podem ser empregados como pistas de contextualização, o que não tem recebido a mesma atenção dos estudos sobre contextualização, como já apontado por van Dijk (2008).

Para poder descrever a dinamicidade do emprego de NPs e PPs e perscrutar seu papel nos trechos em análise nesta Tese, somente uma perspectiva que preveja essa dinâmica poderia ser considerada. A partir desse posicionamento, serão apresentados a seguir os conceitos de projeção e retração, da forma como têm sido estudados em Auer (1992, 2000, 2002, 2005a, 2005b, 2007, 2009a), Auer & Pfänder (2008) e agrupados em Auer (2009b).

Auer (2009a), em seu texto que trata das operações sintáticas envolvidas no processamento *online* da fala, sistematiza o conjunto de operações envolvidas em três elementos, a projeção, a retração e a expansão. Para os propósitos do presente trabalho, é fundamental entendermos como se definem as operações de projeção e retração.

Por retração, entende-se o mecanismo que “se refere retroativamente a estruturas sintáticas já existentes, e que são reativadas e modificadas”⁵⁴ (AUER, 2009a: 4). A retração opera tanto retroativamente quanto prospectivamente: ao mesmo tempo que uma estrutura sintática é repetida no plano sintagmático, ela é renovada no plano paradigmático, dada a possibilidade simultânea de reutilização da estrutura sintática e acréscimo de novo vocabulário ou mudança fonético-fonológica.

Já a projeção é uma operação que implica a possibilidade de predicabilidade: quando uma estrutura sintática começa a ser produzida, o ouvinte cria uma expectativa sobre a continuidade daquela estrutura sintática, ou seja, essa dada estrutura projeta um conjunto de possibilidades de continuidade sintática. Quando a estrutura prevista é produzida, a projeção é preenchida. Quanto mais o falante avança na construção de um período, maior a predicabilidade da estrutura seguinte. Vale ressaltar, porém, que a projeção pode ser

⁵⁴ (...) refer back in time to already existing syntactic structures which they reactivate and change.”

quebrada, quando o sujeito altera o caminho que vinha sendo seguido, reformulando sua produção.

(07) conversa telefônica entre um técnico de telefone e a filha de uma cliente

Técnico: nachher würd=i nommal anrufe=falls die: (.) SIE noch da
sind, oder ihre mUtter
depois eu ligaria mais uma vez = se a (.) você ainda
estiver aí, ou sua mãe

Nesse trecho, extraído de Auer (2009a), um técnico de telefonia diz à filha da dona da linha telefônica que ligará mais tarde e quer ter certeza de que encontrará a filha ou a mãe em casa. Quando ele inicia a oração introduzida por *falls* (se, em português), aparece um problema que se revela pelo alongamento em *die* (a, artigo, em português), a pausa, o retorno para o início do NP, e a substituição da estrutura inicialmente projetada pelo *die* por um pronome de tratamento *sie* (você, formal).

falls die
sie noch da sind
oder ihre mutter

Temos aqui um caso tanto de retração quanto de projeção: em primeiro lugar, a forte projeção do NP instaurada pela produção de *die* é quebrada e a substituição por *sie* sugere um fato interessante: em alemão, é comum, em contexto familiares, referir-se aos membros da família usando o artigo, como em *die Mutter* (a mãe), ao invés de *Ihre Mutter* (sua mãe). É provável que ele pretendesse, com a primeira produção de *die*, dizer *die Mutter*. O *die* projeta, no mínimo, a produção de um NP. Porém, ao invés de fazê-lo, ele abandona temporariamente essa estrutura, preenche a posição de sujeito da oração com o pronome de tratamento formal *Sie* para se referir à filha e, só depois disso, retoma a estrutura inicialmente produzida, agora reparada e concluída, em *Ihre Mutter*.

Esse exemplo em alemão já nos sugere o conjunto de informações que uma pequena alteração agrega: o conhecimento sociolinguístico dos participantes do diálogo sobre a possibilidade de se dizer *die Mutter*, ao invés de *Ihre Mutter*; o caráter de projeção do *die*, indicando que um NP será produzido; a quebra dessa predicabilidade pela retomada da fala através do uso do pronome de tratamento formal *Sie* - mais compatível com o tipo de interação em curso; e a retomada na estrutura iniciada por *die*, através da correção do determinante *die* por *Ihre* e a finalização da estrutura com a produção de *Mutter*, completando o NP.

Projeção e retração são operações que podem acontecer no plano textual, sintático, semântico, fonético. Sua relevância para este trabalho está em sua força explicativa diante dos casos de repetição discutidos nos capítulos 4 e 5. Ao compreendermos o processamento da fala a partir desses movimentos de *forward* e *rewind*, associado à ideia de que estruturas repetidas são uma constante na produção linguística, fenômenos como os estudados aqui podem adquirir novo *status*, e ser entendidos como pistas de contextualização de atividades específicas na fala de sujeitos afásicos e não-afásicos. Antecipando o que pode ser parte dos apontamentos finais deste trabalho, a forma como as pistas de contextualização são empregadas por afásicos e não-afásicos pode levar à conclusão de que aí reside a diferença entre a fala de ambos: um diferenciado emprego das pistas em contextos semelhantes.

Capítulo 2

Metodologia

2.1 Introdução

Este capítulo apresenta os métodos empregados na análise de dados proposta nos capítulos 3 e 4. Na seção 2.2 é feita a apresentação do Centro de Convivência de Afásicos, o espaço onde as interações aqui investigadas foram gravadas. Na seção 2.3, será apresentado o acervo, conhecido como *Aphasiacervus*, desenvolvido a partir das gravações das atividades do grupo coordenado pela profa. Edwiges Morato; em 2.4, apresentam-se o critério de seleção dos sujeitos, seguido de uma breve descrição de seus quadros, e o tratamento dos dados selecionados para os propósitos desta Tese. Na seção 2.5, é apresentada a notação de transcrição.

2.2 Onde tudo começou: o Centro de Convivência de Afásicos

Os aspectos metodológicos concernentes a este trabalho não podem ser expostos sem antes ter vez uma breve exposição do espaço que motiva a escrita desta e de outros trabalhos científicos relacionados à afasia no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): o Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA).

Os dados aqui analisados foram extraídos de episódios de interação ocorridos no CCA. O Centro, situado nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na UNICAMP, funciona no Laboratório de Neurolinguística (doravante LABONE) desde 1998. O CCA é catalisador de diferentes atividades que reúnem sujeitos afásicos e não-afásicos, dentre eles, pesquisadores linguistas, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, médicos e também alunos de graduação e pós-graduação das áreas mencionadas. Os encontros

relativos ao grupo aqui mencionado acontecem semanalmente e são compostos pelo Programa de Linguagem e pelo Programa de Expressão Teatral. Entre os programas, há uma pausa de cerca de trinta minutos, em que os participantes preparam um café conjunto, o qual acaba por funcionar como um preâmbulo para o Programa de Linguagem, desenvolvido na segunda parte do encontro.

No Programa de Expressão Teatral, coordenado por uma atriz pesquisadora, os afásicos são convidados a se expressar através da linguagem corporal, podendo experimentar assim as possibilidades de expressão e as variadas dimensões do próprio corpo. No Programa de Linguagem, os sujeitos discutem diferentes temas - de interesse individual e coletivo -, leem jornais e revistas conjuntamente e organizam atividades que poderão ser realizadas fora do ambiente institucional da Universidade, como visitas a museus, idas ao cinema e até mesmo breves viagens com destinos turístico-culturais inclusas na programação.

Diante desse cenário, o CCA deve ser entendido como uma comunidade de práticas (MORATO et al., 2007; MIRA, 2007) em que estão engajados os sujeitos na negociação e construção do sentido, por processos verbais e/ou não verbais. Uma das principais características que define os participantes do grupo é a sua heterogeneidade, visto que pertencem a classes sociais distintas, possuem diferentes graus de escolaridade, enquadram-se em faixas etárias variadas e têm quadros afásicos também variados. É esse conjunto de elementos que permeiam (e permitem) a dinâmica de práticas interativas e interlocutivas no grupo, incluindo aqui uma certa dessimetria interlocutiva (MORATO et al., op.cit.), decorrente justamente das diferenças entre os frequentadores do CCA. Com relação a esse aspecto, observa-se que:

“Nossa observação da dinâmica de funcionamento do CCA não qualificaria o tipo de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas como implacavelmente assimétrico, desigual, finalisticamente orientado. A rigor, mesmo que os não-afásicos disponham de uma atitude de empatia básica com os sujeitos afásicos, o CCA não é diferente de outros grupos sociais que se constituem para enfrentar

questões de interesse comum e que em torno disso em geral definem sua identidade. O que pode fazer a diferença aqui é a consideração crítica das condições de produção dessa interação, a postura ético-discursiva que marca as ações dos não-afásicos em relação aos afásicos, a atitude dos afásicos e seus familiares com relação a diferentes situações que enfrentam cotidianamente.” (MORATO et al., 2007: 10)⁵⁵

O CCA deve ser, então, entendido como um espaço de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos, que tem como centrais duas características: o desenvolvimento de pesquisas nos campos da Linguística e da Neurolinguística e a garantia de inserção dos sujeitos afásicos em práticas linguísticas que lhes permitam maior integração social e, também, satisfação pessoal.

2.3 O acervo *Aphasiacervus*

Visto que o CCA está em atividade desde o início dos anos 90, há que se considerar que a gravação, o armazenamento e o compartilhamento dos dados ali semanalmente gravados passou por mudanças técnico-metodológicas significativas. Dentre elas, pode-se destacar, por exemplo, que as câmeras analógicas foram substituídas por câmeras digitais e os encontros passaram a ser, então, armazenados digitalmente. Essa mudança implica a diminuição do espaço físico de armazenamento de dados, e conseqüente aumento do espaço de armazenamento digital. A mudança leva, assim, a um redimensionamento das necessidades tecnológicas do grupo, bem como reflete na metodologia de organização dos *corpora*.

No grupo coordenado pela profa. Edwiges M. Morato, a demanda por armazenamento e compartilhamento mais seguro e ágil dos dados levou à criação de um acervo, conhecido como *Aphasiacervus*, que reúne dados linguístico-interacionais registrados audiovisualmente dos encontros semanais do CCA. Tais registros, digitalizados e

⁵⁵ Projeto CNPQ, Edital 50/2006. Título: Significação, interação e cognição: a dimensão multimodal de práticas linguístico-interacionais envolvendo afásicos e não-afásicos.

transferidos para armazenamento digital, são etiquetados para garantir armazenamento sistematizado do material.

Todos os encontros são transcritos de acordo com notação elaborada no contexto dos Projetos de Pesquisa coletivos *Aphasiacervus* e *Modalinter*⁵⁶, financiados pelo CNPq e coordenados pela profa. Edwiges M. Morato, com base em estudos de diferentes notações de transcrição e na observância das necessidades específicas do grupo de pesquisa e do *corpus* em questão. Tendo em vista o caráter multifacetado dos dados, em que os processos de negociação e construção da significação se dão pela via linguístico-interacional, optou-se por uma transcrição multimodal, visto que se trata de registros audiovisuais de dinâmicas interativas.

As transcrições são armazenadas digitalmente e acompanham um cabeçalho, o qual inclui as siglas referentes aos participantes do encontro, um breve resumo das atividades desenvolvidas pelo grupo e os tópicos discutidos. Anexos ao arquivo de transcrição estão arquivos que compõem anotações (de um pesquisador designado previamente para a atividade durante todo o programa do CCA) sobre as atividades desenvolvidas ao longo do encontro. Tais anotações auxiliam o trabalho dos pesquisadores que, ao terem acesso a esse arquivo, podem se servir das informações nele disponíveis ora para se familiarizarem com o tipo de dado com o qual lidarão, ora para terem facilitada a estruturação de seu *corpus* de análise.

A criação do acervo se deu, assim, a partir do reconhecimento da crescente demanda de pesquisadores dos diferentes ramos de pesquisa envolvidos com os dados do CCA em investir em uma solução eficiente não só de armazenamento e segurança dos dados, como também de busca de informações variadas que compõem o *corpus*, a saber, os mais variados fenômenos linguísticos instados nas interações, os dados de sujeitos específicos, ou ainda a possibilidade de análise da frequência de participação de cada sujeito - afásico e não-afásico - e da interferência do contexto na produção linguística.

⁵⁶ Vide o Anexo I para ter acesso a essa convenção de transcrição.

Em contabilização de 2009 (MORATO, 2010b), o acervo contava com cerca de 350 horas videogravadas, dentre as quais 250 horas foram digitalizadas e 80 horas haviam sido transcritas (correspondentes aos anos de 2003, 2004 e 2005.)⁵⁷.

2.4 O *corpus* da Tese

O *corpus* a ser analisado nos capítulos 3 e 4 é composto de um conjunto de encontros catalogados no acervo *Aphasiacervus*. Do total de 250 horas de arquivos digitalizados, correspondentes a uma média de 83 encontros, foram extraídos 12 encontros, que equivalem a cerca de 36 horas. Uma primeira seleção dos dados levou em conta 1) a presença dos sujeitos selecionados para o *corpus* da Tese e 2) a qualidade da participação dos sujeitos em cada um dos encontros (encontros em que os sujeitos têm participação maior foram escolhidos em detrimento de encontros em que se mantiveram menos participativos). Em momento posterior, foi feita a seleção dos trechos em que se deflagravam os casos de repetição hesitativa, resultando em 50 exemplos extraídos da fala afásica e 102 exemplos extraídos da fala não-afásica.

Nas próximas subseções, trataremos dos critérios de seleção dos sujeitos que compõem o quadro de participantes dos dados aqui analisados e apresentaremos o tratamento prévio dos dados para análise.

2.4.1 Critério de seleção dos sujeitos

É preciso lembrar que a origem das reflexões que levaram à escrita desta Tese está nos diferentes comportamentos verbais repetitivos vinculados aos quadros afásicos. A seleção dos sujeitos que compõem o corpo analítico deste trabalho considerou, primeiramente, um comportamento repetitivo característico da fala dos sujeitos, a saber, a presença das chamadas perseverações nas atividades linguísticas dos sujeitos. Tal escolha, pautada na tentativa de homogeneizar as características dos sujeitos, foi complementada por

⁵⁷ Para maiores informações sobre o acervo, veja Morato (2010).

uma atenta observação da descrição das atividades linguísticas características da fala dos sujeitos.

A “homogeneização” das características principais do quadro clínico dos sujeitos não é, todavia, garantia de obtenção dos fenômenos esperados. A questão é antiga: dois sujeitos com lesões bastante semelhantes podem desenvolver quadros afásicos bastante distintos e, até mesmo, antagônicos. Isso porque a localização de lesões cerebrais não implica a localização de uma função da linguagem. Sujeitos inicialmente diagnosticados com o mesmo tipo de afasia podem desenvolver, portanto, características de produção e compreensão bastante distintas. De acordo com Luria (1986, p. 216):

“(…) a questão a respeito de que setores do cérebro estão na base de uma ou outra forma de atividade verbal teve que ser modificada para outra pergunta: como está estruturada a linguagem do homem e que fatores psicofisiológicos encontram-se na base de cada elo responsável pelo surgimento das formas complexas de alocação verbal? Somente investigando as condições não-verbais que estão na base das formas complexas de atividade verbal, separando os fatores que garantem as diferentes etapas do processo verbal, pode ser realizada uma análise de como a alteração destes fatores, como consequência da afecção de umas ou outras zonas do córtex, repercute na modificação da atividade verbal em seu conjunto.”

Por conta dessa discrepância, não é suficiente observar as características da lesão e o tipo de afasia com o qual o sujeito foi diagnosticado, sem associar a esse panorama inicial as características linguísticas da produção dos sujeitos afásicos, sua história com a linguagem, sua familiaridade e prática com diferentes formas de uso da linguagem. Da mesma maneira, a observação e análise da linguagem em situações de interação, em contextos naturais de ocorrência, é determinante para se ter um panorama real do grau de afecção de linguagem dos sujeitos e como se apropriam da linguagem que está a eles acessível. Dessa forma, também como sugerido por Luria (op.cit., p.96),

“Os processos psíquicos complexos seriam então resultado das formas sociais de atividade humana, e não do desenvolvimento biológico. Assim, além da função de instrumento da comunicação, a palavra deve ser entendida por sua função pragmática ou reguladora, sendo reconhecida como o meio de regulação da conduta.”

Dessa maneira, a escolha dos sujeitos para a presente pesquisa levou em conta não somente uma certa simetria nas características dos quadros afásicos dos sujeitos, mas também as características de sua produção em contexto de interação social e a participação deles no conjunto de atividades desenvolvidas nos encontros.

2.4.2 Breve descrição dos sujeitos da pesquisa

2.4.2.1 O sujeito afásico JM

JM, sexo masculino, foi o primeiro sujeito a ser selecionado para análise. Nascido em 1933, possui o segundo grau completo, tendo atuado - e prosperado - como vendedor, negociando produtos e realizando diferentes atividades de negócios por telefone. Aposentado, fez vários cursos de reciclagem ao longo de sua carreira. O interesse pelos cursos se manteve mesmo depois do episódio neurológico que o acometeu, tendo realizado, por exemplo, um curso de marcenaria, com especialização em marchetaria. É casado e tem dois filhos.

No final do ano 2000, JM sofreu um acidente vascular cerebral (doravante AVC) à esquerda, apresentando alteração do movimento do lado esquerdo da face e dificuldade na fala. Exame neurológico realizado no Hospital das Clínicas da UNICAMP no ano de 2002 constatou um quadro de afasia semântica, tradicionalmente caracterizada pela preservação de uma fala mais “fluente”, em detrimento do uso apropriado dos vocábulos selecionados. Na fala de JM foram observadas dificuldade de encontrar palavras, perseverações, dificuldades predicativas e abundantes parafasias, fonológicas e semânticas.

Nas atividades desenvolvidas no CCA, JM se mostra bastante participativo, nos mais variados assuntos discutidos pelo grupo. Defende seu ponto de vista, está atento às atualidades e, em sendo extrovertido, sempre comenta os temas abordados seja no programa teatral, seja no de linguagem. Tendo sido acometido por um segundo AVC, deixou de frequentar o grupo por um período, mas voltou a participar - com menos regularidade - das atividades.

2.4.2.2 O sujeito afásico SI

SI, sexo feminino, nasceu em 1940. É brasileira, nissei. SI relata que sua primeira língua foi o japonês, mas, a partir dos seis anos, quando passou a frequentar a escola do sítio onde vivia, no interior de São Paulo, o português passou a ser sua língua do cotidiano. SI cursou até a quarta série do primeiro grau. De acordo com ela, seus pais falavam japonês, mas os vários irmãos falavam português. Apesar de ser casada com um japonês, sempre falou português em seu contexto familiar.

SI relata que compreendia a fala e, parcialmente, a escrita em japonês, mas perdeu essa habilidade quando foi acometida pelo AVC. Antes do episódio neurológico, ela trabalhava na roça. De acordo com o relato de sua filha, SI era bastante comunicativa, e costumava conversar com seus irmãos e com os meeiros. Atualmente, é dona de casa e costuma viajar com o marido para pescar. SI relata que não mantinha hábitos de leitura antes do episódio neurológico.

No ano de 1988, SI sofreu um AVC hemorrágico. De acordo com o diagnóstico realizado pelo Hospital das Clínicas da UNICAMP, SI apresenta afasia semântica e discreta paresia à direita. Sua fala se caracteriza pela dificuldade de encontrar palavras, pela presença de iterações e parafasias semânticas e fonológicas.

Nas atividades desenvolvidas no CCA, SI não tem o hábito tão frequente de tomada da fala para introduzir diferentes tópicos. Às vezes, o assunto trazido por ela não está de acordo com o tópico em desenvolvido no momento, mas ela demonstra, através deles, seus

interesses e vínculo com o grupo. Embora sua compreensão nem sempre seja adequada, é suficiente para que SI participe das interações do grupo.

JM e SI têm diagnósticos semelhantes no que tange ao tipo de afasia; apresentam, no entanto, características e posturas bastante distintas frente às interações com o grupo. Tímida e reservada, SI fala pouco. Muitas de suas participações se dão através do riso e da concordância com o que vem sendo discutido, através de segmentos como “ô” ou “é”. Em muitos casos, participa das interações somente quando é convidada a dar sua opinião ou fazer um relato de suas atividades cotidianas. Devido ao seu comportamento, há um número bastante reduzido de dados de SI, quando comparado ao conjunto de dados de JM⁵⁸.

2.4.2.3 O sujeito afásico NS

Por ter quadro afásico distinto de SI e JM, NS foi a última participante a ser incluída na presente pesquisa. Do sexo feminino, nasceu em 1959. Coursou até a quarta série primária e, atualmente, cursa o segundo ciclo do EJA (Educação para Jovens e Adultos) em seu bairro. Antes do episódio neurológico, atuava como empregada doméstica e faxineira. É casada e tem duas filhas.

Em 1999, sofreu um AVC isquêmico, tendo sido diagnosticado pelo Hospital das Clínicas da UNICAMP um quadro de afasia transcortical, com a presença de um déficit motor à direita. Em exame, NS apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural nessa região. A fala de NS se caracteriza por dificuldades no acesso lexical, supressão de palavras funcionais, dificuldade de seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos.

NS é bastante comunicativa, participando ativamente das discussões do grupo. Temas do cotidiano são os maiores motivadores de suas participações. Tem uma relação bastante

⁵⁸ Esse é um aspecto interessante a ser abordado. Por não se tratar de uma pesquisa com protocolos de testes pré-determinados, mas sim de atividades naturais de conversação, a dessimetria entre os sujeitos é mais facilmente sentida, em função de suas características individuais. Essa “dessimetria” se refletirá também na análise dos dados, já que uma análise estatística comparativa ampla não seria passível de realização.

próxima com SI e, inúmeras vezes, parafraseia sua fala para que SI seja compreendida pelos demais integrantes do grupo e, também, motivada a participar das conversas. Sob o ponto de vista das repetições que são enfocadas aqui, a fala de NS se assemelha à fala de JM e SI e, por conta disso e de sua participação ativa no grupo, sua produção foi incluída no *corpus* da pesquisa.

2.4.2.4 Os sujeitos não-afásicos

O contexto de produção dos dados dos sujeitos não-afásicos obedeceu o mesmo critério de inclusão dos dados afásicos: a ocorrência dos paradigmas de repetição aqui estudados e a participação no grupo. Os sujeitos escolhidos foram EM, FC e HM.

EM é a coordenadora do grupo aqui apresentado. Tem formação em Fonoaudiologia e Linguística. É professora do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP. Com certa regularidade traz o violão aos encontros e toca e canta junto com os participantes. Coordena as atividades desenvolvidas no CCA e está envolvida com as atividades do projeto desde sua implementação.

FC era estudante do curso de graduação em Linguística da Unicamp quando começou a participar ativamente das atividades do grupo, e seguiu atuando junto ao grupo até seu doutoramento.

HM é fonoaudióloga e doutora em Linguística pela Unicamp; participa desde 2001 das atividades do grupo, atuando também na coordenação das atividades desenvolvidas.

O quadro abaixo recapitula os sujeitos selecionados para a pesquisa:

Sujeitos afásicos	Sujeitos não-afásicos
JM	EM
NS	HM
SI	FC

O quadro acima apresenta apenas as siglas referentes aos sujeitos que terão suas produções analisadas neste trabalho de pesquisa. Os recortes reproduzidos nos capítulos 3 e 4 podem conter outros participantes do grupo, visto que os sujeitos que participam do CCA não se limitam aos apresentados anteriormente. Ao longo dos capítulos, à medida que esses outros sujeitos forem aparecendo nos trechos escolhidos para compor as análises, será destacado entre parênteses se são afásicos ou não-afásicos.

2.4.3 O tratamento dos dados para análise

Visto que a construção do acervo estava em andamento quando da coleta para análise e que, portanto, nem todos os encontros estavam transcritos, a escolha de parte dos encontros foi feita com base no caderno de anotações realizadas a cada encontro. Os encontros foram observados, e os casos de repetição de interesse para a presente pesquisa foram identificados de forma oitiva.

Dada a especificidade do trabalho a ser desenvolvido aqui, as transcrições realizadas dentro do escopo do projeto *Aphasiacervus* foram revistas e modificadas, com auxílio de dois programas: o Praat⁵⁹ e o Transformer⁶⁰.

O Praat é um software livre, reconhecido e utilizado internacionalmente na análise de sons da fala. Através dele, é possível criar arquivos de anotações paralelos aos arquivos de som. O software permite a criação de gráficos de diferentes funções já disponíveis (mas também ampliáveis) no próprio Praat.

O Transformer é um software pago, utilizado para organização de dados anotados no Praat. Arquivos de transcrição de fala espontânea gerados com o uso do Praat podem ser transformados em arquivos de texto, com a possibilidade de seleção de trechos e características que devem se manter no corpo do texto gerado pelo programa. O uso

⁵⁹ Desenvolvido por Paul Boersma e disponível gratuitamente no endereço <http://www.praat.org>

⁶⁰ Desenvolvido por Oliver Ehmer e à venda no endereço <http://www.oliverehmer.de/transformer/>

conjunto dessas duas ferramentas foi fundamental para a organização, visualização e análise dos dados da pesquisa.

A princípio, o programa Elan⁶¹, que associa transcrição em arquivo texto e visualização simultânea dos arquivos de vídeo, foi utilizado para fazer uma transcrição refinada dos gestos empregados pelos falantes. No entanto, tendo em vista que o enfoque do trabalho está nos aspectos fonético-fonológicos da produção, o programa Elan passou a ser utilizado somente quando os gestos exerciam papel fundamental na interpretação dos dados.

2.5 A transcrição

Tendo em mente que a transcrição dos dados selecionados ainda não havia sido realizada no âmbito do projeto *Aphasiacervus* e que a etapa de transcrição e análise inicial dos dados se deu na Alemanha, optou-se pela utilização da notação de transcrição definida no campo da Linguística Interacional alemã, conhecida como GAT (Gesprächanalytisches Transkriptionssystem)⁶². A escolha dessa notação foi determinante para permitir a leitura dos dados nas atividades desenvolvidas durante os dois anos no programa de Doutorado-Sanduíche, financiado pelo Deutscher Akademischer Austausch Dienst (DAAD) e realizado na Albert-Ludwigs Universität Freiburg, na Alemanha.

A transcrição das falas respeitou a norma ortográfica do Português. Somente nos ambientes em que se viu fundamental o detalhamento fonético da produção o alfabeto fonético IPA foi utilizado. Essa escolha pretendeu tornar os dados mais legíveis e limpos, sem acréscimo de informação que não fosse fundamental para os propósitos da análise.

Tal proposta não sugere, porém, que aquilo que não está dado na transcrição não seja relevante: é o recorte deste trabalho que não os inclui previamente na descrição e transcrição. Diferentes recortes poderão, portanto, salientar mais ou menos diferentes

⁶¹ Desenvolvido por Birgit Hellwig e disponível no endereço <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan>

⁶² Selting et al (1998). Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). Linguistische Bericht 173, 91-122. Disponível em: <http://www.mediensprache.net/de/medienanalyse/transcription/gat/gat.pdf>

aspectos da produção na interação, haja vista que, em uma perspectiva sociocognitiva, não há elementos relevantes *a priori*⁶³, mas sim, aqueles que se destacam em função de diferentes fatores.

No Praat, foi realizado todo o trabalho de refinamento da transcrição, inclusive as marcações de duração, pausa e *pitch*. No programa Transformer, as transcrições foram transformadas de arquivos Praat para arquivos texto e formatadas automaticamente de acordo com a notação de transcrição sugerida por Selting et al (1998), apresentada resumidamente a seguir⁶⁴.

Fenômenos sequenciais

[] : sobreposição

= : encadeamento rápido e sem pausa entre turnos

Pausas

(.) : micropausas

(-), (--), (---) : pausas curtas, médias e longas, de até um segundo

(1,35): pausas medidas, acima de um segundo

Fenômenos segmentais

;, ::, ::: alongamentos, de acordo com duração

eh, hm : pausas preenchidas

haha hehehe hihihi: risos

Acentuação

aCENto : acento primário ou secundário

⁶³ “(...) no order of detail in conversational interaction can be dismissed a priori as disorderly, accidentally or interactionally irrelevant” (Heritage, 1989: 22)

⁶⁴A notação de Selting et al. (1998) é ampla e incorpora também notações para gestos. Os interessados em conhecer a notação completa, atualizada, favor dirigir-se a <http://www.gespraechsforschung-ozs.de/heft2009/px-gat2.pdf>. Para maiores informações sobre a notação utilizada pelo *Aphasiacervus*, vide Anexo 1.

Prosódia

? grande subida na curva entoacional

, subida na curva entoacional

- *plateau*

; queda leve na curva entoacional

. queda brusca na curva entoacional

Descrições ao longo das transcrições

<<tossindo>> atividade simultânea à fala

(sapato) transcrição incerta

((...)) trecho de transcrição não apresentado

Capítulo 3

As retrações simples em frases nominais e preposicionais

3.1 Introdução

O presente capítulo está organizado de forma a apresentar as sistematicidades encontradas nos processos de retração simples vinculados ao processo de hesitação. Os contextos avaliados neste empreendimento analítico se referem à produção hesitante de frases nominais e preposicionais (NP e PP, respectivamente) a partir de conversas entre sujeitos afásicos e não-afásicos.

Como já salientado no capítulo 1, a repetição remete, neste estudo, a uma unidade sintática (uma frase nominal ou preposicional) já iniciada e, na sequência, retomada na fala do sujeito. Outros padrões de repetição não foram incluídos dado o recorte específico desta Tese. As unidades sintáticas escolhidas, os NPs e os PPs, são apresentadas em diferentes subseções, com o intuito de dar visibilidade às diferentes estruturas representadas por essas unidades, ora em repetições simples, ora em repetições múltiplas. Possíveis diferenças na produção de uma ou outra serão discutidas ao longo das subseções e destacadas em seção que encerra o capítulo.

Cabe enfatizar que a escolha por analisar a repetição dessas estruturas sintáticas, combinadas às características prosódicas de suas ocorrências, somente se mostra interessante quando afiliada à uma perspectiva que entende a linguagem como sendo de caráter multifacetado, pragmática, interacional, em que semioses verbais e não-verbais atuam conjuntamente na sua produção e compreensão. Assim, não se pretende defender aqui uma postura mentalista e abstrata dos ambientes gramaticais em que operam as repetições. Ao contrário: se é através da linguagem que interagimos com o mundo, observar

os elementos que interagem em diferentes contextos e formas de interação nos permite compreender melhor a relação linguagem-mundo, como já discutido por Morato (2010b).

A escolha pelos parâmetros de análise a seguir introduzidos foi feita na tentativa de compreender, especificamente, os processos envolvidos na ocorrência das formas de auto-repetições reconhecidas como de caráter hesitativo pela literatura. A compreensão desses processos auxilia no entendimento dos mecanismos empregados pelos sujeitos afásicos para se manterem presentes e atuantes na interação. O uso dos recursos prosódicos em ambientes de projeção e retração sugere a relevância desses recursos na produção linguística.

3.2 Os parâmetros da análise

Para delinear o empreendimento analítico de forma mais clara e organizada, os diferentes elementos constitutivos da análise são apresentados separadamente, de forma discretizada. Não se trata, todavia, de entendê-los separadamente, mas sim de organizá-los dessa forma para permitir maior visibilidade dos fenômenos em destaque.

A análise disposta neste e no próximo capítulo se preocupa em observar três aspectos no interior das ocorrências das repetições hesitativas em NPs e PPs:

- I. a relação entre os elementos sintáticos constituintes da oração, em termos de projeção e retração (AUER, 2009a);
- II. a relação entre os elementos prosódicos da oração, a saber, a duração (dos segmentos e de pausas que os antecedem e sucedem), o *pitch*, a intensidade;
- III. a relação entre os elementos I e II, elencados anteriormente, entendidos como pistas de contextualização que marcam a produção.

3.3 As repetições simples

Da observação das ocorrências dos diferentes casos de repetição de estruturas NPs e PPs, uma primeira constatação chama a atenção: as repetições simples são maioria na fala

não-afásica (69 entre 98 ocorrências no total), enquanto aparecem em menor escala na fala afásica (15 entre 31 ocorrências no total).

Essa primeira constatação leva a um conjunto de questionamentos, dentre os quais se destacam:

1. quais as características prosódicas das repetições simples, quando comparadas às suas matrizes?
2. há diferença significativa entre as ocorrências afásicas e não-afásicas? Se sim, como elas se configuram?
3. há diferenças no desenrolar das interações advindas das características das produções afásicas e não-afásicas?

A hipótese é a de que, na fala não-afásica, as repetições são expressivamente diferentes das matrizes quanto às suas características prosódicas, enquanto, na fala afásica, as características hesitativas expressas pela prosódia na matriz devem se manter também na repetição.

A seguir são apresentados os dados que permitem discutir as questões acima destacadas, nos casos de repetição simples das estruturas NP e PP, em sujeitos afásicos e não-afásicos.

3.3.1 As repetições simples em sujeitos não-afásicos

3.3.1.1 Em casos de NPs

No primeiro trecho com o qual se ocupa este capítulo, participam da conversa MS e NS (afásicos) e EM (não-afásica). Os três conversam sobre o processo eleitoral para presidência do País em curso naquele momento. NS acaba de defender seu ponto de vista, explicitando porque votará no candidato Lula. EM sugere, então, que os participantes do sexo masculino apresentem seus argumentos para justificar o voto no candidato Geraldo

Alckmin. O recorte apresentado abaixo foi feito a partir desse ponto da interação. Será na retomada do turno de fala (que vinha sendo desenvolvido por NS e também HM, não-afásica) que EM produzirá o primeiro caso em análise aqui.

Trecho [1] *AphasiAcervus* 19.10.06

```

01-> EM:      a gente viu +aqui a:: (-- ) a NS+ (-- ) defendê porque lula
02  em:      + aponta para NS +
03  EM:      (-- ) agora os rapazes (-) por que geraldo (-) porque alckmin
04          (.)
05  MS:      ãh (-) [e      ]u [gosto      ] dele
06  EM:      [por que] [ela deu^ela deu] (.) pô [mais:]
07  MS:      [ aha]haha[haha      ]
08  NS:      [não o=o:::] o
09          outro tadinh[o      ] a=a
10  EM:      [aSSIM?]

```

Quando EM pergunta a MS e JM porque votarão em Geraldo Alckmin, candidato opositor a Lula, MS responde que gosta dele. Surpresa com essa justificativa, EM questionará MS, através da reformulação do que inicialmente vinha dizendo, na linha 06.

Em primeiro lugar, é preciso destacar o papel do conhecimento partilhado entre os sujeitos que frequentam o CCA sobre suas opiniões e, mais especificamente neste caso, sobre suas orientações políticas. *Os rapazes* aos quais EM se refere, na linha 03, são dois participantes do grupo (MS e JM, afásicos) que têm declarada sua orientação política, a saber, sua preferência pelo voto em Geraldo Alckmin, enquanto NS acaba de declarar, e justificar, seu voto em Lula.

Ao propor que os participantes JM e MS justifiquem sua preferência (linha 01 a 03) - ponto em que o trecho 1 é iniciado -, EM realiza o primeiro padrão de repetição no qual nos deteremos aqui: a produção do artigo *a*, alongado, e sua repetição, depois de uma pausa, seguida do nome que completa o NP. O processo de realização do NP consiste, neste primeiro caso, de três momentos: a produção inicial do artigo, uma pausa, e a retomada da fala, com a produção do artigo seguida do nome.

<p>a gente viu aqui a:: a NS</p>

A repetição, que pode exercer diferentes funções, como já salientado no capítulo 1, retoma aqui a estrutura NP inicialmente projetada pela produção do determinante. A matriz *a* projeta um NP e as características prosódicas de sua ocorrência sugerem o momento de hesitação na fala.

Dentre as características prosódicas têm destaque a duração duas vezes maior do artigo *a* em relação à sua repetição e a curva entoacional descendente na produção da matriz.

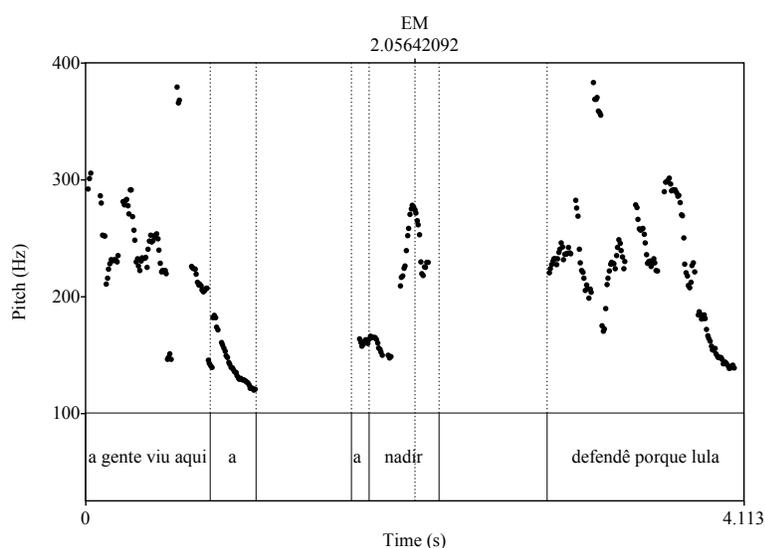


Figura 1. Curva entoacional para “a gente viu aqui a::: a nadir.”

Este primeiro exemplo ilustra bastante bem um dos padrões possíveis em repetições simples na fala de sujeitos não-afásicos: na produção do complemento de um verbo, o artigo que introduz o NP é alongado. Durante sua produção, há queda progressiva da curva entoacional, atingindo um nível bastante baixo quando comparado ao que vinha sendo produzido ao longo da frase entoacional. A repetição do artigo determina a retomada da fala, que acontece já em um nível entoacional mais elevado em relação ao nível que finalizou a produção do artigo anterior.

Também a intensidade se revela, no primeiro exemplo, um fator diferenciador entre a matriz e a repetição. Observe o gráfico abaixo:

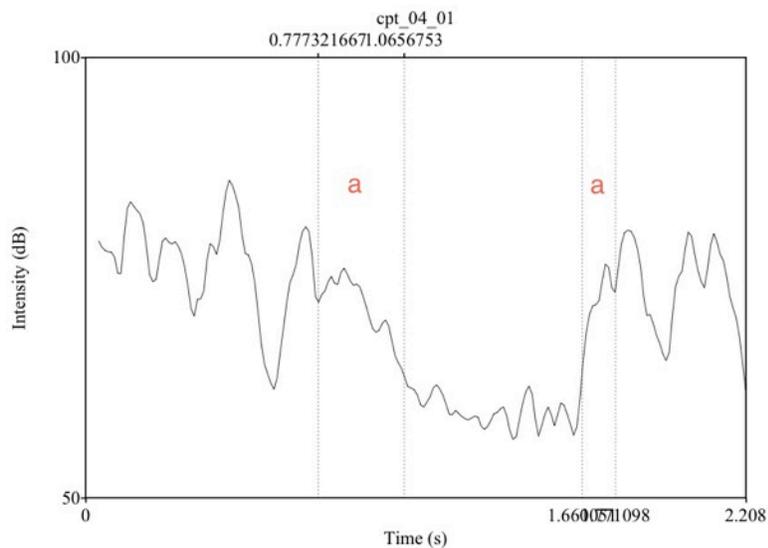


Figura 2. Gráfico da intensidade de *a* matriz (à esquerda) e sua repetição (à direita).

O quadro apresentado na figura 2 mostra a evolução da intensidade ao longo da oração “a gente viu aqui a:: a nadir”. Na matriz *a*, a intensidade é reduzida ao longo de sua produção (observe a área delimitada do gráfico à esquerda). Depois da pausa, a retomada da fala se dá pela repetição do artigo, já com intensidade equivalente ao início da produção da primeira ocorrência de *a*.

Além disso, a duração da matriz *a*, de 28 milissegundos, é significativamente maior que sua repetição, de 11 milissegundos. Na retomada da fala, não ocorre alongamento vocálico do artigo, o que indica a resolução do problema local, que se confirma através da retomada da cadência da fala de EM pela produção do nome que acompanha o artigo.

No caso deste primeiro exemplo, deve-se salientar ainda a importância da co-ocorrência de diferentes semioses: enquanto EM tenta produzir o NP, ela aponta seu dedo para NS, que está sentada à sua frente na mesa em que se encontra o grupo.

O próximo trecho apresenta a repetição do artigo definido, agora masculino, na produção de FC (não-afásica). Em um encontro de 2006, os participantes estão discutindo a prisão de um dos criminosos mais perigosos do país, conhecido como Marcola. FC está

apresentando quais são os direitos garantidos por lei para o referido criminoso. No trecho participam da discussão JM (afásico), FC, JC e HM (não-afásicos).

Trecho [2] *AphasiAcervus* 18.05.06

01 FC: cê num tem direito a recebê família mas recebe advogado (-)
02 mas (.) um mês depois (---)
03 e ele exigiu pra- ele exigiu u::: (-) a permissão de recebê o advogado
04 (-) antes (---) e é claro que o:::<<cr>:::> (-) que os policiais
05 mas aí não só os policiais já a secretaria nacional de segurança
06 (-) proibiu (--) a presença do advogado(-)
07 porque ele receberia o mesmo tratamento que todos os outros presos de
08 segurança máxima
09 JC: mai claro
10 (-)
11 FC: e aí agora nessa história do acordo
12 (.)
13 --> o advogado já foi visitá o: (.) o marcola?
14 (.)
15 HM: 'tão
16 (.)
17 aí [foi i:sso]
18 FC: [entre do]mingo [e ho]je
19 JM: [é]

Enquanto FC descreve o caso, explicitando os direitos e exigências de Marcola (entre as linhas 01 e 08, 11 e 13) quando de sua prisão, ela realiza um conjunto de repetições dentre as quais se avalia aqui aquela ocorrida na linha 13. A repetição ocorrida na linha 4 *que o (-) que os policiais* não foi incluída na análise porque a retração se dá para o constituinte *que*, não para o determinante.

Na linha 13, no momento em que FC indica que vai produzir um nome, ao iniciar a produção de um NP, o determinante é produzido de forma alongada, uma micropausa acontece e, só depois disso, o determinante é mais uma vez produzido, agora sem alongamento, seguido do nome.

O movimento sintático mobilizado na construção do complemento verbal será o mesmo que no caso anterior: com a produção da matriz do artigo, projeta-se a vinda de um nome, o que não acontece. Ao invés disso, a posição de cabeça do NP é repetida. A repetição projeta, mais uma vez, o que se concretizará a seguir: a vinda de um nome, de gênero masculino.

o advogado já foi visitá o
o Marcola

Com relação às características prosódicas, as mesmas características da duração do primeiro exemplo se observam aqui: a primeira ocorrência do determinante tem duração de 35 milissegundos, enquanto a repetição tem duração de apenas 7 milissegundos. Quanto à curva entoacional, temos aqui um segundo padrão também recorrente no caso de repetições simples em sujeitos não-afásicos: a entoação é descendente na produção da matriz *o*, mas ocorre em um intervalo de frequência mais curto. A repetição do artigo se inicia em um ponto alto da frequência e depois volta para níveis inferiores, próximos aos níveis da matriz, o que se manterá no início da produção do nome *marcola*.

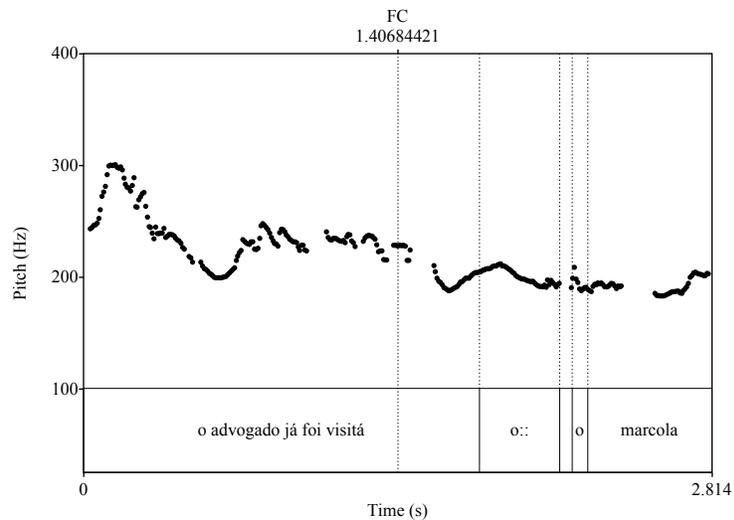


Figura 3. Curva entoacional de “o advogado já foi visitá o:: o marcola”.

Embora a curva entoacional tenha um padrão diferente do apresentado no primeiro exemplo, a intensidade se comporta aqui de maneira muito semelhante ao primeiro caso.

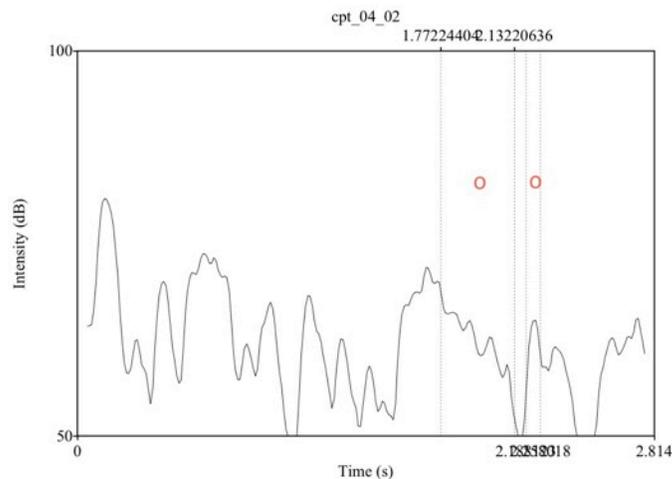


Figura 4. Gráfico da intensidade em “o advogado já foi visitá o:: o marcola”.

Ao longo da produção da versão alongada do artigo, o valor da intensidade cai. Já na produção da repetição do artigo *o*, a intensidade apresenta um pico que acompanha o padrão de valores no início do primeiro artigo *o*.

Nos dois primeiros exemplos, o que se verifica são três etapas consecutivas: a produção de um determinante, marcadamente alongado e de curva entoacional com tendência descendente, atingindo os níveis mais baixos da produção da frase entoacional, alterando os padrões rítmicos anteriores da fala; a produção facultativa de uma pausa; e a repetição do determinante, agora sem alongamento, seguida do nome. Durante esse processo, há projeção sintática da estrutura a ser desenvolvida (na escolha de um nome, que inicia, portanto, um NP), há projeção prosódica (o alongamento vocálico associado à curva entoacional e às mudanças de intensidade sugerem um período de hesitação) e há retração para uma estrutura sintática já produzida, no caso, o retorno para o determinante, que compõe o primeiro elemento do NP a ser produzido.

A retração tem também características prosódicas próprias: por representar a retomada da fala depois de um período hesitativo, o determinante em retração é mais curto, parece tender a acompanhar a curva entoacional que vinha sendo produzida antes da

hesitação e a intensidade também parece moldar essa retomada, através de valores superiores aos produzidos ao longo da hesitação.

Casos como os produzidos acima aparecem em conjunto com os casos em que há a troca do gênero de um determinante escolhido. Não parece haver, porém, diferença qualitativa nas características prosódicas da produção de uma ou outra forma. Clark (2002, 2004) sugere que a escolha por um determinante e sua troca posterior se deve à estratégia do sujeito em preencher uma posição e poder, com isso, ganhar tempo na elaboração da mensagem.

No trecho 3, extraído do mesmo encontro em que o trecho 2 ocorreu, os participantes do grupo continuam falando sobre o caso de Marcola, um criminoso que havia sido detido em data próxima à ocasião do encontro. FC pergunta se o jornal publicou uma foto de Marcola, ao que EM responde que não. Ao prosseguir resumindo o que o jornal relata sobre o caso, EM realiza uma repetição na linha 15, sobre a qual falaremos a seguir.

Trecho [3] *AphasiAcervus* 18.05.06

01 FC: te:m um[a fo]to do marcola aí?
02 EM: [aqui]
03 (-) do marcola? nã:o minha cara
04 (.)
05 HM: vão divulgá
06 (-)
07 EM: não não tem (.) [o que tem] aqui
08 JM: [não]
09 (-)
10 EM: tá dizendo o seguinte ó (---) que (.) marcola e os presos
11 (.) não (.) vã=vão ficar isolados (---) que não vão isolar
12 (.)
13 JC: ((tosse))
14 (-)
15 --> EM: as (.) os celulares porque custa cem milhões então o
16 governo não vai fazê nada disso

A repetição produzida na linha 15 tem algumas características prosódicas bastante semelhantes às que foram descritas nos outros dois exemplos anteriores: a primeira produção do determinante é alongada e sua repetição tem duração bastante curta.

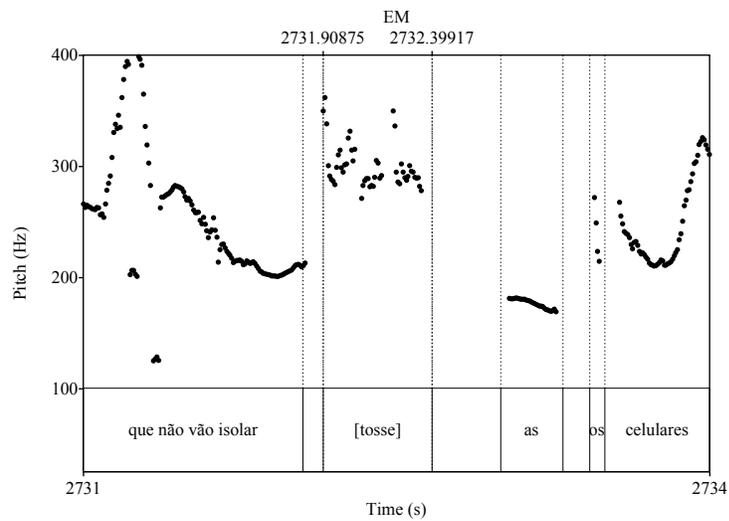


Figura 5. Curva entoacional para “que não vão isolar (.) [tosse] (.) as os celulares”.

A matriz *as* é produzida com leve queda da curva entoacional, atingindo os níveis mais baixos de ocorrência na frase entoacional. O elemento retroativo à posição de cabeça do NP, *os*, tem contorno entoacional mais alto. A duração se comporta de forma bastante semelhante aos exemplos anteriores: a matriz tem duração de 28 milissegundos, enquanto a repetição tem duração de apenas 7 milissegundos.

A intensidade, porém, não se comporta como nos casos apresentados anteriormente. Ao contrário do que foi mostrado nos dois primeiros exemplos, neste caso os valores de intensidade são mais altos ao longo da produção da matriz, atingindo os níveis mais baixos de toda a frase entoacional justamente em sua repetição.

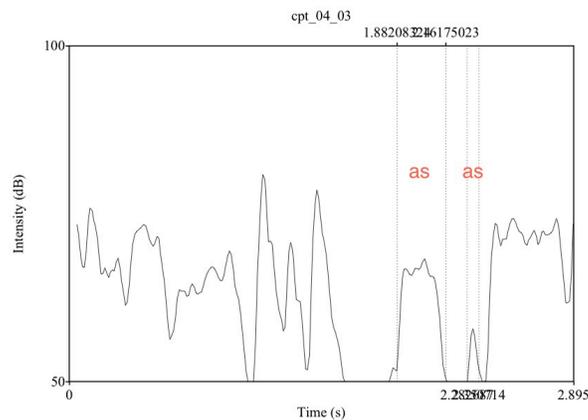


Figura 6. Gráfico da intensidade para “as” (à esquerda) e “os” (à direita).

Algumas poderiam ser as razões para o comportamento distinto da intensidade: além de ser reconhecidamente um critério bastante sensível, como já apontado em Auer & Rönfeldt (2004), outras questões poderiam ser levantadas. Em primeiro lugar, a fala de EM é interrompida pela tosse de JM. Na retomada da produção, o artigo se mantém no mesmo nível de intensidade da fala de EM que antecede a tosse. Por haver a interrupção, o padrão esperado na diminuição da intensidade é descartado, em favor da retomada do turno de fala.

Na retomada da produção do NP, o gênero do artigo é trocado, mas a estrutura inicialmente projetada se mantém e é repetida com a produção do artigo masculino.

que não vão isolar as os celulares

Quanto aos casos em que há troca de gênero nos dados desta Tese, nenhuma diferença qualitativa e/ou quantitativa foi observada. As características prosódicas se assemelham às dos trechos anteriores, assim como o formato da projeção e da retração: a combinação de características prosódicas (de duração, curva entoacional e intensidade) projeta, prosodicamente, o momento de hesitação e a retração retoma o item que tinha sido iniciado pelo falante.

O trecho 4 também é outro exemplo de repetição simples de NP em fala não-afásica, agora com troca do tipo de determinante que encabeça o NP. Neste encontro, os participantes do grupo estão programando uma ida conjunta ao cinema, quando acabam por tematizar a questão do emprego de legendas em filmes internacionais. Alguns sujeitos afásicos dizem que não acompanham a legenda e ET, pesquisadora, não afásica, afirma que, em alguns casos, ela mesma tem dificuldades em ler a legenda. Ao complementar o dito por ET nas linhas 1 e 2, FC hesitará na escolha do determinante, reiniciando a estrutura do NP com um novo determinante.

Trecho [4] *AphasiAcervus* 27.02.03

01 ET: e as vezes a cor por detrás da letra num ajuda também né
02 (.) a letra é branca e a cor atrás (xx)
03 (-)
04 --> FC: às vezes a legenda pega uma (.) [a pa]rte da tela clara
05 ET: [é] (.) eu num gosto

Neste caso, ocorre troca do tipo de determinante: o artigo indefinido *uma* será substituído pelo artigo definido *a* na retomada da fala. Essa troca difere do encontrado por Fox & Jaspersen (1995) que, em um estudo sobre reparo em inglês, não encontraram casos de substituição de um tipo de determinante por outro. Em Português Brasileiro e, mais especificamente, neste estudo, há casos recorrentes de reformulação desse tipo.

a legenda pega uma
a parte da tela clara

Mais uma vez, observamos a grande diferença na duração da matriz do artigo, quando comparada à produção de seu correspondente subsequente: 54 milissegundos para a matriz e 8 milissegundos para a repetição. A diferença não é determinada, porém, apenas pelo número de sílabas que compõem um ou outro artigo. A duração é mais longa por projetar a hesitação na fala de FC.

O padrão de repetição observado nos casos anteriores se mantém: há uma repetição simples, o artigo *uma* tem duração bem mais longa que *a* e a entoação, na ocasião da produção de *uma*, atinge os níveis mais baixos de todo o trecho.

Os quatro casos aqui destacados exemplificam as formas mais recorrentes de repetições simples de NPs em sujeitos não-afásicos. Nesses casos, e para os propósitos de demarcação do aspecto hesitativo da fala, as pausas não pareceram desempenhar papel distintivo/diferencial em um ou outro caso.

Para ter um panorama completo do recorte proposto neste trabalho de Tese, ou seja, o quadro das repetições no ato da produção de nomes, será preciso apresentar as formas de repetição simples em casos de frases preposicionais, também extraídos de encontros no CCA.

3.3.1.2 Em casos de PPs

Na formação de uma frase preposicional, é premissa básica a existência de uma preposição. Essa afirmação, simples, revela a gama de possibilidades de construção de um PP em português.

O falante tem à sua disposição preposições que, combinadas a determinantes, apresentam uma forma única, como é o caso da preposição *em* que, combinada aos determinantes *a(s)*, *o(s)*, forma *na(s)* e *no(s)*, respectivamente. No mesmo grupo da preposição *em* temos *de* e *por* (que não terá forma própria quando combinado, por exemplo, aos pronomes demonstrativos, mas assume forma própria quando combinada aos determinantes *a(s)* e *o(s)*.), formando, respectivamente, *da(s)*, *do(s)* e *pela(s)*, *pelo(s)*.

Preposições como *sobre* não têm forma própria quando combinadas a determinantes, o que faz com que, em casos de hesitação, as marcas prosódicas apareçam mais frequentemente associadas aos determinantes que vêm combinados às preposições. No entanto, dado que não foram encontrados, nos dados afásicos, casos em que a preposição e o determinante não estão combinados, casos de PREPOSIÇÃO + DETERMINANTE não serão estudados neste trabalho.

Os casos relatados a seguir são amostras da ocorrência de repetições hesitativas em PPs na fala de sujeitos não-afásicos. Os primeiros quatro exemplos de PPs elencados abaixo mostram a repetição sem alteração do determinante (trechos 5 e 6) e com alteração no determinante (trechos 7 e 8).

A conversa que antecede este breve primeiro caso de repetição simples de PP tem como tema a combinação, por parte dos participantes do grupo, de uma ida conjunta ao cinema. Todos estão tentando encontrar o melhor horário e decidem tentar encaixar o passeio logo após o encontro no CCA. A dúvida é se haverá ou não fisioterapia, o que impediria o passeio. HM (não-afásica) sugere que talvez não haja fisioterapia no dia escolhido pelos participantes para a ida ao cinema.

Trecho [5] *AphasiAcervus* 26.08.04

01 HM: porque parece que a iliana não vem pra: (--) pra fisioterapia

A descrição desse primeiro caso de repetição simples em PP lembra o já relatado para os casos de NP em sujeitos não-afásicos: a matriz é inicialmente produzida, de forma alongada e em entoação decrescente⁶⁵, uma pausa ocorre para, a seguir, o elemento repetido ser produzido sem alongamento.

Em números, no trecho 5, a matriz *pra* tem duração de 45 milissegundos enquanto a repetição mede 15 milissegundos, ou seja, a matriz é três vezes maior que sua forma repetida após a pausa. Esse alongamento funciona como um projetor da hesitação. Além disso, *pra* projeta sintaticamente o tipo de unidade que está sendo produzido, a saber um PP, o que se confirma pela retração do segundo *pra* na reativação da unidade já iniciada, a saber, o próprio PP.

O excerto 6, a ser analisado a seguir, apresenta dois casos de repetição que são debatidos neste estudo. Um deles, na linha 06, é o tema desta subseção. O outro, na linha 07, é discutido com maior detalhe no próximo capítulo, que tratará dos casos de repetições múltiplas.

Os participantes do encontro perguntam sobre um evento científico do qual os pesquisadores do grupo participarão. EM, que terá uma fala no evento, está explicando do que se trata a temática da conferência.

Trecho [6] *AphasiAcervus* 26.08.04

01 EM: mu- é é um é um é um: é um evento que procura(.)
02 levantar as iniciativas (.) de pesquisa de estudo
03 (.) e de tecnologia voltada (-) né (.)
04 voltada para a superação o enfrentamento (.)
05 e convivência com dificuldades etcetera (-) né (-)
06 --> é se preocupando por exemplo né com: (.) com inclusão socia:l
07 ou então com: (-) com: (--) é (.) com: divulgação desses

⁶⁵ A curva entoacional e o gráfico que apresenta a intensidade no trecho não são apresentados porque concomitantemente à produção de HM, uma porta era aberta. Este som é sobressalente ao som da fala de HM, impedindo assim uma análise acústica do caso.

Na linha 6, EM parece ter dificuldades em complementar o verbo *preocupar*, haja vista que a preposição *com*, que projeta a produção de uma frase preposicional, é produzida com alongamento vocálico e entoação descendente.

Esse padrão de produção pode ser entendido, uma vez mais, como um sinal de hesitação, ao mesmo tempo que a ocorrência da preposição projeta o tipo de unidade que será produzida: um PP. Após uma pausa, a preposição é repetida, e os valores da duração chamam, mais uma vez, a atenção: a matriz tem duração de 44 milissegundos e a repetição tem duração de 8 milissegundos, ou seja a duração da repetição é cinco vezes menor que na primeira ocorrência da preposição.

Neste exemplo, assim como em casos apresentados anteriormente, a curva entoacional da matriz da frase preposicional é decrescente, mantendo-se em nível baixo. Depois da pausa, a repetição *cu'* é feita no nível do início da produção que antecede a ocorrência da primeira preposição.

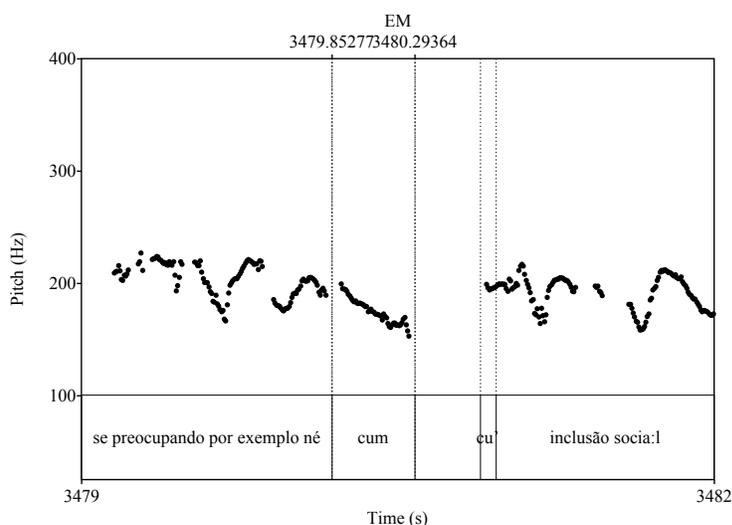


Figura 7. Curva entoacional de “se preocupando por exemplo né cum cu inclusão social”.

Quanto à intensidade, mais uma vez se observa queda durante a produção da matriz, a versão alongada da preposição. A repetição mais uma vez difere do padrão de intensidade

inicial. Neste caso, de forma ainda mais expressiva, por possuir níveis mais elevados que todo o trecho anterior.

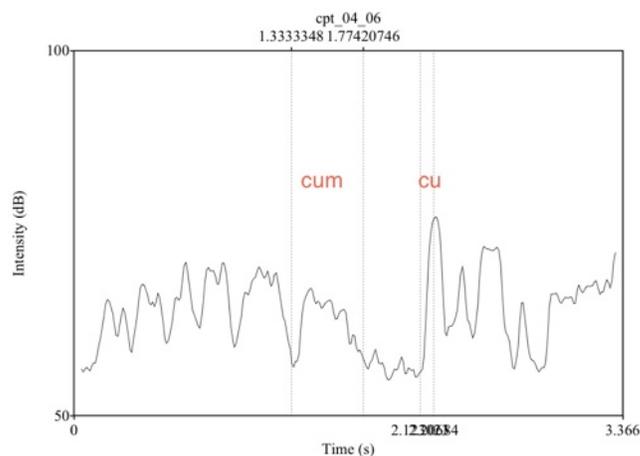


Figura 8. Gráficos da intensidade em “cum” (matriz) e “cu” (repetição).

Duas retrações acontecem entre as linhas 06 e 07: uma que denota um processo hesitativo na nomeação, outra em que se delimita o *frame* afiliado ao verbo *preocupar*.

<p>se preocupando com com inclusão social com com com divulgação desses trabalhos</p>

Quando EM produz *com inclusão social*, depois da produção hesitativa da matriz *com*, ali seria possível concluir o enunciado. Ao contrário disso, EM opta por continuar enumerando os elementos com os quais se ocupa o evento do qual participará. Assim, o PP é reativado e preenchido mais uma vez. No ato do preenchimento do PP reativado, um novo processo de hesitação tem vez: a retração múltipla para o início da estrutura do PP, ou seja, para a preposição *com*. Casos como este serão analisados adiante, quando tratarmos das repetições múltiplas.

No trecho 7, dois casos podem ser interpretados de acordo com as funções indicadas acima. Os participantes do grupo falam, ao longo da sessão, de um personagem importante

na história política do Brasil: Olga Benário, esposa de Luis Carlos Prestes. Na ocasião do encontro, havia sido lançado o filme que tratava da vida de Olga. Com o interesse do grupo em assistir ao filme, surgiu também o debate sobre a vida de Olga e seu fim trágico em um campo de concentração nazista. No momento recortado para o trecho, EM (não-afásica) está avaliando a grande mobilização, não só do Brasil como também da comunidade internacional, na tentativa de libertar Olga e sua filha recém-nascida dos campos de concentração alemães.

Trecho [7] *AphasiAcervus* 02.09.04

```
01   EM:   mas aí houve mu- muito movimento (.) é:: (.) do brasil. né?
02         (--)
03-->   de: da opinião pública internacional? pra que não só a criança
04         vivesse fosse entregue a família como também a: prestes e a
05         olga fossem libertados foi (muito) movimento
```

O movimento de retração ao qual nos referimos no parágrafo anterior pode ser observado em ao menos dois pontos da fala de EM: na linha 03, em *de da opinião pública* e na linha 04, em *vivesse fosse entregue*. Na linha 04, a retração para a posição ocupada pelo verbo explicita o sentido expresso pelo verbo *viver*, haja vista que para que a filha de Olga vivesse, era preciso que fosse entregue à família dela, e não ficasse, portanto, presa em um campo de concentração.

vivesse fosse entregue a família

Já na linha 03, o que temos é um caso *duplo* de retração: *da opinião pública* complementa, junto com *do brasil*, o sentido de *houve muito movimento*.

houve mu muito movimento do Brasil de da opinião pública

O quadro acima ilustra o conjunto de retrações mobilizadas pelo sujeito na construção da oração. Depois de produzido o complemento *do Brasil*, EM opta pela continuação da mesma estrutura preposicional, delimitando com isso o ambiente em que houve mobilização em favor da libertação de Olga. *De* adquire caráter hesitativo, dado que 1) é alongado e 2) a curva entoacional revela os níveis mais baixos da frase entoacional, tendo sido realizado em curva descendente.

Há dois movimentos de retração distintos: um em favor da complementação da ideia inicialmente produzida em *movimento do Brasil*, outro associado à hesitação na produção do segundo complemento de *movimento*.

No caso da retração que se analisa aqui, em *de da opinião pública*, interessa destacar as características prosódicas que determinam a produção como hesitativa: o alongamento vocálico em *de* e a curva entoacional descendente, atingindo o nível mais baixo do trecho. Assim como nos exemplos destacados anteriormente, a repetição é bastante curta quando comparada à produção matriz: que mede 12 milissegundos, enquanto a matriz tem duração de 25 milissegundos.

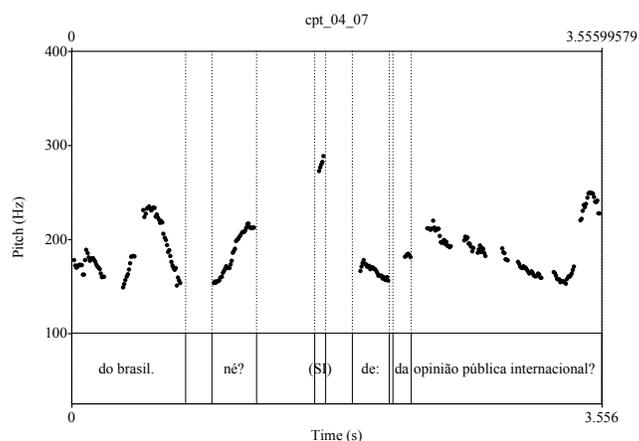


Figura 9. Curva entoacional do trecho “no Brasil, né? de da opinião pública internacional”.

Mais uma vez, quando a versão *definitiva* da cabeça do PP é produzida, ela acompanha a curva entoacional que vinha sendo produzida antes da hesitação. Já a

intensidade mostra mais uma vez ser um fator mais sensível, não acompanhando o padrão sugerido anteriormente.

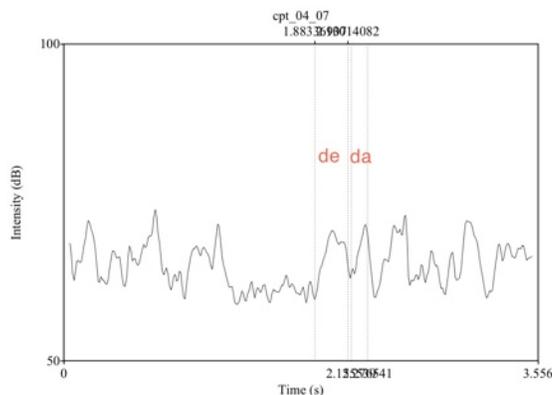


Figura 10. Gráfico de intensidade em *de* (matriz) e *da* (repetição).

No trecho 8, destaca-se outro caso de retração simples em estruturas PPs com mudança de gênero. Participam do trecho JM, MS e NS (afásicos) e HM, IM e JC (não-afásicos). No exemplo, HM está falando sobre o interesse da emissora de TV universitária da UNICAMP em fazer uma reportagem sobre e com o grupo. HM introduz o tópico, lembrando que essa mesma equipe já havia feito, em outro momento, uma entrevista para um jornal escrito da universidade com os participantes do grupo. Como desconhece os detalhes da filmagem, HM sugere que MS, produtor de profissão, auxilie os demais participantes caso venham a fazer a filmagem, o que se transforma em motivo de graça para todos. Na linha 17, encontra-se o trecho hesitativo produzido por HM.

Trecho [8] *AphasiAcervus* 26.08.04

01 HM: [então] que conversô: com você:s e tudo mais
 02 (-)
 03 NS: ãhã
 04 (-)
 05 HM: a::: a ah parece então que: eles querem fazê agora
 06 mas pra fa- vai sê na tevê (.) da unicamp
 07 (---)
 08 tem um canal né (.) que é: então
 09 (.)
 10 JC: canal universitário
 11 HM: parece sê universitário acho que sim né (-)

12 eu não sei direit[o s]ei que
 13 IM: [é]
 14 (-)
 15 HM: é:: num eu recebi o: o recado pra passá pra vocês
 16 pra vê se o (reitor da) (-) topava
 17 --> mas eu não sei exatamente os detalhes dessa: (-) dessa filmagem
 18 (-) temos aqui um produtor
 19 (.)
 20 MS: isso
 21 (.)
 22 HM: que pode nos orientar
 23 MS: isso

Há dois casos de retração simples relacionados à hesitação na produção de nomes. O primeira deles, na linha 15, referente ao NP *o recado*. O segundo, a ser analisado aqui, ocorre na linha 17, referente ao PP *dessa filmagem*, complemento de *detalhes*.

mas eu não sei exatamente os detalhes dessa <div style="text-align: right;">dessa filmagem</div>

Observamos mais uma vez o movimento de retração para o início do PP, introduzido neste caso pela preposição *de* combinada ao pronome demonstrativo *essa: dessa*.

Neste caso, as características prosódicas das unidades correspondem ao padrão esperado para sujeitos não-afásicos: a duração da matriz da frase preposicional é de 74 milissegundos, mais de duas vezes maior que a repetição, que mede 32 milissegundos. Além disso, a curva entoacional para a matriz atinge os níveis mais baixos da frase entoacional. Sua repetição, porém, é iniciada no nível do acento em *detalhes*, que antecede a produção da matriz *dessa*.

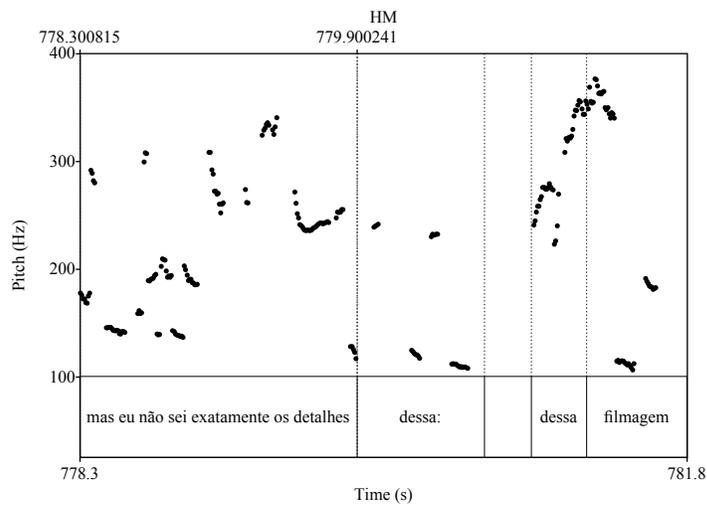


Figura 11. Curva entoacional de “mas eu não sei exatamente os detalhes dessa: dessa filmagem”.

Assim como os parâmetros entoação e duração, também a intensidade corresponde às expectativas do padrão que vem sendo demonstrado nos exemplos anteriores: a matriz tem valores de intensidade inferiores - tanto quanto ao padrão que a antecede quanto ao padrão que vai sucedê-la. A repetição tem intensidade superior até mesmo a trechos anteriores produzidos dentro da frase entoacional.

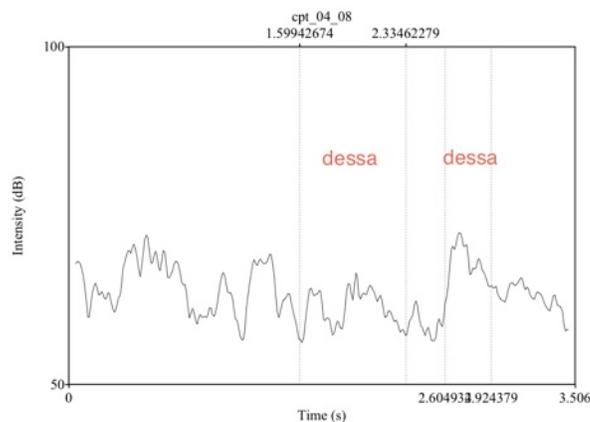


Figura 12. Gráficos de intensidade para a matriz *dessa* e a repetição *dessa*.

Observamos, nesta subseção, o comportamento das preposições que apresentam formas próprias quando combinadas com os determinantes em casos de retrações simples.

A seguir, discutiremos os dados aqui apresentados, mostrando um apanhado geral dos achados empíricos sobre as ocorrências de retrações simples em NPs e PPs em sujeitos não-afásicos.

3.3.1.3 Um breve panorama das repetições simples em sujeitos não-afásicos.

Os trechos expostos ao longo das seções anteriores são exemplos do comportamento de diferentes características prosódicas durante a ocorrência de retrações simples em frases nominais e preposicionais na fala não-afásica. Eles relevam que, embora haja variações na duração dos segmentos e no comportamento da intensidade ou da curva entoacional, a comparação relativa das características da matriz de uma produção e de sua repetição sugere um padrão na resolução dos casos que aqui são chamados de repetições hesitativas.

A considerar o comportamento das características prosódicas avaliadas até aqui, o caráter hesitativo da fala se expressa, em contextos de produção de NPs e PPs, através do alongamento vocálico do determinante ou da preposição, associado a um padrão entoacional descendente. Tais características estão expressas na matriz, tendo a repetição valores de duração, por exemplo, semelhantes aos ocorridos em uma produção tida como não hesitativa.

Entre os diferentes critérios prosódicos utilizados para caracterizar a matriz e a repetição de um determinante ou de uma preposição em casos de repetições hesitativas, observou-se, então, que a duração e a curva entoacional são os dois critérios mais consistentes na diferenciação das características da matriz e da repetição.

As curvas entoacionais da matriz apresentaram padrão descendente - em nível baixo na curva entoacional -, não atingindo em nenhum caso padrões ascendentes ou altos. Já a repetição apresentou padrão ascendente ou *plateau* - na maioria dos casos -, sendo produzida em tom alto, diferenciando-a da produção da matriz, e aproximando-a da atividade verbal não hesitativa que antecede a produção do NP ou do PP. O padrão de tom alto é característico da retomada da fala pós-hesitação, estando presente na maioria dos casos analisados.

Quanto à duração, a matriz foi, em média, duas vezes maior que a repetição, chegando a ser até cinco vezes maior que a repetição. Da observação desses casos, optou-se por calcular a proporção entre os valores da duração da repetição e da matriz de cada ocorrência. Casos em que a proporção era igual ou superior a 0,75, ou seja, casos em que a repetição era 25% mais curta que a matriz, somaram 12% das ocorrências; casos em que a proporção era igual ou superior a 1,0, ou seja, os casos em que a repetição teve valor igual ou superior ao valor da matriz, corresponderam a apenas 7% dos casos.

O uso da proporção como ferramenta de análise dos dados de repetição simples foi importante na medida em que parece apontar as diferenças entre os padrões afásico e não-afásico, o que será discutido no final deste Capítulo.

Na seção seguinte tem início a discussão de casos de retração simples na fala de sujeitos afásicos. Da mesma maneira como foram apresentadas até o presente momento, as repetições simples na fala de sujeitos afásicos estarão divididas entre os casos observados em frases nominais e frases preposicionais.

3.3.2 As repetições simples em sujeitos afásicos

Casos de retração simples não são tão recorrentes na fala de sujeitos afásicos: de um total de 48 ocorrências de repetição de frases nominais e preposicionais, apenas 15 se encaixam nos casos de retração simples. Além disso, o que se observa é que, os casos simples de repetição acompanham, inúmeras vezes, casos de retração múltipla. Os casos apontados abaixo ilustram sua ocorrência e já apontam para possíveis diferenças entre as produções em sujeitos afásicos e não-afásicos.

3.3.2.1 Em NPs

O primeiro caso de repetição simples em fala afásica que discutiremos aqui foi extraído do encontro em que JM (afásico) volta a participar das atividades do grupo, depois de ter estado ausente por um período. Os participantes listam as atividades realizadas em

conjunto, fazem perguntas a JM, tentam lembrar o último encontro do qual ele participou. No trecho 09, participam da conversa EM e JC (não-afásicos) e JM (afásico).

Trecho [09] *AphasiAcervus* JM 14.04.05 tivemos aí a o último

01 EM: o senhor acha que depois que teve a segunda convulsão
02 teve alguma diferença na sua [fala]
03 JM: [nã]:o (consigo)
04 EM: acha que ficô a mes[ma coisa]
05 JM: [não não] (--) mema coisa
06 (---)
07 JC: ah que bom né?
08 (2,45)
09 EM: né
10 (--)
11 JM: eu (.) tive na: (2,44)
12 quando quando que faz (-) ma ãh: faz que nós
13 (1,25) <<cr>ãh> (-) que é: (-)
14--> tivemos aí a o último dia da: da (1,29) do: do ano passado hein
15 (.)
16 EM: foi em dezembro

EM pergunta a JM se ele observou alguma alteração em sua fala depois de um novo episódio convulsivo, que o levou a se afastar do grupo. JM afirma que não (linha 02), reiterando essa afirmação na linha 05. Depois de um período relativamente longo de silêncio (linha 08), e de uma primeira abordagem de retomada da conversa por EM na linha 09, JM muda o tópico da conversa. Para concluir sua fala, JM abandona a estrutura empregada na linha 11 e, agora, em formato de pergunta, questiona qual o último encontro realizado no ano anterior. Esse trecho se passa entre as linhas 11 e 14 e contém uma série de repetições, marcadores discursivos, pausas e alongamentos de segmentos.

Esquematizando a fala de acordo com os movimentos sintáticos empregados pelo sujeito, temos:

quando
quando que faz que nós
que tivemos aí a
o último dia da
da
do
do ano passado

Dos casos de retração realizados, interessa-nos discutir aqui a repetição da posição de determinante do NP em *tivemos aí a o último dia*. Mas, antes disso, parece interessante apontar a complexidade com que os elementos são aqui repetidos. Um conjunto de duas frases entoacionais é produzido usando uma série de recursos linguísticos, dentre os quais destacamos as retrações, as pausas e os alongamentos. O emprego conjunto - e continuado - desses recursos já parece diferenciar casos afásicos de casos não-afásicos.

Para a retração em *tivemos aí a o último dia*, vejamos como se comporta a curva entoacional. A fala de JM apresenta variação relativamente baixa da curva entoacional neste exemplo. Considerada essa característica, pode-se dizer que o comportamento da curva na produção da matriz está dentro dos padrões esperados para a fala não-afásica: curva levemente descendente. A repetição, por sua vez, não apresenta logo no início um valor mais elevado que a matriz. No entanto, a tendência da curva é crescente, o que é mantido na produção de *último*, ou seja, ainda que a curva não se inicie já em um nível superior ao nível da matriz, ela não mantém as características da matriz.

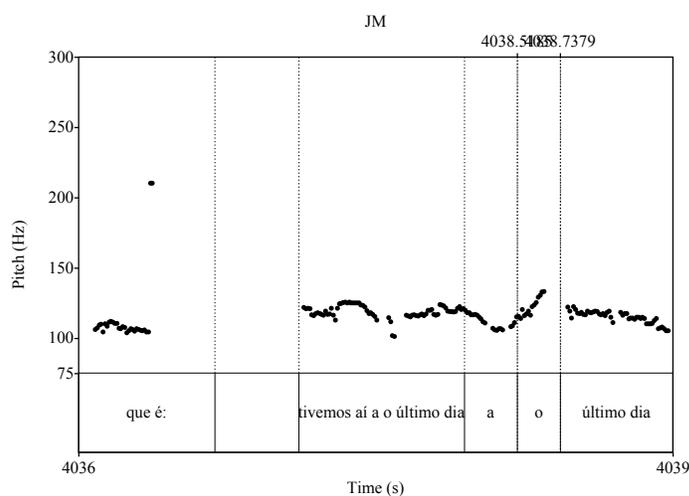


Figura 13. Curva entoacional para “tivemos aí a o último dia”.

No que compete à duração, a diferença que se vinha observando entre os valores da matriz e da repetição não é aqui tão evidente: enquanto a matriz tem duração de 26 milissegundos, a repetição tem duração de 22 milissegundos, o que representa uma

diferença de 25%, sugerindo um padrão relativamente próximo ao padrão recorrente na fala de sujeitos não-afásicos.

Já a intensidade cai ao longo da produção da matriz, logo depois de atingir seu pico, e a curva da intensidade na repetição se comporta da maneira oposta: inicia em baixa, atingindo o pico no final de sua produção.

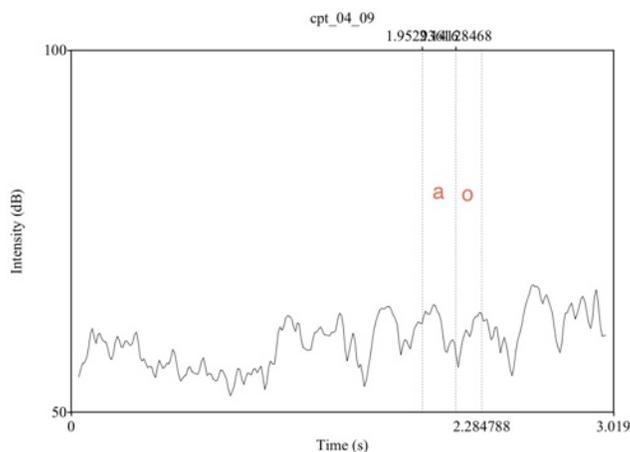


Figura 14. Gráfico da intensidade para a matriz *a* e a repetição *o*.

Neste primeiro exemplo, observa-se um caso em que as características prosódicas da retração se assemelham às características observadas em não-afásicos para repetições simples. O próximo trecho também apresenta semelhanças com a produção não-afásica no que tange à produção da repetição simples em frase preposicional. Todavia, o conjunto da produção do sujeito, do qual a repetição simples é uma parte, é composto por uma série de pausas, alongamentos e repetições.

No trecho abaixo, participam da conversa JM e GD (afásicos) e EM e HM (não-afásicas). Os participantes estão discutindo os problemas da segurança no Brasil, com enfoque específico em um fato ocorrido na época do encontro, quando uma facção criminosa chamada PCC realizou uma série de atos de violência em diferentes cidades do estado de São Paulo, provocando com isso o fechamento do comércio em várias localidades.

No início do trecho, EM descreve a relação entre policiais e criminosos, que acaba gerando insegurança na população quanto à atuação da polícia. Nesse momento, JM introduz um tópico relacionado ao assunto que vem sendo tratado pelos participantes: o possível recebimento de verba de cada criminoso que passa a fazer parte do grupo PCC. A sequência é repleta de pausas, prolongamentos e repetições. Vejamos:

Trecho [10] *AphasiAcervus* JM 18.05.06 recebe recebe

01 EM: e ao mesmo tempo (-) é: eles (.)
 02 a a prometem e fazem acordos com os próprios: (-) criminosos
 03 então a gente não sabe mais se tem medo de bandido
 04 (1,23) ou de polícia
 05 (.)
 06 HM: é (.) não e ainda é
 07 (-)
 08 eu tenho [medo de acontecê isso]
 09 JM: [ouvi dizê [que] tem] o:::
 10 EM: [fala]
 11 (-)
 12 JM: ((limpa a garganta)) (---) o::: (---) o pececê
 13 (.)
 14 EM: ãh
 15 (-)
 16->JM: recebe (1,71) re- recebe (2,25) um::: (2,13) um acordo
 17 (.) não
 18 (-)
 19 HM: uma verba
 20 (2,10)
 21 EM: ãh
 22 (1,81)
 23 JM: recebe uma (.) (do) (--)
 24 cada ladrão que (-) que::: (--) que foi feito
 25 (-)
 26 EM: ãh
 27 JM: eles (.) <<DIF>é:> (.) eles (---) são obrigados a entregá (--)
 28 <<DIF>a:::>
 29 (2,56)
 30 GD: <<pp>duzentos> (--) (r) (-) ãh r:eéi[s]
 31 EM: [é [mes]mo]

No trecho, há um conjunto de movimentos de retração e projeção na fala de JM, combinados a pausas, alongamentos e auto-correções. Exemplos como este são encontrados frequentemente na fala de JM, assim como na fala de NS e SI. Em primeiro lugar, vamos traçar um plano dos movimentos de retração e projeção no conjunto da fala de JM neste trecho para, em seguida, tratarmos da repetição que nos interessa aqui.

Trecho 10, parte 1

ouvi dizê que tem o
o
o pececê recebe
re
recebe um
um acordo

Nesta primeira parte do trecho 14, há uma série de movimentos que devem ser apontados. O primeiro deles é a projeção de um NP com a produção do determinante *o*. A repetição do determinante acontece duas vezes, mas com uma mudança importante na segunda repetição: uma mudança na curva entoacional “desfaz” o NP como complemento do verbo *tem* e, quando o NP *o pececê* é realizado, ele inicia a formação de uma nova frase entoacional. A retração acontece então duas vezes para o verbo *receber* quando, mais uma vez, há retração da cabeça do NP *um*.

Trecho 10, parte 2

recebe uma do

O uso da negação na linha 17 leva sua interlocutora HM a fazer uma sugestão: *um acordo*, produzido por JM, deveria ser substituído por *uma verba*? Depois de ser mais uma vez estimulado a seguir abordando o tema, através da indicação de acompanhamento de sua fala por EM (linha 21), JM produz o trecho repetido acima, na parte 2. A retomada através de *recebe uma do* sugere que o sujeito acata a sugestão de HM, ou ao menos faz uso parcial dela, trocando o artigo *um* que vinha sendo produzido na linha 16 por *uma*. O nome não é, porém, produzido. Ao invés disso, JM produz a preposição *do*, que poderia ser o complemento preposicionado do verbo *receber*. A estrutura é, porém, abandonada, dando lugar à reformulação repetida abaixo, no trecho 10 - parte 3.

Trecho 10, parte 3

cada ladrão que
 que
 que foi feito ele
 eles são obrigados a entregá a

Na reformulação, uma nova estrutura será empregada e será finalizada conjuntamente, através da participação de outro interlocutor. O verbo *entregá* é acompanhado de uma curva entoacional descendente, indicativa de encerramento da frase entoacional. Todavia, a construção não está concluída do ponto de vista sintático, dado que não é possível inferir da sequência o que deve ser entregue, ou seja, falta o complemento do verbo *entregar*. Depois de uma pausa, a ocorrência do determinante *a* projeta o complemento do verbo, que vai ser concluído por seu interlocutor, GD. Neste momento, mais uma vez fica clara a participação do conhecimento compartilhado pelos sujeitos: a notícia também era conhecida de GD, que completa (na linha 30) o raciocínio que vinha sendo desenvolvido por JM.

Em meio a esse conjunto de pausas, reformulações e retrações, é na linha 16 que se encontra o trecho que analisaremos de perto aqui: o caso de retração simples do NP *um um acordo*.

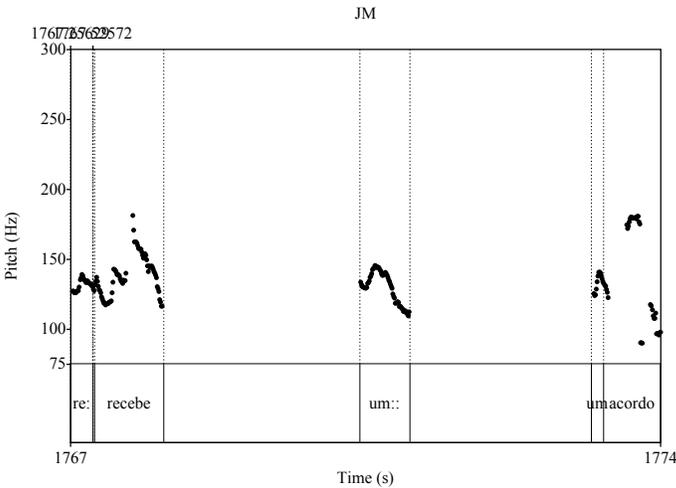


Figura 15. Curva entoacional para “re recebe um um acordo”.

A curva entoacional expressa através da figura 15 mostra que a matriz *um* é produzida no padrão descendente, depois de uma leve subida no início da produção. Depois de uma longa pausa, a curta repetição do determinante se realiza com padrão ascendente.

A duração apresenta um comportamento semelhante ao que é produzido por sujeitos não-afásicos: a matriz tem duração de 61 milissegundos e a repetição, de 15 milissegundos.

A intensidade é mais um fator que parece seguir os padrões dos casos não-afásicos avaliados na seção anterior. Enquanto na matriz sua tendência final é de queda, a repetição revela índice mais elevado do que a matriz e a produção que antecede a matriz.

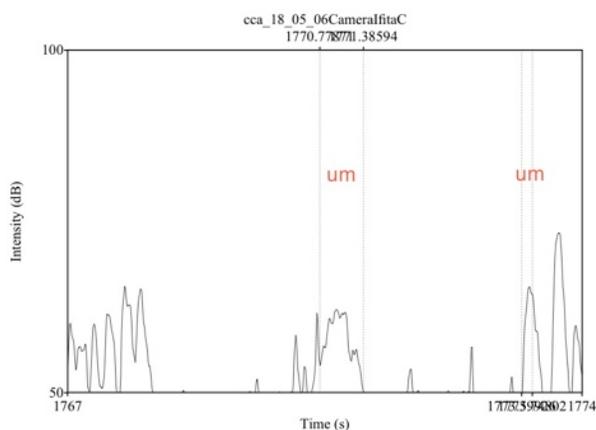


Figura 16. Gráfico da intensidade para a matriz *um* e a repetição *um*.

Observemos, no trecho 11, como se desenrola o próximo exemplo de retração simples. NS (afásica) está relatando o que viu na televisão sobre os ataques realizados por uma facção criminosa, chamada PCC, em algumas cidades do estado de São Paulo, além de rebeliões ocorridas dentro de alguns presídios. Ao longo do encontro, vários participantes relatam episódios vistos na televisão e/ou ouvidos de colegas. No trecho 11, porém, NS é a única a dar contribuições, e HM acompanha sua fala.

Trecho [11] *AphasiAcervus* NS 18.05.06 morreu né a: como chama a

01 NS: ah bandido né (1,24) lá na na: (--) na cadeia
 02 (---) lá (cumu) chama no teco
 03 (-)

04 HM: [é no] teto
 05 NS: [no teto]
 06 (1,18) telefo::ne sabe (--) tudo (1,79)
 07 depois né é=a=é (1,31)
 08--> morreu né a:: (1,09) como chama é a: (-) polícia
 09 (-) monte morreu (---) coisa também morreu
 10--> <<all>como é que chama> é a: (.)
 11--> como é que chama é o:: (--) preso morreu
 12 (1,08)
 13 depois <<all>no=no no no> no carro tamém
 14 (--) fogo sabe
 15 (---)
 16 HM: nos ônibus
 17 (.)
 18 NS: é

A fala de NS é marcada pela maior ocorrência de substantivos e advérbios, em detrimento de verbos, como se pode observar já nas linhas 01, 02, 13 e 14. No entanto, essa característica de sua produção não interfere no tipo de análise que é empreendida neste Trabalho.

No início do trecho, NS produz uma retração que será analisada quando tratarmos dos casos de retração em frases preposicionais na fala de sujeitos afásicos: *lá na na na cadeia*. Já as retrações produzidas nas linhas 08 e 10-11 compõem o quadro de realizações com as quais esta subseção se ocupa.

Ao revelar que policiais morreram durante a rebelião, NS diz *morreu né a como chama é a polícia*, que poderia ser esquematizada da seguinte maneira:

morreu né a	como chama
	é
	a polícia

Neste caso, NS se vale não só de pausas entre uma e outra produção do determinante, como também utiliza produtivamente marcadores hesitativos como *como chama* e *é*, que denotam a busca pelo nome. Essa busca termina com a retração para o início do NP e a produção do nome. Interessa observar, porém, que as características prosódicas do trecho diferem das características observadas até o momento.

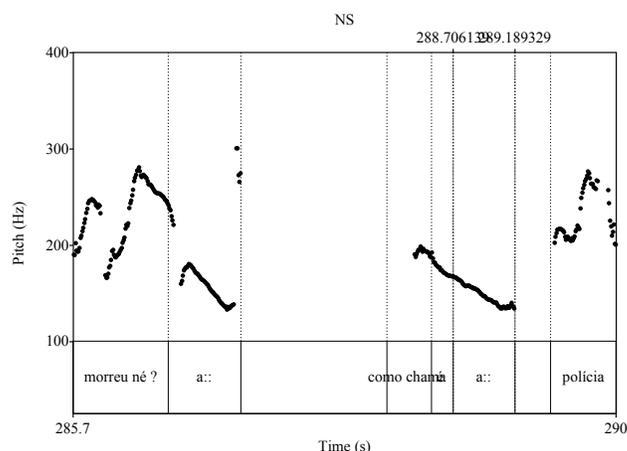


Figura 17. Curva entoacional para “morreu né a: (.) como chama é a polícia”.

Na figura 17, nota-se que 1) a duração da matriz não é significativamente maior que a duração da repetição (a matriz tem duração de 52 milissegundos e a repetição, 48 milissegundos) e 2) as curvas entoacionais de ambas são significativamente descendentes e atingem o mesmo nível. Ambas têm, portanto, características prosódicas de marcas hesitativas. A retomada da fala de característica não-hesitativa se dará não no início do NP, na retração para o determinante, mas com a produção do nome *polícia*.

Com relação à intensidade, observa-se também que matriz e repetição se assemelham: ambas se destacam por estarem entre os níveis mais baixos da frase entoacional, tendo níveis mais altos apenas que os marcadores hesitativos. Assim como no movimento de *pitch*, a retomada de um padrão mais alto de intensidade aparecerá somente no nome.

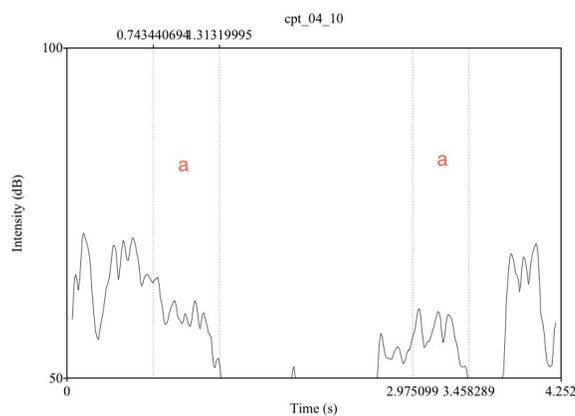


Figura 18. Gráfico da intensidade para *a* matriz e *a* repetição.

Constata-se então que a matriz e a repetição são bastante semelhantes do ponto de vista prosódico, o que sinaliza ambos como partículas hesitativas, ou seja, não se observa nesse exemplo a diferenciação prosódica observada na fala não-afásica entre a matriz e a repetição.

No segundo caso de retração, ocorrido dentro deste mesmo trecho, temos:

```
09      (-) monte morreu (---) coisa também morreu
10      <<all>como é que chama> é a: (.)
11      como é que chama é o:: (--) preso morreu
```

Neste trecho, NS preenche a posição de sujeito com um termo genérico *coisa*, recurso do qual faz uso frequentemente, ao dizer *coisa morreu*. Em seguida, indica a busca por um nome através do marcador hesitativo *como é que chama*, seguido de outro marcador *é*. O NP volta a ser construído, ao produzir o determinante *a*, alongado. Mais uma vez NS faz uso de marcadores hesitativos, sequenciando *como é que chama* e *é* para, a seguir, produzir mais uma vez um determinante, um *o* alongado, retraindo assim para o início do NP projetado na produção do primeiro determinante *a*. Depois de uma pausa, NS produz o nome, finalizando a construção do NP.

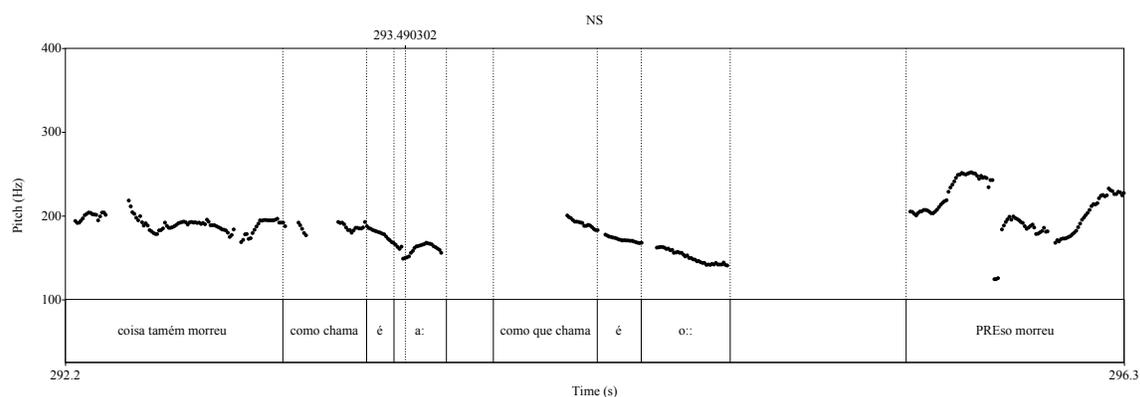


Figura 19. Curva entoacional para “coisa tamém morreu como chama é a: como que chama é o:: preso morreu”.

A figura 19 indica que a curva entoacional tem padrão semelhante para a matriz e para a repetição do determinante. A matriz *a*, ainda que apresente no início um contorno com leve subida, a seguir retoma o padrão de queda até a pausa. *O* acompanha a descendência da curva iniciada ainda em *como que chama é* até a pausa. A manutenção do padrão de queda da curva impede, mais uma vez, a diferenciação entre a matriz e a repetição. O padrão da curva entoacional da repetição é idêntico ao que ocorre na matriz de boa parcela das repetições em sujeitos não-afásicos. Será somente na produção do nome *preso* que o padrão de retomada, com tom mais alto, aparecerá.

A duração também sugere a manutenção dessa semelhança entre as duas produções, dado que há alongamento tanto na matriz quanto na repetição. Vale ressaltar inclusive que a repetição, que mede 35 milissegundos, é mais longa que a matriz, que mede 21 milissegundos. A combinação desses dois elementos, ou seja, o padrão da curva entoacional e da duração, sugere a manutenção da hesitação. Vejamos o que nos mostra a intensidade:

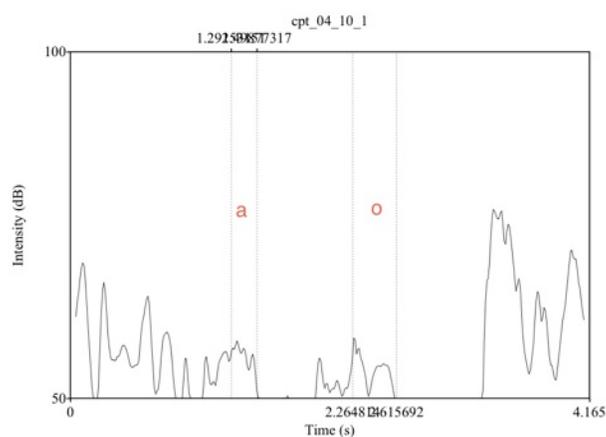


Figura 18. Gráfico da intensidade para a matriz *a* e para a repetição *o*.

Nos gráficos apresentados acima, observa-se que a intensidade é baixa tanto na matriz quanto na repetição. A repetição atinge níveis mais baixos que a matriz e o nome será produzido com intensidade mais alta do que todo o trecho, inclusive o determinante que o antecede. Assim, no quesito intensidade a produção de NS também se diferencia do observado na fala dita não-patológica.

É interessante observar que, de acordo com esses três parâmetros, os exemplos apontados aqui revelam que não é categórico o comportamento diferenciado na fala afásica. Há maior variação nos padrões de comportamento da matriz em relação à repetição nos casos apresentados até aqui, mas essa variação não impede a ocorrência de casos semelhantes aos casos não-afásicos.

3.3.2.2 Em PPs

Dando continuidade à análise dos casos de retração simples na fala afásica, esta subseção apresenta trechos que exemplificam sua ocorrência em frases preposicionais. HM (não-afásica) e SI (afásica) participam do primeiro trecho a ser analisado. SI havia expressado, ao longo do encontro (em momentos que não serão expressos aqui), seu desejo em contar algumas novidades. No trecho, HM pergunta a SI qual seria uma dessas novidades, dado que uma delas já havia sido anunciada pela participante.

Trecho [12] *Aphasiacervus* SI 16-09-04 na na praia

01 HM: [e qual] que é a outra novidade dona SI?
02 (1,46)
03-> SI: o:u (-) fui lá (-) lá na na praia
04 (-)
05 HM: quando que a senhora foi
06 (.)
07 SI: ô:
08 (1,30)
09 HM: no feriado?
10 (-)
11 SI: é

Quando HM pergunta a SI qual novidade ela gostaria de relatar, SI inicia seu relato com uma marca frequente de seu discurso: o uso do marcador “*ou*” - uma variante de *ô* - utilizado, entre outros contextos, como uma resposta afirmativa. Aqui, o termo sugere acompanhamento da pergunta e pode ter sido empregado para ganho de tempo na formulação da resposta. Ao responder o que foi perguntado por HM, SI recorrerá a duas retrações. A primeira delas, ao advérbio *lá*; a segunda delas, na produção do PP *na praia*.

fui lá lá na na praia

A curva entoacional do trecho revela que a matriz *na* é produzida com queda leve e progressiva da curva. A repetição é produzida em padrão ascendente crescente, de forma semelhante aos trechos 09 e 10 discutidos anteriormente.

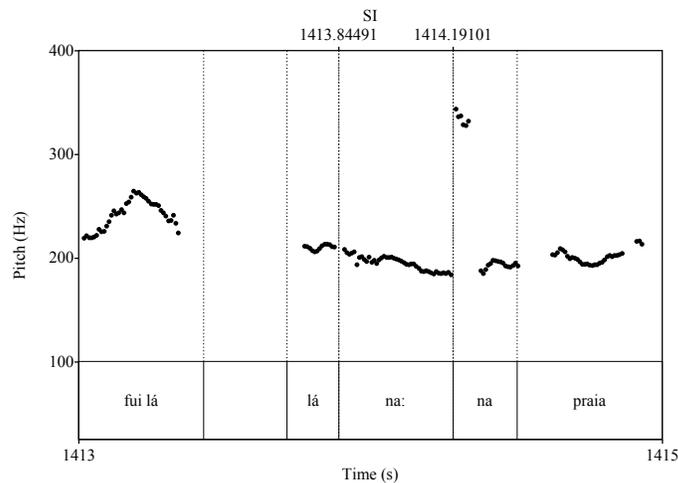


Figura 21. Curva entoacional para “fui lá lá na na praia”.

Observe agora a duração da matriz e da repetição *na*: enquanto a matriz mede 19 milissegundos, a repetição mede 34 milissegundos, um valor 60% maior que a matriz. Casos como esse, em que a duração da matriz é bastante superior que a repetição, são menos frequentes na produção afásica, como será abordado na discussão que fecha a seção que discute os casos de retração simples. É importante, porém, destacar que há ocorrências desse tipo na fala afásica, como mostrado neste exemplo e em exemplos anteriores deste capítulo.

Quanto à intensidade, o gráfico 22, abaixo, apresenta a semelhança entre as duas ocorrências, que têm quedas e picos em níveis bastante próximos. As duas produções têm

pico próximo ao pico da produção do nome, não havendo portanto diferenciação dos trechos de acordo com este parâmetro. Observe:

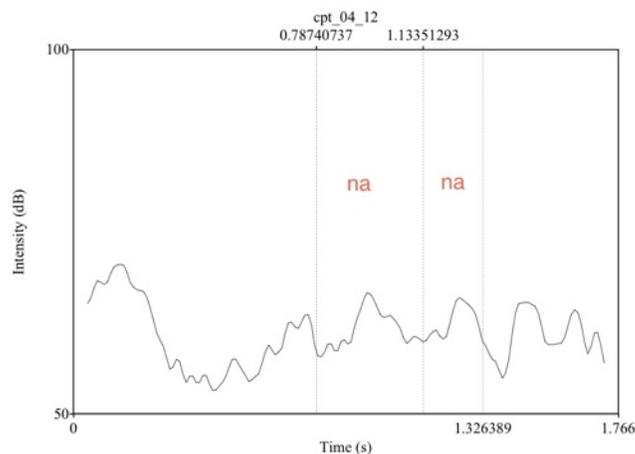


Figura 22. Gráfico da intensidade para a matriz *na* e a repetição *na*.

Se no trecho 12 os parâmetros da duração e da curva revelam similaridades com os casos investigados em sujeitos não-afásicos, o trecho 13 mostra um caso mais recorrente na fala afásica. No exemplo, HM e JC (não-afásicos) e JM, EF, MS e SI (afásicos) expõem a história de Olga Benário. HM pergunta aos participantes do grupo quem foi Olga, dado que em trecho anterior, alguns participantes disseram conhecer sua história. Neste momento, JM toma a fala para relatar quem é Olga, realizando diferentes casos de repetição hesitativa, dentre as quais será discutida a seguir aquela ocorrida na linha 23.

Trecho [13] *Aphasiacervus* JM 26-08-04 justamente na na época do

```

01  HM:    quem que foi a olga
02        (--)
03  JM:    a olga é::
04        (--)
05  MS:    be[lenice      ]
06  JM:    [mulher di du:] (du uis) lui luis carlos prestes
07  MS:    é
08        (.)
09  EF:    é
10        (1,17)
11  JM:    e era
12        (-)
13  JC:    ó o seu seu EF conhece a história também
14  HM:    também é

```

15 (1,36)
16 EF: (ãu)
17 (1,01)
18 JM: ãh teve u'a: (2,09) veio veio para o brasil
19 (-)
20 MS: é
21 (.)
22 JM: se apaixonou por por por luis carlos prestes
23-> (1,01) e: (-) justamente na na época que
24 MS: isso
25 JM: tava (-) o:: o comunismo [na][::]
26 MS: [isso]
27 SI: [hihihi]
28 EF: é
29 (---)
30 HM: ditadura
31 (---)
32 JC: ditadura do vargas
33 HM: [ah do vargas]
34 JM: [i:sso] [(dididi gar)]
35 HM: [ditadura vargas]
36 JC: [ditadura do vargas]
37 (.)
38 EF: ah
39 (-)
40 JM: do vargas

Entre as repetições hesitativas em frases preposicionais que fazem parte deste trecho estão *mulher di du du uis lui luis carlos prestes, se apaixonou por por por luis carlos prestes, e justamente na na época que*. Destacamos aqui o último caso, enquanto os dois primeiros serão abordados na seção que trata das retrações múltiplas na fala de sujeitos afásicos.

Uma das características mais importantes da fala de JM ao longo do trecho são as repetições. Todos os turnos de fala de JM - com exceção das linhas 03, 11 e 40 - são acompanhados por repetições, o que parece tornar sua fala mais laboriosa.

No que compete às características prosódicas da produção, a fala de JM é marcada pelo tom nivelado. Quanto à produção da matriz e sua repetição, o que se observa é a presença de curva descendente na matriz e a manutenção de um *plateau* na repetição. Também na produção do nome não se observa a retomada a partir de um tom mais alto. Na verdade, o tom do nome acompanha o tom que vinha sendo produzido na repetição. A duração é outro fator importante no trecho: a repetição, que dura 29 milissegundos, é mais

longa que a matriz, com duração de 25 milissegundos, contrariando a expectativa para as repetições que antecedem o nome.

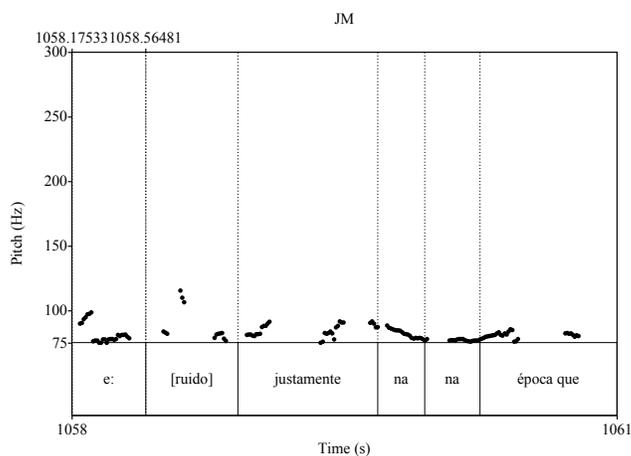


Figura 23. Curva entoacional para “e justamente na na época que (...)”.

A intensidade tem características diferentes na matriz e na repetição. Enquanto na matriz há um movimento de subida na intensidade, na repetição a intensidade cai. Um novo pico na intensidade será notado no início da produção do nome *época* que sucede a repetição do determinante *na*.

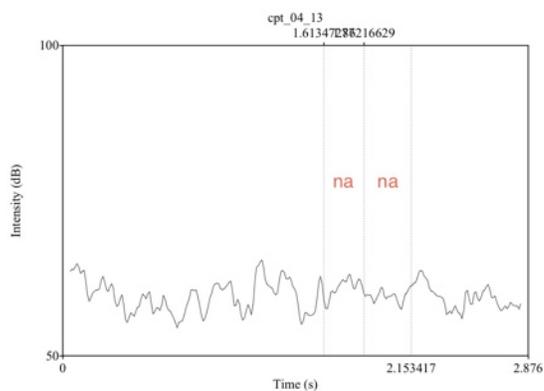


Figura 24. Gráfico da intensidade para a matriz *na* e a repetição *na*.

O trecho 14 apresenta o último caso de retração simples de frases preposicionais analisado na fala de sujeitos afásicos. Participam do trecho HM e JC (não-afásicas) e JM

(afásico). É o início do encontro. JC relata que viaja sempre com o ônibus conhecido como “massa crítica”, de São Paulo a Campinas, para participar do encontro. JM, que também reside em São Paulo, toma o mesmo ônibus. JC revela que viajou no ônibus das sete horas da manhã e JM afirma que viajou no mesmo horário. Depois de discutirem os horários do ônibus em pontos diferentes, JM pergunta porque não encontrou JC no ônibus. É quando JC revela que viajou no dia anterior, diferentemente de JM.

Trecho [14] *Aphasiacervus* JM 18.05.06 na na barro barra funda

01 JM: mas [o é e] vem (deo) do=do: sumaré também
 02 HM: [i::sso]
 03 (1,34)
 04 JC: sai do metrô sumaré as sete da manha em ponto
 05 (-)
 06 JM: ah é?
 07 (.)
 08 JC: é[:]
 09->JM: [é] (-) eu vi na:: (-) na:: (1,37) barra
 10 (1,09) barra funda
 11 (.)
 12 JC: sai- ele passa na barra funda as sete e quinze
 13 (--) é o mesmo é o meu
 14 (--)
 15 JM: ah é?
 16 JC: é o que eu pego
 17 (--)
 18 JM: mas eu (1,23) como é que eu (.)
 19 ãh: eu num te viu
 20 (---)
 21 JC: e-eu f- (--) eu tava no ô[nibus de ontem]

Na linha 09, JM realiza uma parafasia do verbo *vir*, em “*eu vim*”, trocando-o por sua forma semelhante *eu vi*, do verbo *ver*. Na sequência, o complemento preposicional introduzido por *na* é produzido com curva entoacional descendente e alongamento vocálico. Depois de uma pausa curta, ocorre a retração para o início da frase preposicional, a partir da repetição da preposição.

A repetição é mais uma vez alongada, com duração 5% mais longa do que a matriz,: os valores da duração na matriz e na repetição são 57 e 59 milissegundos, respectivamente. Ao longo da sequência, é mantido o padrão de curva entoacional decrescente. Após uma longa pausa, a matriz do nome é produzida e, depois de uma nova pausa, o nome é repetido, levando à produção do nome completo *barra funda*.

A seguir, a representação da curva entoacional:

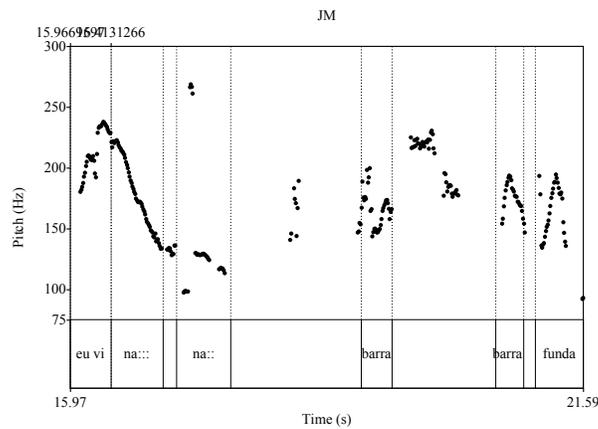


Figura 25. Curva entoacional para “eu vi na:: na:: barro barro funda”.

Observa-se neste caso que as características prosódicas da matriz e da repetição remetem à produção hesitativa que vem sendo discutida ao longo do capítulo. O elemento que antecede a produção do nome não é mais curto, tampouco a curva entoacional é produzida em nível superior ao que aparece na matriz. O padrão de retomada da curva entoacional aparece somente na produção do nome, tanto em sua primeira quanto em sua segunda produção.

A intensidade se comporta de forma distinta para a matriz e para a repetição. Na matriz a intensidade tem valores semelhantes aos realizados no início da frase entoacional, enquanto na repetição esses valores caem quase pela metade, mantendo-se em um *plateau* ao longo de sua produção. Um novo pico surgirá apenas no nome, característica que acompanha o encontrado para a curva entoacional.

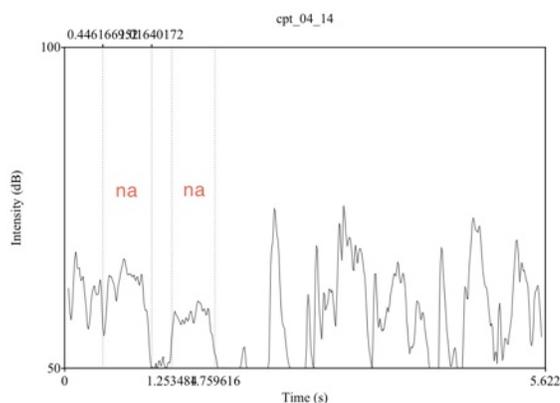


Figura 26. Gráfico da intensidade para a matriz *na* e a repetição *na*.

É interessante observar a retomada da fala logo depois da pausa que sucede a repetição de *na*, quando a fala de JM soa “brusca”, resultado provável do pico de intensidade e do movimento de subida e descida na curva entoacional, seguido da pausa.

Os três exemplos apresentados acima são ilustrativos da utilização dos recursos prosódicos por parte dos sujeitos afásicos em repetições hesitativas de frases preposicionais. Na seção seguinte, discutiremos os padrões prosódicos encontrados na fala afásica para, da combinação dos dados afásicos e não-afásicos, realizar uma análise comparativa das repetições hesitativas em retrações simples.

3.3.2.3 Um breve panorama das repetições simples em sujeitos afásicos

Os trechos apresentados nas seções que discutem os casos de retrações simples na fala de sujeitos afásicos são amostras da realização das características prosódicas no conjunto de dados considerado para este trabalho.

A duração foi medida e analisada em termos da proporção entre os valores da matriz e da repetição. Casos em que a proporção era igual ou superior a 0,75, ou seja, os casos em que a duração da repetição era apenas 25% mais curta que a matriz, somam 75% das ocorrências. Se se considerar os casos em que a proporção é igual ou superior a 1,0, ou seja,

os casos em que a repetição tem valor igual ou superior ao valor da matriz, tem-se um total de 40% dos casos.

As curvas entoacionais da matriz e da repetição nos casos estudados chamam a atenção por apresentarem padrão semelhante entre si, ou seja, na maioria dos casos o padrão da matriz se assemelhava ao padrão da repetição. As curvas encontradas variaram entre a curva descendente e o *plateau* em nível baixo. Na repetição, houve casos em que a curva apresentou padrão ascendente, mas não houve casos em que a curva tem início em nível superior ao da matriz, ou seja, um padrão de retomada não aparece na repetição, mas sim, em alguns casos, no nome.

Quanto à intensidade, os padrões para a repetição e a matriz parecem manter maior semelhança entre si, ou então, há maior força de intensidade na matriz do que na repetição.

As pausas entre a matriz e a repetição estão presentes em 60% dos casos apurados. O valor médio das pausas é de 0,66 segundos, valor 40% mais alto que a média das pausas em sujeitos não-afásicos. Um aspecto interessante a acrescentar são as pausas que sucedem a repetição, mais recorrentes na fala afásica, aparecendo em 40% das ocorrências. Quanto a essas pausas, parece haver uma relação entre sua ocorrência e a repetição mais longa ou igual à matriz: em 83% dos casos investigados, a repetição é mais longa do que a matriz nos casos em que ocorre pausa depois da repetição.

3.3.3 Um panorama comparativo das características prosódicas das repetições simples

Um dos aspectos que se tentou mostrar ao longo do capítulo é que as características prosódicas *curva entoacional*, *duração* e *intensidade* da matriz e da repetição se comportam distintamente em contextos de produção afásica e não-afásica. O quadro apresentado a seguir sistematiza os resultados encontrados e que serão discutidos em seguida.

Retração simples	
afásicos	não-afásicos
alongamento vocálico na matriz e na repetição	alongamento vocálico na matriz
entoação descendente na matriz e, em geral, na repetição	entoação descendente na matriz
tom mais alto já no nome, depois dos movimentos de retração	tom mais alto aparece já na repetição
pausas, quando ocorrem, são, em média, mais longas	pausas quando ocorrem, são, em média, mais curtas
sequência M + (P) + R + P aparece em 40% dos casos	sequência M + (P) + R + P aparece em apenas 7% dos casos

Na fala não-afásica, há uma relação inversamente proporcional entre a duração da matriz e da repetição em casos de retrações simples em NPs e PPs. Nos casos em que há retração simples de determinantes ou preposições, enquanto a matriz é alongada e produzida com curva entoacional descendente em nível baixo, a repetição é curta e tem curva entoacional em nível mais alto que o nível da matriz, estando boa parte das vezes ligada ao elemento que antecede a matriz.

No caso das características prosódicas da matriz na fala afásica, não é encontrada a diferenciação entre a matriz e a repetição na maioria dos casos. Na fala afásica, o que se vê é a recorrente semelhança dos valores da duração da matriz e da repetição, assim como do padrão da curva entoacional da matriz e da repetição. Há também os casos em que a curva entoacional se comporta de maneira oposta aos casos de fala não-afásica, ao revelar um padrão ascendente, indicador de continuidade em Português Brasileiro. Esses casos parecem ocorrer concomitantemente à produção de segmentos curtos.

O gráfico abaixo representa a oposição entre a matriz e a repetição, na fala afásica e não-afásica, no que tange ao aspecto da duração. Observe que os valores da duração da matriz e da repetição são claramente diferenciados na fala não-afásica, enquanto os valores da duração da matriz e da repetição são praticamente os mesmos na fala afásica.

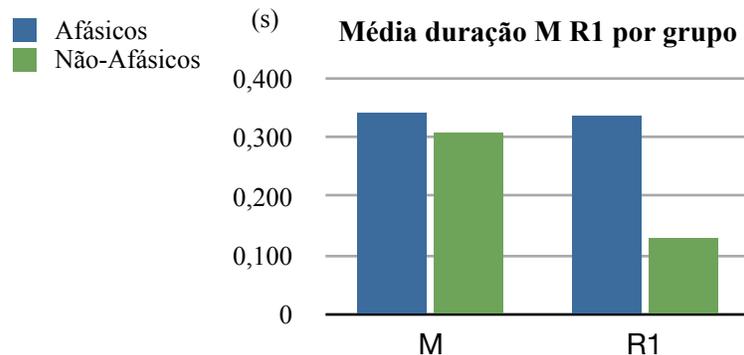


Figura 27. Gráfico da relação entre o valor médio da matriz e o valor médio da repetição na fala afásica e não-afásica.

Como já observado no início desta seção, enquanto a duração da repetição é claramente reduzida, quando comparada à duração da matriz em contextos de fala não-afásica, há uma aproximação bastante grande entre os valores da duração da matriz e da repetição na fala afásica.

A manutenção de um padrão alongado da duração na repetição pode ter consequências para a interação. Se se considerar que o alongamento, associado à curva entoacional descendente, caracteriza o processo hesitativo, a manutenção deste padrão na repetição poderia sugerir que o sujeito permanece no processo hesitativo. Essa expectativa somente seria quebrada pela produção do nome, onde ocorre mudança clara no padrão entoacional, indicativo de retomada da fala e do fim do processo hesitativo. Essa característica distingue as duas populações, dado que na fala não-afásica a repetição da matriz vem acompanhada de características prosódicas que a distinguem da produção anterior e apontam o fim do processo hesitativo.

Também a duração das pausas revela as diferenças e semelhanças entre as duas populações. Neste estudo, uma análise estatística da duração das pausas presentes nos casos de repetição simples em sujeitos afásicos e não-afásicos revela que:

- 1) a sequência MATRIZ + PAUSA + REPETIÇÃO aparece em 78% dos casos de repetição simples em sujeitos não-afásicos e em 59% dos casos de repetições simples em sujeitos afásicos, ou seja, a pausa entre a matriz e a repetição aparece de forma significativa nas duas populações;
- 2) embora a recorrência de pausas seja maior na fala de sujeitos não-afásicos, sua duração é, em média, 40% maior nas produções de sujeitos afásicos.
- 3) a sequência MATRIZ + (PAUSA) + REPETIÇÃO + PAUSA aparece em 40% dos casos de fala afásica e em apenas 7% dos casos de fala não-afásica. Este padrão revela um fato interessante: em 83% dos casos de fala afásica em que a repetição é seguida de uma pausa, a repetição tem duração maior que a duração da matriz; o mesmo fato é observado em 75% dos casos de fala não-afásica.

A ocorrência de uma pausa pode estar relacionada a uma série de diferentes fatores, dentre os quais se pode apontar aqueles já enunciados por Chacon & Schulz (2000: 57-58), em seu estudo sobre o papel das pausas na fala parkinsoniana:

(...) o modo pelo qual a produção de um ato de linguagem se ajusta à sequência temporal da fala apresenta estreitos vínculos com “*where and under what conditions pauses occur*” (Rochester, 1973, p. 51). Com efeito, de acordo com Cagliari (1992), as pausas têm um papel aerodinâmico na atividade verbal, e esse seu papel encontra-se na base da coordenação entre a respiração e a assinalação de limites linguísticos tais como os de sentenças, sintagmas, às vezes palavras, e mesmo sílabas, em momentos nos quais certas palavras são emitidas sílaba por sílaba na enunciação. Cagliari destaca ainda que as pausas podem ser associadas à representação de atitudes do falante e à sinalização de mudanças semânticas na atividade verbal. Além de Cagliari, muitos outros autores enfatizam em seus trabalhos (alguns clássicos) a função das pausas no planejamento e organização da fala, bem como sua significação na percepção da fala, no reconhecimento de estados afetivos e cognitivos e na interação social construída pela oralidade.

Neste trabalho, assim como a duração da matriz e da repetição foram analisadas com atenção, dada sua relevância para o estudo da repetição hesitativa, também a duração das pausas foi brevemente analisada. Da recorrência de sua ocorrência entre a produção da matriz e da repetição, depreende-se seu caráter organizador e de planejamento da fala no momento em que um processo hesitativo está em curso. Este caráter está presente tanto na fala afásica quanto na fala não-afásica.

Com relação às pausas, a diferença entre as duas populações pode ser atestada em dois planos: no primeiro, na maior duração da pausa na fala dos sujeitos afásicos quando comparada aos sujeitos não-afásicos; no segundo plano, na maior variabilidade de ocorrência das pausas na fala afásica dentro dos ambientes estudados. Enquanto as pausas entre a matriz e a repetição são mais frequentes na fala não-afásica (mas também bastante recorrentes na fala afásica), as pausas que sucedem a repetição são significativamente mais frequentes na fala afásica. Estas características podem estar associadas aos quadros afásicos a que estão submetidos os sujeitos e a um maior esforço - decorrente do quadro afásico e/ou das características da interação em curso - na elaboração do ato verbal. A presença recorrente de pausas nas duas populações sugere que elas são usadas com os mesmos propósitos pelas duas populações, ou seja, na elaboração do ato verbal, na busca por palavra, na organização da produção, mas sua recorrência e variabilidade são maiores na fala afásica em função da condição que acomete esses sujeitos.

Em estudo mais recente sobre os aspectos semânticos das pausas na fala parkinsoniana, Baptista & Chacon (2009) afirmam que não só os problemas motores associados ao quadro de Doença de Parkinson determinam a presença das pausas na fala parkinsoniana. Para os autores, as pausas na fala de sujeitos acometidos pela Doença de Parkinson têm também natureza linguística. Após classificarem as pausas de acordo com suas características semânticas (apreciação, quantidade, justificativa e reafirmação), os autores comparam a performance de sujeitos parkinsonianos e não-parkinsonianos e concluem que não há diferenças qualitativas entre as duas populações no que tange à produção de pausas em conversa espontânea, o que sugere que as pausas não são

decorrentes de dificuldades motoras na fala de sujeitos parkinsonianos. De acordo com os autores, a presença de pausas pode ser favorecida pela Doença de Parkinson, mas isso não implica porém que sua presença esteja exclusivamente atrelada à Doença.

Ampliando a discussão sobre a natureza das pausas para a natureza de todas as características prosódicas aqui estudadas, a comparação entre os dados de fala afásica e não-afásica sugere que as alterações prosódicas em contexto de produção das retrações simples referentes à repetição hesitativa são um fenômeno característico da produção hesitativa. Sua presença mais recorrente e a manutenção e/ou prolongação das características prosódicas em ambientes menos previstos na fala não-afásica, a saber, quando da repetição da matriz, pode ser favorecida pela condição afásica mas não aparece exclusivamente em função da condição afásica.

Capítulo 4

As retrações múltiplas em frases nominais e preposicionais

4.1 Introdução

Dando continuidade às análises iniciadas no capítulo 4, em que os casos de retração simples foram discutidos, este capítulo apresenta as regularidades observadas nos casos de retração múltipla, ou seja, nos casos em que há repetição da matriz duas ou mais vezes, em frases nominais e preposicionais, na fala de sujeitos afásicos e não-afásicos.

Para uma melhor organização do capítulo, e melhor explicitação dos achados empíricos, as seções estão distribuídas de acordo com os parâmetros analíticos definidos para a análise e apresentados no capítulo 3. Dentro dos parâmetros sintáticos considerados, estão as frases nominais e preposicionais e dentro dos parâmetros prosódicos estão a duração⁶⁶, a curva entoacional e a intensidade.

Mantém-se aqui o interesse já destacado no capítulo anterior em reconhecer nessas estruturas as similaridades e diferenças na organização prosódica da fala durante a produção das chamadas repetições hesitativas. Procura-se compreender os aspectos prosódicos dentro de determinados contextos sintáticos, a saber, as frases nominais e preposicionais, em termos de sua função como pista de contextualização da fala na produção afásica e não-afásica.

4.2 As repetições múltiplas

⁶⁶ Dada a impossibilidade de comparação sistemática das características das pausas no conjunto dos dados, em função da variabilidade de sua ocorrência nos contextos de retração múltipla, uma análise de suas características não faz parte do escopo do presente capítulo.

Contrariamente ao que foi observado na análise dos casos de repetição simples, no caso das repetições múltiplas o que se observa é sua maior incidência na fala de sujeitos afásicos, quando comparadas às incidências em sujeitos não-afásicos: as repetições múltiplas representam 33 dos 48 casos de repetição em sujeitos afásicos, enquanto representam 30 dos 99 de repetição em sujeitos não-afásicos.

O formato das repetições múltiplas também varia. Na fala afásica, 20 dos casos de repetição múltipla se referem à estrutura M R1 R2 ⁶⁷. Na fala não-afásica, 22 dos casos de repetição múltipla correspondem a este padrão, o que implica dizer que há um número maior de casos em que as retrações múltiplas são mais extensas na fala afásica.

Nas próximas páginas serão apresentadas e discutidas as características dessas ocorrências. Na seção 4.3.1 e 4.3.2 são discutidos os casos de retração múltipla em fala não-afásica em frases nominais e preposicionais, respectivamente. A seção 4.3.3 reúne os achados empíricos para esse primeiro conjunto de dados. Nas seções 4.4.1 e 4.4.2 são discutidos os casos de retração múltipla em fala afásica em frases nominais e preposicionais, respectivamente. A seção 4.4.3 reúne os achados empíricos para os dados de fala afásica e a seção 4.5 encerra o capítulo com uma discussão sobre as semelhanças e diferenças entre os conjuntos de dados analisados.

4.3 As repetições múltiplas em sujeitos não-afásicos

4.3.1 Em NPs

O primeiro exemplo a ser analisado neste capítulo foi extraído de uma conversa em que os participantes do encontro falam sobre o bairro onde residem. Neste trecho, EM (não-afásica) pergunta a MS (afásico) em que bairro ele mora, com o interesse de saber se a região onde ele reside é boa para se viver. Na linha 08, encontra-se o episódio que será analisado aqui.

Trecho [01] *Aphasiacervus* EM 21-10-04 ali a a a vida urbana

⁶⁷ M equivale à matriz e Rx equivale à sequência de repetição, x representando o número da repetição.

01 EM: que bairro que você mora sena?
 02 (--)
 03 MS: ãh ãh (--) preença
 04 (1,05)
 05 EM: proença?
 06 MS: ea
 07 (---)
 08--> EM: ali a: (-) a: a vida urbana ali é boa

Ao lhe perguntarem onde vive, MS produz uma parafasia bastante próxima da palavra alvo: *preença* no lugar de *proença*, na linha 03. EM se certifica de que se trata do bairro Proença, na linha 05, e em seguida pergunta a MS se a vida urbana daquele bairro é boa. Na construção do turno de fala em que a pergunta é feita, EM acaba realizando uma retração múltipla do início do NP *a vida urbana*, ao retomar a produção do artigo *a* duas vezes.

ali a
a
a vida urbana ali é boa

Do ponto de vista da estruturação do trecho, o que se tem é uma retomada recorrente do início da estrutura nominal até que o nome seja produzido. Da mesma maneira como vinha sendo observado nos casos de retração simples, os movimentos sintáticos de retomada do artigo são acompanhados de movimentos prosódicos, dentre os quais cabe destacar a duração dos segmentos envolvidos, as pausas, a curva entoacional e a intensidade. Esses elementos, combinados, parecem fundamentais na sinalização da atividade de retração em curso.

A curva entoacional reproduzida na figura 1 revela um padrão recorrente nas ocorrências de retração múltipla em fala não-afásica: curva descendente bem delimitada na matriz e na primeira repetição do determinante. Na segunda repetição do determinante, a curva entoacional parece se “estabilizar”, ou seja, ela mantém um padrão nivelado (em *plateau*) neste exemplo, em nível superior ao das ocorrências anteriores do artigo.

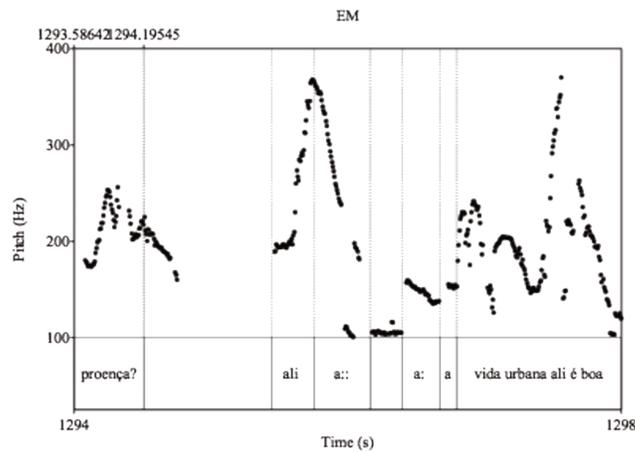


Figura 1. Curva entoacional para “ali a a a vida urbana ali é boa”.

Em conjunto com a curva entoacional atua também a duração dos segmentos envolvidos na atividade de retração: a matriz e a primeira repetição apresentam valores mais altos (26 e 14 milissegundos, respectivamente), enquanto a segunda - e última - repetição tem valor bastante inferior a de suas ocorrências “irmãs”, a saber, 8 milissegundos.

A intensidade é o último fator a ser observado. Neste primeiro caso, há picos mais elevados de intensidade em sua primeira ocorrência, há uma queda na intensidade na produção da primeira repetição e na segunda repetição do artigo há um pico de intensidade inferior aos picos da matriz e semelhante à primeira repetição.

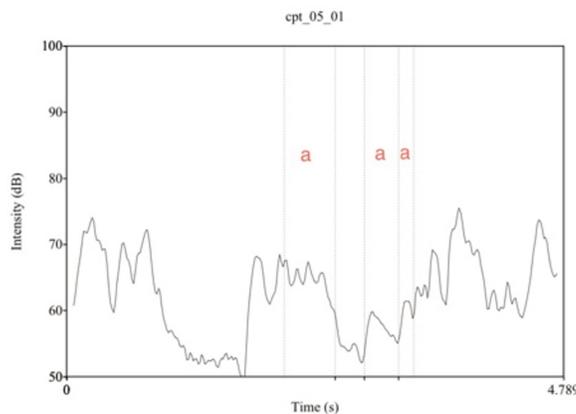


Figura 2. Gráfico de intensidade para a retração múltipla em [01].

O segundo exemplo a ser apresentado tem o mesmo padrão sequencial da primeira ocorrência, a saber, M R1 R2. No trecho, EM se recorda de uma matéria que leu no jornal sobre o tópico que os participantes estão desenvolvendo, a saber, a vida de Olga Benário.

Trecho [02] *Aphasiacervus* EM 02.09.04 saiu uma uma uma matéria

01 EM: sabe sobre isso (-)
02--> saiu uma: uma: (-) uma matéria né no jornal como se diz
03 (1,13) de um professor chamado emir sader né
04 que é: que é sociólogo (-)
05 então eu deixei num deu tempo de fazer até o final da: (-)
06 do grupo na semana passada uma cópia

Ao tomar o turno para acrescentar informações que leu sobre o tema, EM produz uma retração múltipla no início do NP *uma matéria* na linha 02.

sobre isso saiu uma uma uma matéria né no jornal
--

Na linha 04, EM produzirá nova retração, agora simples, a partir do pronome relativo *que*.

de um professor chamado emir sader né que é que é sociólogo
--

Na sequência, entre as linhas 05 e 06, EM produzirá um último caso de retração simples neste trecho, com retomada do início de um PP:

num deu tempo de fazer até o final da do grupo na semana passada

Dado o enfoque deste capítulo, ou seja, a observação das características das retrações múltiplas, estes dois últimos exemplos não serão aqui discutidos, por se tratarem de retrações simples.

O movimento retrativo na linha 02, esboçado acima, acontece simultaneamente com uma série de características prosódicas que parecem dar base a essa ocorrência linguística. Assim como no primeiro exemplo, a curva entoacional, a duração e a intensidade serão aqui descritas.

Observe primeiramente a figura 3, abaixo, que representa a curva entoacional de *saiu uma uma uma matéria né no jornal*:

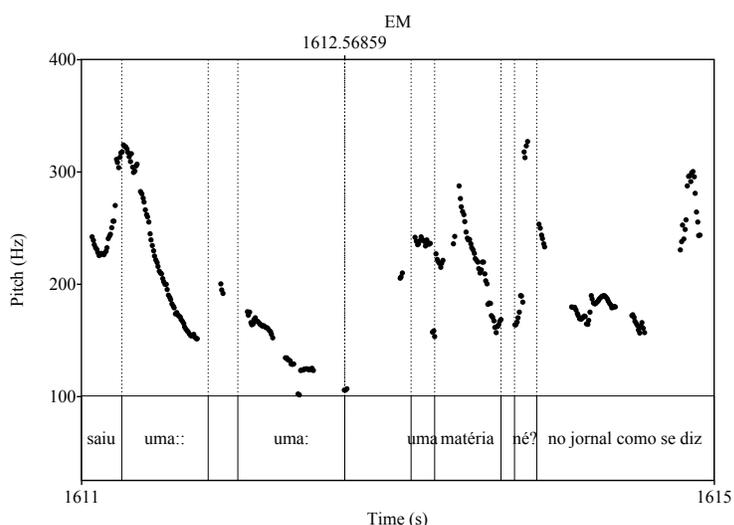


Figura 3. Curva entoacional para “saiu uma uma uma matéria né no jornal”

Neste exemplo, a curva entoacional apresenta um forte padrão descendente na matriz e na primeira repetição do artigo *uma*. Em uma comparação entre a curva entoacional da matriz e da primeira repetição, observa-se que o padrão descendente é mais forte na matriz, ainda que esteja bem delineado na primeira repetição, fato que também se observa no primeiro exemplo analisado neste capítulo. A segunda repetição da matriz tem valor inicial de *pitch* próximo à primeira repetição, mas segue em um pico não observado em todo o trecho, acompanhando o início da produção do nome que o sucede, *matéria*.

A duração apresenta valores bastante altos para a matriz e a repetição, 50 e 73 milissegundos, respectivamente, mas tem valor bastante contrastante na segunda repetição, medindo 14 milissegundos, ou seja, as duas primeiras ocorrências do artigo são mais

alongadas enquanto sua terceira ocorrência é bastante curta. Diferentemente do primeiro exemplo, a primeira repetição é, neste caso, mais longa do que a matriz.

Quanto à intensidade, observam-se picos mais elevados na matriz, uma queda nos picos ao longo da primeira repetição e o surgimento de um pico próximo aos picos da matriz na segunda repetição.

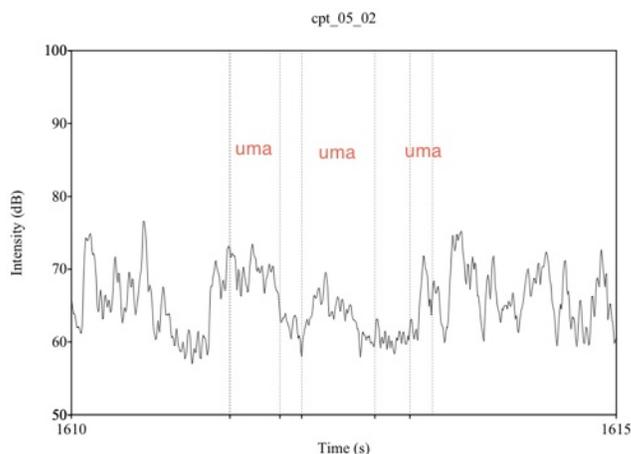


Figura 4. Gráfico de intensidade para a retração múltipla em [02].

Enquanto a comparação individual entre as características das três ocorrências do artigo poderia levar à conclusão de que o primeiro e o segundo exemplo são distintos quanto ao parâmetro da intensidade, uma comparação dos movimentos da curva ao longo da produção de toda a retração múltipla, em [01] e em [02], poderia sugerir um padrão de queda que segue até o final da primeira repetição, com uma subida na produção da segunda repetição. No entanto, a intensidade parece ser um parâmetro mais sensível que a duração e a curva entoacional, sendo mais difícil a possibilidade de determinar um padrão mais definido de produção.

O terceiro exemplo de retração múltipla na produção de NPs foi extraído de uma conversa entre EM e RN (não-afásicas). Os participantes do encontro do CCA comentam sobre as diferentes expressões idiomáticas da Língua Portuguesa e algumas curiosidades sobre elas. Em uma sequência representada pelas linhas 03 e 06, EM produzirá este exemplo de retração múltipla.

Trecho [03] *Aphasiacervus* EM 21-10-04 essas essas essas imagens

01 RN: que cor que é o burro quan[do fo]ge
02 EM: [ó]
03--> (-) [a gente tava in]terpretando essas
04 RN: [falava assim]
05 (.)
06--> EM: essa:s (1,99) essas imagens
07 vendo que expressão de linguagem (-) engolir sapo chutar o balde
08 (-) e a RN descolou esse livro que tem a um pouco da história
09 (--) da origem dessas expressões
10 rodar a baia:na (--) tomar um chá de cad:era

A dinâmica dessa parte do encontro incluía a projeção de imagens relacionadas às diferentes expressões idiomáticas. O chiste estava em adivinhar qual expressão corresponderia às imagens projetadas. Enquanto RN interpreta mais uma dessas imagens, EM explica de onde surgiu a ideia de fazer essa combinação entre as imagens sobre as expressões e sua origem.

Além da retração múltipla de caráter hesitativo que será discutida a seguir, EM realiza outras duas formas de retração, uma simples e outra múltipla. A primeira delas, simples, aparece ao listar as diferentes expressões de linguagem, em dois momentos da produção de EM:

vendo que expressão de linguagem engolir sapo chutar o balde

Logo após esta sequência, outro caso de retração simples acontece, agora em função da troca do determinante, de *a* para *um*. Na mesma sequência, aparece ainda mais um caso de *framing*, em que a estrutura de retração permite listar diferentes exemplos das expressões apresentadas por EM:

e a RN descolou esse livro que tem a um pouco da história da origem dessas expressões rodar a baiana tomar chá de cadeira

Na produção do complemento verbal *essas imagens*, EM realiza uma retração múltipla, também no padrão M R1 R2. O esboço a seguir ilustra o movimento de retorno ao início da estrutura da frase nominal, como também já apresentado nos exemplos anteriores.

a gente tava interpretando essas essas essas imagens
--

Assim como o movimento de retração se assemelha aos casos sugeridos nos trechos anteriores, no gráfico da figura 5, observa-se mais uma vez o padrão descendente de *pitch* nas duas primeiras produções do artigo *essas*. Após a pausa, a segunda repetição do artigo é feita em nível, em frequência superior ao final da produção de EM que antecede a pausa.

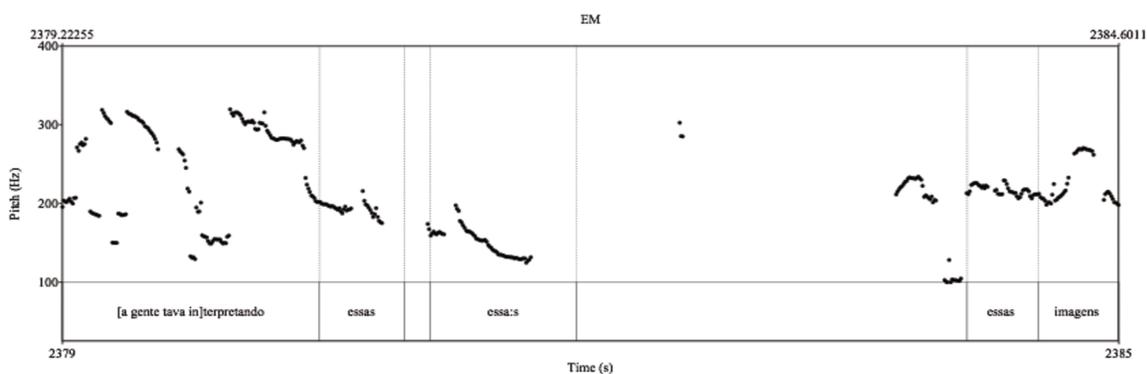


Figura 5. Curva entoacional para “a gente tava interpretando essas essas essas imagens”.

Assim como nos dois primeiros exemplos, o padrão descendente é bastante claro na matriz e na primeira repetição. A segunda repetição é produzida acima do nível das curvas descendentes da matriz e da primeira repetição, em nível. De maneira distinta do que vinha sendo observado, neste caso, a matriz e a segunda repetição têm valores aproximados de duração, 34 e 32 milissegundos, respectivamente. Já a primeira repetição, assim como no exemplo anterior, apresenta padrão bem mais alongado, de 75 milissegundos.

O padrão de intensidade neste caso não corresponderá, porém, ao padrão discutido nos dois primeiros exemplos. Aqui os picos da matriz são próximos dos picos da primeira

repetição, mas não se mantém em um mesmo nível, são descendentes. Os valores da primeira repetição se mantêm mais constantes. Vale ressaltar, todavia, que se mantêm aqui um pico mais alto na produção da segunda repetição.

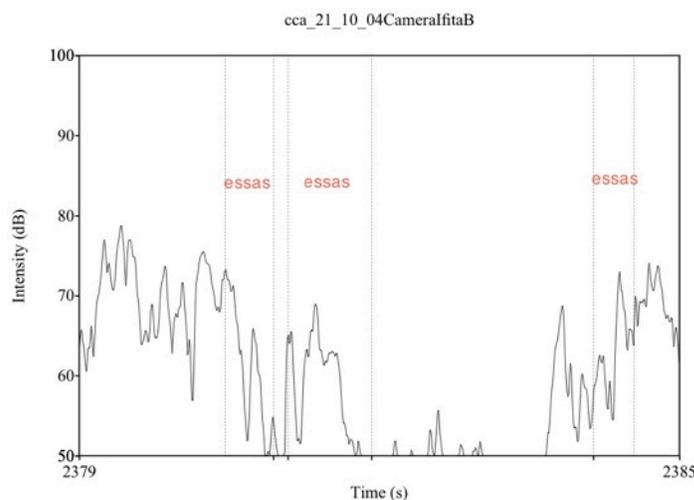


Figura 6. Gráfico de intensidade para a retração múltipla em [03].

Tendo apresentado três exemplos de retração múltipla do tipo M R1 R2, um caso de retração múltipla mais extenso será apresentado a seguir. O exemplo, menos frequente na fala não-afásica, ilustra o movimento empreendido pelo sujeito na resolução da dificuldade em produzir o nome, com base na repetição da estrutura inicial da frase nominal em combinação com prosódia característica.

No trecho, os participantes do encontro discutem o papel de duas facções criminosas que atuam em diferentes estados brasileiros, o PCC e o Comando Vermelho. É quando FC relata que sua irmã viu uma charge que ironiza a existência e o poder das duas facções no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Trecho [04] *Aphasiacervus* FC 18-05-06 saiu uma

01 EM: não ali é o comando vermelho (.)
 02 tem o comando ver[melho no] rio
 03 JM: [isso]
 04 (-)
 05 EM: e o:
 06 HM: pece[cê]

07 EM: [pece]cê em são paulo
08--> FC: mas saiu uma saiu uma:: minha irmã tava me falando
09--> que saiu uma uma uma 'ma (.) tipo uma ch-
10--> uma char[ge no jornal do rio]
11 EM: [porque tem no rio né nos [morros]]
12 SP: [ãhm]:
13 (-)
14 FC: dizendo que o comando vermelho tá com medo do pececê
15 (.)
16 EM: .h [hahahahaha]
17 FC: [e aí aparece o pece]cê invadindo o comando vermelho
18 tipo assim a capital toma é são paulo toma o rio de janeiro
19 (-) [.hh]
20 SP: [hahaha]
21 (--)
22 FC: .h
23 JC: boa
24 FC: nossa muito engraçado

Ao relatar que sua irmã viu uma charge que trata do assunto em um jornal do Rio de Janeiro, FC parece ter dificuldades em nomear justamente o que ela viu, ou seja, a charge. Essa dificuldade transparece através da extensa repetição do artigo que compõe o NP e das tentativas de reformulação das orações que compõem o NP.

saiu uma
saiu uma
minha irmã tava me falando que
saiu uma
uma
uma
'ma
tipo
uma ch
uma charge

Observe que na construção dessa parte de seu turno de fala, FC precisa recorrer à retração para se manter no turno, sem, no entanto, ser capaz de produzir o nome que compõe a frase preposicional, que é o centro da ideia que está desenvolvendo. Depois da reformulação *minha irmã tava me falando que*, FC retoma o uso do verbo *sair* e tenta uma vez mais produzir o NP que o acompanha, sendo necessário um conjunto de cinco produções do determinante para que, enfim, a frase preposicional seja concluída.

Para descrever as características prosódicas deste exemplo, escolheu-se dividir o evento em três unidades, para que se tenha visibilidade do dado como um todo. Em

primeiro lugar, apresenta-se a retração que retoma o verbo, antes da reformulação *minha irmã*.... Depois disso, apresenta-se a retração do artigo até a ocorrência de *tipo* para, enfim, as duas ocorrências finais do artigo, já com vistas à produção do nome, serem apresentadas.

No primeiro trecho, *mas saiu uma saiu uma*, em que FC realiza retração do bloco composto pelo verbo e o início da frase preposicional, observa-se a mesma característica da curva entoacional na produção de ambos os artigos, ou seja, seu caráter descendente, mais acentuado na segunda ocorrência do artigo, combinado ao prolongamento da repetição. Quanto à intensidade, a repetição apresenta pico mais baixo que a matriz, mas essa diferença é sutil.

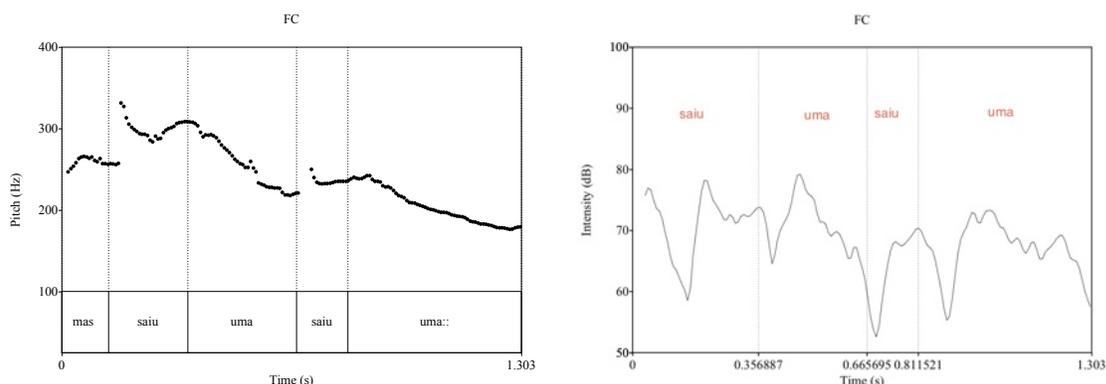


Figura 7. Curva entoacional (à esquerda) e intensidade (à direita) para o trecho “saiu uma saiu uma”.

Depois da retração inicial em *saiu uma saiu uma*, FC reformula sua fala, incluindo que foi sua irmã quem deu a informação a ela, mas ainda não é capaz de produzir o complemento do verbo *sair* que indicará o que (uma matéria? uma crítica? uma charge?) saiu no jornal. Ao invés de realizar todo o complemento do verbo, ela produz mais uma vez o artigo *uma* como matriz para o início da frase nominal, repetindo-o outras três vezes, sem ser capaz de nomear o núcleo da frase preposicional.

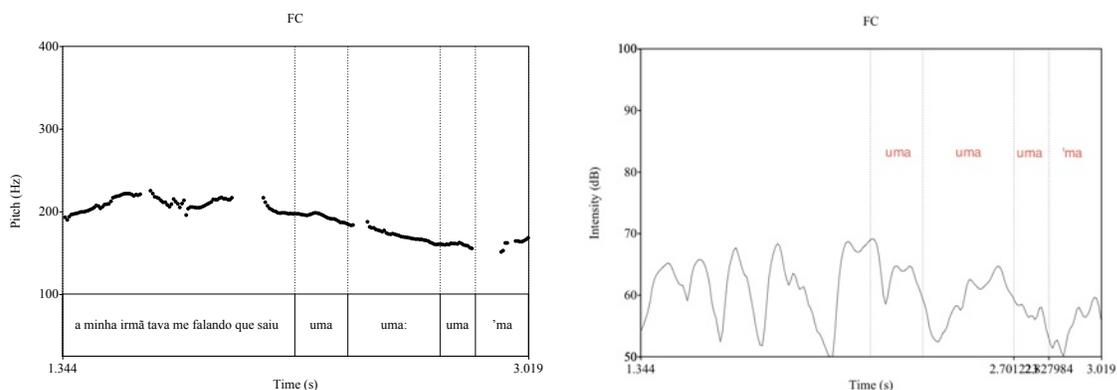


Figura 8. Curva entoacional (à esquerda) e intensidade (à direita) para o trecho “a minha irmã tava me falando que saiu uma uma uma ‘ma’”.

A matriz deste trecho e as repetições que a seguem têm características prosódicas próprias, evidenciadas na figura 8, que poderiam marcar o fim do processo de busca pela palavra: enquanto a matriz e a primeira repetição mantém o movimento descendente da curva entoacional, indicativa da repetição hesitativa, a segunda e a terceira repetições deste trecho compartilham um padrão de curva em nível, além de uma tendência na diminuição da duração. No entanto, após uma pausa, o nome não é produzido, desfazendo a expectativa de que a frase nominal seria completada. Ao invés disso, uma nova reformulação, através da palavra *tipo*, para então ter início a produção final da frase preposicional.

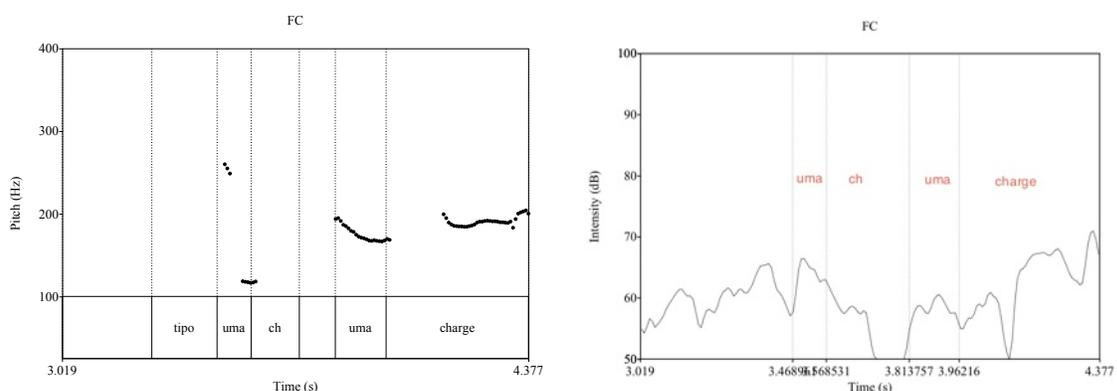


Figura 9. Curva entoacional (à esquerda) e intensidade (à direita) para o trecho “a minha irmã tava me falando que saiu uma uma uma ‘ma’”.

Como observado na figura 9, depois da palavra *tipo*, FC produz mais uma vez o artigo *uma*, agora em curva entoacional em *plateau*, em frequência inferior a que vinha

sendo produzida, acompanhado da consoante que - ver-se-á em seguida - compõe o início da palavra a ser procurada, *charge*. Ao invés de completar o nome, mais uma pausa acontece, seguida da ocorrência final do artigo *uma*, produzido em tom mais alto em formato descendente, acompanhada do nome *charge*.

Interessante observar que os níveis de intensidade caem progressivamente ao longo da complexa produção do nome. A observação das figuras 7, 8 e 9 mostra que os níveis de intensidade em que o turno é produzido vão caindo em cada reformulação. A produção final do artigo contrasta inclusive com sua penúltima ocorrência, que já vem acompanhada de uma pista do que será o nome (na produção da consoante inicial da palavra *charge*): na penúltima repetição do artigo, a intensidade é mais alta que em sua ocorrência final, em que atinge os níveis mais baixos de toda a sequência.

Este último exemplo esboça como os recursos prosódicos são empregados também nos casos que são bastante menos frequentes na fala não-afásica. A combinação entre o movimento de retração e as características prosódicas do trecho - principalmente a curva entoacional e a duração - sinalizam a busca da palavra, o que tem implicações importantes na manutenção do turno da fala.

Depois de observar os quatro exemplos anteriores, que ilustram o comportamento da duração, da curva entoacional e da intensidade nas ocorrências de retração múltipla em frases nominais na fala de sujeitos não-afásicos, os casos de retração múltipla em frases preposicionais, também na fala de sujeitos não-afásicos, serão apresentados.

4.3.2 Em PPs

Para dar início ao esboço dos casos de retração múltipla em frases preposicionais na fala não-afásica, será reproduzido o trecho 05, que também foi discutido no capítulo 04, por ilustrar tanto um caso de retração múltipla em frase preposicional quanto um caso de retração simples em frase preposicional.

No exemplo, EM (não-afásica) fala com os participantes do encontro sobre um evento do qual participarão alguns pesquisadores do grupo.

Trecho [05] EM *AphasiAcervus* 26.08.04

01 EM: mu- é é um é um é um: é um evento que procura(.)
02 levantar as iniciativas (.) de pesquisa de estudo
03 (.) e de tecnologia voltada (-) né (.)
04 voltada para a superação o enfrentamento (.)
05 e convivência com dificuldades etcetera (-) né (-)
06 é se preocupando por exemplo né com: (.) com inclusão socia:l
07 --> ou então com: (-) com: (--) é (.) com: divulgação desses
08 trabalhos (-) enfim (-) é (.) parece ser interessante

Ao destacar as motivações do encontro científico, o que EM irá chamar de *preocupações*, ela produzirá retrações simples e múltiplas de diferentes motivações. A primeira retração, múltipla, retoma a estrutura verbal iniciada por *é*, ainda na linha 01 do trecho e tem caráter hesitativo.

é é um é um é um é um evento que procura levantar as iniciativas
--

A ocorrência seguinte é também um caso de retração múltipla, voltado ao enquadramento tópico na complementação do sentido da palavra *iniciativas*, na linha 02:

é é um é um é um é um evento que procura levantar as iniciativas de pesquisa de estudo e de tecnologia
--

O mesmo caso de enquadramento se repete na frase seguinte, em *voltada para a superação/ o enfrentamento e/convivência com dificuldades*. As duas ocorrências seguintes formam um exemplo de duas manifestações da retração: o caso da repetição hesitativa, em *com com inclusão social e cum cum cum divulgação*, e um caso do desenvolvimento da complementação através do enquadramento tópico do verbo *preocupar-se, cu inclusão social e com divulgação desses trabalhos*:

cum
cu inclusão social
cum
cum
cum divulgação

Na sequência de retrações, de formatos diferentes e motivadas também por diferentes razões, *cu inclusão social* e *cum divulgação* formam também um par, sendo *cu inclusão social* a matriz da frase preposicional que será reativada para a produção de um novo complemento de *preocupado*.

O padrão da curva entoacional em todos os casos de retração ilustrados anteriormente está representado na figura 10. É possível observar com clareza a semelhança dos movimentos de *pitch* das matrizes, seja no caso da retração simples, seja no caso da retração múltipla. Três produções da preposição *com* têm o intervalo de abrangência de *pitch* semelhante, a saber, a matriz do caso de retração simples *com cu inclusão social*, e a matriz e a primeira repetição da preposição no caso da retração múltipla.

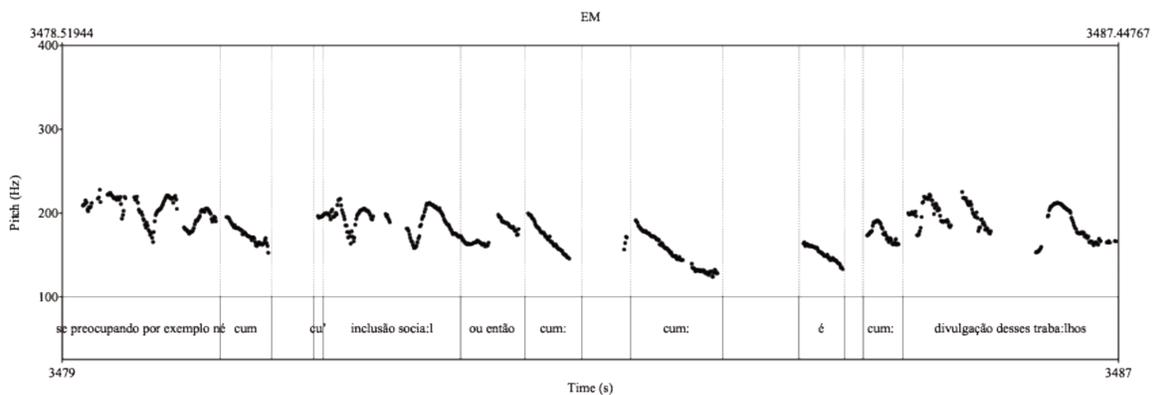


Figura 10. Curva entoacional para “se preocupando por exemplo né com com inclusão social ou então com com é com divulgação desses trabalhos”.

Essa semelhança entre as três ocorrências reforça a ideia de que há um padrão de curva entoacional associado à fala hesitativa. No caso específico do exemplo da retração múltipla, *cum cum cum divulgação desses trabalhos*, também a segunda repetição da matriz terá tendência descendente, mas, neste caso, de forma mais suave que na matriz e na

primeira repetição. Além disso, a segunda repetição se inicia já em tom mais alto que as produções anteriores da preposição, sugerindo assim a retomada da fala. No caso da retração simples, em *cum cu inclusão social*, a repetição será também produzida em tom mais alto, acompanhando a produção que antecede a ocorrência da matriz, sugerindo com essa mudança a retomada. Os valores da duração são de 49, 78 e 32 milissegundos para a matriz, a primeira e a segunda repetição, respectivamente.

Já a intensidade mantém picos semelhantes para a matriz e a primeira repetição e terá pico mais alto somente na produção da segunda repetição, que antecede a produção do nome.

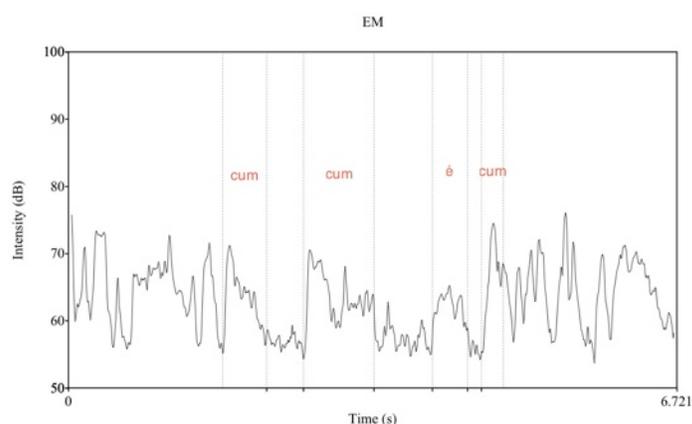


Figura 11. Gráfico da intensidade para a retração múltipla em [05], linha 07.

O próximo exemplo a ser analisado foi extraído de uma conversa em que os participantes do grupo discutem o tema da eleição para prefeito e as diferenças na rede de serviços públicos existentes nos bairros de Campinas.

Os participantes do encontro discutem a estrutura de Campinas em diferentes pontos da cidade e a forma como isso é explorado durante o período eleitoral. EM afirma que, em seu bairro, há uma estrutura mais adequada de serviços, em contraposição às condições existentes em bairros mais afastados do centro da cidade. Na sequência, HM retoma o tópico dos candidatos a prefeito na linha 11, citando a situação de um deles entre as linhas 12-13 e 17-20.

Trecho [06] *Aphasiacervus* HM 21.10.04 de de de moradia

01 EM: num pode imaginá tem dois postos de: policiamento no: no cambuí
02 (-) entendeu?
03 (-) tem toda uma rede de serviços super adeQUAda tudo jóia tem uma
04 (--) tem uma malha viária também enfim
05 (.) nos bairros não mas aLI
06 (.)
07 MS: hm
08 (-)
09 EM: onde se concentra a população né de:
10 (1,05)
11 HM: agora (---) não e dizem do doutor hélio que [ele:]
12 EM: [e nem tan]to tem nem
13 tanta aparência [assim como se concentra ali] mesmo
14 HM: [que ele num é]
15 EM: mas não nos bairros as minorias
16 (-)
17 HM: diz que ele ele vai prum: lugar pruma casa
18 (---) num paga aluguel (5,53)
19 ele fica um ano e meio por exemplo num lugar só sai mediante (-)
20 a:: a ordem jurídica (-) e não paga (-) aluguel
21--> e fica trocando de de: de moradia né de casa

Entre as linhas 17 e 20 a fala de HM apresenta três casos de retração: duas retrações simples (nas linhas 17 e 20) e uma retração múltipla (na linha 21). O trecho *prum lugar pruma casa* tem caráter de determinação semântica, ao especificar a palavra *lugar* inicialmente empregada.

ele vai prum lugar pruma casa

Já a retração ocorrida na linha 20 tem caráter hesitativo, ao ser produzida através da repetição do artigo que inicia a frase preposicional.

só sai mediante a a ordem jurídica

No caso da retração múltipla que ocorre na linha 21, está-se tratando uma vez mais de uma retração de caráter hesitativo, que se desenvolve até a nomeação, com duas repetições da produção inicial do determinante que compõe a frase nominal.

e	fica	trocando	de					
			de					
			de	moradia				
							né	
			de	casa				

Observe no esboço acima que, além de a retração múltipla motivada pela busca do nome, no mesmo trecho ocorre ainda uma retração simples, fruto do paralelismo relacionado ao enquadramento tópico entre *de moradia* e *de casa*.

As características prosódicas da sequência são discutidas a partir da apresentação do gráfico da curva entoacional do trecho:

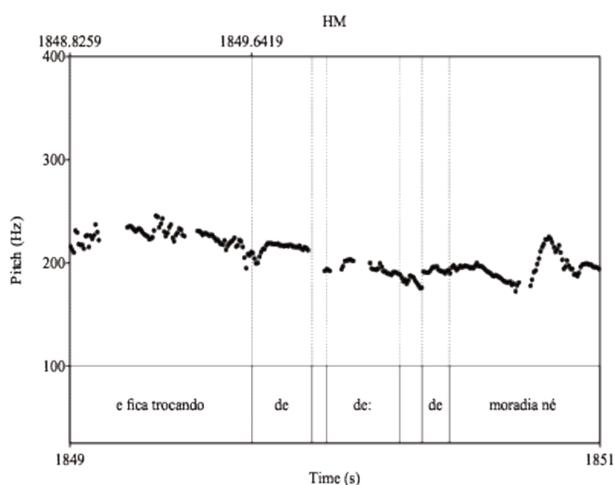


Figura 12. Curva entoacional para “e fica trocando de de de moradia né”

A retração múltipla apresenta mais uma vez uma tendência descendente da curva entoacional, ainda que a curva em cada preposição não seja tão acentuada quanto nos exemplos anteriores.

No caso da matriz, a tendência inicial é de subida para, então, haver uma descida sutil na curva entoacional. Já a primeira repetição tem curva descendente. Ao observar o movimento que se inicia na matriz e termina no final da primeira repetição, será possível perceber a tendência descendente da curva de forma mais clara, o que é quebrado pela ocorrência da segunda repetição, que é produzida em nível. Diferentemente dos casos

anteriores, não há subida de tom na segunda repetição da preposição: ele se mantém próximo ao nível da segunda repetição e será mantido até a produção de *né*, já no final da frase. Neste caso é importante também observar que o intervalo de variação da frequência é menor que nos exemplos avaliados anteriormente, o que altera a representação gráfica dos movimentos ascendentes e descendentes da curva entoacional.

O comportamento da duração dos elementos que compõem a retração múltipla mais uma vez se mostra consistente com os dados apresentados anteriormente. Os valores da primeira repetição e da matriz são maiores do que o da ocorrência da segunda repetição: 29 milissegundos para a matriz, 49 para a primeira repetição e 11 milissegundos para a segunda repetição. A segunda repetição tem duração bastante inferior quando comparada à duração de seus pares.

Quanto à intensidade, tem-se aqui um caso em que tanto a matriz quanto a primeira repetição têm o mesmo valor de pico. A segunda repetição é produzida em nível inferior ao pico da primeira repetição, mas em movimento ascendente, diferentemente de seus pares, que têm queda no final de sua produção, explicada pela presença da pausa que sucede suas ocorrências.

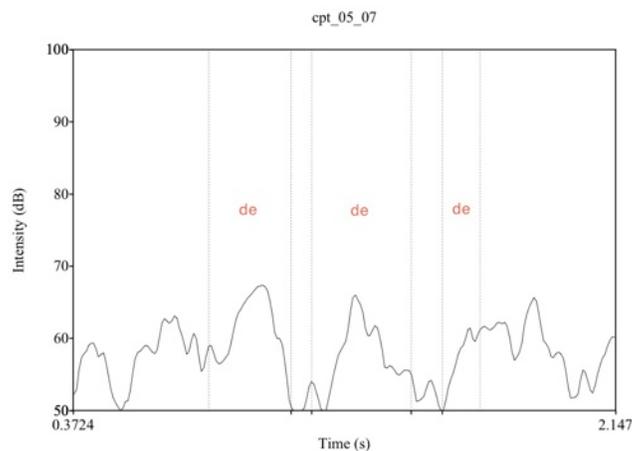


Figura 13. Gráfico da intensidade para matriz, primeira e segunda repetições de “de”.

O exemplo [6] tem características similares ao próximo trecho, visto que em ambos os casos o intervalo de variação da frequência durante a produção da retração múltipla

também é menor, resultando em uma queda mais sutil da curva entoacional durante a ocorrência da retração.

No trecho [07], os participantes do encontro discutem o período da ditadura militar no Brasil e seus personagens mais importantes. MS (afásico) tenta descrever um fato ocorrido com um desses personagens, mas tem dificuldades em esclarecer o ocorrido através da imitação de um som característico para o evento. EM participa de uma sequência *hint and guess*⁶⁸ em que tenta compreender a fala de MS, quando produz uma retração múltipla, na linha 25.

Trecho [07] *Aphasiacervus* EM 02.09.04 morreu o que num num num acidente

01 EM: o prestes?
02 (-)
03 MS: [não]
04 HM: [não] o müller
05 (.)
06 EM: o müller
07 MS: isso ã (.) ã:: ((imita)) (-) pum
08 (---)
09 EM: ah: (.) depois de tudo isso ele foi
10 (.)
11 MS: não (.) é é é:
12 EM: pra frança e lá morreu?
13 (-)
14 MS: não
15 EM: num entendi
16 (-)
17 MS: não é é: (--) frança (-) é (.) é (-) i e é (-)
18 (.) é e:le (-) nhe neto (---) ãh (---)ú:: ((faz imitação))
19 (-) pum
20 (--)
21 EM: ah:
22 (-)
23 MS: é::
24 (---)
25--> EM: morreu o que? num num [num acidente]
26 MS: [isso] isso é

Ao tentar adivinhar o que MS vinha dizendo, EM sugere que o personagem do qual trata MS tenha sofrido um acidente e morrido. Para dizê-lo, a retração múltipla da estrutura preposicional é realizada antes que o nome seja produzido.

⁶⁸ Sequências *hint and guess* são entendidas como pistas fornecidas pelos falantes e as hipóteses sugeridas pelos seus interlocutores nas atividades interacionais.

morreu o que? num num num acidente?

As repetições da preposição *num* distinguem-se pela curva entoacional, pela duração e pela intensidade. A matriz das preposições que compõem a retração múltipla *num num num* tem início em frequência inferior ao que vinha sendo produzido anteriormente mas apresenta, de forma mais sutil, padrão descendente, acompanhado por sua primeira repetição, produzida em frequência inferior a da matriz. Já a segunda repetição, que corresponde à última produção da preposição antes da nomeação, é produzida em nível mais alto que as preposições que a antecedem, acompanhando o nome, que é produzido em tom mais alto, em função da retomada da fala depois do processo hesitativo. Além disso, *num acidente* é produzido ao mesmo tempo que a fala de MS, que confirma o sugerido por EM. Essa concomitância é fator impeditivo de confirmação do *status* da curva entoacional da segunda repetição da matriz.

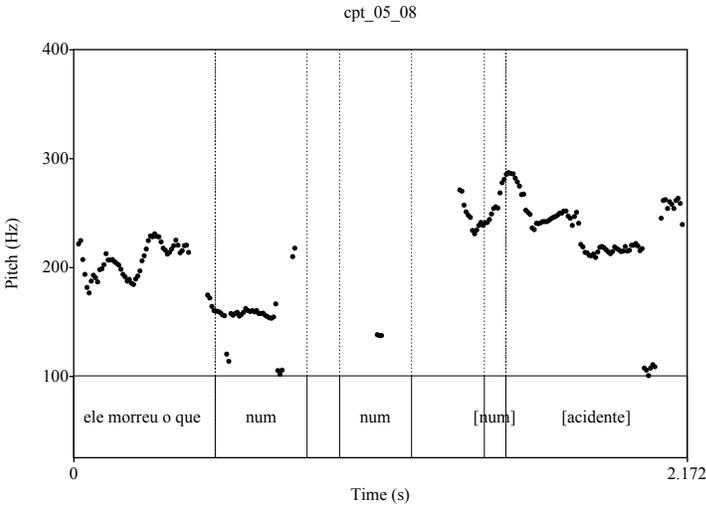


Figura 14. Curva entoacional para “ela morreu o que num num num acidente”.

A duração mais uma vez se mostra consistente com o que vem sendo apontado desde o início do capítulo: a matriz e a primeira repetição são mais alongados - neste caso, a matriz (33 milissegundos) é mais longa que a primeira repetição (25 milissegundos) - em

contraposição a uma produção bastante curta da preposição em sua ocorrência final (8 milissegundos), antes da produção do nome.

A intensidade se comporta aqui de forma semelhante aos primeiros casos de retração analisados: há um padrão de descida dos picos de intensidade entre a matriz e a primeira repetição, que será quebrado pelo pico da segunda repetição, neste caso produzido em pico mais elevado que os trechos anteriores. Todavia, a intensidade não pode ser comprovada para a segunda repetição haja vista que o gráfico apresentado para a segunda repetição se refere ao *overlapping* entre a fala de EM e MS.

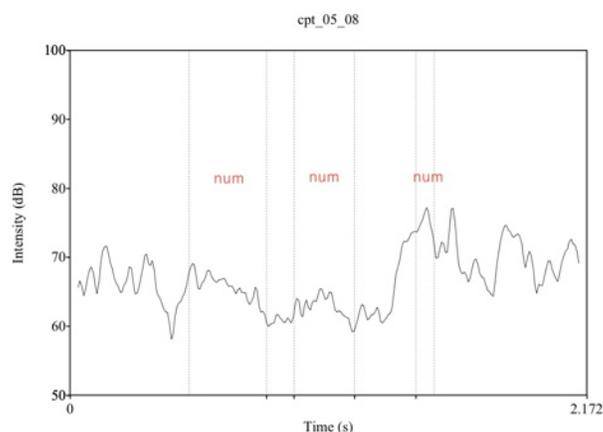


Figura 15. Gráfico da intensidade para matriz, primeira e segunda repetição de “num”.

O último caso de retração múltipla a ser explorado é um exemplo de retração mais extensa, do tipo M R1 R2 R3. Como já apontado anteriormente, foram encontrados poucos casos como este nos dados aqui analisados. Porém, não devem ser desconsiderados por serem os casos mais marcados.

No exemplo [08], os participantes do encontro discutem a questão da segurança nas cidades brasileiras. HM desenvolve o argumento de que muitos bairros optam por pagar seguranças particulares devido à omissão do Estado no oferecimento de segurança à população. Na linha 04, ela produzirá a retração múltipla a ser analisada aqui.

Trecho [08] *Aphasiacervus* HM 21.10.04b do do do da segurança

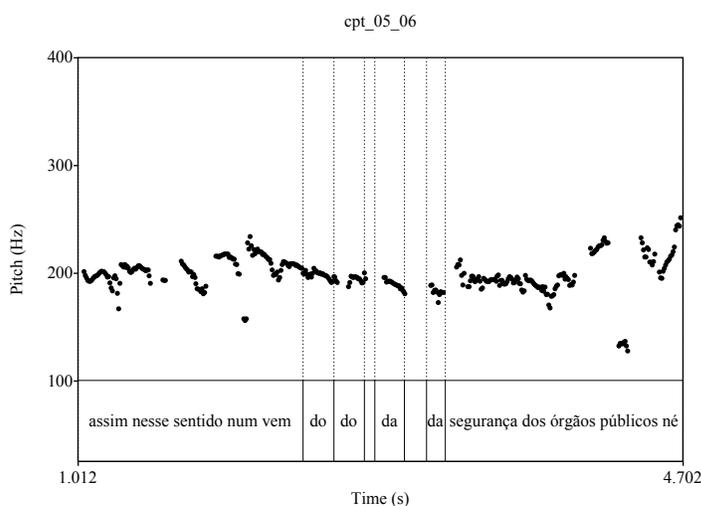


Figura 16. Curva entoacional para “num vem do do da da segurança dos órgãos públicos”.

A figura 16 apresenta a curva entoacional de toda a sequência *assim nesse sentido num vem do do da da segurança dos órgãos públicos né*. É possível observar que, ao longo da produção da retração múltipla, mantém-se um padrão descendente da curva para as preposições, o que se altera apenas na terceira repetição, produzida em nível. Não há subida de tom na terceira repetição, mas sim na produção do nome.

Outro aspecto a se considerar é a duração. Diferentemente da maioria dos casos de M R1 R2, em que a matriz e a primeira repetição são, em geral, bastante mais longas que a última repetição, neste caso a matriz e as duas repetições que a sucedem têm valores semelhantes entre si e um pouco mais distantes da última repetição. Os valores da duração para as quatro ocorrências são, respectivamente, 20, 18, 23 e 12 milissegundos. É interessante destacar essa diferença, pois parece deflagrar uma das possibilidades disponíveis ao falante diante da tentativa de solucionar o problema da busca por palavras.

A intensidade revela também um padrão diferenciado para este caso: a matriz e as duas repetições que a sucedem têm um pico alto de intensidade, enquanto a terceira - e última - repetição tem um dos picos mais baixos de todo o trecho.

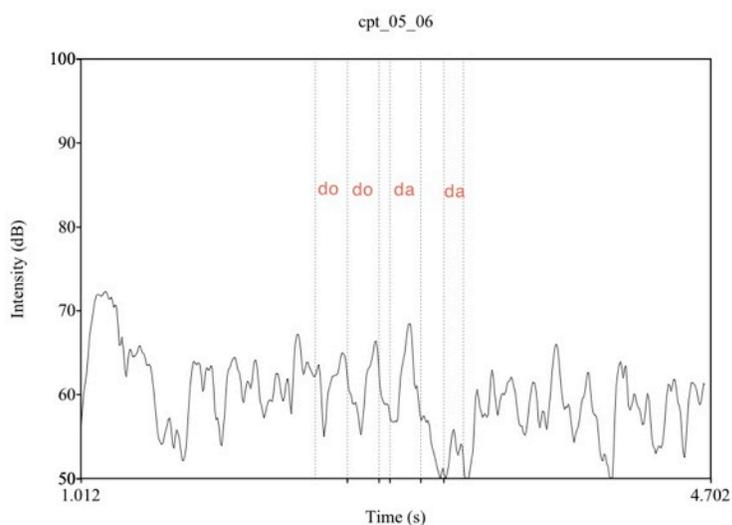


Figura 17. Gráfico da intensidade para a retração múltipla em [08].

Nesta seção, pretendeu-se apresentar os diferentes casos de retração múltipla presentes na fala de sujeitos não-afásicos. A seguir, as características dessa produção são sistematizadas, de acordo com os dados que compõem o quadro analítico deste trabalho.

4.3.3 Os padrões de produção de retração múltipla na fala não-afásica

Diferentemente dos casos de retração simples, a retração múltipla pode ter variadas extensões e uma gama de combinações em função, por exemplo, da possibilidade de troca de gênero entre uma produção e outra e da emissão de pausas entre as repetições. Como observado ao longo desta primeira etapa de análise dos casos de retração múltipla, há dois padrões básicos de repetição: M R1 R2 e M R1 R2 Rx. No primeiro caso, há duas repetições da matriz; no segundo, pode haver um número variado de repetições da matriz.

Tendo em vista que as diferentes combinações entre troca e manutenção de gênero não pareceram determinantes na alteração da estrutura prosódica das ocorrências e que, além disso, não houve um contexto específico de ocorrência para manutenção ou troca de gênero, os casos aqui apresentados não obedeceram a ordem escolhida ao longo do capítulo 3, de separação entre manutenção e troca do gênero.

Para os casos de frases preposicionais, outro aspecto importante foi a escolha por analisar os casos em que a retração retoma todo o início da frase preposicional, ou seja, desde a preposição. Assim, casos em que a preposição está desmembrada do artigo que determina o gênero e que pode haver, portanto, retomada apenas do artigo, não mais da preposição, não foram analisados. Essa escolha tem caráter metodológico e objetivou a manutenção dos parâmetros de comparação entre as estruturas repetidas e a matriz, não implicando a maior ou menor relevância desses casos frente aos estudados aqui.

Abaixo são discutidos os elementos que compõem as características prosódicas em destaque na presente Tese de Doutorado. São esboçados os padrões e discrepâncias importantes para a análise da retração múltipla, com vistas também a uma comparação com as características da retração simples.

A duração, a curva entoacional e a intensidade

No padrão M R1 R2, a distribuição entre os casos em que os valores de duração de M e de R1 são mais próximos ou mais distantes é muito semelhante. O diferencial parece estar na relação entre esses dois elementos e a segunda repetição: esta sim tem valor que a diferencia das duas produções que a antecedem.

No padrão M R1 R2 Rx, há maior variação nos valores da duração. Entre os casos de M R1 R2 Rx, apenas um caso apresentou mais de três repetições - discutido no trecho 04 deste capítulo. Os demais exemplos se dividem em dois grupos: um em que os valores de R1 e R2 são bastante próximos entre si, e mais longos do que os valores da matriz e de R4, e os casos em que as três primeiras ocorrências têm valores próximos entre si, mas distantes da última repetição.

A curva entoacional se comporta de forma bastante robusta. Os dois formatos que se combinam na produção da retração múltipla são a curva descendente - em maior ou menor intervalo de frequência - e a curva em nível. Na grande maioria dos casos, a curva em nível aparece na última repetição, enquanto a curva descendente é empregada na matriz e nas demais repetições.

A intensidade é o parâmetro menos regular, quando comparado aos demais parâmetros. Não foi possível estabelecer um padrão de ocorrência dentro do ambiente da retração múltipla, como ocorreu com a duração e a curva entoacional. Nesse sentido, a intensidade parece estar mais suscetível às diferentes características do turno, não apenas à ocorrência de uma estrutura que denota hesitação.

4.4 As repetições múltiplas em sujeitos afásicos

Observadas as regularidades das retrações múltiplas na fala não-afásica, a seguir serão expostos os casos que contemplam as variações nas retrações múltiplas na fala de sujeitos afásicos.

Assim como nas seções anteriores, os exemplos estão divididos entre frases nominais e frases preposicionais, nas seções 4.4.1 e 4.4.2, respectivamente. Depois de exploradas as manifestações das retrações múltiplas nesses dois contextos, um panorama geral das produções afásicas será exposto para, então, serem discutidas as semelhanças e diferenças entre a fala afásica e não-afásica durante a ocorrência das retrações múltiplas, na seção 4.5.

4.4.1 Em NPs

O primeiro exemplo a ser explorado nesta seção vem da fala de SI, no momento em que relata uma série de episódios que aconteceram com ela ao longo do mês, dentre eles a pescaria com sua família. Dada sua dificuldade na descrição desses eventos, HM a auxilia no decorrer do trecho, como logo no início, em que formula a pergunta referente à atividade realizada por SI no fim de semana.

Trecho [09] *Aphasiacervus* SI 26-08-04 peguei um um um um peixe

01 HM: foi pescá [no fim] de semana
02 SI: [ahi] ((ri)) (.) ó ô
03 (.)
04 HM: que gostoso aonde foi
05 (.)

06 SI: é::: sebastião
 07 (.)
 08 HM: são sebastião?
 09 (.)
 10 SI: ô
 11 (.)
 12 HM: ó a gláucia que ia gostá de sabê né
 13 (.)
 14 SI: é hihihhi
 15 JC: poxa
 16 HM: pescô dessa vez?
 17 (-)
 18 SI: ô gostei gostei gostei
 19 HM: ah você
 20 SI: (x)
 21 (-)
 22 JC: pegô peixe
 23 (-)
 24--> SI: ei ei é: uma vez (-) ãh: (.) um um um
 25 (.)
 26 JC: um peixe
 27 (.)
 28 SI: u:m peixe

Ao longo do trecho, SI e seus colegas constroem juntos a narrativa de SI, através de perguntas e respostas sobre o evento. Como pode ser observado ao longo dos turnos de fala, SI faz uso frequente da expressão *ô*, que tem caráter afirmativo em sua fala. Na linha 24, à pergunta de JC, SI responderá em primeiro lugar *ei ei*. Essa estrutura poderia ser reconhecida como resposta à pergunta *pegou peixe*, se se considerar que *ei* é a desinência final - e tônica - da forma da primeira pessoa do verbo *pegar*, *peguei*. Em estudo anterior (Viscardi, 2005), casos em que o sujeito afásico “apega-se” apenas à estrutura tônica da produção anterior com o intuito de realizar sua própria fala seria neste caso mais uma vez atestada. De forma ainda mais interessante: a estrutura em que se baseia *pegô* não é repetida, como seria caso dissesse *ô* ou *gô*, mas é declinada de acordo com o contexto, em que *peguei* passa a ser *ei*.

Nesse mesmo turno, ela prossegue seu relato até o ponto em que realiza uma retração múltipla do início da frase preposicional *um peixe*. Depois de SI produzir o determinante três vezes, JC (não-afásica) dá uma sugestão que é, em seguida, aceita por SI, que a repete quase imediatamente.

ei ei uma vez um
 um
 um
 um peixe?
 um peixe

Quais são as principais características dessa produção? Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a retração múltipla do determinante *um* motivou um dos interlocutores de SI a sugerir um nome que preenche a frase nominal. A sugestão *um peixe* é aceita por SI, que reproduz a frase logo após a emissão de JC.

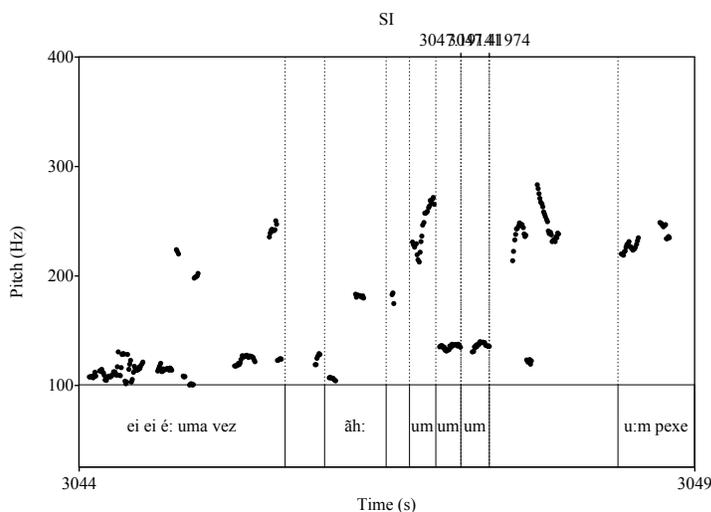


Figura 18. Curva entoacional para “um um um (...) um peixe”.

Seja do ponto de vista da curva entoacional seja do ponto de vista da duração, este primeiro exemplo esboça uma ocorrência interessante das manifestações prosódicas. A matriz do determinante *um* é produzida com curva entoacional ascendente, o que não foi observado em casos não-afásicos. A primeira e a segunda repetição são produzidas de forma bastante semelhante, em nível. Após a sugestão de JC quanto ao NP em desenvolvimento, SI repete a sugestão referida *um peixe*, em tom mais alto que nas duas produções anteriores do determinante.

A duração dos segmentos que compõem a retração também chama a atenção por ter valores muito semelhantes entre si. Não se observa grande prolongamento nas ocorrências (15, 15, e 17 milissegundos); a terceira repetição do determinante é mais curta (de 12 milissegundos), mas a diferença em relação às produções anteriores não é significativa.

Se a curva entoacional e a duração apresentam esses padrões, como se comporta a intensidade? Como em casos já relatados em produções não-afásicas, a matriz e suas duas repetições subsequentes - não seguidas de pausas - têm picos bastante semelhantes, e breves, dada a duração dos segmentos. Depois da pergunta de JC, a última repetição do determinante é realizada em intensidade inferior às produções anteriores, sendo um novo pico atingido já na produção de *pexe*.

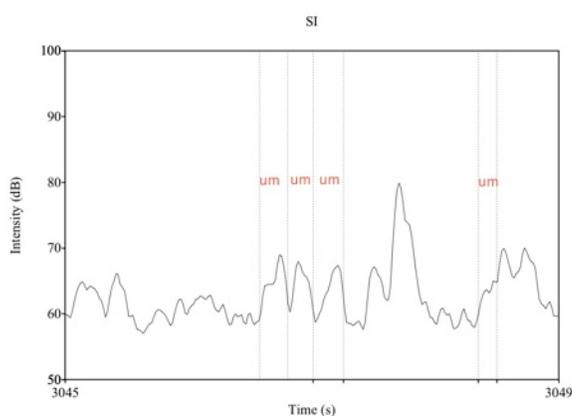


Figura 19. Gráfico da intensidade para as ocorrências de *um* no trecho.

Parece apropriado pensar a relação entre estes breves picos de intensidade, a duração curta dos segmentos envolvidos e seu efeito na percepção da fala. No trecho, os segmentos que compõem a retração representam os momentos mais regulares e de maior pico na produção de SI no que tange à intensidade. A maior velocidade na produção dos determinantes associada aos picos de intensidade poderia levar à percepção de tentativa de solução rápida do problema local, motivando a interferência certa de JC.

Isso não implica dizer que este seja o único fator motivador da intervenção. Outros elementos que compõem o contexto podem participar e intervir na tomada de fala pelos

participantes do grupo, como a postura do falante e as características de sua produção que são percebidas e compartilhadas por seus interlocutores, além do direcionamento do olhar e dos gestos.

No exemplo seguinte, participam dessa parte do encontro JM e GD (afásicos) e HM e EM (não-afásicas). No trecho, JM e os demais participantes do encontro discutem o problema da segurança no Brasil, com base em fatos que aconteceram nos dias que antecedem o encontro. JM sugere que uma facção criminosa conhecida pelo nome de PCC recebe dinheiro em troca da afiliação de novos criminosos ao seu grupo. É possível reconhecer a dificuldade de JM em encontrar as palavras, o que o leva a produzir uma sequência de pausas e repetições, que desencadeiam algumas retrações, simples e múltiplas, de diferentes estruturas sintáticas.

Trecho [10] *AphasiAcervus* JM 18.05.06 recebe recebe

01 EM: e ao mesmo tempo (-) é: eles (.)
 02 a a prometem e fazem acordos com os próprios: (-) criminosos
 03 então a gente não sabe mais se tem medo de bandido
 04 (1,23) ou de polícia
 05 (.)
 06 HM: é (.) não e ainda é
 07 (-)
 08 eu tenho [medo de acontecê isso]
 09--> JM: [ouvi dizê [que] tem] o:::
 10 EM: [fala]
 11 (-)
 12--> JM: ((limpa a garganta)) (---) o::: (---) o pececê
 13 (.)
 14 EM: ãh
 15 (-)
 16 JM: recebe (1,71) re- recebe (2,25) um::: (2,13) um acordo
 17 (.) não
 18 (-)
 19 HM: uma verba
 20 (2,10)
 21 EM: ãh
 22 (1,81)
 23 JM: recebe uma (.) (do) (--)
 24 cada ladrão que (-) que::: (--) que foi feito
 25 (-)
 26 EM: ãh
 27 JM: eles (.) <<DIF>é:> (.) eles (---) são obrigados a entregá(--)
 28 <<DIF>a:::>
 29 (2,56)
 30 GD: <<pp>duzentos> (--) (r) (-) ãh r:eéi[s]
 31 EM: [é [mes]mo]

No recorte, EM relata a relação obscura que parece existir entre membros da polícia e de facções criminosas. Sua fala, entre as linhas 01 e 04, motiva o comentário iniciado por JM na linha 09, em que ele acrescenta uma informação que “ouvi dizer” sobre o PCC. Os movimentos empreendidos por JM no sequenciamento de sua fala estão expostos a seguir:

ouvi dizê que tem o
o
o pececê recebe
re
recebe um
um acordo

No desenrolar da retração múltipla, entre as linhas 09 e 12, JM acaba por reformular a estrutura textual que vinha desenvolvendo: o NP *o pececê*, que inicialmente ocupava o papel de complemento do verbo *ter* em *ouvi dizê que tem o pececê*, passa a ser o sujeito da oração *o pececê recebe um acordo*.

As características prosódicas do trecho são bastante semelhantes às características já observadas na fala não-afásica: há um padrão descendente forte na curva entoacional da matriz do determinante *o* que compõe o NP *o pececê*. Depois da pausa, a primeira repetição do determinante obedece mais uma vez a este padrão, com curva descendente bem delimitada. Já a segunda repetição do determinante ocorre em nível, no mesmo tom que o final da produção antecedente.

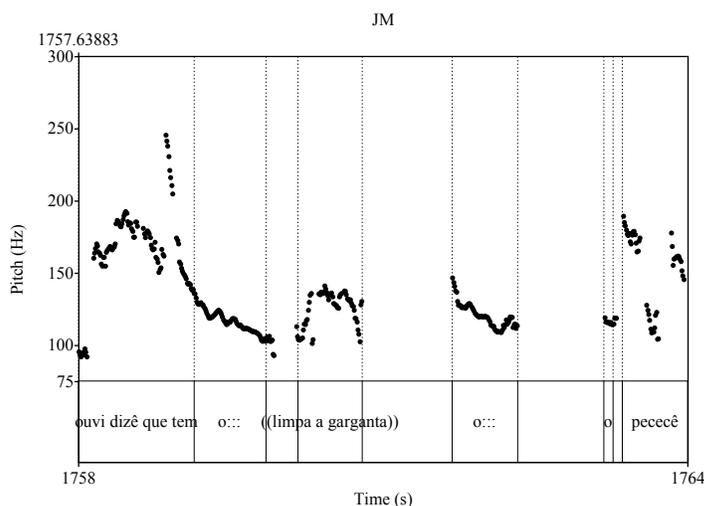


Figura 20. Curva entoacional de “ouvi dizê que tem o::: (.) [limpa a garganta] (.) o::: (.) o pececê.

A duração se comporta também de forma semelhante aos casos de retração múltipla em fala não-afásica: a matriz e a primeira repetição têm valores que as aproximam mais uma da outra (de 74 e 67 milissegundos, respectivamente) e as distanciam da segunda repetição, em que a duração é bastante curta, de apenas 9 milissegundos. O curioso do trecho está na “virada” que a segunda repetição significa na produção do trecho. Enquanto a matriz e a primeira repetição do determinante parecem estar afiliadas ao complemento do verbo *ter*, a segunda repetição se desvincula dela, provavelmente devido à combinação de uma série de fatores, dentre eles, a pausa prolongada e os picos mais altos na curva entoacional.

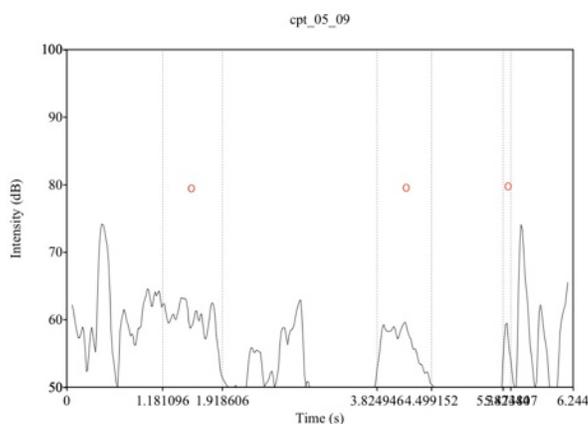


Figura 21. Gráfico da intensidade da retração múltipla no trecho [09].

A intensidade mantém valores estáveis ao longo da produção da matriz, sem um movimento de descida. A primeira repetição também não apresenta um movimento de descida continuado; ao invés disso, ele aparece próximo do fim do determinante, quando a pausa tem vez. A segunda repetição é produzida com pico no mesmo nível da ocorrência anterior do determinante, seguida de um pico de valor elevado no início de *pececê*.

No trecho 11 outro caso de reformulação da estrutura é apresentado. Os participantes do encontro discutem a possibilidade de irem juntos ao cinema; participam do trecho JC e HM (não-afásicas) e NS (afásica).

Trecho [11] *Aphasiacervus* NS 26.08.04 se' que tem a:: é a:: você e a:: coisa

01 JC: quin[ta que vem também eu posso í]
 02 NS: [qua quar] quarta [ó]
 03 HM: [cê] pode?
 04 (.)
 05 JC: [posso] í
 06 NS: [qua] qua::tro: e pouquinho
 07 (--)
 08 JC: isso
 09 (.)
 10 NS: pr'eu í embora (-)
 11--> se' que tem a:: é a: (-) tsc (.) você e a:: (-) coisa
 12 (-) como chama (1,25) fisioterapia né (--)'tão
 13 (1,45)
 14 HM: pode combiná mesmo pode falá com ela hoje
 15 (.) [e daí você]s veem o horário da
 16 NS: [hoje]
 17 (.)
 18 HM: do cinema (.) na semana que vem

Os participantes combinam qual o melhor dia para irem juntos ao cinema. JC sugere a quinta-feira. NS indica o horário que precisa voltar para casa, porque ela mora em uma cidade vizinha a Campinas (onde acontecem os encontros do grupo). Mas na quinta-feira acontece também a fisioterapia e, ao expressar sua preocupação com isso, NS produz a retração múltipla, na linha 11, exposta abaixo:

se' que tem	a
	a
	você e a coisa

Ao se confrontar com a dificuldade de encontrar a palavra para dar fim à produção da estrutura projetada, a saber, um NP, NS reformula a estrutura inicialmente produzida e reinicia a posição de NP com o pronome *você*, referente à fonoaudióloga (HM) que também desenvolve uma atividade com alguns membros do grupo antes da fisioterapia. Ao retomar a frase nominal introduzida pelo determinante *a*, NS é confrontada uma vez mais com a dificuldade de evocação da palavra, resolvida pelo preenchimento da posição do nome com

um substantivo indeterminado semanticamente, *coisa*. Somente depois disso, e depois de produzir o marcador de hesitação *como chama*, é que o nome *fisioterapia* é produzido, na linha 12.

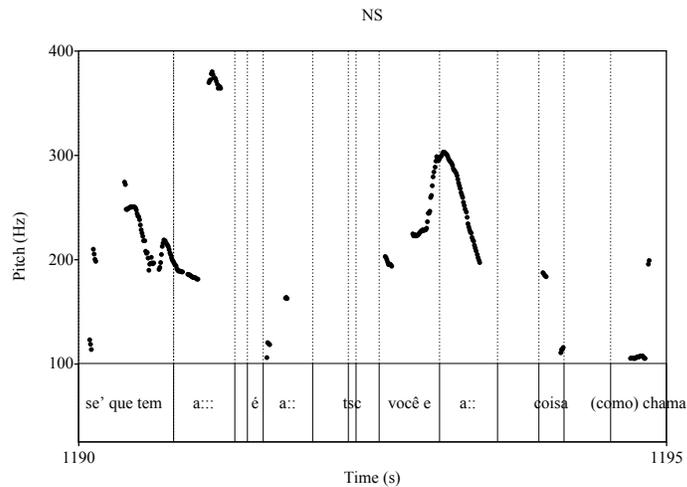


Figura 20. Curva entoacional para “se’ que tem a:: é a:: você e a:: coisa”.

Na figura 20, apresentada acima, é exposta a curva entoacional da sequência que contém a retração múltipla. Na matriz, a curva tem padrão descendente, padrão que pode ser observado também na segunda repetição, que antecede a produção do nome.

Interessante observar que o padrão que sugere a manutenção da hesitação é também empregado no determinante que antecede a primeira produção do nome, neste caso, *coisa*. Ainda que o artigo seja produzido em tom mais alto que o dos determinantes anteriores, um forte padrão descendente sugere o padrão hesitativo da fala. Mesmo na iminência da produção do nome, o padrão hesitante se manteve, o que não se observa na fala não-afásica.

A duração também tem comportamento distinto do observado na fala não-afásica: tanto a matriz, quanto a primeira e a segunda repetição são longas e não há diferenciação evidente entre as duas primeiras produções e a segunda repetição do determinante, que antecede o nome, da mesma maneira que não houve diferenciação na curva entoacional. A duração equivale a 33 milissegundos para a matriz, 41 milissegundos para a primeira repetição e 36 milissegundos para a segunda repetição.

Já a intensidade revela diferenças: enquanto a matriz e a primeira repetição apresentam valores baixos que acompanham a produção de NS na sequência, a segunda repetição - que vem acompanhada do pronome *você* - tem valores altos.

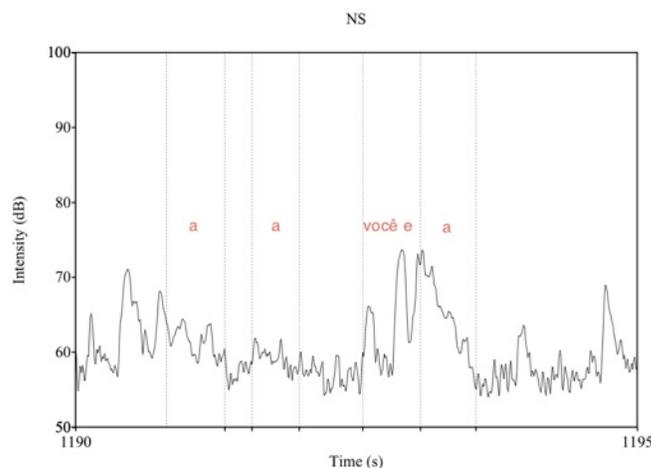


Figura 21. Gráfico da intensidade para matriz, primeira e segunda repetição de “a”, respectivamente.

A motivação para essa diferenciação pode estar na atividade a ser desenrolada, uma reformulação da estrutura inicialmente projetada e a tentativa de voltar a atenção do interlocutor para a atividade em desenvolvimento.

O exemplo seguinte foi extraído da fala de JM. Participam do trecho HM (não-afásica) e MH e JM (afásicos). Os participantes do encontro falam sobre política e discutem o passado eleitoral de alguns personagens da política brasileira, entre eles, Luis Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin e Mario Covas.

Trecho [12] *Aphasiacervus* JM 18.05.06 a o o isso o alcko

```

01    JM:    o lula fez duas duas campanha (.)
02    o::: (-- ) o (.) alckmi fez duas campanha (---) e::
03    HM:    ah::
04    JM:    a::
05    HM:    é porque primeiro foi entrô como::
06    (0,95)
07--> JM:    o o:: (.) o:::
08    HM:    né ele era vice e assumiu o lugar
09    JM:    isso
10    (.)
11    HM:    daí ele entrô pra fazê [a candidatura]

```

12--> JM: [o alcki] o:[::]:
 13 MH: [o alcki?]
 14--> JM: covo (--) o covoas
 15 HM: covas
 16 JM: covas

No início deste trecho, JM afirma que Lula e Alckmin participaram de duas campanhas para eleições. Nos dois casos, ocorrem retrações simples da frase nominal. A primeira delas, na posição de complemento do verbo *fazer*; a segunda delas, na posição de sujeito da segunda ocorrência do verbo *fazer*.

o lula fez duas duas campanha o:: o alckmi fez duas campanha

No caso de Geraldo Alckmin, HM especifica que primeiro ele foi vice-governador e depois iniciou campanha para a candidatura à presidência. HM toma o turno de fala de JM na linha 05, enquanto JM iniciava uma nova sequência, introduzida pelo determinante *a* na linha 04. A fala dos dois participantes é, a partir de então, entrecortada uma pela outra.

Na linha 07, JM tenta dar sequência à estrutura iniciada na linha 04, produzindo uma retração múltipla do determinante *o*. Sua fala é, porém, mais uma vez entrecortada pela fala de HM. Em resposta à afirmação que faz na linha 08, na linha 09 JM confirma o que HM disse. Depois da fala de HM na linha 11, JM volta a produzir o determinante *o*, seguido do nome *alcki*, parafasia do nome *Alckmin*. A estrutura, que poderia ter fim aí, é reiniciada em seguida pela repetição do determinante *o*. Depois da pergunta de MH, JM produz o nome *covo*, parafasia do nome Covas, e repete o NP mais uma vez, agora completo, *o covoas*. HM sugere o nome *Covas*, que é reafirmado por JM através da repetição do NP *covas*, na linha 16.

```

e a:::
o
o
o
o alcki
o covo
o covoas
covas
covas

```

Para interpretar o trecho é importante ter em mente que Covas e Alckmin foram governador e vice-governador do estado de São Paulo por dois mandatos. Quando, na linha 12, JM diz *o alcki* e imediatamente inicia a produção de um outro NP, este NP parece ter caráter retificador da produção anterior, dado que na linha 02, JM havia afirmado que Alckmin tinha feito duas campanhas e introduziu a conjunção aditiva e o determinante, que pareciam indicar a produção de um novo NP, que será finalmente produzido somente na linha 14.

As figuras 24a e 24b, abaixo, mostram, em duas partes, o comportamento da curva entoacional ao longo da sequência em que a retração múltipla se desenvolve. Na figura 24a, destaca-se a repetição tripla do determinante *o* depois da produção da matriz *a*.

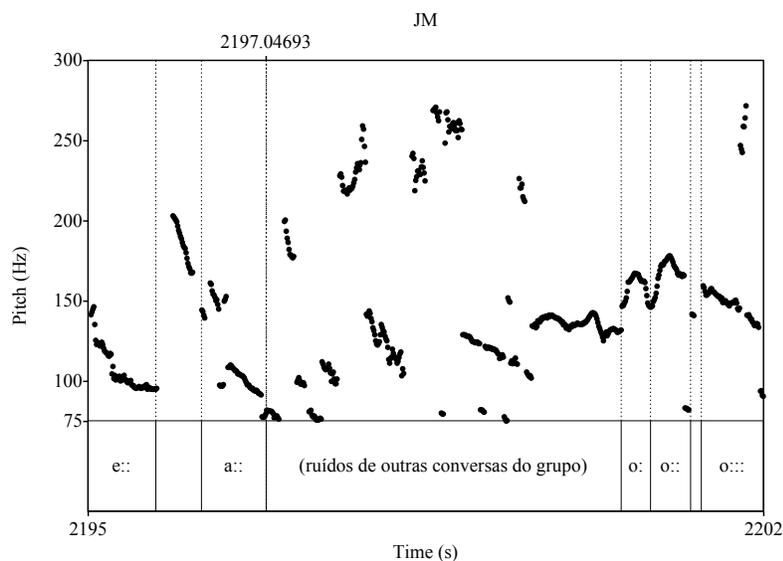


Figura 24a. Curva entoacional do trecho “e a:: [ruído] o o o”.

Na figura 24b, apresenta-se a sequência do trecho iniciado na figura 24a, e que corresponde às tentativas do sujeito JM em produzir o nome *Covas*. A primeira ocorrência completa do NP será composta do determinante *o* e o nome *Alcki*, que será substituído em seguida pelo nome *Covo*, finalmente produzido como *Covoas*.

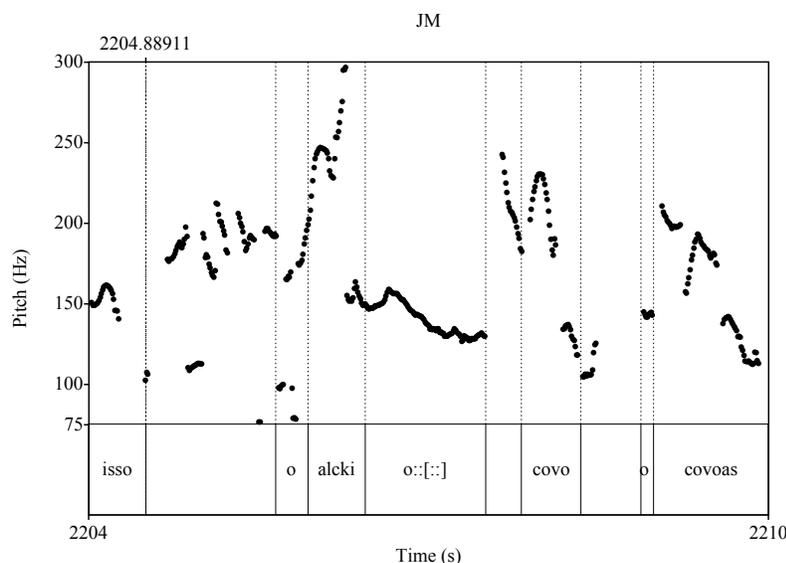


Figura 24b. Curva entoacional do trecho “e a o o isso o alcki o covo o covoas”.

As características de *pitch* na sequência são variadas. Na matriz *a*, é possível reconhecer seu caráter decrescente, enquanto a primeira e a segunda repetição têm curvas que mesclam tendência ascendente e decendente. Já a terceira repetição é decendente, enquanto a quarta repetição, que acompanha o nome *alcki* é produzida com leve tendência ascendente. O caráter decendente da curva é resgatado na quinta repetição; na sexta, e última repetição do determinante, a curva é produzida em nível.

Dentre as diferentes características e contextos de ocorrência das repetições, algumas delas mantêm as características também associadas à fala não-afásica: a curva decendente no início da retração, como no caso da matriz *a* e o caso em que a curva acontece em nível, quando antecede um nome, como em *o covoas*. No caso de *o alcki*, dado que o nome produzido não corresponde ao pretendido, uma nova busca tem início. A curva

descendente na quinta repetição do determinante sugere essa busca e a manutenção do padrão de retração. Mas, ao invés de repetir o determinante, JM produz o nome *covo*, que será repetido em seguida como *covoas* e depois como *covas*. A sequência tem fim aí dado que o nome é finalmente produzido.

A intensidade tem comportamento semelhante nas repetições ao longo de toda a sequência: tanto a matriz *a* quanto as três primeiras repetições apresentam um pico de valor próximo, o que é alterado pela produção de *o alcki*, que aparece tanto com curva entoacional mais elevada como também com intensidade mais elevada que os trechos anteriores e posteriores. A sexta repetição do determinante se aproxima mais uma vez da matriz e da primeira, segunda e terceira repetições do determinante.

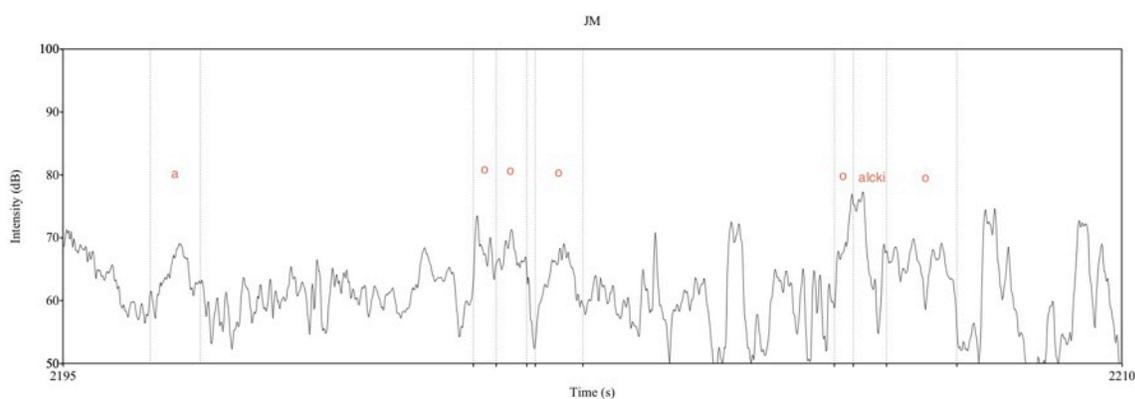


Figura 25. Gráfico da intensidade para a repetição múltipla no trecho [12].

Após delinear um panorama das características dos casos de retração múltipla em frases nominais, serão discutidos os casos de retração múltipla em frases preposicionais, com o intuito de completar a análise dos casos de retração múltipla na fala afásica.

4.4.2 Em PPs

O primeiro exemplo de retração múltipla em frase preposicional foi extraído da fala de SI, que relata suas novidades da semana no trecho. Participam da conversa SI (afásica) e HM (não-afásica).

Trecho [13] *Aphasiacervus* 16-09-04 SI fui lá na na na praia

01 HM: [e qual] que é a outra novidade dona sara
02 (1,46)
03--> SI: o:u (-) fui lá (-) na na na praia
04 (-)
05 HM: quando que a senhora foi?
06 (.)
07 SI: ô:
08 (1,30)
09 HM: no feriado?
10 (-)
11 SI: é

SI acaba de relatar uma de suas novidades, quando HM, na linha 01, pergunta a ela que outra novidade ela tem para contar. SI afirma então que foi à praia e, para dizê-lo, realiza uma retração múltipla do início da frase preposicional *na praia*.

fui lá na na na praia

À pergunta seguinte de HM, referente a quando aconteceu o passeio, SI responde *ô*, usado também em afirmações afirmativas. SI não dá continuidade à sua fala, deixando a pergunta de HM sem resposta, ao que HM refaz sua pergunta, sendo específica sobre quando o evento poderia ter acontecido, o que é confirmado por SI na linha 11.

A figura 26, abaixo, representa a curva entoacional para a fala de SI da linha 03.

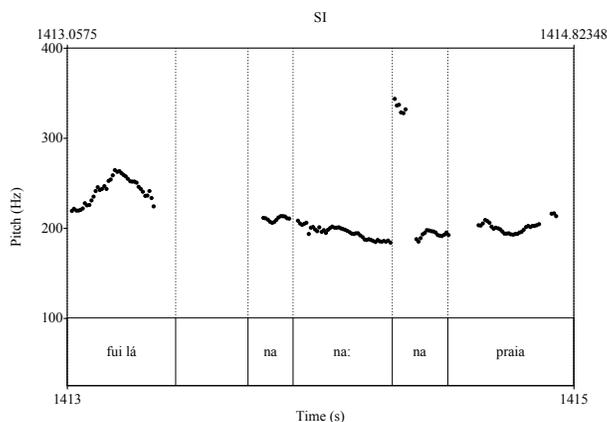


Figura 26. Curva entoacional para “fui lá na na na praia”.

A matriz e as duas repetições da preposição *na* são produzidas sem que uma pausa as separe. A curva entoacional é produzida em nível na matriz, tem tendência descendente suave na primeira repetição e após uma subida leve, segue em nível na segunda repetição. Ao observarmos o conjunto composto pela matriz e a primeira repetição, é possível reconhecer um todo de tendência descendente, que se altera com a produção da segunda repetição.

O menor valor da duração aparece na matriz, 19 milissegundos, seguido pela segunda repetição, medindo 20 milissegundos. O maior valor da duração está na segunda repetição, que mede 34 milissegundos. É na segunda repetição que as características da repetição hesitativa estão mais aparentes, justamente pela combinação destes dois elementos, a duração e a curva entoacional. Vale ressaltar, também, que os valores da matriz e da segunda repetição são já relativamente altos quando comparados a esses segmentos em outras ocorrências.

A intensidade, apresentada no gráfico 27, comporta-se de maneira semelhante nas três ocorrências da preposição *na*, mas o pico da matriz é um pouco mais baixo do que o da primeira repetição. A primeira e a segunda repetição têm pico na mesma região, não havendo, portanto, diferenciação entre as ocorrências no que tange à intensidade.

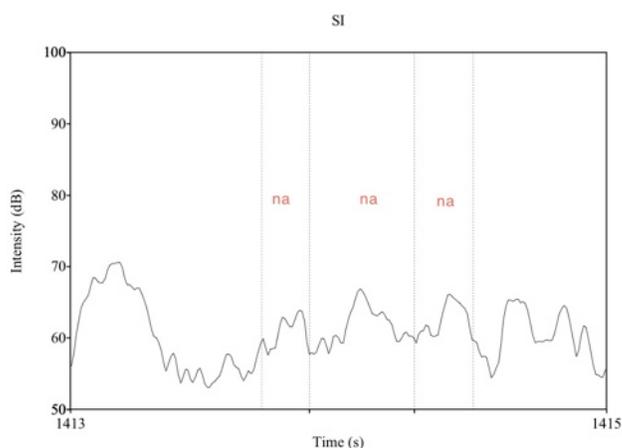


Figura 27. Gráfico da intensidade para a retração múltipla.

O próximo trecho foi extraído da fala de NS e apresenta dois casos de retração múltipla, o primeiro deles no padrão M R1 R2 e o segundo no padrão M R1 R2 R3. O tema da conversa é uma rebelião em uma cadeia, organizada por uma facção criminosa.

HM pergunta aos participantes se eles haviam acompanhado o noticiário, seja pela televisão ou em jornais impressos. NS discorre então sobre os acontecimentos que viu relatados sobre o caso.

Trecho [14] *AphasiAcervus* NS 18.05.06 morreu né a: como chama a

01 HM: que que cê assistiu que que cê viu
 02 (---)
 03--> NS: ah bandido né (1,24) lá na na: (--) na cadeia
 04 (---) lá (cumu) chama no teco
 05 (-)
 06 HM: [é no] teto
 07 NS: [no teto]
 08 (1,18) telefo::ne sabe (--) tudo (1,79)
 09 depois né é=é (1,31)
 10 morreu né a:: (1,09) como chama é a: (-) polícia
 11 (-) monte morreu (---) coisa também morreu
 12 <<all>como é que chama> é a: (.)
 13 como é que chama é o:: (--) preso morreu
 14 (1,08)
 15--> depois <<all>no=no no> no carro tamém
 16 (--) fogo sabe
 17 (---)
 18 HM: nos ônibus
 19 (.)
 20 NS: é

Na linha 03, NS inicia o seu relato sobre o que ela viu sobre o caso. Sua fala apresenta um número maior de nomes em detrimento de verbos, o que pode ser observado no trecho. Também na linha 03 aparece a primeira retração múltipla, acompanhada de uma pausa entre a primeira e a segunda repetição:

bandido né lá na na na cadeia

Na sequência, a retração múltipla decorrente da busca pela palavra *cadeia* é complementada por uma retração simples à estrutura de NP e também do advérbio, quando

NS especifica a referência de cadeia, repetindo a estrutura empregada, ou seja a frase preposicional *no teco*:

bandido né lá na na na cadeia lá como chama no teco
--

A palavra inicialmente proferida *teco* será substituída por *teto* após sugestão de HM. Mais duas retrações simples, em razão de busca por palavra, serão produzidas por NS na linha 10 e entre as linhas 12 e 13, nas estruturas nominais *a polícia* e *o preso*.

morreu né a como chama é a polícia
--

coisa também morreu como chama é a como chama é o preso morreu
--

Observe que a estrutura *X morreu* é utilizada várias vezes ao longo do trecho, sendo “reciclada” a cada novo personagem destacado, ou seja, NS se apoia nessa estrutura na construção de seus turnos de fala neste trecho, a partir dos movimentos de retração que organizam sua fala.

Depois dos dois casos de retração simples do início da frase nominal, tem vez mais uma retração múltipla. NS apresenta mais um ambiente em que houve rebeliões mobilizadas pela mesma facção criminosa.

depois no no no no carro tamém

Dentre os diferentes movimentos empreendidos pelo sujeito ao longo da sequência, interessa mostrar os dois casos de retração múltipla. Em primeiro lugar, serão discutidas as

características prosódicas da retração do tipo M R1 R2, que aparece na linha 03. Depois disso, serão apresentadas e discutidas as características da retração do tipo M R1 R2 R3, que acontece na linha 15.

A figura 28, abaixo, apresenta as características da curva entoacional da linha 03. A curva do trecho *lá na na na cadeia* indica forte tendência decrescente, do início da matriz até o final da produção da primeira repetição. A segunda repetição apresenta movimento descendente de *pitch*, mas de forma bastante mais branda que o intervalo de frequência empregado nas duas primeiras ocorrências da preposição *na*.

Quanto à duração, a matriz e a segunda repetição têm valores bastante próximos (21 e 22 milissegundos, respectivamente), enquanto a primeira repetição é alongada, com duração mais de duas vezes maior que a matriz e a segunda repetição: 49 milissegundos. Como no exemplo anterior, a primeira repetição parece carregar de forma mais acentuada as características que parecem definir o traço hesitativo na busca de palavras, sem haver uma diferenciação mais consistente entre a duração da matriz e da segunda repetição.

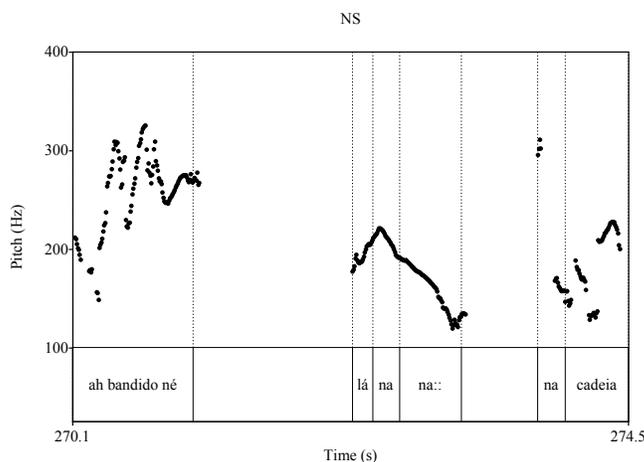


Figura 28. Curva entoacional do trecho “ah bandido né lá na na na cadeia”.

Quanto à intensidade, seus valores decaem ao longo da repetição das preposições. A segunda repetição apresenta os menores valores de todo o trecho, enquanto a matriz apresenta o maior valor entre as três produções da repetição.

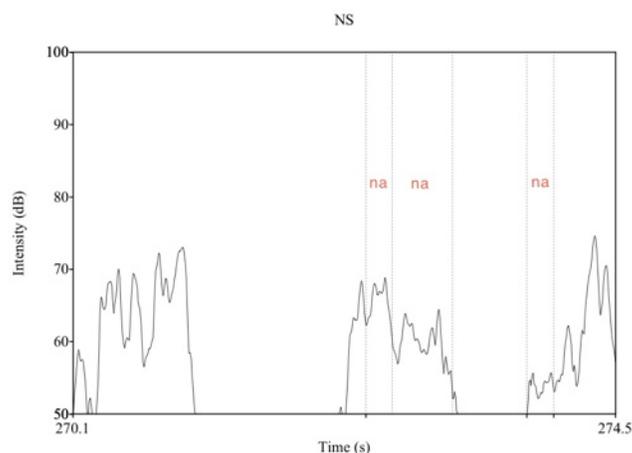


Figura 29. Gráfico da intensidade para a retração múltipla produzida na linha 03 do trecho [14].

O segundo caso de retração múltipla do trecho é mais extenso que o caso observado anteriormente. Em *no no no no carro também*, a curva entoacional tem tendência geral descendente entre a matriz e a segunda repetição da preposição. A terceira repetição representa a quebra desse padrão descendente. As características da curva de cada repetição individualmente sugerem que o movimento da curva na matriz é, em primeiro lugar, ascendente para, no meio da produção da preposição, tornar-se descendente. O movimento de subida é suavemente realizado na primeira repetição, que segue em curva descendente. Já a segunda repetição apresenta apenas padrão descendente. Na terceira repetição, a curva apresenta um padrão ascendente-descendente em um intervalo pequeno de frequência.

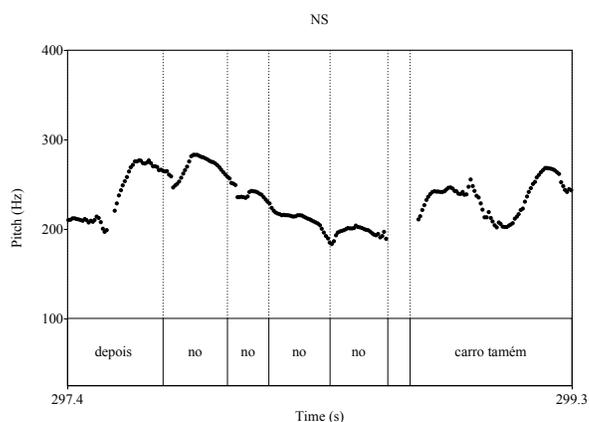


Figura 30. Curva entoacional do trecho “depois no no no no carro também”.

A duração tem valores bastante variados ao longo da sequência de retração. A matriz mede 24 milissegundos, a primeira, a segunda e a terceira repetição medem, respectivamente, 15, 22 e 21 milissegundos. A matriz e a segunda repetição têm valores aproximados, enquanto a primeira repetição tem o menor valor da sequência e a terceira repetição tem valor próximo dos valores da matriz e da segunda repetição. Essa característica sugere uma indeterminação do parâmetro de duração com respeito ao fim da estrutura hesitativa, haja vista que os casos de retração múltipla em sujeitos não-afásicos revelam um padrão de duração em que os menores valores são empregados na produção que antecede o nome.

Mais uma vez a intensidade se mostra uma variável sensível: neste exemplo, a matriz apresenta o valor mais alto entre os elementos que compõem a retração. As três repetições que a sucedem apresentam o mesmo padrão de curva, que acontece no mesmo nível de intensidade para as três repetições.

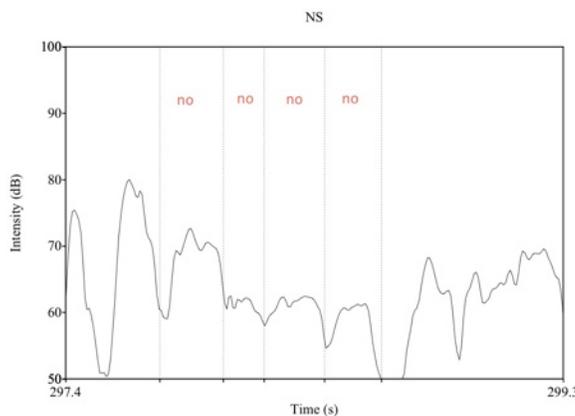


Figura 31. Gráfico da intensidade para a retração múltipla produzida na linha 15 do trecho [14].

Vale a pena ressaltar que não se pretende determinar um único padrão possível de comportamento nos casos em que sequências de retração - simples ou múltipla - aparecem em contexto de busca de palavras. No entanto, é possível afirmar que há uma tendência

para a ocorrência desses casos em fala não-afásica, o que não é observado com a mesma regularidade em dados de falantes afásicos.

O próximo trecho foi extraído da fala de JM. Nele, JM (afásico), EM e JC (não-afásicas) falam com JM sobre seu retorno ao grupo, depois de um período de ausência por razões médicas. EM quer saber se JM sente alguma diferença em sua fala depois que teve uma segunda convulsão.

Trecho [15] *AphasiAcervus* JM 14.04.05 tivemos aí a o último

01 EM: o senhor acha que depois que teve a segunda convulsão
02 teve alguma diferença na sua [fala]
03 JM: [nã]:o (consigo)
04 EM: acha que ficô a mes[ma coisa]
05 JM: [não não] (--) mema coisa
06 (---)
07 JC: ah que bom né?
08 (2,45)
09 EM: né
10 (--)
11 JM: eu (.) tive na: (2,44)
12 quando quando que faz (-) ma ãh: faz que nós
13 (1,25) <<cr>ãh> (-) que é: (-)
14--> tivemos aí a o último dia da: da (1,29) do: do ano passado
15 hein
16 (.)
17 EM: foi em dezembro

Depois de dizer a EM que sua fala se manteve a mesma depois de um episódio convulsivo, JM pergunta qual foi o último dia do encontro ocorrido no ano anterior, quando ele participava do grupo. Na realização deste turno, JM realiza quatro retrações. As duas primeiras são retrações simples que retomam 1) o advérbio *quando* e 2) o verbo *faz*, na linha 12:

quando quando que faz ma ãh faz que nós tivemos (...)

A terceira retração, simples, da frase nominal *a o último dia*, acontece na linha 14 e a quarta retração, múltipla, da frase preposicional *o último dia da da do do ano passado* acontece também na linha 14:

quando
quando que faz ma ãh
faz que nós tivemos aí a
o último dia da
da
do
do ano passado

Neste exemplo, interessa analisar a ocorrência da retração múltipla da linha 14, mas é interessante observar também os movimentos empreendidos pelo sujeito para produzir o turno de fala esboçado acima: foi preciso realizar um conjunto de repetições para dar conta da produção dessa estrutura complexa.

As características prosódicas do trecho que compreende a retração múltipla são descritas a seguir e apresentadas nas figuras 32 e 33, abaixo.

O trecho apresenta intervalo de variação de frequência relativamente baixo quando comparado a outros exemplos já analisados anteriormente. Essa característica não deve ser reportada à fala de JM como um todo. Em outros exemplos (vide trecho 12) o intervalo de variação é maior. Neste caso, porém, há uma tendência bastante suave para o padrão descendente entre a matriz e a primeira repetição da preposição. Depois da longa pausa, a nova ocorrência da preposição, agora de gênero masculino, tem leve tendência ascendente. A terceira repetição da preposição é produzida em nível.

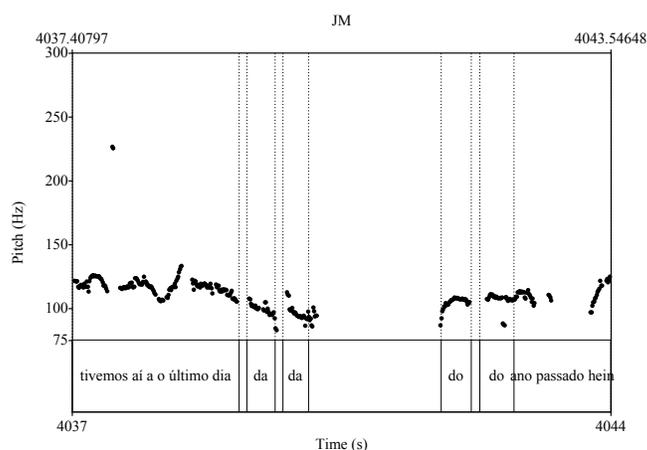


Figura 32. Curva entoacional para o trecho “tivemos aí a o último dia da da do do ano passado hein?”.

Os valores da duração correspondentes à matriz e suas três repetições são, respectivamente, 41, 29, 35 e 39 milissegundos. A duração da matriz e da terceira repetição é bastante semelhante. A diferença entre todas as repetições é relativamente pequena; não há grande variação entre as ocorrências, sendo a primeira repetição a mais distoante, e mais curta. Como já sugerido no exemplo anterior, em casos não-afásicos a tendência é justamente oposta: que a repetição que antecede o nome seja mais breve que as anteriores.

O padrão da intensidade na matriz e na primeira repetição é o mesmo, inferior ao valor expresso pela intensidade na segunda repetição da matriz. Este valor se mantém o mesmo na terceira repetição, de tal maneira que a retração se desenvolveu neste caso aos pares: as características da duração, da curva entoacional e da intensidade são semelhantes entre as duas primeiras ocorrências e as duas últimas ocorrências.

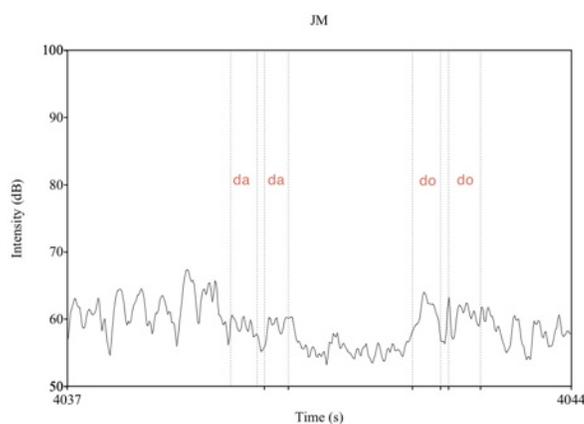


Figura 33. Gráfico da intensidade para a retração múltipla produzida na linha 14 do trecho 15.

O último trecho a ser descrito foi extraído da fala de JM e apresenta a conversa entre JM (afásico) e JC (não-afásica). Ambos residem em São Paulo e viajam todas as quintas-feiras para participar dos encontros do grupo do CCA em Campinas. Na conversa, eles estão dizendo como viajam (de ônibus ou de carro) e, no momento em que o recorte foi realizado, JC acaba de dizer que veio de ônibus.

Trecho [16] *Aphasiacervus* JM 18.05.06 na na barro barra funda

01--> JM: [mas] se o ah é e vem (-) deo (-) do=do:umaré também
02 JC: [i::sso]
03 (1,34)
04 JC: sai do metrô umaré as sete da manhã em ponto
05 (-)
06 JM: ah é?
07 (.)
08 JC: é[:]
09 JM: [é] (-) eu vi na:: (-) na:: (1,37) barra
10 (1,09) barra funda
11 (.)
12 JC: sai- ele passa na barra funda as sete e quinze
13 (--) é o mesmo é o meu
14 (--)
15 JM: ah é?
16 JC: é o que eu pego
17 (--)
18 JM: mas eu (1,23) como é que eu (.)
19 ãh: eu num te viu
20 (---)
21 JC: e-eu f- (--) eu tava no ô[nibus de ontem]

JM pergunta, na primeira linha, se o ônibus que JC pega vem de Sumaré, uma estação de metrô por onde o ônibus fretado passa em São Paulo. JC explica então a rota feita pelo ônibus e JM, na linha 09, diz o ponto onde ele pega o ônibus, na Barra Funda. O tópico é concluído quando JC esclarece que eles pegaram o ônibus em dias diferentes, por isso não se encontraram.

São dois os casos de retração realizados por JM neste trecho. Há uma retração simples dentro da frase preposicional, realizada na linha 09, e já discutida no capítulo 4:

eu vi na na barra funda

Além dessa retração, há uma retração múltipla que acontece na linha 01:

mas o é e vem deo do do umaré também?

A matriz da sequência de três preposições que são produzidas neste trecho é uma forma aproximada da preposição *do*. Após uma breve pausa, a forma *do* é produzida duas vezes, com características prosódicas distintas. A duração revela, em mais um caso, um padrão diferente daquele descrito para os casos não afásicos: a última repetição é a mais

alongada, medindo 42 milissegundos, enquanto a primeira e a segunda repetição medem, respectivamente, 30 e 22 milissegundos.

A matriz apresenta curva descendente e é alongada. A primeira repetição tem curva em nível e o menor valor de duração entre as três formas presentes nesta retração e a segunda, e última, repetição é a mais longa entre as três ocorrências e, contrariamente à repetição que a antecede, tem curva descendente. A retomada da fala só parece acontecer na produção do nome, momento em que a curva entoacional volta a ser produzida em tom mais alto. Um olhar sobre a figura 34 mostra como a retração se expande ao longo do trecho.

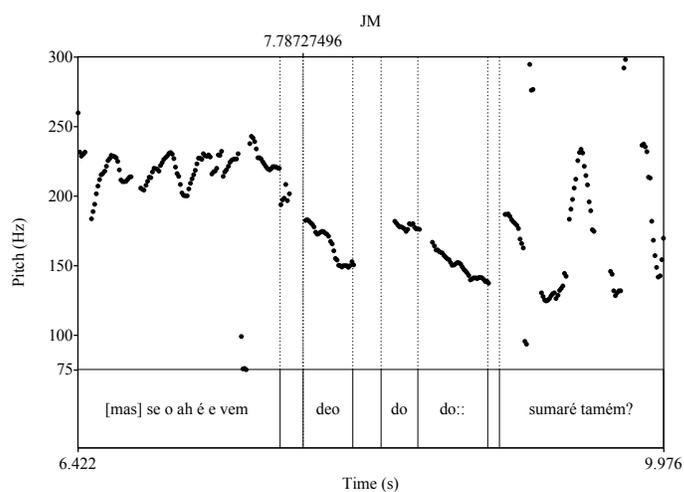


Figura 34. Curva entoacional para o trecho “mas se o ah é e vem deo do do sumaré tamém?”.

Os três picos de intensidade revelados pelas três ocorrências da preposição sugerem similaridade entre eles: a matriz tem valor um pouco inferior ao valor da primeira repetição que, por sua vez, é o mesmo valor para a segunda repetição.

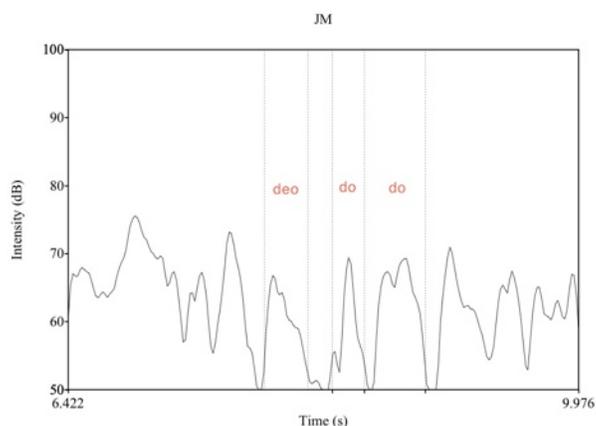


Figura 35. Gráfico da intensidade da linha 01 do trecho [16].

Os exemplos mostrados na seção que trata dos casos afásicos de retração múltipla foram escolhidos com o intuito de apresentar um conjunto de manifestações linguísticas que, relacionadas, podem lançar luzes sobre o uso dos diferentes recursos linguísticos pelos sujeitos afásicos nos casos que aqui foram chamados de *repetições hesitativas*.

A seguir, informações sobre o conjunto de dados recolhido e analisado para a presente Tese são sistematizadas para ter vez, então, a análise comparativa dos dados de retração múltipla de fala afásica e não-afásica.

4.4.3 Os padrões de produção de retrações múltiplas na fala afásica

Os exemplos apresentados nas seções anteriores apresentam um panorama da realização das retrações múltiplas em fala afásica.

Para efeito de comparação, mais uma vez a duração dos segmentos que compõem a retração foi analisada em termos da proporção 1) entre a matriz e a última repetição do segmento que integra o quadro de retração, e 2) entre a matriz e a repetição subsequente. No padrão M R1 R2, 37% dos casos apresentaram matriz com duração maior que a primeira repetição. Neste mesmo padrão, os casos em que a matriz é maior que a segunda repetição somam 53% dos casos. No padrão M R1 R2 Rx, em 60% dos casos a matriz é maior que a última repetição. Isso significa que há ainda um número significativo de casos em que a última repetição é alongada, o que mostra a maior variação entre os valores de

duração nos casos de fala afásica. Em 70% dos casos, a matriz é também maior que a primeira repetição.

Quanto à curva entoacional, há também maior variação nos padrões possíveis tanto na matriz, quanto nas repetições presentes nas retrações. Foi possível encontrar tanto o padrão descendente, quanto em nível e também ascendente em todas as posições. Um padrão particularmente empregado foi a curva descendente na última repetição da matriz. Ou seja, quando se esperava que a curva se realizasse em tom mais alto, por ser a última ocorrência dentro da retração, ela se realizava em padrão descendente, mantendo o padrão hesitativo mesmo no momento em que a busca pela palavra parece ter fim.

A intensidade foi o padrão que apresentou maior variação. A princípio parecia haver um padrão descendente da curva de intensidade entre a matriz e a primeira repetição, no caso do padrão M R1 R2, mas este padrão não se confirmou, como se observou nos exemplos escolhidos para apresentação. A intensidade parece ser um fator que faz possível enfatizar um determinado segmento - ou conjunto de segmentos - como no trecho 11, acontecendo em paralelo com a marcação da repetição hesitativa.

4.5 Um panorama das características prosódicas das repetições múltiplas

Ao analisar os casos de repetição múltipla, verifica-se a existência de dois grupos: quando há repetição dupla da matriz – M R1 R2 – e quando há repetição tripla (ou superior) da matriz, M R1 R2 R3 Rx. Abaixo, segue a tabela que sistematiza os achados para os casos de retração múltipla e que serão discutidos abaixo:

Repetição múltipla	
afásico	não-afásico
70% das repetições são múltiplas	29% das repetições são múltiplas
no padrão M R1 R2, os três elementos são alongados, sendo a R2 a mais curta, embora seu valor não esteja tão distante de M.	no padrão M R1 R2, M e R1 são alongados, enquanto R2 tem duração bastante mais curta que M e R1.
no padrão M R1 R2 R3, todos os segmentos são igualmente alongados e R3 é, na média, mais longa que M.	no padrão M R1 R2 R3, embora apresentem valores mais próximos entre si, R3 é mais curta.
a curva entoacional descendente aparece em M e em todas as Rx, seja no padrão M R1 R2, seja no padrão M R1 R2 R3.	a curva entoacional descendente aparece em M e em R1 no padrão M R1 R2, e em M, R1 e R2 no padrão M R1 R2 R3.
tom mais alto, que acompanha a fala anterior à repetição hesitativa, aparece apenas no nome.	tom mais alto, que acompanha a fala anterior à repetição hesitativa, aparece na última repetição .

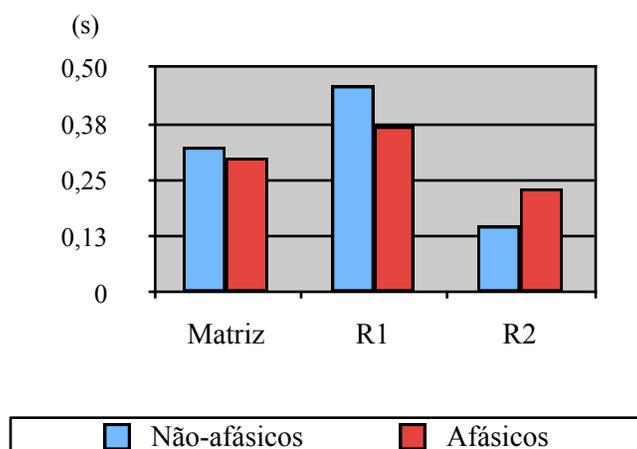
As repetições múltiplas de diferentes padrões foram encontradas tanto na fala afásica quanto na fala não-afásica: como já citado anteriormente, 70% das repetições que aparecem na fala afásica são múltiplas, enquanto 29% das repetições são múltiplas na fala não-afásica. Esses números já revelam uma diferença importante entre a fala afásica e não-afásica: se os sujeitos afásicos podem enfrentar maior dificuldades na busca de palavras, e o processo de busca é refletido na forma como a estrutura do NP ou do PP se realiza, então as ocorrências de retração múltipla deveriam ser mais frequentes na fala afásica, o que é corroborado aqui.

A diferença entre o padrão afásico e não-afásico também se revela nos tipos de ocorrência de retração múltipla, sugerindo uma vez mais a distinção no emprego das estratégias de busca por palavras, provavelmente em função da maior dificuldade na busca no grupo afásico. As repetições do tipo M R1 R2 R3 são frequentes tanto na fala afásica quanto na fala não-afásica, mas aparecem com frequência distinta: as repetições múltiplas de padrão mais complexo são bastante menos frequentes na fala não-afásica, enquanto representam quase dois terços da produção de repetições múltiplas na fala afásica.

A duração, a curva entoacional e a intensidade

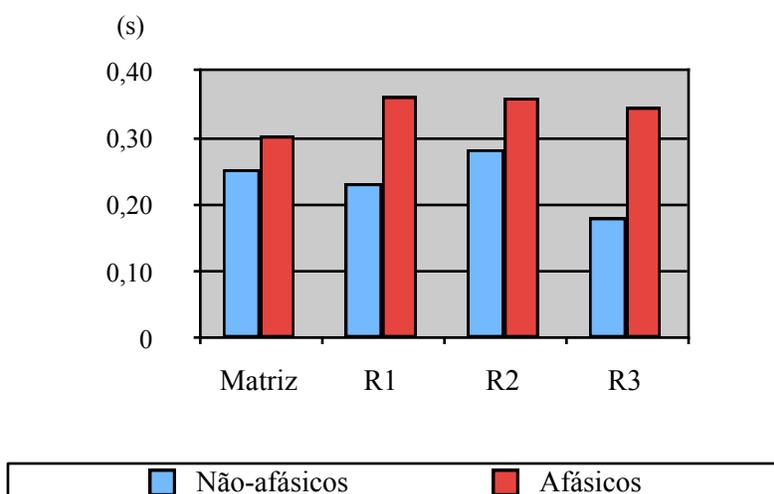
A medição da duração revela que os segmentos produzidos na sequência retrativa são relativamente mais alongados na fala afásica, em comparação com a fala não-afásica.

A comparação entre os valores da duração na retração do tipo M R1 R2 revela que os sujeitos não-afásicos distinguem com maior clareza as duas primeiras ocorrências do artigo ou da preposição da última ocorrência da repetição. Observe o quadro:



Desta afirmação, depreende-se que há uma diferenciação explícita na fala não-afásica entre as produções que representam uma ocorrência hesitativa da fala, no momento da busca por palavras, e a produção que determina o final dessa busca. O final da busca é sinalizado através de queda significativa na duração do segmento que antecede a produção do nome, acompanhada também de curva entoacional específica. No caso da curva entoacional, o padrão descendente é utilizado nas ocorrências que têm caráter hesitativo, enquanto a curva produzida em tom mais alto e em nível é empregada na última produção do determinante, quando o nome será produzido. Estes dois elementos, a duração e a curva entoacional, atuam juntos na sinalização da hesitação e, também, de seu fim na sequência de retração múltipla. Poderia-se esperar que a intensidade também tivesse comportamento característico nesse processo de sinalização da hesitação, mas não foi observado um padrão em sua ocorrência.

A comparação entre os segmentos produzidos na retração múltipla de tipo M R1 R2 R3⁶⁹ revela mais uma vez que os segmentos produzidos na fala afásica são mais alongados do que os produzidos na fala não-afásica. Observou-se também que a relação entre as quatro ocorrências do determinante se mostra diferente nos dois contextos.



Assim como no caso das retrações simples, também foi possível estabelecer uma relação entre a proporção dos valores da duração da matriz e da primeira repetição, de um lado, e da segunda repetição, de outro. Enquanto na fala afásica todos os segmentos da sequência têm, na média, duração bastante próxima entre si, na fala não-afásica as três primeiras ocorrências são mais próximas, distanciando-se da última ocorrência da repetição. Esse dado confirma mais uma vez o ocorrido na retração múltipla do tipo M R1 R2, em que há maior diferenciação entre o último elemento repetido e seus pares na fala não-afásica que na fala afásica. Nesses casos, as produções afásicas são bastante mais alongadas que as produções não-afásicas. Além disso, também a diferenciação das três primeiras ocorrências do artigo ou da preposição e de sua última ocorrência revela que os sujeitos não-afásicos delimitam o espaço de ocorrência da hesitação de forma mais clara do que os sujeitos afásicos.

⁶⁹ Os casos em que há mais de três de repetições da matriz foram reduzidos, por isso não foi feita uma comparação entre suas ocorrências na fala afásica e não-afásica.

A curva entoacional acompanha, mais uma vez, a relação entre as primeiras ocorrências de um determinante e sua ocorrência final: enquanto o padrão descendente está associado à matriz e às primeiras ocorrências da repetição, sua última realização se dá com curva em nível, em tom mais alto que o das repetições, sinalizando mais uma vez o final do período hesitativo e a chegada do nome que completa o NP ou o PP.

A intensidade não parece ser um parâmetro diferencial na análise da maioria dos casos de retração múltipla, mas associada à duração e à curva entoacional, pode reforçar a característica de similaridade das repetições quando elas têm duração próxima e curva entoacional também de mesmo formato. A intensidade, por ser um parâmetro mais sensível, parece estar sujeita às variadas características do contexto em que as retrações são produzidas, não se submetendo exclusivamente ao caráter hesitativo da produção. Além disso, da observação dos dados aqui analisados e das informações que se têm sobre o fenômeno da intensidade, conclui-se que somente através do controle desta variável no momento de captação do sinal sonoro com o uso de um microfone específico de cabeça seria possível captar dados fiáveis para a análise deste parâmetro.

Dado o conjunto de características pertinentes à produção afásica e não-afásica para os casos de retração múltipla, é possível delinear apontamentos que farão parte das considerações deste trabalho. Assim como no caso das retrações simples, observou-se aqui que os parâmetros de duração e curva entoacional foram os mais significativos na identificação das características da repetição hesitativa nos casos de retração múltipla.

Como no capítulo anterior, aqui também houve emprego diferenciado das mesmas características prosódicas associadas aos movimentos de projeção e retração pelos dois grupos aqui estudados: enquanto a proporção entre os valores da duração da matriz e da repetição que antecede a produção do nome se mantém para os casos de retração múltipla em fala não-afásica, não há correlação entre eles nos casos de fala não-afásica, ou seja, as repetições podem ter a mesma duração ou até mesmo duração maior nos casos afásicos. A curva entoacional também não se diferencia, o que reflete o emprego das características de

hesitação ao longo de toda a sequência da repetição hesitativa, atitude evitada pelos sujeitos não-afásicos.

Capítulo 5

Considerações Finais

Repetir e hesitar são duas atividades que, entre tantas outras, pertencem ao falar cotidiano, isto é, ao processamento das línguas faladas, às situações de interações conversacionais face a face. Com o intuito de comparar a ocorrência das chamadas *repetições hesitativas* na fala de sujeitos afásicos e não-afásicos, o presente trabalho analisou casos de repetição de artigos e preposições em frases nominais e preposicionais em conversas espontâneas de sujeitos afásicos e não-afásicos.

Do ponto de vista da organização da fala na repetição, o trabalho enfoca teorias que propõem reflexões sobre o planejamento da fala em curso, como nos trabalhos de Auer (2009a, 2009b) e Auer & Pfänder (2008), além dos trabalhos de Marcuschi (1986, 1996, 1999, 2006) e Koch (1997). Dentro da perspectiva de Auer (op.cit.), tiveram destaque os movimentos de retração e projeção realizados pelos sujeitos ao longo da produção da fala. Tais movimentos podem atender a diferentes propósitos interacionais como, por exemplo, a construção de *frames*, o monitoramento da fala e a ativação e reativação de estruturas.

Do ponto de vista prosódico, o trabalho enfoca teorias que integram aspectos prosódicos ao estudo da linguagem cotidiana (COUPER-KUHLEN & SELTING, 1996; LOCAL, KELLY & WELLS, 1986; SELTING, 2003). A análise da prosódia a partir de conversas espontâneas é uma importante conquista do campo da Linguística, que acarreta mudanças significativas na metodologia de trabalho com dados de fala e nas reflexões que se desenvolvem no campo da Fonética e da Fonologia. Nas palavras de Cristófaró (2008, p. 115),

ao invés de buscarmos evidências estritamente lingüísticas para uma maior compreensão da linguagem – ou seja, no sentido de organização estrutural da fala, devemos ter uma visão ampla que

incorpore a multimodalidade a partir da contribuição de diversas áreas do conhecimento. Acredito que a investigação multimodal da linguagem permitirá a construção de teorias que englobem a estabilidade e dinamicidade das línguas naturais em consonância com aspectos culturais e genéticos de nossa espécie. (CRISTÓFARO, 2008: 115)

Na fala espontânea os sujeitos organizam, a todo momento, recursos linguísticos, cognitivos e interacionais que são empregados durante o processo de construção do sentido no decorrer da atividade verbal. Essa qualidade da fala espontânea permite estudar os diferentes conhecimentos que são articulados durante o processo de produção e compreensão da linguagem. Por sua riqueza, permite entrever não só o andamento da conversa, mas *como* esse andamento se desenrola, com as mudanças de estilo, com as correções, as reformulações e as contínuas transformações que fazem da linguagem um recurso tão dinâmico.

É somente através desse viés que se torna possível reconhecer os movimentos empreendidos na produção da repetição hesitativa como *produtivos, significativos* para a produção e compreensão da linguagem. A análise dos casos de repetição hesitativa em contexto de fala espontânea pode sugerir, por exemplo, o entendimento dessas produções como um processo epilinguístico, em que o sujeito - afásico ou não-afásico - tem a possibilidade de reformular uma estrutura inicialmente projetada, chamando a atenção para um problema local. Como já sugerido no trabalho de Tagliaferre (2008: 105), “*Quando se tem um corpus interacional, pode-se dizer que os sujeitos se valem de estratégias epilinguísticas, a todo momento, não sendo específicas do falante afásico ou não-afásico.*”.

Procurou-se compreender o funcionamento dessas repetições através do estudo de dois aspectos principais 1) os movimentos de projeção e retração relativos à repetição e 2) as características prosódicas associadas a esses movimentos. Da análise desses aspectos, tentou-se extrair as características que aproximam e distanciam a fala afásica e não-afásica no que compete à produção dessas estruturas, frequentemente entendidas como marcas de hesitação na fala.

O objetivo central do trabalho está, então, na análise da organização dos parâmetros prosódicos de duração, entoação e intensidade em ambientes específicos, a saber, durante os movimentos de retração e projeção. A partir da comparação da realização desses parâmetros nas duas populações aqui consideradas, foi possível estabelecer as semelhanças e diferenças entre elas.

Dentre os achados que devem ser atribuídos à análise empreendida neste Trabalho estão:

- 1) a participação da duração e da curva entoacional na caracterização das estruturas hesitativas aqui consideradas,
- 2) o estabelecimento da relação entre os valores da duração da matriz e da repetição na diferenciação entre os dados de fala afásica e os dados de fala não-afásica, tanto no contexto de retração simples quanto no contexto de retração múltipla,
- 3) a variabilidade no emprego das características prosódicas referidas acima, assim como no emprego da pausa, pelos sujeitos afásicos em comparação com os sujeitos não-afásicos,
- 4) a distribuição diferenciada do emprego de retrações simples e múltiplas por cada um dos grupos,
- 5) a identificação das estruturas hesitativas em termos de movimentos de retração e projeção, revelando-as como construções pré-formatadas da linguagem cotidiana.

O conhecimento sobre o emprego da estrutura hesitativa - de que deve haver prolongamento de unidades e padrão descendente da curva entoacional - é compartilhado entre sujeitos afásicos e não-afásicos, no entanto, a distribuição desses recursos em uma sequência de retração - simples ou múltipla - distingue os dois grupos. Em linhas gerais, assim pode ser sistematizada a organização dessas estruturas nos dois grupos:

afásico	não-afásico
prolongamento vocálico na matriz e nas repetições	prolongamento vocálico na matriz
curva entoacional descendente na matriz e nas repetições	curva entoacional descendente até a penúltima repetição.
tom mais alto aparece no nome	tom mais alto aparece na última repetição
pausas mais longas	pausas mais curtas

O emprego de recursos prosódicos associados aos movimentos de retração e projeção faz parte tanto das ocorrências em fala não-afásica, quanto das ocorrências em fala afásica. Entretanto, o emprego desses recursos não obedece à mesma ordem observada na fala dos sujeitos não-afásicos, como visto no quadro acima. Assim, ainda que os afásicos façam uso dos prolongamentos para indicar hesitação, esses prolongamentos atingem unidades inicialmente não esperadas na comparação com a fala não-afásica, o que indica uma busca mais longa pelo nome, ou seja, até o momento final da produção que antecede o nome. Os efeitos dessa diferença podem ser sentidos: esse padrão mais alongado da duração parece conferir à fala afásica um aspecto mais interrompido.

Do mesmo modo, enquanto a curva entoacional indica a hesitação na matriz da repetição, na fala afásica esse padrão é prolongado. No caso específico tratado aqui, o padrão descendente em repetições simples, mantido em fala não-afásica apenas na matriz, será estendido até a repetição na fala afásica. Assim, o contorno em tom mais alto, indicativo de retomada, somente será produzido no nome, enquanto em fala não-afásica esse contorno já aparece na repetição do artigo ou da preposição.

Foi possível também reconhecer as preferências na produção dos dois grupos: na fala não-afásica houve prevalência de retrações simples que vinham, majoritariamente acompanhadas de pausa entre a matriz e a repetição, com maior duração da matriz em comparação à repetição, e com curva entoacional descendente na matriz.

Já na fala afásica, embora a retração simples tenha sido produtiva, as retrações múltiplas, em que se repete o determinante mais de uma vez, foram as preferidas pelos sujeitos afásicos. Seja nas retrações simples, seja nas retrações múltiplas, a matriz e a repetição apresentaram valores de duração bastante próximos entre si, impedindo a diferenciação entre a primeira e as demais produções no que tange ao aspecto da duração. Da mesma maneira, a curva entoacional apresentou padrões bastante semelhantes na matriz e na repetição, sem distinguir a matriz e seus elementos subsequentes.

Se se considerar que a retomada de segmentos não-alongados no final da repetição hesitativa, característica recorrente da fala não-afásica, sugere a finalização de um período hesitativo, os casos em que este padrão não é seguido sugerem a manutenção do caráter hesitativo da produção. Ou ainda, se se considerar que entoação descendente e duração alongada do determinante nos contextos sintáticos apresentados indicam o processo hesitativo, tais características prosódicas associadas aos referidos ambientes sintáticos funcionam como pistas de contextualização (cf. GUMPERZ, 1982) da hesitação nesses ambientes.

A partir desses apontamentos, importa pensar como a linguagem se articula nas duas populações aqui estudadas, a saber, afásica e não-afásica. É preciso, para isso, entender que os sujeitos afásicos escolhidos para este estudo apresentam características que os aproximam e os distanciam. SI e JM apresentam diagnóstico do mesmo tipo de afasia, a saber, afasia semântica, com fala caracterizada pela dificuldade de encontrar palavras, dificuldades na predicação e parafasias semânticas e fonológicas, enquanto NS tem diagnóstico de afasia transcortical, com fala caracterizada por dificuldades na evocação, supressão de palavras funcionais, dificuldade de seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos.

Da caracterização da atividade verbal dos três sujeitos, depreende-se uma semelhança importante para os aspectos analisados aqui, a saber, a dificuldade na evocação. Nesse sentido, a escolha de sujeitos com diferentes quadros afásicos não levou a resultados

discrepantes, haja vista que NS apresentou um perfil bastante semelhante ao de SI e JM em função do recorte realizado para o presente trabalho.

Parece claro para os falantes que participam da interação verbal que a repetição e a hesitação são fenômenos inerentes à produção e compreensão da linguagem. Prova disso é que essas ocorrências não são percebidas como anormalidades da fala, tampouco são rejeitadas ou incompreendidas por seus interlocutores. Na verdade, no que tange à fala espontânea, a ocorrência desses fenômenos está atrelada à própria possibilidade de produzir e compreender linguagem.

No caso específico dos sujeitos afásicos analisados aqui, a descrição de seus quadros afásicos sugere “dificuldade no acesso lexical”, o que implica uma maior recorrência a recursos como a repetição. Essas características não são, todavia, determinantes e/ou exclusivas da fala afásica, como esse estudo tentou mostrar. Repetições são, por exemplo, observadas nos dois grupos. Na verdade, a afasia não impediu o emprego dos recursos prosódicos também reconhecidos na fala não-afásica, o que já delineia um dos apontamentos mais importantes deste trabalho: a pergunta não deve ser o que está e o que não está presente na atividade verbal de um sujeito afásico, mas sim *como* os recursos linguísticos são empregados no decorrer de suas interações. A fala dos três sujeitos afásicos aqui analisados apresentou casos mais ou menos discrepantes⁷⁰ em comparação com os casos não-afásicos, todavia, houve também casos de similaridade com a produção não-afásica. A relação inversa também é verdadeira: houve casos também discrepantes na produção não-afásica, embora bastante menos frequentes, vale dizer.

Esses apontamentos levam à afirmação de que há uma *gradiência* que determina as características da fala afásica e não-afásica no que tange aos aspectos aqui estudados. De posse dos dados aqui analisados, não é possível afirmar que a prosódia está completamente preservada na fala afásica, mas tampouco é possível afirmar que os sujeitos afásicos não fazem uso dos recursos prosódicos com o intuito de organizar sua produção e garantir

⁷⁰ O uso do termo discrepante aqui se refere a um padrão distinto daquele encontrado para a grande maioria dos casos, seja em fala não-afásica, seja em fala afásica.

maior fluência oral e maior competência comunicativa. Dessa maneira, longe de remeter a uma simplificação relativista, o que este estudo pretende afirmar é que as diferenças na fala afásica e não-afásica não devem ser entendidas e pensadas de forma categórica. Em vez disso, o emprego dos elementos que caracterizam uma determinada atividade verbal devem ser postos em uma escala de gradiência, em que diferentes falantes (afásicos e não-afásicos), de diferentes comunidades, em diferentes situações e condições, fazem uso desses elementos em diferentes proporções, em função também das características que qualificam esses falantes.

Assim, e para exemplificar a partir dos aspectos estudados neste trabalho, em vez de pensar se a prosódia está (ou não) preservada na fala patológica, é preciso pensar *como* a prosódia é empregada. Da mesma maneira, ao invés de pensar se os afásicos organizam sua fala a partir dos recursos de projeção e retração, é preciso pensar *como* esses recursos são empregados na atividade verbal desses sujeitos. Dentro da escala de que há ou não prosódia e há ou não projeção e retração, há uma gama de possibilidades de emprego desses recursos linguísticos. São diferentes os fatores que podem influenciar no emprego desses recursos e não será, portanto, exclusivamente a afasia que determinará a ocorrência de uma repetição hesitativa.

As características da fala afásica reveladas neste trabalho indicam, por um lado, que os sujeitos afásicos fazem uso dos mesmos recursos utilizados pelos sujeitos não-afásicos, a saber, dos prolongamentos vocálicos e movimentos de retração e projeção. Todavia, a organização desses recursos revela diferenças na produção dos dois grupos, seja porque os sujeitos afásicos realizam um maior número de retrações múltiplas, seja porque, na fala afásica, o emprego dos recursos prosódicos indicativos da repetição hesitativa é feito em todo o movimento de retração. A indicação prosódica (determinada pelo tom de retomada) de que chega ao fim uma cadeia hesitativa só aparece, na fala afásica, quando o nome é produzido, enquanto na fala não-afásica, essa projeção se dá já na última ocorrência do determinante ou da preposição que compõe o NP ou o PP. Dadas essas afirmações, importa dizer que este estudo não pretende minimizar a importância dessas diferenças entre a fala

afásica e não-afásica, mas destacar que, enquanto estratégia, a repetição hesitativa não é indício apenas de problemas na fluência oral, mas também fator de reconstrução de regularidades linguísticas e de fluência (e competência) oral, como observado nos dados aqui analisados.

Tais conclusões somente podem ser alcançadas de posse de uma metodologia que permita reflexões sobre os limites e os alcances da atividade verbal e sua organização, seja na fala dita normal, seja na fala dita patológica. Enquanto essa afirmação pode parecer um lugar comum nos estudos da linguagem dita normal, na fala dita patológica é ainda frequente encontrar estudos que se dedicam unicamente a caracterizar a produção e a compreensão dos sujeitos a partir da aplicação de testes metalinguísticos. O problema com esta metodologia não está na aplicação de testes - que pode sim atender a determinados propósitos investigativos - mas naquilo que subjaz a essa metodologia quando usada como único instrumento de avaliação da fala dita patológica, a saber, um pensamento normativo e estruturalista acerca da linguagem.

Este pensamento que permeia os estudos tradicionais da área de Neurolinguística acaba por identificar fenômenos como a hesitação e a repetição enquanto indícios da forma como a carência metalinguística afásica afeta a fluência, determinada aqui pela rapidez na produção de itens requeridos em situação de teste, pela presença diminuída de pausas e baixo índice de repetições.

De forma bastante diferente das conclusões a que chegam esses estudos, a metodologia empregada neste Trabalho deixa entrever tais fenômenos como estratégias de reconstrução linguística da fluência oral, linguístico-interativa. Essa perspectiva altera, da mesma forma como sugerido em Scarpa (2006), o próprio conceito de fluência, ao reconhecer que a fala fluente, da forma como sugerida nos estudos de Afasiologia e Neurolinguística, é um padrão abstrato, irreal. Os dados de interação mostram o quanto a fala é entrecortada mas, ainda assim, fluente. E é justamente por mostrar a dinâmica do funcionamento dos recursos linguístico-interativos tradicionalmente conhecidos como disfluências que o ambiente do CCA é essencialmente importante para a análise

empreendida aqui. Assim como os testes não fornecem tais dados e ações reflexivas dos sujeitos, os protocolos fechados também não o fazem.

Em um livro introdutório sobre os estudos da análise da conversação, Marcuschi (1986: p.5) afirma que uma das razões que motivam o estudo das interações verbais é o fato de que a conversação “exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes.”. Um estudo que se dedique à análise da linguagem a partir unicamente de um ambiente de testes não será capaz de apreender justamente o aspecto mais fascinante da interação, os momentos em que se desenrola a coordenação dessas ações.

Neste estudo, a coordenação e a articulação entre os recursos linguísticos, cognitivos e interacionais de uma atividade verbal se deixam ver na descrição e análise de cada dado. Essa articulação se mantém preservada nos sujeitos afásicos aqui estudados, haja vista que eles estão a todo tempo enfrentando suas dificuldades a partir do emprego de suas habilidades linguísticas, mobilizadas diferentemente em função das necessidades que se articulam no decorrer da atividade verbal - em um emaranhado de escolhas coordenadas e orquestradas pelo próprio sujeito afásico, em um ambiente altamente cooperativo (que é o da interação social).

Referências

AHLSÉN, E. Speech, vision and aphasic communication. In: MC KEVITT, P.; O'NUALLÁIN, S.; MULVIHILL, C. (Org.). **Language, Vision and Music**. Amsterdam: John Benjamins, p. 137-148, 2002.

_____. Short utterances in aphasic speech. In: KNOWLES, G.; MOHD ALI, J.; MOHD JAN, J.; AWAB, Su'ad; MOHD DON, Z.(Org.). **Language and Linguistics in the Real World**, University of Malaya, Language Centre, Kuala Lumpur, p. 129-150, 2004.

_____. **Introduction to Neurolinguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. O. A repetição como elemento condutor do tópico discursivo. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, 2, p. 179-204, 1998.

ARBUTHNOTT, K. D. To repeat or not to repeat: Repetition facilitation and inhibition in sequential retrieval. **Journal of Experimental Psychology: General**, 125, 261–283, 1996.

ARDILA, Alfredo; ROSSELLI, Monica. Repetition in aphasia. **Journal of Neurolinguistics**, v. 7, n. 1-2, p. 103-113.

ARNOLD, J. E. et al. The Old and Thee, uh, New: Disfluency and Reference Resolution. **American Psychological Society**, v. 15, n. 9, p. 578 - 582, 2004.

AUER, Peter. Referential Problems in Conversation. **Journal of Pragmatics** 8, 627-648, 1984.

_____. Kontextualisierung. **Studium Linguistik** 19, p. 22-47, 1986.

_____. Introduction: John Gumperz' Approach to Contextualization. In: AUER, P.; DI LUZIO, A. (org.): **The Contextualization of Language**. Amsterdam: Benjamins, 1-38, 1992.

_____. The Neverending Sentence: Rightward Expansion in Spoken Language, 1992. In KONTRA, M. (org.). **Studies in spoken languages: English, German, Finno-Ugric**. Budapest: Hungarian Academy of Sciences, Linguistics Inst., 1992, S. 41-59 Disponível em : http://www.freidok.uni-freiburg.de/volltexte/4486/pdf/Auer_The_neverending_sentence.pdf.

_____. On line-Syntax. **Sprache und Literatur** v. 85, n. 31, p. 43-56, 2000.

_____. Projection in interaction and projection in grammar. **InLiSt: Interaction and Linguistic Structures**, v. 33, 2002. Disponível em: <<http://www.uni-potsdam.de/u/inlist/issues/33/index.htm>>.

_____. Delayed self-repairs as a structuring device for complex turns in conversation. In: Hakulinen, A.; Selting, M. (org.). **Syntax and lexis in conversation**. Amsterdam: Benjamins, p. 75–102, 2005a.

_____. Projection in interaction and projection in grammar. **Text**, 25, 7-36, 2005b.

_____. Syntax als Prozess. In: Heiko Hausendorf (ed.): **Gespräch als Prozess**. Linguistische Aspekte der Zeitlichkeit verbaler Interaktion. Tübingen: Narr, p. 95-142, 2007.

_____. On-line syntax: thoughts on the temporality of spoken language. **Language Sciences** 31, p. 1-13, 2009a.

_____. Projection and Minimalistic Syntax in Interaction. **Discourse Processes**, 46:2, p. 180-205, 2009b.

_____; DI LUZIO, A. Linguistic variation and its meaning among Italian migrant children in West Germany. In: BÄUERLE, R; SCHWARZE, Ch.; VON STECHOW, A. (org.). **Meaning, Use and Interpretation of Language**. Berlin: de Gruyter, 1983.

_____: DI LUZIO, A. **The contextualization of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

_____; COUPER-KUHLEN, E. Rhythmus und Tempo konversationeller Alltagssprache. **Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik**, 96, p. 78-06, 1994.

_____; COUPER-KUHLEN, E.; MÜLLER, F. **Language in time. The rhythm and tempo of spoken interaction**. New York: Oxford University Press, 1999.

_____; RÖNFELDT, B. Prolixity as adaptation: Prosody and turn-taking in German conversation with a fluent aphasic. In: COUPER-KUHLEN, E.; FORD, C.E. (orgs.). **Sound Patterns in Interaction**. Cross-linguistic studies from conversation. Amsterdam: Benjamins, p. 171-200, 2004.

_____ ; PFÄNDER, S. Multiple retractions in spoken French and spoken German. A contrastive study in oral performance styles. **Cahier de Praxématique** 48, p. 57-84, 2008.

BAPTISTA, K.; CHACON, L. Aspectos semântico-discursivos de pausas em sujeitos com doença de Parkinson. **Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP**, 2009. Disponível em: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_37414998894.pdf.

BARBOSA, B. T. **Especificidades formais na organização do reparo: um estudo da orientação da fala para a atividade institucional**. Tese de Doutorado, Departamento de Letras, PUC, Rio de Janeiro, 2003.

BARBOZA, Andressa C. C. Considerações sobre o uso da repetição na construção do texto falado infantil. **X Anais da ENAPOL**, 2008. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/xenapol/anais/downloads/Andressa_Coutinho_Consideracoes_sobre_uso_da_repeticao.pdf

BASSI, E. A noção de grupo em práticas interativas entre afásicos e não-afásicos. **Cd do Congresso Internacional Linguagem e Interação e III Colóquio Nacional de Filosofia da Linguagem: Linguagem e Interação**. São Leopoldo-RS, 2005.

BATESON, G. **Steps to an Ecology of Mind**. 2th edition, Northvale, New Jersey, Jason Aronson Inc., 1972.

BAUER, A. **Miteinander im Gespräch bleiben - Partizipation in aphasischen Alltagsgesprächen**. Tese de Doutorado, Albert-Ludwig Universität Freiburg, Freiburg, 2008.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer (programa de computador). Diferentes versões - 2007 - 2011. Disponível em: <http://www.praat.org/>

BRENNAN, S.E.; SCHOBBER, M.E. How listeners compensate for disfluencies in spontaneous speech. **Journal of Memory and Language**, 44, p. 274–296, 2001.

BROWN, James Dean. Promoting fluency in EFL classrooms. **Proceedings of the 2nd Annual JALT Pan-SIG Conference**, 2003. Disponível em: <http://jalt.org/pansig/2003/HTML/Brown.htm>.

BUTTERWORTH, B. Hesitation and the production of verbal paraphasias and neologisms in jargon aphasia. **Brain and Language** 8, p. 133–61, 1979.

CAMPAGNA, A. **Redezuginterne Bearbeitungsstrategien für Lexikalisierungsprobleme bei Aphasie**. Dissertação de Mestrado, Deutsches Seminar,

Albert-Ludwig Universität Freiburg, Freiburg, 2005. Disponível em: <http://www.freidok.unifreiburg.de/volltexte/2567>.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas e Luiz Octavio Ferreira Barreto Leite. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CAPLAN, D. **Neurolinguistics and linguistic aphasiology: an introduction**. Cambridge Studies in Speech Science and Communication. Cambridge University Press, 1987.

CHACON, L.; SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.

CHAMBERS, F. What do we mean by fluency? **System**, v. 25, n.4, p. 535-544, 1997.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CLARK, H. H. Speaking in time. **Speech Communication**, v. 36, p. 5-13, 2002.

_____. Pragmatics of language performance. In: HORN, L.R.; WARD, G. (org.). **Handbook of pragmatics**. Oxford: Blackwell, 2004, p. 365-382.

_____; FOX TREE, J.E. Using uh and um in spontaneous speaking. **Cognition**, 84, p. 73-111, 2002.

_____; WASOW, T. Repeating words in spontaneous speech. **Cognitive Psychology**, 37, p. 201-242, 1998.

COOK GUMPERZ, J. ; GUMPERZ, J. Context in Children's Speech. In: *Papers on Language and Context. Working Paper no. 46*. Berkeley: Language Behavior Research Laboratory, University of California, 1976.

CORLEY, M.; STEWART, O. Hesitation Disfluencies in Spontaneous Speech: The Meaning of um. **Language and Linguistics Compass**, v. 2, n. 4, p. 589-602, 2008.

CORLEY, M.; MACGREGOR, L.J.; DONALDSON, D.I. It's the way that you, er, say it: hesitations in speech affect language comprehension. **Cognition**, 105, p. 658-668, 2007.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth. Intonatorische Kohäsion. Eine makroprosodische Untersuchung. **Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik** 49, p.74-100, 1983.

_____. Intonation and clause combining in discourse: The case of *because*. **Pragmatics** v. 6, n.3, p. 389-426, 1996.

_____. Intonation and Discourse: Current Views from Within. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (ed.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Blackwell Publishers, p. 13-34, 2001.

COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. **Prosody in conversation: interactional studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. Argumente für die Entwicklung einer 'Interaktionalen Linguistik'. **Online Zeitschrift 'Gesprächsforschung'**, n. 1, p. 76-95, 2000.

COUPER-KUHLEN, E.; FORD, C.E. (org.). **Sound Patterns in Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

CRISTÓFARO, T. Desafios e perspectivas nos estudos da aquisição da linguagem. Letras, n. 36: Aquisição de Língua Materna: heterogeneidade da pesquisa. p. 113-128, 2008. Disponível em: http://www.projetoaspa.org/cristofaro/publicacao/pdf/originais/artigos/aquisicao_2008.pdf.

CRUZ, Fernanda M. **Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da neurolinguística**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2004.

_____. **Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer**. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2008.

CRYSTAL, David. **Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 4th Edition. Cambridge, MA: Blackwell, 1997.

CURL, T. **The phonetics of sequence organization: an investigation of lexical repetition in other-initiated repair sequences in American English**. Tese de Doutorado, Department of Linguistics, University of Colorado, 2002. Disponível em: <http://www-users.york.ac.uk/~tsc3/diss.pdf>.

_____. 'Repetition' repairs: The relationship of phonetic structure and sequence organization. In: Elizabeth COUPER-KUHLEN; Cecilia E. FORD (ed.). **Sound Patterns in Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

_____; LOCAL, J.; WALKER, G. Repetition and the Prosody-Pragmatics Interface. **York Papers in Linguistics**, v. 2., n.1, p. 29-63, 2004.

DELL, G. S.; MARTIN, N.; SCHWARTZ, M. F. A case-series test of the interactive two-step model of lexical access: Predicting word repetition from picture naming. **Journal of Memory and Language**, 56, p. 490–520, 2007.

ELAN para Windows. Desenvolvido por Birgit Hellwig. Disponível em: <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan>.

FÁVERO, L.L.; ANDRADE, M.L.C.V.; AQUINO, Z.G.O. Estratégias de construção do texto falado: a correção. In: KATO, M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, v. V, 1996.

_____. Correção. In: C.C.A.S. JUBRAN; I.G.V. KOCH (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 255-274, 2006.

FERGUNSON, A. Conversational Repair of Word-Finding Difficulty. **Clinical Aphasiology Conference: Clinical Aphasiology Conference**, v.1, p. 299-310, 1991.

_____. The influence of aphasia, familiarity and activity on conversational repair. **Aphasiology**, vol.8, n.2, p. 143-157, 1994.

FILLMORE, C W. On fluency. In: C W. FILLMORE; D. KEMPLER; W. S. Y. WANG (org.). **Individual differences in language ability and language behavior**. New York: Academic Press, p. 85-101, 1979.

FIORIN, Rosalia Perrucci. Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade. **Revista Eutomia**, v. 2, p. 538-559, 2009.

FOX, B. A.; JASPERSON, R. 1995. A syntactic exploration of repair in English conversation. In: DAVIS, P.W. **Alternative linguistics: descriptive and theoretical modes**. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 77-134.

FOX TREE, J. E. Listeners' uses of um and uh in speech comprehension. **Memory and Cognition**, v. 29, n.2, p. 320-326, 2001.

_____; CLARK, H.H. Pronouncing “the” as “thee” to signal problems in speaking. **Cognition**, v. 62, p. 151–167, 1997.

FRANÇOZO, Edson. **Linguagem Interna e Afasia**. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

FREUD, S. **Zur Auffassung der Aphasien**: Eine kritische Studie. Fischer Verlag, 1891.

GANDOLFO, M. **A classificação das afasias em questão: lugares de institucionalização e de questionamento**. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: SP, 2006.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. New York: Harper & Row, 1974.

GONZALEZ, P. C. **Reparo em terceira posição na fala-em-interação entre falantes com e sem afasia de expressão**. Dissertação de Mestrado, UFRS, Porto Alegre, 2004.

GOODGLASS, H.; KAPLAN, E. **The Assessment of Aphasia and Related Disorders**. Philadelphia, PA: Lea & Febiger, 1972.

GOODWIN, C. Pointing and the collaborative construction of meaning in aphasia. **Proceedings of the Seventh Annual Symposium About Language and Society**, Austin (SALSA). Austin, TX: University of Texas Press, p. 67-76, 2000.

_____. Conversational Frameworks for the Accomplishment of Meaning in Aphasia. In: GOODWIN, C (org.) **Conversation and Brain Damage**. Oxford University Press, 2003.

_____. A Competent Speaker who Can't Speak: The Social Life of Aphasia. **Journal of Linguistic Anthropology**, v. 14, n.2, p. 151-170, 2004.

_____; GOODWIN, M. H.; OLSHER, D. Producing sense with nonsense syllables: turn and sequence in the conversations of a man with severe aphasia. In: FOX, B; FORD, C.; THOMPSON, S. (Org.) **The Language of Turn and Sequence**. Oxford: Oxford University Press, p. 56-80, 2002.

GORDON, C. Making meanings, creating family: intertextuality and framing in family interaction. Oxford University Press, 2009.

GUMPERZ, J. **Discourse Strategies**. (Studies in Interactional Sociolinguistics 1). Cambridge: University Press, 1982.

GÜNTNER, S. The Contextualization of Affect in Reported Dialogues. In: NIEMEIER, S.; DIRVEN, R. (org.). **The Language of Emotions**. Conceptualization, Expression, and Theoretical Foundation. Amsterdam: John Benjamins, p. 247-276, 1997.

_____. Stimmenvielfalt im Diskurs: Formen der Stilisierung und Ästhetisierung in der Redewiedergabe". In: **Gesprächsforschung**. Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion 3: 59-80, 2002.

HANKS, W. O que é contexto? In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C; MACHADO, M.A.R. (orgs). **Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

HEBLING, C. B. **Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2009.

HEESCHEN, C.; SCHEGLOFF, E.A. Agrammatism, adaptation theory, conversation analysis: on the role of so-called telegraphic style in talk-in-interaction. **Aphasiology** 13, p. 365-405, 1999.

_____. Aphasic Agrammatism as Interactional Artefact and Achievement. In: Goodwin, C. (org.). **Conversation and Braindamage**, Oxford: Oxford University Press, p. 231-282, 2003.

HEIKE, A. E. A content-processing view of hesitation phenomena. *Language and Speech* 24, p. 147-160, 1981.

HELASVUO, Marja-Liisa; LAAKSO, Minna; SORJONEN, Marja-Leena. Searching for Words: Syntactic and Sequential Construction of Word Search in Conversations of Finnish Speakers With Aphasia. **Research on Language & Social Interaction**, v. 37, n.1, p. 1-37, 2004.

HELASVUO, M.-L.; KLIPPI, A.; LAAKSO, M. Grammatical structuring in Broca's and Wernicke's aphasia. **Journal of Neurolinguistics**, v. 12, p. 231-253, 2001.

HERITAGE, J. Current developments in conversation analysis. In: ROGER, D.; BULL, P. (org.). **Conversation: An interdisciplinary perspective**. Clevedon: Multilingual Matters, 1989, p. 21-47.

HILGERT, J. G. **A Paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo: SP, 1989.

_____. Procedimento de reformulação: a paráfrase. In: PRETTI, D. (org). **Análise de textos orais** (Projeto NURC/SP). São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

_____. As paráfrases na construção do texto falado. In: KOCH, I.G.V. (org) **Gramática do Português Falado**. Campinas: FAPESP/Unicamp, v. VI, 1996, p. 131-14.

_____. Parafraseamento. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**, v.1. Campinas: UNICAMP, 2006.

HOLLAND, A. Observing functional communication of aphasic adults. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 47, p. 50-56, 1982.

JEFFERSON, G. Error correction as an interactional resource. **Language in Society**, v. 3, n. 2, p. 181-199, 1974.

_____. List construction as a task and resource. In: PSATHAS, G. (org.). **Interactional competence**. New York: Irvington Publishers, 1991, p. 63-92.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil** — volume 1. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

KELLY, J.; LOCAL, J. **Doing Phonology**. Manchester: Manchester University Press, 1989.

KLIPPI, A. Nonverbal Behavior as Turn Constructional Units in Aphasic Conversation. **Proceedings of the XIII Symposium about Language and Society - Austin**, 2006. Disponível em: <http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2005/KlippisALSALSA13.pdf>.

KOCH, Ingedore V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

_____; SOUZA E SILVA, M.C.P. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (org.) **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, v. IV, 1996; 2006.

_____ et alii. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org) **Gramática do português falado** - volume II. Campinas: UNICAMP, 1992.

LAAKSO, M. Collaborative construction of repair in aphasic conversation. In: GOODWIN, C. (ed.). **Conversation and brain damage**. Oxford University Press, 2003.

LEAL, G.; MARTINS, I.P. Avaliação da afasia pelo médico de família. **Revista Portuguesa de Clínica Geral**, v. 21, p. 359-364, 2005.

LIND, M. Conversation – more than words. A Norwegian case study of the establishment of a contribution in aphasic interaction. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 213-239, junho de 2005.

_____. Prosodic contextualization of minimal responses to yes/no-questions in aphasic talk-in-interaction: a descriptive single-case study of a Norwegian aphasic speaker. **Logopedics, Phoniatrics, Vocology**, v. 32, n.1, p.9-16, 2007.

LINDSAY, J.; WILKINSON, R. Repair sequences in aphasic talk: a comparison of aphasic-speech and language therapist and aphasic-spouse conversations. **Aphasiology**, v. 13, n.4, p. 305 - 325, 1999.

LOCAL, J.; KELLY, H; WELLS, B. Towards a phonology of conversation: turn-taking in urban Tyneside speech. **Journal of Linguistics**, v. 22, n. 2, p. 411-437, 1986.

LODER, L. L.; GONZALEZ, P. C.; GARCEZ, P. M. Reparo em terceira posição e intersubjetividade na fala-em-interação em português brasileiro. **Veredas**, v. 6, n.2, p. 117-122, 2002.

LUBINSKI, R.; DUCHAN, J.; WEITZNER-LIN, B. Analysis of Breakdowns and Repairs in Aphasic Adult Communication. In: BROOKSHIRE, R. (Ed.) **Clinical Aphasiology Conference Proceedings Minnesota**: BRK Publishers, 111-116, 1980.

LURIA, A. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARCOLINO, J. F. As categorias “fluente” e “não fluente” na afasia. **Revista L@el em (Dis-)curso**. Volume 2, 109-124, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado**, VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996, p. 95-129.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **Gramática do português falado**, VII: Novos estudos. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.

_____. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). **Gramática do português falado no Brasil**: construção do texto falado. Campinas, SP: Editora da Unicamp, v.1, 2006, p. 219-254.

MICELI, G.; CAPASSO, R.; CARAMAZZA, A. The relationships between morphological and phonological errors in aphasic speech: Data from a word repetition task. **Neuropsychologia**, v. 42, p. 273-287, 2004.

MIRA, C. **O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos**. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas: SP, 2007.

MORATO, E. M. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer, *Revista de Estudos da Linguagem*, 16(1): 157-177, 2008.

_____. Utopias e distopias no campo lingüístico: utopias e distopias: as concepções e as teorias sobre as afasias. **Revistas Morus - Utopia e Renascimento**, 2009.

_____. (org.). **A Semiologia das Afasias**: perspectivas lingüísticas. São Paulo: Editora Cortez, 2010a.

_____. **Sobre o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) e o acervo de dados lingüístico-interacionais (APHASIACERVUS)**. Texto integrante do conjunto de produção científica intitulado “Cognição, Interação, Significação”. Concurso de Livre Docência, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2010b.

_____. A noção de *frame* no contexto neurolingüístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, 41, p. 93-113, 2010c.

MORATO, E. M.; FREITAS, M. S. Algumas questões sobre prosódia no contexto neurolingüístico. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 25. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____ et al. **Significação, interação e cognição: a dimensão multimodal de práticas linguístico-interacionais envolvendo afásicos e não-afásicos**. Projeto CNPQ, Edital 50/2006. Campinas, 2007.

_____ et al. **Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos**. Relatório final do Projeto Fapesp. Campinas, 2008. Proc.: 06/52950-9.

MOSES, M. S.; SHEARD, C.; NICKELS, L.A. Insights into recurrent perseverative errors in aphasia: a case series approach. **Aphasiology**, v. 21, n.10/11, p. 975-1001, 2007.

NASCIMENTO, J. C.; CHACON, L. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. **Alfa**, v. 50, n. 1, p. 59-76, 2006.

OELSCHLAEGER, M. L.; DAMICO, J. Word searches in aphasia: a study of the collaborative responses of communicative partners. In: GOODWIN, C. (ed.). **Conversation and brain damage**. Oxford University Press, 2003.

PERKINS, L. Negotiating repair in aphasic conversation. In: GOODWIN, C. (org.). **Conversation and Brain Damage**. Oxford University Press, 2003.

PORTER, R. Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. In: BURKE, P.; PORTER, R. (org.). **Linguagem, Indivíduo e Sociedade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

RAMOS, S. **Hesitações e rupturas na fala infantil : as franjas da teoria e o lugar do sujeito na aquisição**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas: SP, 2008.

ROHRER, J.D.; KNIGHT, W.D.; WARREN, J.E.; FOX, N.C.; ROSSOR, M.N.; WARREN, J.D. Word-finding difficulty: a clinical analysis of the progressive aphasias. **Brain**, v. 131, n.1, p. 8-38, janeiro de 2008.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. **Language**, v. 50, p. 696-735, 1974. Disponível em: http://www.utm.utoronto.ca/~jsidnell/Course_files/SSJ.Turn-Taking.pdf.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SCARPA, E. Sobre o sujeito fluente. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 29, p. 163-184, jul-dez. 1995.

_____. (Ainda) sobre o sujeito fluente. In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Editora PUCSP EDUC, p. 161-180, 2006.

SCHEGLOFF, E.A.; JEFFERSON, G.; SACKS, H. The preference for selfcorrection in the organization of repair in conversation. **Language** v. 53, p. 361-82, 1977.

SCHEGLOFF, E. Relevance of Repair to a Syntax-for-Conversation. In: GIVÓN, T. (Org.) **Syntax and Semantics**. Volume 12: Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979, p. 261- 286.

SELTING, M. Intonation as a contextualization device. In: AUER, P.; DI LUZIO, A. **The contextualization of language**. Amsterdam: John Benjamins, 1992. Disponível em: http://opus.kobv.de/ubp/volltexte/2010/4190/pdf/intonation_as.pdf.

_____. Lists as embedded structures and the prosody of list construction as an interactional resource. **InLiSt: Interaction and Linguistic Structures**, v. 35, 2003.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. **Prosody in Conversation: Interactional studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SELTING, M.; AUER, P.; COUPER-KUHLEN, E. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT). **Linguistische Berichte**, v. 173, p. 91-122, 1998.

SELTING, M.; COUPER-KUHLEN, E. **Studies in Interactional Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

SHRIBERG, E. **Preliminaries to a Theory of Speech Disfluencies**. Tese de Doutorado. University of California, Berkeley, 1994. Disponível em: <http://citeseer.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.26.1977>.

_____. Acoustic properties of disfluent repetitions. **Proceedings of the International Congress of Phonetic Sciences**, Stockholm, Sweden, v. 4, p. 384–387, 1995.

SZCZEPEK REED, B. Prosodic orientation in spoken interaction. **InLiSt - Interaction and Linguistic Structures**, n. 27, 2001.

TAGLIAFERRE, R. **Formas e Funções da Repetição no Contexto das Afasias**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2008.

TANNEN, D. Repetition in conversation as spontaneous formulaicity. **Text**, v. 7, p. 215-243, 1987.

_____. Repetition in Conversation: towards a poetics of talk. **Language**, v. 63, n. 3, set. 1987.

_____. **Talking Voices: Repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse**. 2nd. Edition Edição. New York: Cambridge University Press, 2007.

TRANSFORMER para Windows. Versão 6.0. Desenvolvido por Oliver Ehmer. Disponível em: <http://www.oliverehmer.de/transformer/>.

VAN DJIK, T. Discourse, context and cognition. **Discourse Studies**, v. 8, p. 159-177, 2006.

_____. **Discourse and Context**. A sociocognitive approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VISCARDI, J. M. O estatuto neurolinguístico do automatismo. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WALKER, G. On some interactional and phonetic properties of increments to turns in talk-in-interaction. In: COUPER-KUHLEN, E.; FORD, C.E. (org.). **Sound Patterns in Interaction**. Amsterdam: John Benjamins, 2004, p. 147-169.

WILKINSON, R. Managing linguistic incompetence as a delicate issue in aphasic talk-in-interaction: On the use of laughter in prolonged repair sequences. **Journal of Pragmatics**, v. 39, p. 542-569, 2007.

Anexo 1

Este anexo apresenta a notação de transcrição empregada no âmbito do projeto *Aphasiacervus*, da forma como foi elaborada e descrita pelos participantes do grupo.

Fenômenos sequenciais:

[: início de sobreposição

= : *latching*

& : continuação do turno de fala pelo mesmo locutor, para além da interrupção de linha da transcrição provocada pela introdução de overlap de outro locutor.

Pausas

. (micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas)

(x,x s) pausas medidas com ajuda do Felt Tip Sound Studio 2.1.1

Fenômenos segmentais

: alogamento silábico

- palavra truncada, esboçada

.h marca uma aspiração do locutor.

H marca uma expiração do locutor.

Prosódia

/ e \ marcam as entoações crescentes e decrescentes

// e \\ marcam as entoações crescentes e decrescentes fortemente pronunciadas

O segmento sublinhado marca uma ênfase particular dada à palavra ou expressão sublinhada ou parte dela.

Letras MAIÚSCULAS marcam um alto volume da voz

Os símbolos ° ° marcam um volume baixo, ou murmúrio de voz.

Descrições e comentários

((risos)), entre parênteses marcam os comentários do transcritor ou os fenômenos não transcritos ((barulho de algum objeto, por exemplo))

Incertezas do transcritor

SI –segmento ininteligível

(hipótese) um segmento ouvido pelo transcritor, mas incerto

(hipótese 1 e 2) marcam duas possíveis variáveis (multitranscrição)

Descrição de ações (gestos, movimentos, olhares, posturas)

* * delimitam as ações descritas (na linha que se segue) e a relação à temporalidade da fala (outros símbolos, como + + , podem ser utilizados quando trata-se de diversos fenômenos ou locutores)

----- indica a sequência da ação

----> indica que a ação descrita continua na linha seguinte ou várias linhas seguintes

--->* indica o fim da ação descrita que continua em várias linhas